



SPQR



DEPARTAMENTO DE EDITORAÇÃO

A VIDA
DOS DOZE CÉSARES

Suetônio

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 171



Caio Suetônio Tranquilo (Gaius Suetonius Tranquillus)
ou simplesmente Suetônio (*Roma, 69 – †ca. 141), historiador romano.

.....

AS VIDAS DOS
DOZE CÉSARES



Mesa Diretora

Biênio 2011/2012

Senador José Sarney
Presidente

Senadora Marta Suplicy
1º Vice-Presidente

Senador Wilson Santiago
2º Vice-Presidente

Senador Cícero Lucena
1º Secretário

Senador João Ribeiro
2º Secretário

Senador João Vicente Claudino
3º Secretário

Senador Ciro Nogueira
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Gilvam Borges
Senadora Maria do Carmo Alves

Senador João Durval
Senadora Vanessa Grazziotin

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 171

AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES

JULIO CÉSAR – AUGUSTO – TIBÉRIO – CALÍGULA –
CLÁUDIO – NERO – GALBA – ÓTON – VITÉLIO –
VESPASIANO – TITO – DOMICIANO

Suetônio



Brasília – 2012

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 171

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2012

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-420-7

.....

Suetônio, ca. 69-ca. 122.

As vidas dos doze Césares : Julio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Óton, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano / Suetônio. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.

320 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 171)

1. Imperador, biografia, Roma. 2. Império romano.
3. Roma, história. I. Título. II. Série.

CDD 923.1376

.....

.....

Sumário

Notícia biográfica
pág. 9

Caio Júlio César
pág. 11

Otávio César Augusto
pág. 52

Tibério Nero César
pág. 105

Caio César Calígula
pág. 142

Tibério Cláudio Druso
pág. 174

Nero Cláudio César
pág. 201

Sérvio Suplício Galba
pág. 233

Marco Sálvio Óton
pág. 246

Aulo Vitélio
pág. 254

Tito Flávio Vespasiano

pág. 265

Tito Vespasiano Augusto

pág. 279

Tito Flávio Domiciano

pág. 286

Notas

pág. 301

.....

Notícia biográfica

CAIO SUETÔNIO TRANQUILO nasceu em Roma, presumivelmente no ano 69 da nossa era, e morreu pelo ano de 141. Filho de um tribuno da 13^a Legião, abraçou a um tempo a carreira das armas e das letras. Contemporâneo e amigo de Plínio, quis este introduzi-lo na carreira das dignidades, o que Suetônio modestamente recusou. Brilhou sobretudo no foro, tendo sido uma das figuras mais eminentes da nobreza senatorial. Nomeado secretário ab epistolis do tempo de Adriano, entrou na intimidade da corte, onde, todavia, logo caiu em desagrado, por ter monopolizado as atenções da imperatriz Sabina.

Nos vagares que lhe sobravam dos deveres públicos dedicou-se Suetônio ao cultivo da História. Estudioso dos costumes de sua gente e de seu tempo, escreveu grande cópia de obras eruditas, em que passa em revista as principais personagens da época. Foi, sobretudo, um indiscreto devassador das intimidades da corte romana, dando-nos uma visão íntima e sem-cerimoniosa dos vícios dos imperadores e das picuinhas que dividiam a nobreza.

Obras principais: *De Ludis Grecorum*; *De Spectaculis et Certaminibus Romanorum*; *De Anno Romano*; *De Nominibus Propriis et de Generibus Vestium*; *De Roma et ejus Institutis*; *Stemma Illustrium Romanorum*; *De Claris Rhetoribus* e *As Vidas dos Doze Césares*. Esta é a única que chegou até nossos dias. As outras perderam-se, o que é tanto mais deplorável quando se sabe que eram obras de abastada erudição e de grande valia para o estudo da antiguidade clássica.

.....

Caio Júlio César

CONTAVA 16 anos de idade ao falecer-lhe o pai. Designado sacerdote de Júpiter, sob os consulados subsequentes, abandonou Cossúcia, sua mulher, descendente de uma família de cavaleiros, porém muito rica, por ele desposada ao envergar a toga pretexta. Casou-se em seguida com Cornélia, filha de Cina, quatro vezes cônsul, nascendo-lhe, dentro em pouco, uma filha a que deu o nome de Júlia. O ditador Sila não conseguiu, de maneira alguma, obrigá-lo ao divórcio. Destituindo-o da dignidade sacerdotal e despojando-o do dote da mulher e das heranças da família, Sila incluiu-o também na lista dos seus adversários. Compelido a não poder aparecer em público, viu-se, apesar de atacado de impaludismo, obrigado a procurar, quase todas as noites, novo esconderijo e livrar-se, a peso de ouro, das mãos dos seus perseguidores. No fim, graças à mediação das virgens vestais, de Mamercio Emílio e de Aurélio Cota, seus vizinhos e aliados, alcançou o perdão. Opina-se, geralmente, que Sila, depois de ter recusado durante muito tempo a atender aos pedidos dos seus melhores amigos e das personalidades mais eminentes, deu-se, afinal, por vencido diante da pertinácia dos esforços em favor desse indulto, mas assim se expressou, profetizando ou, simplesmente, conjecturando: “Conseguistes prevalecer. Regozijai-vos. Sabei, porém, que este, por cuja salvação vos bateis tão ardentemente, será,

um dia, a ruína do partido dos nobres que vós próprios tendes defendido ao meu lado. Há em César mais de um Mário.”

Júlio César estreou, militarmente, na Ásia, sob as ordens do pretor Marco Termo, de cuja tenda partilhava. Enviado por este a Bitínia, a fim de conseguir uma esquadra, deteve-se na corte do rei Nicomedes. Correu, então, a notícia de que se havia prostituído a este monarca, notícia essa que, poucos dias depois, era confirmada pelo fato do seu retorno àquele reino, sob o pretexto de pagar uma soma da qual seria credor um liberto, seu protegido. Ganhou fama ao final da campanha, e Termo, com a tomada de Mitilene, brindou-lhe a coroa cívica.

Serviu, também, sob as ordens de Servílio Isáurico, na Cilícia, mas por pouco tempo. Com a notícia da morte de Sila e na esperança de que poderia tirar partido das perturbações da ordem fomentadas por Marco Lépido, apressou-se a ir a Roma. Evitou, porém, aliar-se a Lépido, não obstante as magníficas condições para tal pacto, não só porque desconfiava do gênio desse homem, mas sobretudo porque achava o momento o menos propício, como nunca talvez imaginara.

Além disso, pacificadas as dissensões internas, acusou Cornélio Dolabela, figura consular enobrecida por um triunfo, do crime de peculato. O acusado foi absolvido. Resolveu, então, retirar-se para Rodes, a fim de fugir ao ódio e de consagrar seus lazeres e repouso às lições de Apolônio Molon, mestre de eloquência dos mais célebres da época. Na viagem, realizada durante o inverno, viu-se sequestrado por piratas, nas proximidades da ilha de Farmacusa (1), porém tratado com a maior consideração durante os 40 dias de cativo. Tinha ao seu lado apenas o médico e dois criados de quarto, pois despachara imediatamente os outros companheiros e os demais escravos, a fim de que obtivessem o dinheiro necessário ao seu resgate (2). Assim que pôde reunir 50 talentos e o fizeram desembarcar, armou imediatamente uma frota, perseguiu os piratas, submeteu-os ao seu poder e infligiu-lhes os mesmos suplícios com que eles o haviam ameaçado por brincadeira (3). Taladas as regiões limítrofes por Mitrídates, não quis passar por ocioso, mormente ao saber em perigo os aliados de Roma: passou de Rodes, onde desembarcara, para a Ásia. Agrupou aí forças auxiliares, expulsou da província um prefeito do rei e conservou, assim, dentro do dever, povos infirmes e titubeantes.

A primeira honra de que se tornou devedor aos sufrágios do povo (4), após seu retorno a Roma, foi a do tribunato militar. Serviu-se desse cargo para auxiliar, quanto lhe fosse possível, os que propunham o restabelecimento do poder tribunício, cujos limites haviam sido reduzidos por Sila. Fez, também, executar a lei Plócia, a fim de que Lúcio Cina, seu cunhado, pudesse reentrar em Roma, da mesma forma que todos quantos, durante as discórdias civis, haviam transfugido para junto de Sertório. A propósito deste caso, chegou, mesmo, a pronunciar um discurso.

Investido no cargo de questor, proferiu diante da tribuna róstris, de acordo com a tradição (5), o elogio fúnebre da sua tia Júlia e da mulher, Cornélia. Ao traçar o panegírico daquela, eis como falou, referindo-se à sua dupla origem e à do seu pai: “Minha tia Júlia descende de reis por parte da família de sua mãe e, por parte da do seu pai, acha-se ligada aos deuses imortais. A casa real dos Márcios, de onde minha mãe herdou o nome, provém de Anco Márcio. Os Júlios, antepassados da nossa família, descendem de Vênus. Assim, misturam-se à nossa raça a santidade dos reis, que tão poderosa influência exercem sobre os homens, e a majestade dos deuses, que mantêm debaixo da sua autoridade os próprios reis.” Em substituição a Cornélia, casou-se com Pompeia, filha de Quinto Pompeu, neta de Lúcio Sila, da qual se divorciou mais tarde, por suspeitas de adultério com o jovem patrício Públio Clódio. A notícia de que este conseguira penetrar na casa de César, em trajos femininos, durante a celebração de cerimônias públicas, adquiriu tal consistência que o Senado deliberou abrir inquérito a respeito do sacrilégio (6).

Exercia a questura ao obter a Espanha Ulterior. Enquanto ali, por ordem do pretor (7), se realizavam as assembleias destinadas a administrar a justiça, ele foi a Gades (8). Nesta cidade encontrou, no templo de Hércules, uma estátua de Alexandre, o Grande (9). Diante dela lamentou-se e confessou-se como que tomado por uma certa pusilanimidade, por nada ter ainda feito de memorável, numa idade em que Alexandre já havia subjugado o mundo. Imediatamente pediu uma licença, a fim de procurar em Roma, dentro do mais breve prazo, oportunidade em que pudesse realizar as mais altas façanhas. Confuso ainda por causa de um sonho que tivera na véspera (sonhara que estuprava a própria mãe), viu as suas esperanças atingirem o auge, graças à interpretação que lhe deram os áugures,

segundo a qual ele seria o árbitro do mundo, pois a mãe que ele violara outra não era senão a Terra, a nossa mãe comum.

Partindo-se, pois, antes da data fixada, encontrou as colônias latinas (10) em estado de agitação em prol dos direitos políticos comuns aos cidadãos de Roma. Ele as teria compelido a um movimento sério se os cônsules, por prevenção, não tivessem retido ali, por algum tempo, as legiões que marchavam para a Cilícia. Todavia, em Roma, arquitetou logo projetos mais vastos.

Efetivamente, poucos dias antes de se investir no cargo de edil, foi suspeitado como conspirador com Marco Crasso, personagem consular, da mesma forma que com Públio Sila e Lúcio Antônio, condenados ambos por cabala, após haverem sido designados cônsules. Tinham por escopo: atacar o Senado (11) logo no começo do ano; degolar os que bem entendessem; confiar a ditadura a Crasso, que nomearia César comandante-chefe da cavalaria e, depois de organizada a República conforme a vontade de todos, entregar o consulado a Sila e Antônio. Tanúsio Gêmino na sua história, Marco Bibulo nos seus éditos e Caio Cúrio, pai, nos seus discursos, dão notícias desta conspiração. Cícero, numa de suas cartas a Áxio, parece, também alude a ela, ao afirmar que César, no seu consulado, consolidara a realeza, cuja ideia lhe brotara ao exercer o cargo de edil. Tanúsio acrescenta que Crasso, fosse por arrependimento ou por outro motivo, não aparecera no dia fixado para o massacre e que, em consequência disso, César não dera o sinal convencionado. Este sinal, segundo Cúrio, consistia em deixar cair a toga das suas espáduas. Cúrio ainda, apoiado por Marco Actório Naso, recorda que ele conspirara também com o jovem Anésio Pisão (12), o qual, suspeitado de participar desta trama civil, recebeu, sem a haver solicitado, e contra todas as regras ordinárias, a província de Espanha. Deviam eles, ao mesmo tempo – um fora e outro dentro de Roma –, tentar uma revolução com o auxílio dos ambrônios e dos transpadanos. A morte de Pisão, porém, pôs fim a esse projeto.

Durante o tempo da sua edilidade, embeleceu não apenas o Comitium, o Fórum e as basílicas, mas ainda o Capitólio, dotando-o de pórticos provisórios destinados à exposição de uma parte, pelo menos, das suas inúmeras riquezas. Criou, também, tanto com a colaboração do seu colega como por si só, o esporte venatório e outros divertimentos. Isso teve como

resultado receber, sozinho, as honras das despesas feitas em comum, pois seu colega Marco Bibulo não disfarçava haver chegado à mesma situação de Polux: “Da mesma forma que o templo dedicado aos irmãos gêmeos, no Fórum, ostentava somente o nome de Castor, assim também a sua própria munificência e a de César eram apresentadas como sendo apenas de César.” César, por outro lado, organizou paralelamente a estas liberalidades um combate de gladiadores. As parelhas, porém, foram menos numerosas do que as consignadas no seu projeto. A quadrilha considerável que ele recrutara por toda parte apavorou de tal maneira os inimigos que estes tomaram logo a precaução de limitar, por meio de uma lei, o número de gladiadores em permissão para habitar em Roma.

Conquistado o favor do povo, conseguiu por intermédio dos tribunos, e graças a um plebiscito, lhe fosse dada a província do Egito. O momento lhe parecia favorável para obter um comando extraordinário, em virtude da expulsão do rei pelos habitantes de Alexandria, a cujo soberano o Senado concedera o título de aliado e amigo. Esta violência recebeu desaprovação geral. A facção dos grandes levou ao fracasso as pretensões de César, o qual, por seu turno, a fim de conseguir o enfraquecimento da autoridade dos seus adversários, por todos os meios possíveis, reergueu os troféus de Caio Mário conquistados sobre Jugurta, sobre os cimbrós e os teutões, derrubados outrora por Sila. No processo instaurado contra os sicários, ele fez incluir no rol destes até mesmo aqueles que haviam recebido dinheiro do erário para trazer a cabeça dos cidadãos proscritos, se bem tivessem estes sido postos fora da alçada judicial pelas leis cornélias.

Acusou também de crime de alta traição a Caio Rabírio, que havia sido o auxiliar mais graduado do Senado, alguns anos antes, durante a repressão das tramoias sediciosas do tribuno Lúcio Saturnino. Escolhido, por sorte, juiz, de fato, condenou com tanta paixão que Rabírio, apelando para o povo, não encontrou, ao pé deste, melhor defesa do que a animosidade do magistrado que o julgara.

Renunciando à esperança de alcançar uma província, pleiteou o pontificado máximo, não sem haver espalhado antes dinheiro em profusão. Ao considerar sobre a soma enorme a que lhe montavam as dívidas, na manhã em que se dirigia aos comícios, conta-se, dissera à sua mãe que o beijava: “Só voltarei como pontífice máximo.” Foi tal o triunfo consegui-

do sobre seus dois poderosíssimos antagonistas (13), bem superiores a ele, quer pela idade, quer pelas prerrogativas, que chegou a reunir em torno do seu nome maior número de votos do que os obtidos pelos seus competidores em conjunto.

Exercia a pretoria ao ser descoberta a conspiração de Catilina (14). Enquanto o Senado decretava, por unanimidade, a pena capital contra os sediciosos, ele foi o único a propor a detenção destes, separadamente, nas cidades municipais e a confiscação dos seus bens. Inspirou tal receio os que emitiram a respeito juízos mais severos, fazendo-lhes sentir, repetidas vezes, como tal atitude os tornaria, um dia, alvo do ódio das massas, que Décio Silano, cônsul designado, vendo que não podia, sem opróbrio, mudar de opinião, não se envergonhou, entretanto, de dar ao seu voto um sentido mais brando, como se lhe tivessem emprestado maior severidade. E talvez houvera vencido (pois conseguira já, para o seu ponto de vista, a adesão da maioria dos senadores, entre os quais se encontrava Cícero, irmão do cônsul) se o discurso de Marco Catão não tivesse orientado a assembleia vacilante. Mesmo assim, não deixou de fazer oposição ao decreto e foi tanta a resistência que lhe ofereceu que o destacamento de cavaleiros romanos, encarregado da guarda armada do Senado, se viu na contingência de ameaçá-lo de morte. Chegaram, mesmo, a voltar contra ele a ponta dos seus gládios, tanto assim que os senadores que se achavam mais próximo dele se afastaram. Apenas um pequeno número o protegeu, tomando-o nos braços e cobrindo-o com as togas. Daí por diante, sob o império do pavor, abandonou inteiramente o seu projeto: não somente se retirou, mas se absteve também de aparecer na Cúria, durante o resto do ano.

No primeiro dia de exercício na pretoria, fez Quinto Catulo comparecer perante o povo, a propósito da reconstrução do Capitólio (15), e propôs se confiasse a obra a cargo de outro também (16). Incapaz, entretanto, de lutar contra a coalizão dos otimates, os quais, ao mesmo tempo que se negavam a devolver as prerrogativas aos novos cônsules (17), acorriam em massa para lhes opor resistência obstinada, desistiu do intento.

Quanto ao resto, não demonstrou senão mais encarniçamento ao ajudar e defender Cecílio Metelo, tribuno do povo que propusera leis turbulentíssimas (18) com o fim de eliminar a faculdade de intercessão outorgada aos seus colegas. Fez-se necessário um decreto do Senado, deter-

minando a suspensão de ambos das funções que exerciam. Todavia, César teve o atrevimento de não abandonar o seu cargo e continuar a administrar a justiça. Como visse, porém, que se lhe preparava a destituição pela força das armas, demitiu seus litores, despiu a toga pretexta e retirou-se secretamente, em virtude das circunstâncias, para a tranquilidade do lar. Dois dias mais tarde, havendo a multidão, num gesto espontâneo, afluído à sua residência, tumultuosamente, para lhe hipotecar apoio relativamente à manutenção da sua autoridade, ele procurou acalmá-la. Diante desta inesperada atitude moderativa, o Senado, que se reunira às pressas logo que se espalhara a notícia daquela agitação, enviou-lhe os membros mais eminentes, a fim de lhe agradecer o gesto, e, ao mesmo tempo que o chamavam à Cúria, tecia-lhe os maiores elogios e o reinvestia na pleniposse de todas as suas anteriores prerrogativas funcionais, depois de anulado o decreto que as cassara.

Correu ainda outro perigo: foi denunciado, perante o questor Nóvio Níger, como cúmplice de Catilina, por Lúcio Vétio Judex e, no Senado, por Quinto Cúrio, a quem foram conferidas recompensas por haver sido o primeiro a delatar a conspiração. Cúrio dizia-se informado pelo próprio Catilina. Vétio ia mais longe: sustentava que César entregara a Catilina um pacto assinado. Como César achasse intoleráveis tais ataques, pediu a Cícero testemunhasse como ele, Júlio, de livre vontade o havia posto ao corrente de certos detalhes da trama. Deste modo conseguiu privar Cúrio das recompensas. Foi apreendida uma fiança destinada a Vétio. Assim, seus bens foram sequestrados e ele próprio maltratado e quase difamado perante a tribuna róstris, em plena assembleia. Por fim, César mandou encarcerá-lo. Igual destino teve o questor Nóvio, por haver consentido se denunciasse ao tribuno uma autoridade superior à sua.

Ao deixar a pretoria, obteve por sorte a Espanha Ulterior. Impedido de viajar pelos credores, livrou-se deles, dando-lhes fianças (19). E, contra a prática geralmente observada e contra a própria lei, partiu antes mesmo de haverem sido organizadas as províncias. Não se sabe, absolutamente, se tal determinação foi tomada de medo do processo que o ameaçava na qualidade de simples cidadão privado, ou se para prestar auxílio, o mais depressa possível, aos aliados, que lho reclamavam. Pacificada a sua província, deixou-a com a mesma precipitação, sem esperar sequer o subs-

tituto, a fim de poder disputar, ao mesmo tempo, o triunfo e o consulado. Como, porém, os comícios estivessem já convocados, não se podia levar em consideração a sua candidatura, a não ser que entrasse em Roma como mero particular. E como fosse muito viva a oposição ao privilégio que solicitava, viu-se obrigado a renunciar ao triunfo para não ser excluído da lista dos aspirantes ao consulado.

Dos seus dois competidores nesse pleito, Lúcio Luceio e Marco Bibulo, preferiu Lúcio, que possuía menor reputação, porém maior fortuna, sob a condição de fornecer o dinheiro prometido a cada centúria, no nome de ambos. Informados deste negócio, temeram os nobres que, guindado à magistratura suprema, com um colega que lhe anuiria a todos os desejos, César não soubesse impor limites à sua audácia, e aconselharam Bibulo a fazer idênticas promessas. Houve contribuição da maior parte deles e o próprio Catão reconheceu que tal munificência estava de acordo com os interesses do Estado. César foi, pois, eleito cônsul com Bibulo. Pela mesma razão, os otimates consignaram aos futuros cônsules funções de importância mínima, tais como a administração das florestas e das estradas. Profundamente chocado com esta injúria, César tratou logo de cercar Cneio Pompeu – que se desaviera com os senadores, após sua vitória sobre Mitrídates, em virtude da morosidade com que o Senado lhe ratificava os atos – de todas as atenções. Reconciliou Pompeu com Marco Crasso, malquistados desde quando exerceram juntos o consulado, em profunda desinteligência, e aliaram-se todos, uns com outros, ficando estipulado que nada se faria na República que pudesse desagradar a cada um dos três (20).

Ao investir-se nas funções do seu cargo, estabeleceu, antes de mais nada, que se desse publicidade tanto aos atos do Senado como aos do povo. Restabeleceu, também, a antiga usança de, nos meses em que não houvesse fasces, o cônsul se fazer preceder de um oficial de justiça e acompanhar de litores. Ao promulgar uma lei agrária, expulsou do Fórum, a mão armada, o colega que se opôs ao seu desiderato. Este, no dia seguinte, foi queixar-se dele ao Senado, mas não encontrou ninguém que, em meio à geral consternação, se atrevesse a lembrar ou decretar uma dessas medidas tantas vezes votadas durante perturbações menos graves. Desesperado, Bibulo se viu compelido a encerrar-se em sua residência até que César

abandonasse o poder, sem outra maneira de manifestar a sua oposição a não ser por meio de éditos. A partir deste momento, César, ele só, teve em suas mãos todo o governo do Estado; administrou conforme quis. De modo que vários cidadãos, ao referendarem uma certidão sobre determinado fato, escreveram por pilhéria que tal não se realizara sob o consulado de César e Bibulo, mas sob o de “Júlio” e o de “César”, designado, assim, pelo nome e sobrenome. Logo se popularizaram, também, os seguintes versos:

*Quase nada se fez sob o consulado de Bibulo,
tudo se fazendo, entretanto, sob o de César. Não me recordo de
nenhum fato verificado sob o consulado de Bibulo.*

A esplanada de Stela (21), consagrada pelos nossos antepassados, e os campos da Campânia (22) estavam arrendados ao Estado. Ele os distribuiu, sem sorteio, a perto de 20 mil cidadãos, com três filhos cada um, pelo menos. Os rendeiros solicitaram-lhe um abatimento: ele reduziu de um terço os arrendamentos e os exortou, de público, a não elevarem muito alto o preço de arrematação das novas herdades. Quanto ao mais, agiu da mesma forma: concedendo a cada um o que lhe pedia. Ninguém o contrariava, porque ele sabia atemorizar todo aquele que tentasse fazê-lo. Marco Catão, por havê-lo apostrofado, foi arrancado da Cúria por um litor e conduzido à prisão (23). Lúcio Lúculo, que lhe oferecia resistência, com grande persistência, ficou tão apavorado com as suas calúnias que se atirou de joelhos aos seus pés, espontaneamente. Como Cícero se houvesse lamentado, num discurso de defesa, da infelicidade dos tempos, nesse mesmo dia, à hora nona, César transferiu Clódio, inimigo daquele orador, mas que, havia muito, já lhe solicitava tal obséquio, da ordem do patriado para a da plebe (24). Por fim atirou Vétio, contra o partido inteiro dos seus adversários, subornando-o para que declarasse existir entre eles alguns que lhe haviam confiado o assassínio de Pompeu. E mais: delatasse, perante a tribuna róstris, os pretendidos autores do conluio. Ao perceber, porém, que um ou dois nomes tinham sido revelados sem êxito e que já se corporificavam as suspeitas de fraude, e com receio, ainda, do insucesso de tão temerária maquinação, acredita-se, teria mandado envenenar o denunciante (25).

Por esse mesmo tempo, desposou Calpúrnia, filha de Lúcio Pissão, que devia sucedê-lo no consulado. Casou sua filha Júlia com Cneio Pompeu, depois de ter ela repudiado o seu primeiro marido, Servílio Cipião, que, mais do que qualquer outro, o havia auxiliado a combater Bibulo. Após esta aliança, passou a pedir pareceres, primeiro do que a qualquer outro, a Pompeu e não mais, como era do seu hábito, a Crasso, embora fosse de costume conservar, durante todo o ano, a ordem das sentenças instituídas pelo cônsul nas calendas de janeiro.

Apoiado, assim, nos sufrágios do sogro e do genro, preferiu, entre as províncias que lhe era dado escolher, a Gália, que, pelas vantagens e pela posição que oferecia, se lhe apresentava como um vasto campo para triunfos. Primeiramente, obteve a Gália Cisalpina, à qual foi adjudicada a Ilíria, por determinação da lei vatínia. Depois, acrescentou-lhe o Senado a Gália Cômata, pois recebavam os senadores que, negando-lha eles, o povo, da sua parte, a concedesse. No auge da alegria, não se pôde conter e, passados alguns dias, jactou-se, em pleno Senado, de haver conseguido atingir a meta da sua ambição, a despeito dos esforços e da choradeira dos seus inimigos. Declarou ainda que, daí por diante, marcharia à frente do mundo inteiro. Como alguém tivesse a insolência de lhe dizer que isso não se tornaria fácil para uma mulher, respondeu, gracejando, “que Semíramis, contudo, reinara na Assíria e que as amazonas haviam conquistado outrora grande parte da Ásia”.

Ao termo do seu consulado, os pretores Caio Mêmio e Lúcio Domício solicitaram um relatório dos atos referentes ao ano transcorrido. Ele levou essa petição ao conhecimento do Senado. Como a Cúria dela não se ocupasse, ao cabo de três dias consumidos em discussões estéreis, partiu-se para a sua província. Não demorou muito, seu questor foi arrastado provisoriamente à barra da justiça, em virtude da prática de bom número de delitos. O próprio César se viu também citado por Lúcio Antístio, tribuno do povo. Porém, recorrendo ao Colégio, conseguiu derrogar a acusação, visto como sua ausência fora reclamada pelos interesses da República. Para sua melhor segurança no futuro, tratou com especial cuidado de se afeiçoar, cada vez mais, aos magistrados do ano e de não auxiliar, ou não consentir que se investissem no cargo senão candidatos que estivessem dispostos a defendê-lo durante a sua ausência. Não trepidou mesmo em exigir de

alguns deles, para este ajuste, não apenas a palavra, mas, principalmente, a própria assinatura.

Diante, porém, da ameaça, publicamente feita por Lúcio Domício, candidato ao consulado, de, uma vez cônsul, realizar tudo quanto não pudera efetuar como questor e de, ao mesmo tempo, lhe arrebatrar o exército que chefiava, conduziu Crasso e Pompeu a Luca, cidade da sua província, e aí os obrigou, com o escopo de afastar Domício, a solicitarem um segundo consulado e a prorrogarem o seu comando militar por mais cinco anos. Assim, cheio de confiança, reuniu às legiões que recebera da República outras que organizara à própria custa. Uma delas, composta de transalpinos, ganhou até um nome gaulês: chamava-se “Alauda” (calhandra). Disciplinou e equipou a sua tropa à maneira romana. Mais tarde, concedeu-lhe integralmente o direito de cidadania. Não perdeu nenhuma oportunidade de fazer a guerra, fosse ela injusta ou perigosa. Atacava, sem mais nem menos, tanto os povos federados como os povos inimigos e selvagens. De modo que o Senado resolveu, em várias ocasiões, enviar delegados com o encargo de examinar a situação das Gálias. Alguns senadores chegaram a expender a opinião de que se devia entregá-los aos inimigos (26). Como, porém, o êxito lhe coroasse os empreendimentos, conseguiu, mais seguidamente e em maior número do que qualquer outro, dias de sacrifícios aos deuses.

Eis aqui, pouco mais ou menos, tudo quanto praticou durante os nove anos do seu comando. Reduziu à condição de província toda a Gália compreendida entre os desfiladeiros dos Pireneus, os Alpes, os montes Cevenas e o curso dos rios Reno e Ródano, formando, assim, um circuito de três milhões e 200 mil passos, aproximadamente, sem contar as cidades aliadas, ou as que haviam bem merecido de Roma. Impôs-lhe um tributo anual de 40 milhões de sestércios. Foi o primeiro romano que, depois de haver construído uma ponte sobre o Reno, atacou os germanos que habitavam a margem oposta daquele rio, infligindo-lhes tremendas derrotas. Acometeu também os bretões, desconhecidos até então: desbaratou-os e exigiu-lhes dinheiro e reféns. Entre tantos sucessos, não conheceu senão três fracassos: na Bretanha, onde sua frota quase foi aniquilada por uma violenta tempestade; na Gália, onde, diante de Gergóvia, foi destroçada

uma das suas legiões; e nos confins da Germânia, onde Titúrio e Aurunculeio, seus auxiliares imediatos, foram trucidados numa emboscada (27).

No mesmo espaço de tempo, morreram-lhe: primeiramente, a mãe; depois, a filha (28); e, em seguida, o neto. Neste entretanto, o assassinio de Públio Clódio (29) consternava o Estado e o Senado punha em manifesto o parecer de que não devia existir senão um cônsul: e para este cargo devia ser nomeado Cneio Pompeu. Os tribunos do povo queriam dar-lhe César por colega. Depois de um entendimento, porém, ficou combinado que se propusesse de logo, ao povo, a permissão para ele pleitear, embora ausente, um segundo consulado, pois sua chefia militar estava já expirante. Não tinha como propósito abandonar tão cedo a sua província, mormente num momento em que a guerra não havia absolutamente terminado. Conseguiu seu desejo. Cheio de esperança, então, e tendo em mira projetos muito mais arrojados, não perdeu o ensejo de praticar liberalidades, ou de prestar serviços a todo mundo, tanto em público como em particular. Com os despojos do inimigo começou a construção de um mercado, cujo terreno custara mais de 100 milhões de sestércios. Prometeu ao povo divertimentos e um festim em memória de sua filha, coisa que, antes dele, ninguém jamais fizera. No intuito de levar a expectativa do banquete ao mais alto grau se bem o houvesse contratado com fornecedores, empregou, nos preparativos, pessoal da sua própria casa. Ordenou que se arrebatassem à força e se pusessem de lado os gladiadores conhecidos que, durante as pugnas, encontrassem espectadores hostis. Mandava ministrar instrução aos recrutas, não em escolas, nem por professores de esgrima: nas suas próprias casas, por cavaleiros romanos e até mesmo por senadores hábeis no manejo das armas. A estes, pedia-lhes (como o comprovam as suas cartas) que disciplinassem cada um deles de per si, individualmente, e lhes proporcionassem, de viva voz, todos os princípios da arte mavórtica. Duplicou, a título perpétuo, o soldo das legiões. Nos anos de prosperidade, distribuía-lhes o trigo sem medida nem limite e, às vezes, dava a cada soldado um escravo tirado da presa de guerra.

Para estreitar, mais ainda, os liames de parentesco e de afeto que o ligavam a Pompeu, ofereceu-lhe, de presente, Otávia, sobrinha da sua irmã casada com Caio Marcelo, e, em troca, pediu-lhe em casamento a filha que estava destinada a Fausto Sila. Todos os que dele se acercavam,

inclusive muitos membros do Senado, eram seus devedores: sem ou a juros módicos. Cumulava de dádivas os cidadãos das outras ordens que lhe vinham visitar: a convite ou de moto próprio, da mesma forma que os seus libertos e pequenos escravos, conforme estivessem nas graças do senhor ou do patrono. Os acusados, os endividados, os jovens pródigos encontravam nele o seu único e infalível amparo. Seria preciso que as acusações fossem muito graves, ou as suas privações e os seus distúrbios muito grandes, para que ele não pudesse remediá-los. Aqueles, dizia sempre, abertamente, “estavam a necessitar de uma guerra civil”.

Não usava de menor solícitude para se unir aos reis e às províncias do universo inteiro. A uns, oferecia como regalo milhares de cativos. A outros, enviava tropas auxiliares para onde e quando quisessem, sem pedir licença nem ao Senado, nem ao povo. Além disso, ornava de monumentos notáveis as cidades mais poderosas da Itália, das Gálias, da Espanha, da Ásia e da Grécia. Por fim, todo mundo começava a espantar-se e a perguntar até que ponto chegariam tais manobras, quando o cônsul Marco Cláudio anunciou, num édito, que ia se ocupar da salvação da República, pois propusera ao Senado dar, antes do tempo, um sucessor a César, alegando que a guerra cedera lugar à paz e que, portanto, se devia licenciar o exército vitorioso. Opôs-se, também, a que se tomasse em consideração o candidato ausente dos comícios, tendo-se em conta o fato de que Pompeu, apresentando uma lei sobre o direito dos magistrados, se esquecerá de excetuar o próprio César do capítulo em que se excluía os nomes dos candidatos ao cargo e que não corrigira o seu engano senão depois de a lei se achar gravada no bronze e recolhida aos arquivos. Marco, não satisfeito em arrancar a César as suas províncias e o seu privilégio, propôs ainda – porque tal ato fora conseguido por meios capciosos e, além disso, ultrapassando as normas estabelecidas – a abolição do direito de cidadania, concedido aos colonos que, em virtude da proposta de Vatínio, César conduzira a Nova Como (30).

Impressionadíssimo com estes ataques e considerando, a julgar-se pelo que se lhe ouvia repetir tantas vezes, que era mais difícil fazer um chefe de Estado como ele descer do primeiro lugar ao segundo do que do segundo ao último, César resistiu com toda a força de que era capaz, recorrendo, às vezes, à intercessão dos tribunos e à de Sérvio Sulpício, o outro

cônsul. No ano seguinte, Caio Marcelo, que havia sucedido no consulado ao seu primo-irmão Marco, tentou realizar os mesmos estratagemas. César, entretanto, à custa de muito dinheiro (31), conseguiu o apoio de Paulo Emílio, seu colega, e de Caio Curião, o mais violento dos tribunos. Ao perceber, porém, a inflexibilidade da resistência organizada contra os seus intentos, e que os próprios cônsules designados (32) tomavam posição contra ele, adjurou o Senado, numa carta, a que lhe não arrebatasse uma prerrogativa concedida pelo povo, nem tampouco ordenasse que os demais gerais se demitissem dos seus respectivos comandos. Gabava-se, ao que consta, de conseguir reagrupar mais facilmente, e quando bem entendesse, os seus veteranos do que Pompeu novos soldados. Ademais, propôs aos seus adversários licenciar oito legiões e abandonar a Gália Transalpina, sob a condição de que se lhe concedesse a posse de duas legiões e a da província Cisalpina, ou, então, uma legião apenas com a Ilíria, até que fosse designado cônsul.

O Senado, porém, não interveio e os seus adversários se recusaram a tomar parte em qualquer transação em que estivessem em jogo os interesses da República. Resolveu, então, correr para a Gália Citerior e, após a realização das assembleias, deixou-se ficar em Ravena, prestes a vingar pela guerra civil – caso o Senado tomasse partido violento contra eles – os tribunos do povo que o prestigiaram. Foi isso que forneceu a César o pretexto para a guerra civil. Contudo, atribuem-se-lhe outras causas. Por isso, Cneio Pompeu costumava asseverar que foi porque não pudera nem corresponder, com os seus próprios recursos, à esperança que o povo nele depositava que pretendeu tudo perturbar e tudo subverter. Asseguram outros que ele receava ser obrigado a prestar contas de tudo quanto havia praticado no tempo do seu primeiro consulado, de contrário aos auspícios, às leis e às intercessões. Com efeito, Catão, em várias oportunidades, declarou e até jurou que haveria de conduzi-lo à barra da justiça, assim que ele tivesse desmobilizado o seu exército. Corria, também, publicamente, a notícia de que, se César retornasse como simples particular, Catão, a exemplo do que acontecera com Milão, advogaria sua causa perante juízes sob a guarda de homens armados. Esta assertiva perde, no entanto, todo o fundamento diante do relato de Asínio Polião: na batalha de Farsália, ao ver seus adversários completamente desbaratados, César se exprimiu

da seguinte forma, palavra por palavra: “Eles assim o quiseram. Depois de tão altas façanhas, eu, Caio César, teria sido condenado se não houvesse pedido auxílio ao meu exército!” Pensam outros que, levado pelo hábito do comando militar, soube medir bem as suas forças e as do inimigo e aproveitar-se da oportunidade para lançar mão de um poder que ele cobiçava desde a mocidade. Tal parecia ser, também, a convicção de Cícero, conforme consta do terceiro livro do seu tratado *Dos Deveres*: que César a cada passo citava estes versos de Eurípides que ele próprio traduzira assim:

“Se se há de violentar a justiça, é para reinar que se deve violentá-la. Nos demais casos, pratica-se a virtude.”

Ao ser levada ao conhecimento de César a notícia de que o direito de intercessão dos tribunos havia sido derogado e que estes se haviam retirado da cidade, sem demora, mas, secretamente, fez marchar na vanguarda algumas coortes e, para despistar, assistiu a um espetáculo público, examinou o plano de construção de uma escola para gladiadores e, segundo seu hábito, entregou-se aos prazeres de um suntuosíssimo festim. A seguir, depois do pôr-do-sol, mandou atrelar a um carro animais tomados ao moinho mais próximo e arremessou-se, acompanhado apenas de uma pequena escolta, pela estrada mais erma. Extinta a chama dos archotes, perdeu-se e, por longo espaço de tempo, vagou sem rumo. Alta manhã, apareceu-lhe um guia: caminhou a pé por veredas estreitíssimas e, nas ribas do Rubicão, que traça a fronteira com a sua província, reuniu-se às suas coortes. Aí se quedou por alguns instantes e, ao computar a magnitude dos seus planos, voltou-se para os que o acompanhavam, falando-lhes: “Hoje, ainda podemos recusar. Mas, se passarmos aquela pequena ponte, cabe à sorte das armas decidir o resto”.

Vacilava ainda quando se lhe deparou a seguinte visão: um homem de corpo e beleza singulares apareceu ali por perto, subitamente, a tocar avena. Além dos pastores, numerosos soldados dos postos mais vizinhos acorreram para ouvi-lo, entre os quais alguns corneteiros. Ao vê-los, o jovem músico arrancou o clarim de um deles e, de um pulo, atirou-se ao rio. Fazendo-o soar com um vigor extraordinário, dirigiu-se para a margem oposta. César disse, então: “Vamos para onde nos chamam os prodígios dos deuses e a iniquidade dos nossos inimigos. A sorte está lançada” (33).

E assim seu exército transpôs o rio. Recebeu os tribunos do povo, que, expulsos de Roma, vieram até onde ele se encontrava, e, à frente das tropas em formatura, chorando e dilacerando as vestes no peito, apelou para a fidelidade dos seus soldados. Acredita-se, até, que ele houvesse prometido a cada um o patrimônio requerido para cada cavaleiro. Este boato, porém, formou-se de uma falsa interpretação: efetivamente, nos discursos e nas exortações que fazia, mostrava, repetidíssimas vezes, o dedo da mão esquerda, afirmando que, para satisfazer os que ajudariam a defender-lhe a autoridade, chegaria da melhor boa vontade a dar, até, o seu próprio anel. Os assistentes colocados nos últimos lugares da assembleia, em posição mais própria para distinguir o orador do que para ouvi-lo, pensaram tivesse ele dito o que o seu gesto parecia autorizar. Daí o rumor de que ele prometera o direito de anel, juntamente com 400 sestércios.

Eis aqui a ordem e a sùmula dos acontecimentos que, a seguir, se sucederam. Ocupou o Picenum, a Úmbria, a Etrúria. Forçou à rendição Lúcio Domício, que, mantendo-se com um destacamento na praça de Corfínio (34), fora em meio ao tumulto (35) nomeado seu sucessor. Demitindo-o, e alongando-se pelo Mar Superior, marchou sobre Brindísio, onde se haviam homiziado os cônsules o mais prontamente possível. Em vão se procurou impedir-lhe por todos os meios a passagem: tomou o caminho de Roma (36). Aqui, depois de ter convocado os senadores para que deliberassem a respeito dos negócios da República, apossou-se das melhores forças de Pompeu que se encontravam na Espanha sob as ordens dos lugar-tenentes Marco Petreio, Lúcio Afrânio e Marco Varrão. Antes de partir, dissera aos amigos “que marchava contra um exército sem general e que estaria de volta, dentro em pouco, para marchar contra um general sem exército”. Entretanto, apesar da demora determinada pelo cerco de Marselha, que à sua passagem lhe fechara as portas, e da extraordinária falta de víveres, submeteu tudo, em pouco tempo.

Dali regressou a Roma, passou pela Macedônia e assediou Pompeu durante quase quatro meses, construindo formidáveis fortificações. Ao fim, derrotou-o na batalha de Farsália, perseguindo-o, na fuga, até Alexandria, onde teve conhecimento da sua morte. Ao perceber que o rei Ptolomeu (37) também lhe armava ciladas, iniciou contra este monarca uma guerra difícilíssima, dada a posição em que se encontrava e a estação reinante.

Assaltara, dentro das suas próprias muralhas, um inimigo mais bem abastecido e mais solerte, ao passo que ele mesmo, além de carecer de tudo, se encontrava ainda privado de todo e qualquer apoio. Vencedor, deu o reino do Egito a Cleópatra e ao seu irmão mais moço, porque temia transformá-lo numa província que, nas mãos de um governador demasiadamente violento, se tornasse um motivo revolucionário. Ao deixar Alexandria, passou pela Síria e daí para o Ponto, onde o chamavam com urgência as notícias referentes a Farnaces. Este filho do grande Mitrídates, que se orgulhava já de múltiplas vitórias, quis se aproveitar da ocasião para combater. Ao quinto dia da sua chegada e em quatro horas de peleja, César, numa só batalha, o aniquilou. Admirava-se, também, muitas vezes, da fortuna de Pompeu, que devia a maior parte da sua glória à fraqueza de tal espécie de inimigos. Mais tarde, venceu na África Cipião e Juba, que procuravam reanimar os remanescentes do seu partido, e, na Espanha, os filhos de Pompeu (38).

Durante todo o tempo das guerras civis não conheceu derrotas senão da parte dos seus lugar-tenentes. Caio Cúrio pereceu na África (39). Caio Antônio tombou na Ilíria em poder dos seus adversários (40). Públio Dolabela perdeu a frota (41) na mesma Ilíria e Cneio Domício Calvino, o exército (42), no Ponto. Pessoalmente, combateu sempre com a maior felicidade, sem que a Fortuna jamais se lhe tivesse apresentado indecisamente, exceto duas vezes: uma, em Dirráquio, onde, na retirada, ao ver que Pompeu não o perseguia, exclamou que este general não sabia vencer. Outra, no último prélio que travou na Espanha (43), onde seu desespero foi tanto que chegou a pensar em suicidar-se.

Terminadas as guerras, saiu vencedor cinco vezes, das quais, quatro no mesmo mês, porém com alguns dias de intervalo, e a quinta depois da derrota do filho de Pompeu. O primeiro e o mais belo dos seus triunfos foi, sem dúvida, o das Gálias. Logo, vem o de Alexandria. Após, o da Espanha. Todos realizados com pompa e aparato diferentes (44). No dia em que se efetuava o triunfo das Gálias, ao passar ao longo do Velabro, viu-se obrigado a descer do carro por se lhe haver partido o eixo. Subiu ao Capitólio à luz dos archotes que 40 elefantes, alinhados à direita e à esquerda, carregavam em candelabros. No seu triunfo do Ponto, mandou inscrever nos troféus estas três palavras: “Vim, vi, venci”, as quais, ao invés

de caracterizarem, como as outras, apenas as façanhas bélicas, significavam, antes de tudo, a celeridade com que levava a cabo a expedição.

Deu a cada um dos seus veteranos, a título de partilha dos despojos, não só os dois grandes sestércios propostos desde o começo da sedição civil, mas, ainda, 24 mil sestércios. Concedeu-lhes, também, terras, porém, contíguas, a fim de que nenhum proprietário fosse desapossado. Distribuiu ao povo, além de dez alqueires de trigo e outras tantas libras de azeite, 300 sestércios por cabeça, em cumprimento de promessa antiga (45), aos quais ajuntou mais 100, pela demora. Barateou o aluguel das casas: em Roma, até completar dois mil sestércios e na Itália até 100 somente. Estes favores todos foram acrescidos de um banquete público e de uma distribuição de carne e, após sua vitória na Espanha, de duas ceias: pois, achando a primeira mesquinha e indigna do seu esplendor, cinco dias mais tarde ofereceu outra muito mais suntuosa.

Proporcionou espetáculos de gêneros variadíssimos, um combate de gladiadores, representações em todos os bairros da cidade, jogos de circo, lutas de atletas, um combate naval simulado... Na equipe dos gladiadores do Fórum pugnaram Fúrio Leptino, de origem pretoriana, e Quinto Calpeno, outrora senador e advogado. Meninos pertencentes às melhores famílias da Ásia e da Bitínia dançaram a pírrica. Décimo Labério, cavaleiro romano, representou uma farsa, em cena aberta, da qual era ele o próprio autor. Recebeu, por isso, 500 sestércios e um anel de ouro. Ao deixar o palco, atravessou o local da orquestra, a fim de poder sentar-se num dos 14 palanques. Para os jogos do circo, foi aumentado o recinto, de ambos os lados, abrindo-se-lhe em torno uma fossa circular, cheia d'água. Rapazes da mais alta aristocracia lançaram-se aí, nas suas bigas e quadrigas. Outros entregaram-se a exercícios de equitação. Dois grupos de meninos, uns de mais, outros de menos idade, realizaram jogos troianos. As caças, em que se consumiram cinco dias, findaram por uma batalha travada entre dois exércitos, contando cada qual 500 soldados, 20 elefantes e 300 cavaleiros. No intuito de se conseguir maior espaço para os combates, alargaram-se de tal modo os limites do campo que em seu lugar ficaram duas áreas colocadas uma em frente da outra. Os atletas lutaram três dias num estádio construído para isso no perímetro do Campo de Marte. Para o combate naval, cavou-se um lago na Codeta Menor (46), onde entrechocaram birremes,

trirremes e quadrirremes da frota síria e egípcia, tripuladas por numerosos combatentes. Era tal a afluência a todos esses espetáculos, de gente provinda de todas as regiões, que a maior parte dos estrangeiros se alojava em tendas armadas nas ruas, na encruzilhada dos caminhos. Por diversas vezes, várias pessoas, entre as quais dois senadores, foram esmagadas e sufocadas no meio da multidão.

Voltando-se depois para a reorganização da República, César corrigiu o calendário. Era tal o estado de desordem em que o deixara o abuso das intercalações cometidas pelos pontífices, desde longa data, que nem as festas das colheitas coincidiam com o verão, nem as das vindimas com o outono. Regulou o ano de acordo com o curso do Sol, de maneira a durar 365 dias, suprimindo o mês intercalar, e ajuntou um dia a todos os períodos de quatro anos. E, porque para o futuro a ordem do tempo concordasse com as calendas de janeiro, colocou entre novembro e dezembro dois outros meses. De modo que o ano em que se realizou essa convenção foi de 15 meses, inclusive o mês intercalar, que, conforme a tradição, coincidia naquele ano.

Completo o Senado. Escolheu novos patrícios (47). Aumentou o número de pretores (48), de edis (49), de questores (50) e também o dos magistrados inferiores. Reempossou todos os que haviam sido esbulhados pelos censores, ou condenados por cabala. Fez o povo participar dos comícios. À exceção dos concorrentes ao consulado, a massa devia nomear a metade dos candidatos e ele a outra metade. Costumava recomendar os seus enviando a todas as tribos tábulas em que inscrevia poucas palavras: “César ditador, a tal tribo. Recomendo-vos fulano e beltrano para que, pelo vosso sufrágio, consigam a sua dignidade.” Admitiu nos cargos públicos os filhos dos proscritos. Compôs os tribunais de duas espécies de juízes: os da ordem equestre e os da ordem senatorial. Aboliu os tribunos do erário, que formavam a terceira jurisdição. Levantou o recenseamento, não mais conforme os processos antigos, nem nos lugares costumados, mas por bairros e segundo os proprietários prediais. Assim, conseguiu reduzir o número dos que recebiam trigo da República, de 320 mil para apenas 150 mil. E para que o recenseamento não viesse a provocar, de futuro, novas perturbações da ordem, estabeleceu que, todos os anos, o pretor sortearse, entre os não recenseados, os que deveriam substituir os mortos.

Oitenta mil cidadãos foram distribuídos pelas colônias ultramarinas (51). E para que a população da cidade não viesse a se exaurir, proibiu, por lei, aos cidadãos de mais de 20 anos e de menos de 40 que não se considerassem impedidos, pelo juramento militar, de se ausentarem da Itália por mais de três anos seguidos. Vedou, igualmente, a partida, para o estrangeiro, dos filhos dos senadores, a não ser para escoltar ou acompanhar magistrados, e aos que se ocupavam da criação de gado possuírem, entre os seus pastores, menos de um terço de homens livres. Concedeu direito de cidadania aos que exerciam, em Roma, a medicina e ensinavam as artes liberais, para que assim, além de se atrair os demais, se lhes tornasse mais agradável a residência na cidade. No referente às dívidas, burlou a expectativa dos que haviam sido esperançados (52) com a certeza de nova lei. Decretou, afinal, que os devedores satisfizessem seus credores de conformidade com a estimativa dos seus bens, ao preço por que os haviam comprado antes da guerra civil, deduzindo do total da dívida o que já tivessem pago em espécie, ou a título de juros. Essa disposição abolia cerca de um quarto das dívidas. Dissolveu todas as ordens, exceto as já existentes desde remota antiguidade. Aumentou as penalidades para os delitos. E como os ricos se sentissem estimulados a cometê-los, de vez que a punição com o exílio não lhes atingia o patrimônio, aplicou aos parricídios, tal como o relembra Cícero, a confiscação de todos os bens e, aos outros crimes, a metade apenas.

Distribuiu a justiça com muita atenção e severidade. Eliminou da ordem dos senadores os peculatórios declarados. Anulou o casamento de um antigo pretor por ter desposado uma mulher que, havia dias, abandonara o marido, embora não existisse contra ele a menor suspeita de adultério. Gravou com impostos as mercadorias estrangeiras. Interdisse o uso das liteiras, bem como o dos tecidos de seda e o das pérolas, salvantes apenas certas pessoas de determinada idade e em dias determinados. Deu, sobretudo, execução à lei suntuária. Mandou colocar ao redor do mercado guardas destinados à apreensão dos gêneros cuja venda estivesse proibida, e a levá-los para casa. Chegou, até, repetidas vezes, a enviar, sob as ordens dos litores, soldados para arrebatarem, de cima da mesa do triclinio, as mercadorias escapes das mãos dos guardas.

De outro modo, formulava, de dia para dia, projetos mais numerosos e mais atrevidos relativamente ao estabelecimento e ao conforto material da cidade, da mesma forma que à segurança e à grandeza do Império. Esses projetos consistiam, antes de tudo: na ereção de um templo – como jamais conhecera o mundo outro maior – consagrado a Marte com a terraplenagem e o nivelamento do lago onde se efetuara o combate naval e na construção de um teatro de dimensões colossais, nas encostas da rocha Tarpeia; na redução do direito civil a determinadas regras e no reunir, no menor número de livros, o que houvera de melhor e de mais indispensável na imensa e desordenada quantidade de leis; em entregar ao público bibliotecas gregas e latinas, tão grandes quanto possível, encarregando-se Marco Varrão da tarefa de reunir e classificar os volumes; em sanear os pântanos pontinos; em dar um conduto para o lago Fucino (53); em construir uma estrada que fosse do Mar Superior, ao longo dos Apeninos, até ao Tibre; em abrir um canal no Istmo (54); em deter os dácios, que se haviam disseminado pelo Ponto e pela Trácia; em levar, logo, a guerra aos partos, com escala pela Armênia Menor, mas, sem os atacar, em ordem de batalha, senão depois de se lhes haver experimentado as forças. Foi em meio a todos estes preparativos e projetos que a morte o surpreendeu. Antes, porém, de referi-la, não será, em absoluto, fora de propósito dar aqui uma sumária do conjunto da sua compleição física, da sua maneira de vestir, dos seus hábitos e costumes, não menos do que de seus pendores civis e militares.

Era, ao que se afirma, de alta estatura, tez branca, membros bem torneados, rosto não muito cheio, olhos negros e vivos, saúde vigorosa. Entretanto, já no fim da vida, sentira-se presa de súbitos desmaios e terríveis pesadelos. Fora, ainda, no exercício das suas funções, acometido de duas crises de epilepsia (55). Dispensava um cuidado escrupuloso ao corpo: não só mandava cortar os cabelos e raspar a barba, mas, também, depilá-lo, pelo que se viu censurado por certas pessoas. Como não se conformasse com a iniquidade da sua calvície, que por mais de uma vez o expusera ao escárnio dos seus detratores, adquirira o hábito de puxar para a testa os poucos cabelos que lhe ficaram. De todas as honorificências que lhe foram conferidas pelo Senado e pelo povo, nenhuma outra aceitou e exerceu com maior boa vontade senão a que lhe outorgava o direito de ostentar sempre uma coroa de louros. Assevera-se, também, que a sua maneira de vestir

era notável. Usava a túnica laticlávica, cujas fímbrias lhe caíam até às mãos, sem se esquecer jamais de fechar a toga por cima. E esta cinta era bastante frouxa. Daí a frase de Sila, em que aconselhava os nobres “a se precaverem contra um rapaz que apresilha mal a cinta”.

Habitou, primeiramente, a Suburra (56), numa casa modesta. Em seguida, após seu pontificado máximo, a Via Sagrada, num edifício do Estado. Numerosos historiógrafos contam que ele amava apaixonadamente a elegância e o luxo e que, começada e acabada a construção caríssima de uma casa de campo, no território da Ásia, fê-la demolir, de alto a baixo, só porque não lhe correspondia ao gosto, embora não passasse ainda de uma simples personagem coberta de dívidas. E mais: que, durante as expedições, carregava consigo pisos marchetados e pavimentos de mosaico.

Narra-se que ele não foi à Bretanha senão na esperança de achar pérolas ali, e, na ânsia de comparar-lhes o tamanho, de momento a momento, pesava-as na concha das mãos. Procurava, contínua e apaixonadamente, pedras preciosas, vasos cinzelados, estátuas, quadros dos mestres antigos. Pagava preço alto por escravos elegantes e destros e disso tinha tal vergonha que proibiu se incluísse o despendido com eles na lista dos seus gastos ordinários.

Nas províncias, cuidava incessantemente dos convivas, proporcionando-lhes dois triclínios: num se assentavam os portadores do saio ou do pálio; noutra, os cidadãos togados, com as figuras provinciais mais ilustres. A disciplina a que submetia o seu pessoal doméstico, nas mais insignificantes coisas como nas mais importantes, era tão rigorosa e implacável que mandou pôr a ferros o padeiro porque servira aos convivas pão diferente do seu. Se bem lhe não tivessem formulado a queixa, puniu com a pena capital um liberto a quem era afeiçoadíssimo, porque este adulterava com a mulher de um cavaleiro romano.

Nada, a falar a verdade, fora das suas relações com Nicomedes, autoriza a crença na desmoralização dos seus costumes. Porém, o opróbrio

oriundo desse fato foi grave e duradouro e o expôs aos ultrajes de todo mundo. Ponho de lado os versos conhecidíssimos de Calvo Licínio:

“Tudo o que a Bitínia e o amante de César jamais possuíram...”

Calo, igualmente, os discursos de Dolabela e de Cúrio pai, nos quais Dolabela lhe chama “rival da rainha, a prancha inferior da liteira real” e Cúrio “escudo de Nicomedes” e “a prostituta da Bitínia”. Deixo ainda passar em silêncio os éditos de Bibulo, em que este tratava publicamente o seu colega de “rainha da Bitínia, que, depois de haver amado um rei, amava agora a realeza”. Foi nesse mesmo tempo que, segundo Marco Bruto, um certo Otávio, cujo desconcerto mental lhe permitia falar livremente, no meio de uma concorridíssima assembleia, chamou a Pompeu “rei” e ao saudar César tratou-o de “rainha”. Caio Mêmio reprochou-o por ter, junto com outros mimos, oferecido a Nicomedes a copa e o vinho num grande festim a que compareceram vários argentários romanos, cujos nomes menciona. Cícero, não contente de ter escrito em algumas cartas que César havia sido conduzido por satélites ao dormitório real, que se deitara numa cama de ouro, vestido de púrpura, e que o descendente de Vênus prostituía, na Bitínia, a flor da sua juventude, assim o apostrofou um dia em que César pleiteava a causa de Nisa, filha de Nicomedes, e revivescia os benefícios que recebera da parte do rei: “Deixa tudo isso, te suplico! Sabemos bem o que ele te deu e o que tu próprio lhe deste.” Finalmente, por ocasião do seu triunfo nas Gálias, os seus soldados, entre outras canções com que se divertiam ao acompanhar o carro do vencedor, chegaram a cantar, até, estes versos corriqueiríssimos:

César subjugou os gálias. Nicomedes subjugou César. César agora triunfa, porque subjugou as Gálias.

Entretanto, Nicomedes, que subjugou César, não triunfa.

Não discrepa o conceito de que possuísse inclinação para a libertinagem e de que muito gastasse com as suas voluptuosidades e houvesse seduzido inúmeras damas ilustres, entre as quais se incluem: Postúmia, casada com Sêrvio Sulpício; Lólia, com Aulo Gabino; Tértula, com Marco Crasso; e até mesmo Múcia, esposa de Cneio Pompeu. Pelo menos, os dois Cúrios, pai e filho, assim como muitos outros, exprobraram Pompeu por ter levado

a ânsia de poder a ponto de se casar com a filha do homem por causa de quem repudiara uma mulher que lhe dera três filhos; do homem a quem, entre gemidos, costumava chamar seu Egisto. Mais do que todas as outras, César amava Servília, mãe de Marco Bruto. Foi para ela que comprou, durante o seu último consulado, uma pérola no valor de seis milhões de sestércios. No tempo da guerra civil, além de outros presentes, mandou-lhe adjudicar, por preço ínfimo, vastos domínios territoriais que se vendiam, então, em hasta pública. Como toda a gente se admirasse da barateza de tal negócio, Cícero fez o seguinte trocadilho: “Sabei que mais barato ficará ainda, ao deduzir-se a terça.” Supunha-se, com efeito, que Servília negociava, também, com César sua filha Tércia, muito jovem ainda.

Parece, nem mesmo nas províncias respeitou o leito conjugal, a dar-se crédito a este dístico entoado, igualmente, pelos seus soldados, no decurso do triunfo das Gálias:

*“Romanos, guardai vossas mulheres:
nós conduzimos o calvo adúltero.
O ouro que dissipaste em concubinatos nas Gálias
foi aqui que o tomaste de empréstimo!”*

Dos seus amores, constavam também rainhas, entre outras Eunoé, da Mauritânia, mulher de Boguda, a quem, tal como ao seu marido, enchera – se dermos crédito às narrativas de Nason – de uma quantidade enorme de presentes. Mais do que todas, porém, amou Cleópatra, ao lado da qual, muitas vezes nos festins, ficava até ao amanhecer e em cuja companhia navegou, no Egito, até à Etiópia, num navio provido de apartamentos. Afinal, trouxe-a a Roma e não a deixou retornar, senão depois de cumulá-la das mais altas distinções e presentes. Tolerou, até, que pusessem no filho que tivera dela o próprio nome (57). Referem alguns gregos que este filho se parecia com César, não só no aspecto, como também no modo de andar. Marco Antônio assegurou ao Senado que César, com a ciência de Caio Mácio, de Caio Ópio e de outros amigos, o havia reconhecido. Caio Ópio, crendo que o fato necessitava ser restabelecido e justificado, publicou um livro com este título: *César não é o pai do filho, como diz Cleópatra*. Hélvio Cina, tribuno do povo, confessou a muitíssimas pessoas que tivera em mãos uma lei redigida apressadamente por ordem de César, a fim de que fosse

apresentada na sua ausência. Essa lei tinha em mira permitir-lhe desposar, à vontade, as mulheres que bem entendesse, para, assim, haver herdeiros. E porque ninguém duvidava de que ele se abrasasse no fogo infame da impudicícia e do adultério, Cúrio pai chamou-lhe, num dos seus discursos, “o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os maridos”.

Quanto ao vinho, nem seus próprios inimigos lhe negavam o uso parcimonioso. Marco Catão deixou dito algures “que César era o único, entre os demais, que tramava, em jejum, a ruína da República”. Caio Ópio nos ensina que ele era tão descuidado no comer que, certa feita, um hóspede seu lhe servira azeite rançoso, em lugar de azeite fresco. Todos os convivas o rechaçaram. Ele, não: procurou repeti-lo para que lhe não arguissem o hóspede de negligência ou de impolidez.

Jamais, quer como magistrado, quer como general, demonstrou desinteresse no exercício das suas funções. Como o atestam várias memórias, na Espanha, recebeu do procônsul e dos aliados o dinheiro que lhes implorara para o pagamento das suas dívidas. Na Lusitânia, na qualidade de inimigo, pilhou diversas cidades, embora não lhe tivessem elas recusado as condições exigidas, mas até lhe tivessem franqueado as portas à sua chegada. Na Gália, despojou os santuários e os templos dos deuses repletos de oferendas. Destruiu cidades, as mais das vezes mais para saqueá-las do que para punir as falhas dos seus habitantes. Por isso, sobrava-lhe o ouro, cuja venda efetuou na Itália e nas províncias à razão de três mil sestércios a libra. No seu primeiro consulado, furtou ao Capitólio três mil libras de ouro, substituindo-as, no peso, por cobre dourado. Vendeu títulos de aliados e de reis. Só de Ptolomeu arrancou perto de seis mil talentos, tanto no seu nome individual como no de Pompeu. A seguir, é por meio de rapinagens e de sacrilégios que consegue enfrentar as despesas da guerra civil e os gastos com os seus triunfos e os seus espetáculos.

Na eloquência e na arte militar igualou e ultrapassou a glória dos mestres mais eminentes. Depois da acusação intentada contra Dolabela, colocou-se, sem contestação, na linha dos primeiros advogados. Cícero, pelo menos, ao enunciar o nome dos oradores, na sua obra dedicada a Bruto, comenta “que a sua elocução demonstra a cada momento elegância e brilho, elevação e até mesmo um como caráter de nobreza”. E, ao falar ainda de César, escreveu a Cornélio Neto: “Pois bem! Que orador pre-

ferirás tu a César, entre as pessoas do ofício? Quem ostenta mais finura e mais opulência nos pensamentos? Maior beleza e limpidez no estilo?” Muito jovem ainda, parece, adotou o gênero de eloquência de Estrabão (58). Transportou, na verdade, literalmente, para a sua Divinação, vários trechos do discurso de Estrabão intitulado “Para os sardos”. Diz-se que possuía uma clara dicção de orador, movimentos e gestos animados, sem lhes faltar absolutamente a graça. Deixou discursos dos quais alguns lhe são atribuídos irrefletidamente, como, por exemplo, o denominado “Para Quinto”, que Augusto, não sem fundamento, dá como apanhado por copistas que lhe reproduziram mal os termos, antes de haver sido publicado pelo autor. Encontro, de fato, exemplares em que este discurso não tem por título “Para Metelo”, mas “Escrito a Metelo”. Nele, no entanto, César fala em seu nome, justificando, simultaneamente, perante os detratores de ambos, Metelo e ele próprio. Augusto tampouco acredita sejam dele as elocuições proferidas aos seus soldados na Espanha. Todavia, destas, duas lhe são atribuídas: uma, que se julga pronunciada ao ferir-se o primeiro combate (59); outra no momento do segundo (60). Conforme opina Asínio Polião, César não teve tempo de pronunciar esta última, à frente das suas tropas, em virtude do brusco ataque desfechado pelo inimigo.

Deixou, também, os *Comentários*, resenha das suas campanhas militares, tanto as empreendidas nas Gálias como as contra Pompeu. Quanto à *Guerra de Alexandria, da África e da Espanha*, não se lhe conhece o autor. Suspeitam uns seja Ópio; outros, Hércio, que teria mesmo rematado o último livro, incompleto, sobre a guerra das Gálias. Em relação aos *Comentários* de César, Cícero, ainda no *Bruto*, tem frases deste feitio: “Escreveu *Comentários* inteiramente dignos de apreço. São nus, diretos, encantadores e como que despidos de qualquer forma oratória. Tendo em mente preparar materiais para os que desejassem escrever a História, talvez favorecesse os tolos que pretendam ampliar e enfeitar esse esboço. Ele, porém, dissuadiu as pessoas judiciosas de escreverem depois dele.” A propósito dos mesmíssimos *Comentários*, Hércio se manifesta nestes termos: “Eles são, no consenso unânime, tão apreciados que César parece ter roubado, não ter proporcionado aos escritores a oportunidade para tratarem do assunto. Sem embargo, temos mais razão ainda do que os outros para admirar esta obra. Pois, se por um lado notam-lhe os demais a pureza e a correção do estilo, por outro,

sabemos nós com que facilidade e rapidez ele a redigiu.” Asínio Polião achava os compostos com pouco esmero e menor respeito pela verdade, fosse porque César se enfronhasse superficialmente daquilo que os outros disseram, ou porque, ao falar de si mesmo, alterasse os fatos propositadamente ou por falta de memória. Deixou ainda dois livros *Sobre a analogia* e também dois *Anti-Catão*, além de um poema: “A Viagem”. A primeira dessas obras data da passagem dos Alpes, ao partir da Gália Citerior, onde convocaria as assembleias com a finalidade de reagrupar o seu exército. A segunda, mais ou menos da época em que foi desencadeada a batalha de Munda. A última, da excursão que realizou em 24 dias de Roma à Espanha Ulterior. Há dele, ainda, cartas endereçadas ao Senado. Afigura-se tenha adotado, antes de qualquer outro, o uso de escrever em folha, à guisa de memorial. Anteriormente a ele, os cônsules e os generais costumavam escrevê-las de ponta a ponta do papel. Existem, além dessas, outras, dirigidas a Cícero e a amigos, em que trata de fainas domésticas. Se, porventura, tinha algum segredo a lhes transmitir, escrevia-lhes em algarismos, isto é, dispondo as letras em tal ordem que se não podia formar com elas nenhuma palavra. Para decifrá-las e compreender-lhes o sentido, tornava-se necessário colocar a quarta letra do alfabeto, ou seja, o *d* no lugar do *a* e assim, seguidamente, as demais. Citam-se, além disso, outras obras da sua primeira juventude, tais como *Louvores a Hércules*. Uma tragédia: *Édipo*. Alude-se, igualmente, a uma *Coleção de máximas*. Augusto, numa carta tão lacônica quanto simples, destinada a Pompeu Mácer, encarregado por ele de ordenar as bibliotecas, proibiu a publicidade de todos esses opúsculos.

Avantajava-se no manejo das armas e dos cavalos. Suportava a fadiga além do que é dado acreditar. Nas marchas, tomava a dianteira, às vezes, a cavalo, mais frequentemente a pé, quer sob o sol, quer sob a chuva. Percorreu as maiores distâncias com uma rapidez incrível, à velocidade de 100 milhas por dia. Se os rios acaso o retinham, ele os varava a nado, ou apoiado em flutuadores, conseguindo, assim, adiantar-se aos seus próprios mensageiros.

Nas expedições em que se empenhava, a prudência andava sempre a disputá-lo à audácia. Jamais conduziu seu exército por veredas insidiosas. Antes de deslocá-lo, investigava primeiro a situação topográfica dos lugares que pretendia transpor. Não rumou para a Bretanha senão

depois de examinados por ele mesmo os portos, a navegação e o acesso à ilha. Ao saber que o seu acampamento estava sitiado na Germânia (61), atravessou os postos inimigos vestido à gaulesa, a fim de reunir-se à sua gente. Transportou-se de Brindísio a Dirráquio no inverno por entre navios inimigos que insidiavam seu itinerário. Em vista da demora das tropas que haviam recebido ordem para segui-lo após ter-lhes enviado mensagens sobre mensagens, meteu-se, sozinho, ocultamente, à noite, com a cabeça velada, numa pequena embarcação. Não disse quem era e não permitiu que o piloto cedesse à tempestade sobrevida, senão no momento do naufrágio.

Nunca abandonou ou prorrogou empresa alguma por escrúpulos religiosos. Posto que a vítima se houvesse escapado das mãos do imolador, nem por isso deixou de partir contra Cipião e Juba. Como caísse ao desembarcar, teve o presságio por favorável e exclamou: “Possuo-te, ó África!” Para enganar a expectativa dos vaticínios que atribuíam, fatalmente, naquela província, o êxito e uma sorte invencível ao nome dos Cipiões, manteve, no seu acampamento, um membro desprezadíssimo da família dos Cornélios que, em razão da sua vida ignominiosa, recebera o cognome de “Saluçião”.

Decidiu-se à luta não somente depois de meditar-lhe o plano, mas, também, procurando tirar partido da oportunidade: às vezes imediatamente após uma marcha; outras, durante as mais pavorosas tempestades, no instante em que ninguém podia contar com um movimento. Só nos últimos tempos é que se tornou menos apressado no combater, persuadido, como estava, de que quanto mais troféus conseguisse menos devia tentar a Fortuna; e de que não devia ganhar mais do que pudesse perder numa derrota. Jamais destroçou um inimigo que não lhe ocupasse o acampamento por completo; assim não dava tréguas aos adversários aterrorizados. Se uma batalha se mostrava indecisa, dispersava os cavalos, a começar pelo seu, a fim de colocar seus soldados na necessidade de resistir, furtando-lhes, assim, os meios de fuga.

Montava um cavalo, notável, de patas que eram quase pés humanos, pois tinha o casco fendido em forma de dedos. Este animal nascera-lhe em casa e os arúspices ao vê-lo chegaram à conclusão de que seu dono estava fadado para o império do mundo. Assim, criaram-no com excessivo

cuidado. César foi a primeira pessoa que o montou. Antes dele ninguém conseguira domá-lo. Para conservar-lhe a memória, colocou-lhe a estátua defronte do templo da Vênus Genitriz.

Repetidas vezes reagrupou e sujeitou suas forças dispersas, erguendo-se diante dos fugidiços, detendo-os um a um, segurando-os pela gorja, a fim de obrigá-los a fazer face ao inimigo. De ordinário, ficavam tão espantados que um porta-estandarte que ele subjugara assim ameaçou-o com a ponta da sua arma e outro deixou-lhe nas mãos a signa que conduzia.

Eis aqui as provas, não menores, porém maiores, da sua firmeza de ânimo. Depois da batalha de Farsália tomou a vanguarda das suas tropas enviadas à Ásia e passava o estreito do Helesponto num pequeno navio de transporte quando surpreendeu Lúcio Cássio, do partido contrário, com dez navios pela proa. Longe de fugir, investiu contra ele, exortou-o a render-se e o recebeu, suplicante, a seu bordo.

Em Alexandria, ao atacar determinado ponto, uma brusca surtida dos antagonistas o obrigou a atirar-se num barco, onde parte da multidão com ele se atirou também. Lançou-se, então, ao mar e nadou cerca de 200 passos até o navio mais próximo, levando na mão esquerda, fora d'água, para que se não molhassem, os seus escritos e segurando a capa com os dentes para não deixá-la como presa ao inimigo.

Não avaliava o soldado pela conduta, mas pela força, e tratava-o tanto com severidade como com indulgência. Não usava, absolutamente, de coerção sempre e em toda parte: somente, porém, quando o adversário estava próximo. Exigia, então, a disciplina mais rigorosa. Não anunciava nem a hora da marcha, nem a da batalha. Fazia questão de que tudo e todos estivessem atentos e prontos a segui-lo, logo e logo, não importa para onde. Tinha mesmo o costume de agir assim, sem motivo, sobretudo nos dias de festa e de chuva. De longe em longe, recomendava-lhes que o não perdessem de vista e, subitamente, fosse dia, fosse noite, desaparecia aos seus olhos e forçava a marcha para deixar atrás os que custavam a acompanhá-lo.

Se seus soldados se sobressaltavam à voz dos boatos correntes a respeito das forças inimigas, ele não os tranquilizava nem com desmentidos, nem com estimativas. Ao contrário: exagerava a mentira. Assim, dian-

te da espera tremenda da aproximação de Juba, congregou as tropas e lhes falou: “Sabei que dentro de breves dias o rei estará diante de vós com dez legiões, 30 mil cavaleiros, 100 mil homens armados à ligeira e 300 elefantes. Cessai, pois, alguns dentre vós, de formular perguntas e de acreditar em nada mais. Deveis confiar em mim, que sei como me hei de ater. Do contrário embarcar-vos-ei no mais velho dos meus navios para que, entregues a todos os ventos, aporteis em qualquer terra!”

Não tomava era consideração todas as faltas e não as punia na proporção da sua importância. Perseguiu e punia, porém, mais cruelmente, os desertores e os sediciosos. Quanto ao mais, fechava os olhos. Vez por outra, após um grande combate e uma vitória, eximia os soldados de todo e qualquer trabalho, deixando-os em folgança, por aqui e por ali. Costumava dizer que seus milicianos, mesmo perfumados, podiam combater com eficiência. Nas alocações que proferia, não lhes chamava “soldados”. Denominava-os mais docemente: “companheiros de armas”. Dispensava-lhes tal cuidado quanto ao fardamento que lhes presenteava brilhantes armas de ouro e prata, não só para o efeito do momento, mas, também, para apegá-los mais aos combates pelo receio de perdê-los. Queria-os a tal ponto que, à notícia da derrota de Titúrio, deixou crescer a barba e os cabelos e não os cortou senão depois de havê-lo vingado. Eis aí como César conseguiu tornar seus soldados tão bravos e tão dedicados.

Ao enveredar pela guerra civil, prometeram-lhe os centuriões de cada legião equipar, cada qual, um cavaleiro à sua própria custa. E todos os soldados lhe ofereceram gratuitamente o concurso, sem trigo, nem soldo. Os mais ricos se encarregaram de manter os mais pobres. Não se registrou durante uma guerra tão longa nenhuma deserção. A maior parte dos que caíram prisioneiros preferiram renunciar à vida a terem de lutar contra ele. Sitiados ou sitiados, suportavam tão galhardamente a fome, e as outras adversidades da guerra, que Pompeu, ao ver nas trincheiras de Dirráquio a espécie de pão de ervas com o qual se nutriam, asseverou “que tinha que se haver com bestas selvagens” e fez desaparecer esse pão bem depressa, sem mostrá-lo a ninguém, de medo que a paciência e a tenacidade do inimigo provocasse o arrefecimento da coragem nos seus. Prova do valor com que se batiam é o fato de, ao experimentarem um revés em Dirráquio, terem reclamado um castigo para si próprios. César, ao invés de puni-los, tratou

logo de consolá-los. Nos demais encontros, venceram facilmente as numerosas forças antagonistas, embora lhes fossem inferiores em número. Por fim, uma só coorte da sexta legião, anteposta à guarda de uma fortificação, susteve, durante largo espaço de tempo, o choque de quatro legiões de Pompeu e só foi quase totalmente transposta em virtude da multiplicidade de dardos inimigos, dos quais 130 mil foram encontrados no interior dos baluartes. Essa demonstração de coragem não admirará, em absoluto, se atentarmos nas façanhas individuais: na do centurião Caio Ceva, ou na do soldado Caio Acílio, para não citar mais outros. Ceva, com um olho vazado, a coxa e as costas trespassadas, o escudo furado por 120 golpes, não abandonou por nada a porta da fortificação que se lhe confiara. Acílio, num combate naval perto de Marselha, pegou um navio, da parte contrária, com a mão. Cortaram-na. Ele, porém, imitando o rasgo memorável de Cinegira, entre os gregos, atirou-se ao navio, levando de vencida com o seu escudo quantos encontrou pelo caminho.

Durante os dez anos da guerra das Gálias, nenhuma revolta foi fomentada. Alguns soldados, no transcurso das lutas civis, se rebelaram. Nos amotinados, porém, renasceu, rápido, o sentimento dos deveres, e isso menos em virtude da indulgência do que da autoridade do seu chefe. Pois, longe de ceder, jamais, às sublevações, sempre as enfrentou. Em Placência, chegou mesmo a extinguir, ignominiosamente, toda a nona legião, se bem Pompeu estivesse ainda em armas. Não consentiu na sua reorganização senão à custa de numerosos e solícitos rogos e depois de haver castigado todos os culpados.

Em Roma, os soldados da décima legião reclamaram-lhe, sob fortes ameaças e não sem porem em extremo perigo a cidade, a baixa e as recompensas prometidas. Não obstante estivesse acesa a guerra na África, César não hesitou, apesar dos conselhos dos amigos, em falar-lhes e considerá-los dissolvidos. Com uma só palavra, porém, chamando-lhes “quirites” (62) ao invés de “soldados”, ele os fez voltar de novo e os comoveu tão facilmente que lhe responderam logo “que eram soldados” e o haviam seguido espontaneamente à África, aonde ele se recusava reconduzi-los. Entretanto, isso não o impediu de punir os mais revoltados, privando-os do terço dos despojos e das terras que lhes concedera.

Seu zelo e devotamento relativamente aos seus protegidos manifestaram-se desde a sua mocidade. Defendeu, contra o rei Hiempsal, o jovem aristocrata Masinta com tanto ardor que, no auge da discussão, pegou Juba, filho daquele soberano, pelas barbas. E, ao ter sido Masinta declarado tributário, arrancou-o, no mesmo instante, das mãos dos que o conduziam e o homiziou durante muito tempo em sua residência. Pouco depois, ao partir para a Espanha, ao termo da sua pretoria, carregou-o na sua própria liteira, escoltada por amigos generosos e circundada dos fasces dos seus litores.

Tratou sempre os amigos com infinita consideração e indulgência. Havendo Caio Ópio, que o acompanhava, certa vez, por um caminho áspero, enfermado subitamente, César cedeu-lhe o único abrigo que encontrara na estrada e foi dormir no chão, ao relento. Ao assumir a chefia do governo, elevou aos mais altos cargos pessoas de ínfima condição. Como o censurassem por isso, declarou, de público, “que, se bandidos e assassinos lhe tinham prestado serviços na defesa da sua autoridade, não seria de mais que lhes testemunhasse o mesmo reconhecimento”.

Jamais lhe foram tão fortes os rancores que não pudesse a eles renunciar sinceramente, se para isso se lhe deparasse ensejo. Como Caio Mêmio o perseguisse com discursos extremamente violentos, César respondeu-lhe por escrito com não menor vivacidade. Mas, nem por isso deixou de lhe dar seu voto, quando da sua candidatura ao consulado. Caio Calvo, depois de lhe haver tecido epigramas difamatórios, procurou reconciliar-se com ele por intermédio de amigos. César foi o primeiro a escrever-lhe de próprio punho. Valério Catulo, que sabia terem-lhe os versos, a respeito de Mamurra, impresso uma marca eternamente infamante, só com o pedir-lhe desculpas foi, no mesmo dia, admitido à sua mesa e continuou daí por diante a frequentar-lhe a casa do pai, como tinha por hábito.

Era naturalmente brando, mesmo na vingança. Ao pôr a mão nos piratas que o haviam capturado e a quem jurara crucificar, mandou, antes de os levar à cruz, estrangulá-los. Nunca lhe sobrou coragem para fazer mal algum a Cornélio Fagita, que lhe armara outrora ciladas noturnas, quando, doente e escondido, procurava livrar-se de Sila, conseguindo escapar à custa de dinheiro. A Filemão, seu secretário, que prometera aos seus inimigos envenená-lo, contentou-se em puni-lo, simplesmente, com a

morte. Chamado a servir como testemunha contra Públio Clódio, amante da sua mulher Pompeia, e, por igual motivo, acusado de sacrilégio, respondeu que de nada sabia, se bem sua mãe Aurélia e sua irmã Júlia tivessem dito toda a verdade aos mesmos juízes. E como se lhe perguntasse por que, então, repudiara a mulher, respondeu: “Porque os meus devem estar isentos não só do crime, mas, também, da suspeita.”

Sua moderação e clemência mostraram-se admiráveis tanto no governo como após sua vitória na guerra civil. Como Pompeu proclamasse considerar inimigos quantos houvessem cometido faltas contra a República, declarou-lhe que saberia incluir no número dos seus amigos os neutros de ambos os partidos. Consentiu que passassem para o lado de Pompeu todos aqueles a quem concedera postos sob recomendação deste último. Ao negociarem-se em Herda as condições duma rendição (o que permitiu o estabelecimento de relações contínuas entre os dois partidos), Afrânio e Petreio, voltando atrás, repentinamente, nas suas decisões, fizeram perecer os cesarianos atacando de surpresa os acampamentos. César não quis imitá-los na perfídia. Na batalha de Farsália vociferava que se “poupassem os cidadãos”, pois não impediu a nenhum dos seus de salvar a quem bem entendesse, entre os do partido contrário. Deles, nenhum se conhece que haja morrido fora do campo da luta, à exceção de Afrânio, Fausto e o jovem Lúcio César. Ninguém acredita, até agora, tivessem sido assassinados por decisão da parte de César. No entanto, os dois primeiros se haviam revoltado após o indulto, e Lúcio César, depois de ter cometido a barbárie de exterminar, a ferro e fogo, os libertos e os escravos de César, degolara ainda os animais reunidos para os divertimentos do povo. Por fim, já nos últimos anos, concedeu a todos aqueles a quem não havia ainda perdoado licença para reentrarem na Itália e exercerem comandos e magistraturas. Chegou ao ponto, até, de reerguer as estátuas de Sila e de Pompeu que o povo derrubara. Com o correr dos tempos, quer a braços com graves conjurações ou com a maledicência, gostava mais de prevenir do que proceder com crueldade. Assim, ao descobrir tramas e assembleias noturnas, contentou-se apenas em anunciar num édito que estava ao corrente dos fatos. Quanto aos que o ultrajavam em discursos, limitou-se a adverti-los, publicamente, de que não prosseguissem. Suportou pacientemente que

um livro infamante de Aulo Cecina e versos maledicentíssimos de Pitolau lhe lacerassem a reputação.

Entretanto, atos outros e outras palavras suas forçaram-nos a crer que tivesse abusado do poder e merecido a morte. Pois, não somente aceitou honras excessivas, mas, ainda, o consulado contínuo, a ditadura perpétua e a prefeitura de polícia, sem contar o prenome de “imperator” e o sobrenome de “pai da pátria” (63), uma estátua entre as dos reis (64) e um trono na orquestra. Deixou que se lhe concedessem privilégios superiores às grandezas humanas: uma estátua de ouro na Cúria e outra diante do tribunal; um carro e uma liteira para as pompas circenses; templos, altares e estátuas ao lado dos deuses; um coxim e um flamínio no templo (65) e Lupercais (66). Emprestou seu nome a um dos meses do ano (67) e tomou e concedeu-se a si mesmo, de acordo com a sua vontade, todas as honorificências, sem exceção de uma só. No seu terceiro e no quarto consulado não assumiu senão o título de cônsul e contentou-se com o poder ditatorial que lhe havia sido conferido. A fim de substituí-lo, nomeou para os últimos três meses do segundo período dois cônsules, de modo que, neste lapso de tempo, não realizou comícios a não ser para a nomeação dos tribunos e dos edis do povo. Estabeleceu prefeitos no lugar dos pretores para administrarem, sob as suas ordens, os negócios da cidade. Morto um dos cônsules, nas vésperas das calendas de janeiro, deu, por algumas horas apenas, a dignidade vacante a um homem que a solicitara (68). Com essa mesma sem-cerimônia e desprezo dos costumes da sua pátria, dispôs das magistraturas durante anos e anos. Concedeu paramentos consulares a dez antigos pretores. Gratificou com o direito de cidadania, recebendo-os na Cúria, gauleses e semibárbaros Encarregou, do mesmo modo, seus próprios escravos na direção da moeda e dos tributos públicos. A Rufião, filho de um liberto seu e seu favorito, confiou a gerência e o comando de três legiões que deixara em Alexandria.

Como nota Tito Âmpio, não demonstrava menos arrogância nas conversações que fazia publicamente. Afirmava: “A República não era mais do que um nome vão, sem corpo nem figura; para ter abdicado a ditadura, era preciso que Sila não soubesse ler; futuramente, os que desejassem falar-lhe deveriam ter mais circunspeção e observar as palavras como se fossem leis.” Levou a insolência ao ponto de responder a um arúspice que lhe

anunciava, durante um sacrifício, serem funestas as entranhas da vítima, por se lhe não haver encontrado o coração, “que elas seriam mais felizes quando ele assim o entendesse, pois ninguém deveria ver nesse acontecimento um prodígio, mas apenas um animal que não possuía coração”.

O fato, porém, que excitou contra ele um ódio particular e implacável foi o de ter recebido sentado, defronte do templo da Vênus Genitrix, os “padres conscritos” que, incorporados, lhe tinham ido apresentar numerosos decretos honorificentíssimos. Opinam uns que Cornélio Balbo o retivera no momento em que se preparava para levantar-se. Outros, que, longe de ter ensaiado o menor movimento, ainda olhara, com um olhar pouco amistoso, Trebácio, que lhe lembrava de que devia erguer-se. Esta maneira de agir pareceu tanto mais intolerável quanto ele próprio, ao passar em triunfo, diante das cátedras dos tribunos, enchera-se de indignação porque, único entre todos os colegas, Pôncio Áquila (69) não se pusera em pé, a ponto de gritar-lhe: “Pois bem, tribuno Áquila, pede-me que te devolva a República!” E daí por diante nada mais prometeu a ninguém, a não ser com esta restrição: “Se, entretanto, Pôncio Áquila o permitir”.

A tão insigne ofensa feita à majestade do Senado ajuntou um traço de arrogância muito mais importante. Ao seu retorno das festas latinas, enquanto o povo o rodeava com aclamações excessivas e inauditas, um homem da multidão colocou-lhe na estátua uma coroa de louros atada com uma fita branca. Os tribunos do povo Elpídio Marcelo e Cesécio Flávio foram arrebatá-la e conduzir o homem à prisão. Acaso sentiu-se César ferido, porque fora acolhida desfavoravelmente a ideia de realza, ou porque, como ele sempre asseverava, lhe haviam roubado a glória de uma recusa? Pelo menos, admoestou rudemente os tribunos e os privou do poder. Desde então, não se pôde mais lavar da pecha de haver pretendido o título de rei, se bem tivesse respondido ao povo que o saudava sob essa denominação “que ele era César e não rei”. Por ocasião das Lupercálias (70), rejeitou e fez levar a Júpiter Boníssimo e Altíssimo, no Capitólio, o diadema que, diante da tribuna róstris, o cônsul Antônio tentara, repetidas vezes, colocar-lhe na cabeça. Ademais, espalhou-se por todos os cantos o boato de que ele emigraria para Alexandria ou Ílion e para aí transportaria as forças do império, depois de haver esgotado a Itália por meio de motins e entregue a administração da cidade nas mãos dos amigos. Murmurava-se,

também, que na próxima sessão do Senado o quindécenviro Lúcio Cota proporia a concessão a César do título de “rei”, pois estava escrito nos livros do destino que somente um “rei” conseguiria vencer os partos.

Para se não verem forçados a votar este projeto, apressaram os conspiradores a execução dos seus planos. Até lá não haviam realizado senão reuniões parciais entre, quase sempre, nunca mais de dois ou três. Efetuaram, então, uma assembleia geral. O próprio povo, longe de aplaudir a ordem vigente, repelia a prepotência, em segredo e abertamente, a chamar por libertadores. Ao serem admitidos estrangeiros no Senado, afixou-se o seguinte cartaz: “Saudações a todos. Pede-se não mostrar ao novo senador o caminho da Cúria”. E cantava-se por toda a parte:

*“César conduz o gaulês ao triunfo e também à Cúria.
Os gauleses despiram as bragas e tomaram a faixa laticlávia.”*

Quinto Máximo, que ele nomeara cônsul, em seu lugar, por três meses, certa vez fora ao teatro e, como de costume, foi anunciado por um litor. A massa ergueu-se, logo, a gritar “que ele não era mais cônsul”. Após a revocação dos tribunos Cesécio e Marcelo encontraram-se nos comícios que se lhe seguiram numerosos sufrágios designando os cônsules. No pedestal da estátua de Lúcio Bruto apareceu esta frase: “Oh! se tu vivesses!” E, no pedestal da do próprio César, estes versos:

*“Bruto, por haver expulso reis, foi o primeiro a ser feito cônsul.
César, por haver expulso cônsules, foi o último a ser feito rei.”*

A conspiração forjada contra ele englobou mais de 60 cidadãos, à testa dos quais se encontravam Caio Cássio, Marco e Décimo Bruto. A princípio, vacilaram os conspiradores sobre se escolheriam o Campo de Marte no momento em que, durante os comícios, César estivesse a conclamar os tribunos – para que alguns daqueles pudessem jogá-lo do alto da ponte e outros, em baixo, trucidá-lo –, ou se o atacariam na Via Sagrada, ou, ainda, à entrada do teatro. Ao ter sido convocado o Senado, na Cúria de Pompeu (71), para os idos de março, encontraram eles, então, o momento e o local preferíveis.

Sem embargo, prodígios ruidosos anunciaram a César a morte que lhe preparavam. Poucos meses antes, na colônia de Cápua, vários colonos para ali conduzidos, em virtude da lei Júlia, procediam à destruição de

antigas sepulturas para, em seus lugares, construírem casas. Nessa operação punham tanto mais ardor quanto mais encontravam nas suas escavações numerosos pequenos vasos de feitura antiga, quando, no monumento em que Cápis, fundador de Cápua (72), passava por ter sido sepultado, descobriram eles uma inscrição em caracteres e língua grega, assim concebida: “Quando os ossos de Cápis forem desenterrados, um descendente de Júlio perecerá pela mão de seus semelhantes, mas logo será vingado por grandes calamidades na Itália.” Este fato não poderia ser olhado nem como fabuloso, nem como invenção, pois tinha a afiançá-lo Cornélio Balbo, amigo íntimo de César. Nos últimos dias da sua vida, teve notícia de que as quadrilhas de cavalos que ele consagrara ao passar o Rubicão, e postas a pastarem em liberdade e sem guardadores, abstiveram-se de toda alimentação e derramaram abundantíssimas lágrimas. Enquanto César imolava uma vítima, advertiu-o o arúspice Spurina de que se cuidasse de um perigo que lhe não adviria senão depois dos idos de março. Nas vésperas destes mesmos idos, pássaros de diferentes espécies, saídos de um bosque vizinho, perseguiram e fizeram debandar dali uma pomba que poisara, com um ramo de loureiro, na Cúria de Pompeu. Na noite que precedeu o dia do assassinio, pareceu-lhe, durante o sono, que ora voava por sobre as nuvens, ora apertava a mão de Júpiter. Calpúrnia, sua mulher, sonhou, também, que a cumeeira da casa se abatia e que seu marido estava trespassado de golpes no peito. E, de repente, abriram-se, por si sós, as portas do seu quarto de dormir. Estes presságios todos, ligados ao mau estado da sua saúde, fizeram-no hesitar por muito tempo sobre se devia ficar em casa e adiar a sua tarefa no Senado. Como, porém, Décimo Bruto o exortasse a não faltar à palavra empenhada aos senadores, que se achavam reunidos e o esperavam, desde muito já, dispôs-se afinal a sair, às cinco horas. Certa pessoa (73), à sua passagem, entregou-lhe um bilhete em que lhe denunciava a conjura. Ele o misturou, entretanto, com outros papéis que tinha na mão esquerda, tencionando, naturalmente, lê-los sem demora. A seguir, após haver imolado várias vítimas, sem obter presságios favoráveis, entrou na Cúria, desdenhoso da religião, a zombar de Spurina e a tratá-lo de mentiroso, pois para ele os idos de março haviam chegado sem nenhum acidente. A isso, responderam-lhe “que tinham chegado, mas não tinham passado ainda”.

Assim que se assentou, rodearam-no, logo, os conjurados, no aparente intuito de lhe mostrarem solicitude, quando Címber Túlio, a quem fora distribuído o primeiro papel, dele se aproximou como para lhe pedir qualquer coisa (74). À recusa de César, que, com um gesto, deu a entender que lhe falasse noutra oportunidade, ele o segurou pela toga, impetuosamente. César gritou: “Mas isto é uma violência!” Então, um dos Cássios fere-o pelas costas, um pouco abaixo do pescoço. César, por sua vez, tomando-lhe do braço, atravessou-o com um buril. Quis, ainda, arremeter: outro ferimento, porém, o deteve. Mas, ao ver levantados sobre ele punhais de todas as direções, enrolou a cabeça na toga. Ao mesmo tempo, com a mão esquerda abaixou-lhe as dobras até às pernas, a fim de que pudesse tombar mais decentemente, visto que a parte inferior estava toda desnuda. Aí, então, transpassaram-no com 23 punhaladas. Ao primeiro golpe, soltou apenas um gemido sem pronunciar palavra, embora relate alguns que ele exclamara, arremessando-se contra Marco Bruto: “Tu, também, meu filho!” Ao vê-lo sem vida, todos fugiram. Seu corpo ficou por algum tempo estendido no solo. Finalmente, três escravos puseram-no numa liteira, da qual pendia-lhe um dos braços, e o levaram para casa. No entender do seu médico Antístio, de tantos ferimentos só um era mortal: o segundo golpe desferido no peito. Tencionavam os conspiradores arrastar o cadáver para o Tibre; confiscar-lhe os bens e cassar-lhe todas as decisões. Porém, como temessem o cônsul Marco Antônio e o chefe da cavalaria, Lépido, desistiram da empresa.

A pedido do seu sogro, Lúcio Pisão, foi aberto e lido na casa de Antônio o testamento que César fizera nos últimos idos de setembro, na sua propriedade de Lavicum (75), o qual estava confiado à grande Vestal. Quinto Túbero recorda que, desde o seu primeiro consulado até à irrupção da guerra civil, ele tinha por costume apresentar Cnélio Pompeu como seu herdeiro e que chegara até mesmo a ler essa cláusula numa assembleia de soldados. Seu mais recente testemunho, porém, instituía três herdeiros. Eram os três netos das suas irmãs: Caio Otávio, com as três quartas partes, e Lúcio Pinário e Quinto Pédio, com a restante. Ao final do testamento, adotou, também, Caio Otávio, a quem legou o nome. Para o filho que porventura lhe viesse a nascer, nomeou tutores, no meio dos quais grande número dos que o haviam assassinado. O próprio Décimo Bruto figurava

entre os herdeiros de segunda linha. Deixou ao povo seus jardins à margem do Tibre e 300 sestércios por cabeça.

No dia para o qual estavam anunciados os seus funerais, levantou-se uma pira no Campo de Marte, ao lado do túmulo de Júlia. Em frente à tribuna róstria ergueu-se uma capela dourada, modelada pelo templo da Vênus Genitriz. Aí foi colocado um leito de marfim, coberto de ouro e púrpura, e, à cabeceira, um troféu com o mesmo manto com que fora assassinado. Como o dia parecesse insuficiente para os que levassem oferendas, decidiu-se que, embora contrariando a ordem tradicional, cada qual as depositaria no Campo de Marte, tomando a rua da cidade que bem entendesse. Durante a solenidade, cantaram-se, com o intuito de excitar a piedade e a indignação contra o crime, alguns versos do *Julgamento das Armas*:

“Os que eu salvei, por que me fizeram perecer?”

e outros da *Electra*, sobre o mesmo tema. Ao invés do elogio fúnebre, o cônsul Antônio mandou ler por um arauto o *senatus consulto* que conferia a César honras divinas e humanas, assim como o juramento pelo qual todos se coligavam para a salvação de um só. Não pronunciaram no ato senão poucas palavras. Magistrados em função ou em disponibilidade carregaram seus leitos para diante da tribuna róstria, no Fórum. Uns mostravam o desejo de incinerá-lo no santuário de Júpiter Capitolino e outros, na Cúria de Pompeu, quando, repentinamente, dois homens de gládio à cinta, empunhando cada qual dois dardos, aí acenderam fogo com duas tochas inflamadas. No mesmo instante, a multidão que os cercava construiu no local tribunas e bancos com tábuas e tudo o mais que lhe ficava ao alcance. Depois, tocadores de flauta e histriões tiraram as vestes triunfais de que se achavam revestidos para a cerimônia, rasgaram-nas e as atiraram nas chamas. Legionários veteranos nelas lançaram, também, as armas com as quais se adornaram para os funerais. Da mesma forma, agiu a maior parte das matronas com os enfeites que traziam e os seus filhos com seus colares de bolinhas de ouro e as suas togas pretextas. Em meio a este grande luto público, uma multidão de delegações estrangeiras veio demonstrar seu pesar, cada uma por sua vez e à sua maneira. Sobretudo os judeus (76), que velaram a pira durante várias noites seguidas.

O povo, logo a seguir aos funerais, acorreu, de tochas na mão, às casas de Bruto e de Cássio, e delas só com muita dificuldade conseguiram rechaçá-lo. Mas, apenas encontrou Hélvio Cina, confundido, em virtude de um engano de nome, com Cornélio, procurado por causa de um violento discurso, pronunciado na véspera, contra César, foi assassinado e sua cabeça foi espetada na ponta de um chuço. Mais tarde, ergueu-se no Fórum, em mármore da Numídia, uma coluna maciça de quase 20 pés, com esta inscrição: “Ao Pai da Pátria”. Por muito tempo ainda continuou-se a sacrificar ao pé dessa coluna, a fazerem-se votos e a acabarem-se certas querelas com juramentos feitos em nome de César.

César alimentou, em vários dos seus, a suspeita de não ter querido viver por mais tempo e de ter ficado indiferente ao enfraquecimento da sua saúde: portanto, de ter negligenciado as advertências dos deuses e as opiniões dos seus amigos. Pensam muitos estava ele tão sossegado com o último *senatus consulto* e o juramento (77) que não hesitou mesmo em dispensar a guarda espanhola que o escoltava por toda parte, de gládio na mão. Outros, ao contrário, acreditam que o seu parecer era o de que valia mais sucumbir de uma vez às ciladas que o ameaçavam do que se manter à custa dos guardas. Ainda há quem refira que ele se habituara a dizer “que a República tinha mais interesse na sua salvação do que ele próprio; quanto a ele, conquistara já bastante poder e glória, ao passo que a República, se lhe acontecesse qualquer desgraça, longe de estar tranquila, cairia numa situação bem pior e cedo se veria presa de guerras civis”.

Quase todo mundo está de acordo em que a sua morte foi, mais ou menos, a que anelava. Efetivamente, um dia, ao ler em Xenofonte (78) que Ciro, por ocasião da última doença, dera algumas ordens a propósito dos seus funerais, cheio de desprezo por um gênero de morte lenta, César desejou também que a sua fosse súbita. Na própria véspera do dia em que o assassinaram, como se ventilasse, à mesa, na casa de Marco Lépido, a questão de saber qual seria o fim de vida mais agradável, ele demonstrara preferência por um desenlace repentino e inopinado.

Morreu aos 56 anos de idade, considerado como do número dos deuses, tanto pelas declarações dos que lhe conferiram esta honra como pela convicção do povo. Com efeito, nos jogos consagrados à sua memória, pelo seu sucessor Augusto, um cometa que surgira à undécima hora bri-

lhou durante sete dias a fio. Acreditou-se, então, que era a alma de César recebida no Céu. Por isso, costumava-se representá-lo com uma estrela no alto da cabeça. Decidiu-se a seu respeito: amurar a Cúria onde fora assassinado; dar aos idos de março o nome de “parricida” e jamais convocar-se o Senado para aquele dia.

Nenhum dos seus assassinos sobreviveu por mais de três anos e não morreram de morte natural. Condenados todos (79), pereceram, cada qual, de maneira diferente: uns, num naufrágio; outros, em combate; e outros, ainda, suicidando-se com o mesmo punhal com que atacaram César.

.....

Otávio César Augusto

A FAMÍLIA OTÁVIA, segundo inúmeras testemunhas, era uma das primeiras de Velitris (80). Na parte mais movimentada da cidade havia um bairro a que chamavam, desde longa data, “Otávio” e nele se erguia um altar consagrado a certo Otávio que comandara numa guerra contra um povo vizinho. Avisado, em meio a um sacrifício que oferecia a Marte, de uma incursão súbita do inimigo, arrebatou do fogo as entranhas mal cozidas, cortou-as, correu ao combate e retornou vencedor. Existia, até, um decreto público que ordenava se apresentassem a Marte, daí por diante, todos os anos, as entranhas daquela mesma forma e os restos deviam ser levados aos Otávios.

Esta família, que o rei Tarquínio Prisco havia incluído no rol das famílias romanas, foi logo colocada entre as patrícias por Sêrvio Túlio. Tornada, em seguida, plebeia, viu-se, depois de muito tempo, restabelecida no patriciado pelo divino Júlio (81). O primeiro desta família a obter uma magistratura pelos sufrágios do povo foi Caio Rufo. Este, depois de ter sido questor, teve dois filhos: Cneio e Caio, dos quais provieram dois braços da família dos Otávios, de condição muito diversa. Com efeito, Cneio e, após ele, todos os seus descendentes, desempenharam os mais altos cargos. Caio e sua posteridade, pelo contrário, fosse por acaso ou por sua livre vontade,

restaram na ordem dos cavaleiros até o pai de Augusto. O bisavô deste serviu na Sicília, no transcurso da segunda guerra púnica, na qualidade de tribuno dos soldados, sob as ordens do general-chefe Emílio Papo. Seu avô contentou-se com exercer funções municipais e envelheceu na maior tranquilidade, nadando na opulência. Aqui vão, sobre ele, as referências de outros historiógrafos. O próprio Augusto escreveu que é simplesmente oriundo de uma família de cavaleiros, antiga e rica, e na qual seu pai foi o primeiro senador. Marco Antônio lhe reprocha o haver tido por bisavô um liberto, um cordeiro do bairro de Túrio (82), e, por avô, um argentário. Além disso, nada mais encontrei a respeito dos antepassados paternos de Augusto.

Otávio, seu pai, gozou sempre, desde a juventude, duma grande fortuna e de muita consideração. Assiste-me, pois, razão para me admirar de que muitos o tenham feito passar, também, por argentário e o tenham até mesmo colocado entre os corretores e agentes eleitorais do Campo de Marte. Criado, efetivamente, na abastança, foi-lhe fácil a obtenção de cargos e os exerceu com dignidade. Ao deixar a pretoria, caiu-lhe, por sorte, a Macedônia. Logo que aí chegou, destruiu o resto dos fugitivos dos bandos de Spartaco e de Catilina, que ocupavam o território de Túrio, desincumbindo-se, assim, da missão extraordinária que lhe confiara o Senado. Governou sua província com não menos equidade do que bravura. Derrotou numa grande batalha os bessas (83) e os trácios, e tratou tão bem os aliados que Marco Túlio Cícero, nas suas cartas, exorta seu irmão Quinto, então procônsul na Ásia e que possuía uma péssima reputação como administrador, a conquistar a estima dos confederados, a exemplo do seu vizinho Otávio.

Ao retornar da Macedônia, morreu de morte súbita, antes de poder se apresentar candidato ao consulado. Deixou, com sua mulher Ancária, Otávio, o primogênito, e com Ácia, Otávia, a moça, e Augusto. Ácia era filha de Marco Ácio Balbo e de Júlia, irmã de Caio César. Balbo, do lado materno, era um aricino (84), que contava muitos senadores na família. Do lado materno, ficava muito perto de Pompeu o Grande. Depois de ter exercido o cargo de questor, foi ele um dos 20 comissários que, em virtude da lei Júlia, distribuíram ao povo terras na Campânia (85). Marco Antônio, entretanto, tratando mesmo com desdém da ascendência mater-

na de Augusto, censura-lhe o ter tido um bisavô de origem africana, que exercera em Arícia ora o ofício de perfumista, ora o de padeiro. Cássio de Parma, numa carta, qualifica Augusto de neto de padeiro e até de cambista: “A farinha da tua mãe, proveniente do mais tosco moinho de Arícia, foi amassada pelo cambista de Nérulo, cujas mãos o dinheiro enegrecera.”

Augusto nasceu sob o consulado de Marco Túlio Cícero e de Antônio (86), aos nove dias das calendas de outubro, pouco antes do sair do sol, no bairro do Palatino, perto das Cabeças de Boi, onde ele tem agora uma capela construída pouco depois da sua morte. Com efeito, mencionam os atos do Senado que Caio Letório, rapaz da família patrícia, procurando lenir a cruel pena reservada aos adúlteros, alegara aos “padres conscritos”, além da sua idade e da sua nobreza, que ele era, também, o possessor e, por assim dizer, o serventuário do solo em que Augusto, ao nascer, tocara primeiro. Pediu uma diminuição da pena, sob o pretexto de que este deus, considerando-se bem, fazia parte do seu patrimônio e, portanto, da sua propriedade. O Senado decretou que essa parte da casa seria consagrada.

Existe ainda o lugar onde ele foi criado, na propriedade dos seus avós, perto de Velitris. É uma pequena peça semelhante a um guarda-comidas. A vizinhança crê firmemente que ele tivesse nascido aí. Receia-se nela entrar sem necessidade e sem lhe render homenagem. Pretende uma antiga tradição que os que se aproximam deste lugar irreverentemente são presas de uma espécie de horror e espanto. Tradição essa cedo confirmada, pois o novo proprietário da casa, fosse por acaso, fosse por provar-lhe a exatidão, tendo nela ido dormir, certa vez, viu-se, dentro em pouco, arrancado dali por uma força súbita e desconhecida. Foram encontrá-lo semimorto com a cama em frente à porta.

Ainda criança recebeu o sobrenome de Turino, talvez em memória da origem dos seus ancestrais, ou talvez porque, pouco depois do seu nascimento, seu pai Otávio tivesse conseguido êxito sobre os fugitivos na região de Túrio. Posso recordar com certeza bastante que ele recebeu o sobrenome de Turino pois encontrei um pequeno retrato de criança, em bronze, que o representa com este nome inscrito em letras de ferro, já um pouco apagadas. Fiz presente desse retrato ao príncipe (87) que o honra entre seus deuses cubiculários. Aliás, Marco Antônio, nas suas cartas, chama-lhe Turino para ultrajá-lo. O próprio Augusto, porém, responde

“que estranha se lhe reproche o primeiro nome como uma injúria”. Mais tarde, tomou o sobrenome de Caio César e, por último, o de Augusto: um, legado em testamento por seu tio materno; outro, por parecer de Munácio Planco. Muitos eram de opinião que se lhe devia chamar Rômulo, como se fora também um dos fundadores da cidade. Prevaleceu, porém, o de Augusto, porque era não somente um sobrenome novo, mas, também, mais considerável.

Aos quatro anos de idade perdeu o pai. Aos 12 pronunciou, em público, o elogio fúnebre da sua avó Júlia. Quatro anos mais tarde, tomou a toga viril e, por ocasião do triunfo da África de César, foram-lhe conferidas honras militares, se bem sua idade não lhe permitisse ir à guerra. Como seu tio partisse imediatamente para as Espanhas, a fim de combater o filho de Cneio Pompeu, não tardou em segui-lo – embora apenas restabelecido de grave enfermidade – através de caminhos infestados de inimigos, com uma fraquíssima escolta e depois de ter sido, até, vítima de um naufrágio. Prestou-lhe, então, esplêndidos serviços e fez notar, com a engenhosidade do seu mérito, a força do seu caráter. César, subjugadas as Espanhas e meditando uma expedição contra os dácios e os partos, enviou-o, antes dele próprio, a Apolônia, onde se entregou aos estudos. Foi aí que teve conhecimento do assassinio do ditador, que o instituíra seu herdeiro. Primeiramente, vacilou por muito tempo sobre se pediria ou não o auxílio das legiões vizinhas. Logo, rejeitou este partido como temerário e prematuro. A seguir, regressou à cidade e reivindicou a sua herança, a despeito da irresolução da sua mãe e dos vivos esforços do seu padrinho Marco Filipo, personagem consular, no sentido de dissuadi-lo de tal intento. É a partir desse momento que, com o levante dos exércitos, governou a República, a princípio com Marco Antônio e Marco Lépido, depois com Antônio somente, durante cerca de 12 anos, e, finalmente, sozinho, durante 44 anos.

Tal é o quadro sumário da sua vida. Vou minuciá-la, agora, por partes, não obedecendo à ordem cronológica, mas classificando-lhe os fatos para que se possa vê-los e conhecê-los mais claramente. Fez cinco guerras civis: a de Módena, a de Filipe, a de Perúsia, a da Sicília e a do Ânzio. A primeira e a última, contra Marco Antônio. A segunda, contra Bruto e Cássio. A terceira, contra Lúcio Antônio. A quarta, contra Sexto Pompeu, filho de Cneio.

Todas estas guerras tiveram por princípio e por causa a obrigação, em que ele acreditava, de vingar a morte do tio e defender-lhe os atos. Desde seu retorno a Apolônia, resolveu atacar Bruto e Cássio, de improviso. Estes, porém, tinham previsto o perigo e desapareceram, fugindo. Armando-se, então, de leis, acusou-os, na sua ausência, de assassinos de César. Celebrou, pessoalmente, os jogos aniversários da vitória de César porque os encarregados de tal mister não ousaram efetuá-los. Com o intuito de assegurar a execução de outros projetos, apresentou-se candidato na vaga de um tribuno do povo que acabara de morrer, embora fosse ele patrício, mas não ainda senador. Diante, porém, da oposição que aos seus esforços fazia o cônsul Marco Antônio, em que esperava encontrar o seu principal apoio, mas que, na verdade, não o deixava gozar nem mesmo o direito comum e ordinário, sem estipular para si próprio extraordinárias vantagens, resolveu passar-se para o lado dos nobres. Sabia que Antônio odiava, especialmente porque desejava expulsar Décimo Bruto, sitiado em Módena, de uma província que lhe havia sido dada por César e na qual o confirmara o Senado (88). Instigado por alguns amigos, aliciou assassinos contra aquele. Descoberta, porém, a emboscada e temendo, por seu turno, o perigo a que se expunha, levantou os veteranos que cumulava de favores, chamando-os a amparar-lhe a causa e a República. Recebeu ordem de se postar à frente deste exército como vice-pretor e de ir com Hércio e Pansa, nomeados cônsules, socorrer Décimo Bruto. Terminou a expedição que lhe fora confiada em três meses e com dois combates. No primeiro, a acreditar-se em Antônio, fugiu e só apareceu dois dias depois, sem capa e sem cavalo. No segundo, acorda-se geralmente que tenha cumprido os deveres de chefe e de soldado. Conta-se que, tendo sido o porta-estandarte da sua legião gravemente ferido em meio à luta, ele retomou a insígnia nas próprias mãos e a carregou durante muito tempo.

Hércio e Pansa pereceram, ambos, nesta guerra. Hércio, no campo de batalha, e Pansa, pouco depois, em consequência de um ferimento. Espalhou-se a notícia de que Otávio era o culpado dessa morte: que após a derrota de Antônio, estando a República sem cônsules, ele queria – único vencedor – se apossar dos três exércitos. Em todo caso, a morte de Pansa tão suspeita se tornou que Glico, seu médico, foi preso sob a inculpação de haver envenenado o ferimento. Aquílio Níger acrescenta: que o outro

cônsul, Hércio, foi morto, na confusão da batalha, pela mão do próprio Otávio.

De resto, ao saber que Antônio, após a derrota, recebera o acolhimento de Marco Lépido e que os outros chefes (89) estavam fiéis ao partido do povo, abandonou sem hesitar a causa dos nobres. Para justificar essa defecção, pretextou, da parte de alguns destes, certos fatos e ditos; que uns o haviam tratado “de criança”; outros, declarado que era preciso estimá-lo e “educá-lo”; e que, afinal, não foram recompensados suficientemente, nem ele, nem os seus veteranos, Para provar melhor o seu arrependimento de ter servido os nobres, gravou os habitantes de Núrcia (90) com uma multa tão pesada que eles não puderam pagá-la e os expulsou da sua cidade, por terem inscrito, num monumento público, erguido à memória dos cidadãos mortos na guerra de Módena, estas palavras: “Aos que tombaram em prol da liberdade”.

Depois de se ter aliado a Antônio e Lépido, terminou, também, com duas batalhas, a guerra de Filipe, se bem que enfraquecido e enfermo. Na primeira, expulso do seu acampamento, encontrou a muito custo um refúgio ao lado de Antônio. Não se aproveitou moderadamente da vitória: enviou a Roma a cabeça de Bruto para que ela fosse jogada no pedestal da estátua de César. Maltratou os prisioneiros mais ilustres com palavras insultuosas. Ao solicitar-lhe um destes, com rogatórios e súplicas, que lhe desse uma sepultura, respondeu-lhe, conforme se narra, que “os abutres se encarregariam disso”. Outros – um pai e um filho – pediram-lhe lhes concedesse a graça de viver. Fê-los tirar a sorte, ou jogar o “vinte-e-um de boca”, prometendo-lhes o indulto caso ganhassem. Assistiu-lhes à morte: o filho entregou-se voluntariamente ao sacrifício ao ver o pai, que tanto se devotara a ele, assassinado. Também os outros cativos, entre os quais Marco Favônio, o famoso êmulo de Catão, ao serem conduzidos encadeados, saudaram respeitosamente Antônio com o nome de “imperator” e assaaram contra Otávio os mais atrozes baldões. Na distribuição dos papéis, que se seguiu à vitória, Antônio se encarregou dos negócios do Oriente. Conferiu-se-lhe a missão de reconduzir os veteranos à Itália e estabeleceu-os em territórios municipais. Ele, porém, não obteve nem dos proprietários, nem dos veteranos o reconhecimento: uns se queixavam de terem sido ex-

pulsos; outros, de não terem sido tratados como seria de esperar, de acordo com os serviços prestados.

A esta época, Lúcio Antônio, contando com a sua autoridade de cônsul e o poderio do seu irmão, tentou fomentar distúrbios. Otávio, porém, obrigou-o a refugiar-se em Perúsia (91), onde o forçou a capitular pela fome, mas, não sem correr grandes perigos, antes da guerra e durante a guerra. Efetivamente, como assistisse aos jogos fez expulsar pelo bedel um simples soldado que se sentara num dos 14 palanques. Seus detratores difundiram o boato de que ele o fizera meter imediatamente nas torturas, dando-lhe morte. Pouco faltou para que perecesse sob a indignação da soldadesca, que acorrera em massa. Salvou-o o ter aparecido logo o pretendido morto, são e salvo e sem ter sofrido a menor injúria. De outra feita, ao oferecer um sacrifício junto da muralha de Perúsia, esteve a pique de ser assassinado por um bando de gladiadores, provindos, bruscamente, da cidade.

Tomada Perúsia, tratou cruelmente a maior parte dos inimigos. Aos que procuravam implorar-lhe o perdão ou desculpar-se, respondia “que era preciso morrer”. Alguns autores referem que, dentre os prisioneiros, escolheu 300, das duas ordens, e os imolou como vítimas, nos idos de março, num altar erguido ao divino Júlio. Narram outros que ele provocou esta guerra a fim de que os seus adversários encobertos e os que o medo detinha mais do que a simpatia se descobrissem, aproveitando-se da ocasião que lhe dava por chefe Lúcio Antônio, e a fim, também, de que pudesse pagar, com o confisco dos bens dos vencidos, as recompensas prometidas aos veteranos.

Deu começo à guerra da Sicília, prolongou-a e a interrompeu várias vezes, ora para reparar a perda das suas frotas aniquiladas por tempestades, num duplo naufrágio, e em pleno verão, ora para negociar a paz, sob a pressão do povo, que, em virtude de falta de víveres, padecia fome. Enfim, depois de ter reconstruído alguns navios e libertado 20 mil escravos para transformá-los em remadores, criou o porto Júlio, perto de Baías (92), comunicando o mar com os lagos Lucrino e Averno. Após ter exercitado aí as suas tropas durante todo o inverno, venceu Pompeu entre Milas e Nauloco. Na hora do combate se viu presa, subitamente, de um sono tão profundo que seus amigos tiveram de acordá-lo para que desse o

sinal das hostilidades. Ouso acreditar que foi este fato que deu motivo a que Antônio o censurasse “de não ter podido nem mesmo olhar de frente um exército alinhado em ordem de batalha, mas de ter ficado, no seu estupor, deitado de costas, os olhos cravados no céu, e de nem sequer se ter levantado para que seus soldados o vissem, senão depois de postos em fuga os navios inimigos por Marco Agripa”. Outros incriminaram-lhe a linguagem e a atitude, pretendendo que, ao lhe terem sido destroçadas as frotas pelas tempestades, exclamara “que, a despeito de Netuno, alcançaria a vitória” e que no primeiro dia dos jogos circenses mandara retirar a estátua daquele deus das pompas solenes. Não houve, absolutamente, guerras em que a sua temeridade não o tivesse feito correr numerosos e os mais inauditos perigos. Transportado o seu exército para a Sicília, dirigia-se ele para o continente, a fim de aí procurar o resto das suas tropas, quando foi atacado por Demócres e Adolfofânio, lugar-tenentes de Pompeu. Só a muito custo conseguiu escapar com apenas um navio. De outra feita, ao marchar a pé, além de Locres, para Régio, avistou duas birremes de Pompeu que costeavam o litoral. Persuadido de que navegavam sós, desceu a costa, quase tendo sido preso. Como se pusesse em fuga por estradas desertas, um escravo de Paulo Emílio, que o acompanhava, lembrando-se com amargura que ele havia proscrito outrora o pai do seu senhor, aproveitou-se da oportunidade e tentou assassiná-lo. Após a fuga de Pompeu, Marco Lépidio, o segundo dos seus colegas, que ele chamara da África em seu auxílio, orgulhoso do apoio das suas 20 legiões, reivindicava para si próprio, com a ajuda do terror e das ameaças, o primeiro posto no Estado: ele o despojou do seu comando, concedeu-lhe a vida que implorara de joelhos e o relegou, perpetuamente, para a Circeia (93).

Sua aliança com Marco Antônio sempre fora duvidosa e incerta e diversas reconciliações serviram apenas para restabelecê-la. Por fim, rompeu-a e, para melhor provar que seu colega degenerara dos costumes nacionais, fez abrir e ler, em plena assembleia, o testamento que deixara em Roma (94) e no qual figuravam, entre os herdeiros, os próprios filhos que Antônio tivera de Cleópatra. Entretanto, depois de o ter declarado inimigo público, demitiu todos os seus parentes e amigos, entre outros Caio Sósio e Cneio Domício, ainda cônsules naquela época. Em nome da República, dispensou, também, os habitantes de Bolonha da obrigação de formar,

com toda a Itália, nas hostes do seu partido, porque aquele povo, em todos os tempos, estivera sob a proteção dos Antônios. Pouco tempo depois, venceu-o no Ânzio (95), numa batalha naval que durou até tão tarde que o vencedor passou a noite a bordo do seu navio. Marchava do Ânzio em direção aos seus quartéis de inverno, na ilha de Samos, quando soube que os soldados de todos os corpos que enviara a Brindísio se haviam sublevado, pedindo baixa e recompensas. Regressou à Itália, após enfrentar duas tempestades na travessia: uma, entre os promontórios do Peloponeso e da Etólia, e outra perto dos montes Ceráunios (96). Numa e noutra região parte dos navios libúrnios foi tragada e, concomitantemente, a embarcação que o conduzia ficou avariada e o leme quebrado. Não se quedou em Brindísio por mais de 25 dias, o tempo necessário para responder às perguntas dos soldados. Em seguida, rumou para o Egito, como escala para a Ásia e a Síria. Sitiou Alexandria, onde Antônio se encontrava refugiado com Cleópatra, apossando-se da cidade. Antônio procurou, então, negociar uma paz tardia. Ele, porém, o constrangeu ao suicídio e o viu morto. Desejava, ardentemente, guardar Cleópatra para o seu triunfo. Chegou mesmo a mandar vir psilos (97) para chupar-lhe o veneno da ferida, pois pensava se tivesse suicidado fazendo-se morder por uma áspide. Concedeu a ambos uma sepultura comum e consentiu no acabamento do túmulo que eles mesmos haviam começado. O jovem Antônio (98), o mais velho dos dois filhos nascidos de Fúlvia, estava refugiado, após muitas e inúteis súplicas, aos pés da estátua de César. Otávio arrancou-o daí e matou-o. Cesário, que Cleópatra se jactava de ter tido com César, foi preso, na sua fuga, e entregue ao suplício. Quanto aos outros filhos que Antônio tivera com a rainha (99), ele os poupou como se fossem seus parentes e, logo, dispensou a cada um deles os cuidados e os zelos devidos à sua condição.

Ao mesmo tempo, retirou do santuário que a abrigava dos olhares humanos a urna que continha o corpo de Alexandre e, com todo o respeito, colocou-lhe à cabeça uma coroa de ouro e o cobriu de flores. Perguntaram-lhe se queria ver também os Ptolomeus. Respondeu “que tinha querido ver um rei, não mortos”. Reduziu o Egito à condição de província romana. E, com o intuito de torná-la mais fértil, e mais apropriada ao abastecimento da cidade, determinou, pela mão dos soldados, a limpeza de todos os canais por que se esgotam as inundações do Nilo e que, desde

muitos anos, se encontravam entupidos de limo. A fim de tornar a vitória de Ânzio célebre para sempre, fundou, também, a cidade de Nicópolis, perto do Ânzio, e nela instituiu os jogos quinquenais. Aumentou o antigo templo de Apolo (100) e ornou, com os despojos navais, o lugar em que estabelecera seu acampamento, consagrando-o a Netuno e a Marte.

Descobriu e afogou no nascedouro motins e até mesmo começos de revoluções, assim como numerosas conspiratas que se tramaram contra ele em diferentes épocas. Primeiramente, a do jovem Lépidio (101); depois, a de Varrão Murena e Fânio Cépio; em seguida, a de Marco Egnácio; mais tarde, a de Plauto Rufo e Lúcio Audásio, acusado como falsificador de testamentos, enfraquecido pela idade e pelas doenças; e, ainda, a de Asínio Epitádio, meio parto e meio romano; finalmente, a de Télefo, escravo nomenclator de uma mulher. Nem as conspirações e emboscadas da gente da mais baixa condição foram poupadas por ele. Audásio e Epitádio queriam sequestrar a sua filha Júlia e seu sobrinho Agripa das ilhas para onde haviam sido expatriados (102), a fim de apresentá-los ao exército. Télefo projetara atacar o império, assim como Augusto e o Senado. Aconteceu ainda: um homem do exército da Ilíria, tendo iludido a vigilância da guarda, foi encontrado, um dia, junto do seu quarto de dormir, armado de uma faca de caça. Seria um louco, ou fingiria loucura? Não se sabe, pois não se lhe conseguiu arrancar coisa alguma a respeito.

Quanto às guerras exteriores, não fez, por si só, mais do que duas: a da Dalmácia, na sua primeira juventude (103), e, após a derrota de Antônio, a dos cântabros. Na expedição da Dalmácia recebeu dois ferimentos: num dos combates foi ferido no joelho direito por uma pedrada; noutra, teve a perna e os dois braços atingidos na queda de uma ponte. Deixou as outras guerras aos cuidados dos seus lugar-tenentes. Não obstante, interveio, em algumas expedições, na Panônia e na Germânia, ou, na ânsia de ir mais longe, dirigindo-se da cidade até Ravena, Milão ou Aquileia.

Subjugou, pessoalmente ou por intermédio dos seus comandantes, o país dos cântabros (104), a Aquitânia (105), a Panônia (106), a Dalmácia (107), com toda a Ilíria e também a Récia (108), os vindélicos (109) e os salássios (110), povos dos Alpes. Reprimiu, outrossim, as incursões dos dácios (111) e desbaratou três dos seus chefes com numerosas

tropas. Rechaçou os germanos para além do Elba. Dentre estes, recebeu a submissão dos úbios e dos sicâmbrios: transportou-os à Gália e os estabeleceu nas terras vizinhas do Reno. Reduziu, igualmente, à obediência outros povos menos pacíficos. Jamais desencadeou uma guerra sem razão ou necessidade. Tão longe estava do desejo de aumentar, a qualquer preço, o seu império ou a sua glória militar que forçou certos príncipes bárbaros a jurarem, no templo de Marte Vingador (112), que seriam fiéis à aliança e à paz que ele lhes propusesse. Noutra ocasião, tentou obter de alguns um novo gênero de reféns – mulheres –, porque via que os inimigos não faziam caso dos homens. Sem embargo, deixou-lhes a liberdade de retomarem seus reféns quando bem entendessem. A punição mais rigorosa que exercia nas frequentes e pérfidas revoltas concertadas contra ele era vender os prisioneiros em hasta pública, sob a condição de não servirem depois de 30 anos. Sua reputação de sabedoria e prudência levou os citas, que não o conheciam a não ser por informações, a solicitarem espontaneamente, por intermédio de embaixadores, a sua amizade e a do povo romano. Os partos lhe cederam, sem dificuldades, a Armênia, que ele reivindicava, e lhe entregaram, a seu pedido, os estandartes militares que haviam arrebatado a Marco Crasso e a Marco Antônio. Do mesmo modo, ofereceram-lhe reféns. Afinal, submeteram-se à sua escolha para elegerem um rei (113) entre vários pretendentes que disputavam o trono.

O templo de Jano Quirino, que antes dele não havia sido fechado senão em duas ocasiões (114), desde a fundação da cidade, sob ele o foi em três oportunidades, num lapso de tempo bem menor, graças ao restabelecimento da paz, na terra e no mar. Entrou duas vezes na cidade com as honras da ovação (115): após a guerra de Filipe e, a seguir, após a da Sicília. Celebrou três triunfos curuis: o da Dalmácia, o de Ânzio e o de Alexandria. Todos duraram três dias consecutivos.

Não sofreu em toda a sua ação militar mais do que duas graves e ignominiosas derrotas e ambas na Germânia: a de Lólio (116) e a de Varo. A de Lólio foi ainda mais uma afronta (117) do que uma perda. A de Varo (118) resultou fatal para o Estado: três legiões com seus chefes, seus lugartenentes e seus auxiliares foram desbaratadas. A esta notícia, estabeleceu postos na cidade a fim de prevenir qualquer desordem e confirmou no comando os governadores das províncias, para que soubessem aproveitar,

em relação aos aliados, a sua experiência e habilidade. Consagrou grandes espetáculos a Júpiter Boníssimo e Altíssimo “pelo restabelecimento dos negócios do Estado”, assim como o fizera na guerra contra os cimbro e os marsos. Pois, ao que se conta, estava tão consternado que deixou crescer a barba e os cabelos durante vários meses e batia com a cabeça contra a porta, a exclamar: “Quintílio Varo, devolve-me as minhas legiões!” O aniversário desta derrota foi sempre, para ele, um dia de tristeza e de luto.

Na direção dos exércitos foi um grande inovador e criador, tendo feito, também, reviver alguns costumes antigos. Em matéria de disciplina foi severíssimo. Não permitia jamais a nenhum dos seus lugar-tenentes visitar a mulher a não ser pelos meses de inverno e assim mesmo com muita dificuldade. Certo cavaleiro romano cortara o dedo polegar dos seus dois filhos com o escopo de os furtar ao serviço militar. Ele mandou vender em leilão o pai e todos os seus bens. Ao ver, porém, que os rendeiros iam arrematá-lo, ele adjudicou o cavaleiro ao seu liberto com o fim de ser levado para fora da cidade, onde o deixaria em liberdade. Dissolveu, ignominiosamente, toda a décima legião, que resistira às suas ordens. Extinguiu outras ainda que lhe pediram a baixa, insolentemente, sem lhes conceder as recompensas devidas aos soldados eméritos. Dizimou as cortes que tinham fugido e as alimentou de cevada. Puniu com a morte, por haverem abandonado os postos, não só centuriões, mas simples soldados. Aplicou a outros delitos diversas penas infamantes como: ficar de pé durante o dia, diante da tenda do general, às vezes de túnica e sem cinta. Outras, com um varapau de dez pés ou até mesmo com um céspe de na mão.

Desde as guerras civis, fosse nas suas alocuções, fosse nos seus éditos, não chamava mais aos seus legionários “companheiros de armas”, mas “soldados”, e não tolerava que os seus próprios filhos ou seus afilhados, revestidos das prerrogativas de comando, lhe dessem outro nome. Achava que este título de “companheiros de armas” denotava o desejo de agradar mais do que permitia a disciplina militar, a tranquilidade dos tempos ou a sua própria majestade e a da sua casa. Não ocupou libertos como soldados senão duas vezes (excetuando os incêndios ou as revoltas provocadas em Roma pela falta de víveres): a primeira, na defesa das colônias limítrofes com a Ilíria; a segunda, para guardar a margem do Reno; eram escravos que pessoas, homens ou mulheres, entre os mais ricos, tiveram ordem de

comprar e libertar rapidamente. Colocou-os na primeira linha sem os misturar com os homens livres, nem os armar da mesma forma. Em matéria de honras militares, ele concedia com mais facilidade faleros e colares e todos os objetos de ouro e prata do que coroas obsidionais e murais, que eram especialmente honoríficas. Estas, não as concedeu senão escassamente, sem intenção de agradar e, as mais das vezes, a soldados. A Marco Agripa, após a sua vitória naval na Sicília, presenteou-lhe um estandarte azulado. Os generais vitoriosos, se bem o tivessem acompanhado em todas as expedições e tomado parte nos seus êxitos, não tiveram direito de distribuí-las a quem bem entendessem. No seu modo de entender, nada havia de menos conveniente a um chefe consumado do que a precipitação e a temeridade. Seguidamente, andava a repetir estas máximas: “Apressa-te lentamente” (119) e “mais vale um chefe prudente do que um chefe audacioso”, e ainda “faz-se depressa, se se faz bem”. Era de parecer que se não devia travar batalha nem empreender a guerra senão depois de constatar-se a existência de mais proveito na vitória do que temor nas perdas. Asseverava, efetivamente, que os que se arriscam muito para ganhar pouco “se parecem a pescadores que usassem de um anzol de ouro: caso viesse a quebrar-se, nenhuma presa conseguiria ressarcir-lhes o prejuízo”.

Chegou à magistratura e às funções públicas antes do tempo. Destas, exerceu tanto as novas como as de caráter perpétuo. Com a idade de 20 anos apossou-se do consulado. Para isso, conseguiu, habilmente, aproximar da cidade as suas legiões, enviando uma delegação a fim de reivindicar para si esta dignidade em nome do exército. Como vacilasse o Senado, o centurião Cornélio, chefe da embaixada, com a mão no cabo do gládio, não hesitou em exclamar perante toda a Cúria: “Isto aqui o fará cônsul se vós não o fizerdes.” Desempenhou o segundo consulado nove anos mais tarde, o terceiro com um ano de intervalo, depois foi até o décimo primeiro, sem interrupção.

A seguir, após a recusa da oferta de numerosos outros consulados, solicitou, espontaneamente, um décimo segundo, decorrido um intervalo considerável de 12 anos e, de novo, um décimo terceiro dois anos mais tarde, para toga viril. Regeu cinco dos seus consulados durante todo o ano. Os outros administrou nove, seis, quatro ou três meses. O segundo, algumas horas somente. De fato, na manhã das calendas de janeiro,

tendo-se sentado por um momento na sua cadeira curul, diante do templo de Júpiter Capitolino, abandonou o cargo nomeando outro cônsul (120) para substituí-lo. Não tomou posse de todos os consulados que geriu em Roma. Inaugurou o quarto na Ásia, o quinto na ilha de Samos, o oitavo e o nono em Tarragona.

Durante dez anos exerceu o triunvirato instituído para a organização da República. Nesse posto resistiu, por largo espaço, aos colegas que desejavam instituir as proscricções. Porém, ao começarem estas, revelou-se mais cruel do que todos os outros, pois, enquanto seus companheiros por muitas vezes se houvessem mostrado sensíveis à reputação e aos pedidos dos que intercediam a favor dos cidadãos distintos, ele foi, obstinadamente, o único que não quis poupar ninguém. Chegou até a proscriver Caio Torânio, seu tutor, que havia sido colega do seu pai Otávio na edilidade. Júnio Saturnino (121) acrescenta que, terminadas as proscricções, Marco Lépidio, procurando defender-se, no Senado, das suas ações pretéritas, à espera de que a clemência para o futuro pusesse limites às punições, Otávio expendeu um parecer contrário e declarou que, não obstante ter deixado de proscriver, reservava-se, todavia, liberdade de ação. Sem embargo, parece, se arrependeu desta obstinação ao conferir mais tarde a dignidade equestre a Vínio Pilopêmeno, que passava por ter escondido o seu senhor (122) condenado à proscricção. Nesta mesma magistratura, repetidas vezes excitou o ódio. Certa vez, em que falava aos seus soldados, permitira aos camponeses se aproximarem deles. Ao ver, porém, Pinário, cavaleiro romano, que se preparava para escrever algo furtivamente, tomando-o por um indiscreto ou um espião, fê-lo degolar na sua presença. Tédio Áfer, cônsul designado, emprestara a qualquer dos seus atos propósitos maliciosos: ele o ameaçou tão terrivelmente que Áfer suicidou-se, atirando-se de uma elevação. Quinto Gílio, pretor, que fora saudá-lo, trazia escondidas na sua toga duas tábulas. Otávio supôs se tratasse de um gládio e não ousou certificar-se disso logo, de medo que se encontrasse outra coisa. Pouco depois, porém, mandou retirá-lo do seu tribunal por centuriões e soldados e submetê-lo a tortura como si fora um escravo. Não conseguindo obter nenhuma confissão, mandou matá-lo, após haver-lhe arrancado os olhos com as suas próprias mãos. Todavia, escreveu, ele mesmo, que esse Gílio atentara contra a sua vida por ocasião de uma entrevista que lhe solicitara.

Mandara prendê-lo. Depois, relevara-lhe a prisão, proibindo-lhe, contudo, a residência na cidade. Por fim, que o homem perecera num naufrágio ou numa emboscada de bandidos. Recebeu a autoridade tribunícia vitaliciamente e, por diversas vezes, de cinco em cinco anos, nomeou um colega. Aceitou, igualmente, a título perpétuo, a direção da polícia e das leis. Foi no exercício deste cargo, se bem não estivesse revestido da censura, que levantou por três vezes o recenseamento do povo: a primeira e a terceira com o seu colega. A segunda sozinho.

Pretendeu resignar o poder, em duas ocasiões. A primeira, logo depois da derrota de Antônio, ao lembrar-se de que este o acusara várias vezes de constituir o único obstáculo ao restabelecimento da liberdade. A segunda, num momento de debilidade, motivada por longa moléstia. Chegou a reunir em sua casa magistrados e senadores, prestando-lhes conta dos negócios do império. Ao refletir, porém, que não poderia, sem perigo para a sua pessoa, voltar a ser um simples particular e constituiria uma temeridade confiar o Estado ao capricho de muitos, continuou a enfeixar o poder. Não se sabe o que há nisso mais para louvar: se o acontecimento, se a intenção. Esta intenção, tão repetidamente anunciada, foi por ele mesmo confirmada num édito, nos seguintes termos: “Possa eu manter a República sã e salva na sua base e recolher-lhe os frutos que desejo: o de passar por fundador do melhor governo e de levar comigo, ao morrer, a esperança de que os fundamentos do Estado, lançados por mim, restarão solidamente assentados.” Realizou seu desiderato, envidando todos os esforços para que se não arrependesse do novo estado de coisas.

A cidade, do ponto de vista ornamental, não correspondia, em absoluto, à majestade do império e, além disso, estava exposta às inundações e aos incêndios. Embeleceu-a tão bem que se pôde envaidecer, justamente, de ter deixado uma cidade de mármore no lugar onde encontrara uma de tijolos. Proveu, da mesma forma, à sua segurança futura, tanto quanto pode prever a razão humana. Ergueu numerosos monumentos públicos, entre os quais se contam, principalmente: o Fórum, com o templo de Marte Vingador, o templo de Apolo, no Palatino, o de Júpiter Tonante, no Capitólio. O que o levou a construir o seu Fórum foi a multiplicidade de demandas e de julgamentos que, parecia, estavam a exigir um terceiro para suprir a insuficiência dos dois outros (123). Abriram-no às pressas,

antes mesmo de terminado o templo de Marte, e ficou consagrado aos processos do Estado e ao sorteio dos juízes. Prometera construir o templo de Marte durante a guerra de Filipe, desencadeada com o objetivo de vingar seu pai. Assim, decidiu que o Senado deliberasse nele a respeito dos triunfos e das guerras. Todo aquele que tornasse às províncias com um comando partiria dali e os que tornassem vencedores ali depositariam os troféus dos seus triunfos. Levantou o templo de Apolo nas cercanias da sua casa no Palatino, atingida certa vez por um raio e onde, segundo declaração dos arúspices, aquele deus tencionava ter morada. Acrescentou ao templo um pórtico com uma biblioteca latina e grega. Era aí que nos dias da sua velhice convocava muitas vezes o Senado e passava em revista as decúrias dos juízes. Consagrou um templo a Júpiter Tonante por tê-lo livrado de um perigo ao realizar a sua expedição contra os cântabros: durante uma marcha, à noite, um raio roçara-lhe a liteira e matara-lhe o escravo que o precedia com um archote. Mandou construir outros edifícios que não ostentam seu nome, mas o de seus netos, sua mulher e sua irmã, como o pórtico e a basílica de Caio e Lúcio, os pórticos de Lívia e Otávia e o teatro de Marcelo. Ademais, convidava também os principais cidadãos a adornarem a cidade, de acordo com as posses de cada um, fosse com novos monumentos, fosse por meio de reparos e ornamentações. Assim, foram construídos numerosos edifícios, como o templo de Hércules, das Musas, por Márcio Filipo; o templo de Diana, por Lúcio Cornifício; o vestíbulo da Liberdade, por Asínio Polião; o templo de Saturno, por Munácio Planco; um teatro, por Cornélio Balbo; um anfiteatro, por Estatílio Tauro, e vários outros monumentos notáveis, por Marcos Agripa.

Dividiu o perímetro da cidade em distritos e bairros. Estabeleceu que aqueles seriam administrados por magistrados anuais, por meio de sorteio, e estes por inspetores escolhidos entre a população do bairro. Criou postos e sentinelas noturnas contra os incêndios. Para obviar as inundações, alargou e dragou o leito do Tíbre, obstruído, desde muito, pelos resíduos e estreitado pelo desabamento de edifícios. Procurando tornar fácil, por todos os lados, o acesso à cidade, encarregou-se de cortar a Via Flamínia até Arimino e entregar as outras a cidadãos enobrecidos por triunfos, a fim de que as nivelassem com o dinheiro das suas presas de guerra. Reconstruiu edifícios sagrados arruinados pela velhice ou consu-

midos pelo fogo. Enriqueceu-os, da mesma forma que outros, das mais custosas oferendas. Assim, de uma só vez, mandou levar ao santuário de Júpiter Capitolino 16 mil libras de ouro e pedras preciosas no valor de 50 milhões de sestércios.

Revestido do pontificado máximo depois da morte de Lépido (pois este jamais consentira lho fosse arrebatado em vida), mandou, trazido de todas as partes, amontoar e queimar mais de dois mil volumes de predições em língua grega e latina, cujos autores eram anônimos ou pouco recomendáveis, e conservou somente os livros sibilinos, mas sujeitos, também, a escolha. Feito isso, encerrou-os em duas caixinhas douradas e colocou-as no soco da estátua de Apolo Palatino. Restituiu ao seu estado primitivo o calendário organizado pelo divino Júlio, no qual a negligência dos pontífices introduzira desordem e confusão. Neste novo ajuste emprestou seu nome ao mês *sextilis*, antes do que a setembro, que era o do seu nascimento, porque fora naquele que obtivera o seu primeiro consulado e os troféus da vitória. Aumentou o número e a dignidade dos sacerdotes, assim como as vantagens que auferiam, e, sobretudo, as das virgens vestais. Morta uma delas, era preciso substituí-la. Muitos procediam a manejos, a fim de furtarem as filhas ao sorteio. Jurou, certa vez, que, assim que uma das suas netas atingisse a idade requerida, ele a ofereceria espontaneamente. Restabeleceu algumas antigas cerimônias caídas a pouco e pouco em desuso, como o augúrio da salvação, o flaminato de Júpiter, as festas lupercais, os jogos seculares e os jogos em honra dos deuses lares. Proibiu as crianças impúberes de concorrerem às lupercais e, igualmente, os jovens de ambos os sexos de assistirem a qualquer espetáculo noturno, a menos que fossem acompanhados por algum parente idôneo. Ordenou que, duas vezes ao ano, se ornassem os lares compitais com flores da primavera e do verão. Conferiu as mais altas honorificências, depois das outorgadas aos deuses imortais, à memória dos chefes que souberam conquistar para o império romano, a princípio tão débil, a sua soberana potência. Restaurou também os monumentos erigidos por cada um deles, neles deixando as antigas inscrições, colocando solenemente as estátuas de todos, com vestes triunfais, num e noutro pórtico do seu Fórum. Declarou, num édito, “que, por isso, desejava propor aos cidadãos modelos para julgá-lo, a ele mesmo, enquanto vivesse, assim como os príncipes das idades vindouras”.

Do mesmo modo, transportou a estátua de Pompeu, colocando-a sobre uma arcada de mármore.

Corrigiu a maior parte dos abusos oriundos de um deplorável exemplo que fomentava, com prejuízo para o Estado, o hábito e a licença das guerras civis e que a própria paz deixara subsistir. Sob o pretexto de se defenderem, quadrilhas de bandidos andavam ostensivamente armadas. Os viajantes eram roubados nos campos, quer homens livres, quer escravos, e encerrados nos ergástulos dos proprietários territoriais. Numerosos bandos, sob o rótulo de “Nova Associação”, concertavam alianças e não recuavam diante de nenhum crime. Ele reduziu os bandidos, organizando postos nas regiões favoráveis. Passou os ergástulos em revista. Decretou a dissolução de todas as associações que não fossem nem antigas, nem legais. Queimou os registros dos velhos devedores do erário, fonte da mais ampla matéria para acusações caluniosas. Adjudicou aos proprietários os terrenos da cidade para os quais o domínio público era incerto. Fez desaparecer o nome dos acusados de longa data, cuja miséria não servia senão para rejubilar o coração dos seus inimigos, determinando que quem quer que os perseguisse se arriscaria a uma pena igual à que eles incorreram outrora. Porém, com o fim de que nenhum delito ficasse impune ou nenhuma obrigação pública sofresse demora, empregou na solução dos negócios do Estado mais de 30 dias, ocupados pelos jogos honorários. Às três decúrias de juízes, acrescentou uma quarta, recrutada entre os cidadãos de censo inferior, à qual chamou “Decúria dos Duzentos”, encarregada de julgar os processos de pouca importância. Escolheu juízes desde a idade de 30 anos, isto é, cinco anos menos do que a idade até então requerida. Como, porém, a maior parte recusasse estas funções judiciárias, concedeu, mas contra a vontade, um ano de férias, rotativamente, a cada decúria e o direito de suspender a execução dos processos, como de costume, nos meses de novembro e dezembro.

Exerceu, pessoalmente, a justiça com assiduidade e, muitas vezes, até à noite. Se se sentia indisposto, colocava uma liteira diante do seu tribunal, ou, então, julgava deitado, na sua casa. Suas sentenças primavam não somente por uma rápida execução, mas, ainda, por uma extrema doçura. Para poupar um homem, manifestamente culpado de parricídio, ao suplício do saco de couro, no qual só se cosiam os réus que confessassem o

crime, conta-se que ele o interrogou nos seguintes termos: “Não é verdade que não mataste, absolutamente, teu pai?” E numa acusação de falso testamento em que todos os signatários caíram sob o guante da lei Cornélia, ele não se limitou a dar aos juízes que tinham de examiná-lo apenas dois boletins: um para condenar e outro para absolver, mas ajuntou-lhes um terceiro que isentava de culpa aqueles cuja assinatura tivesse sido obtida por fraude ou por erro. Remetia todos os anos ao prefeito da cidade os apelos dos litigantes urbanos e os dos provincianos às personagens consulares que ele comissionara junto à administração de cada província.

Corrigiu leis, restabelecendo algumas delas integralmente (124), tais como a lei suntuária, as referentes ao adultério, à pudicícia, à intriga, ao casamento das diferentes ordens. Como tivesse modificado esta, mais severamente do que as outras, encontrou, por isso, uma oposição tão tumultuosa que não conseguiu fazê-la passar a não ser com a supressão ou a suavização de uma parte das penas, a concessão de um prazo dilatatório de três anos e o aumento das recompensas. Não obstante tudo isso, resolveram os cavaleiros exigir obstinadamente, em pleno espetáculo, a abolição desta lei. Augusto mandou vir, então, os filhos de Germânico, pô-los ao seu lado, colocou outros nos braços do pai e os mostrou ao público. Com o gesto e com o olhar significou que não temia imitar o exemplo daquele jovem príncipe. Ao perceber que o espírito da lei ainda estava sendo burlado, com a realização de casamentos prematuros, restringiu a duração dos espousais e impôs um limite aos divórcios.

Os senadores, pelo número, formavam uma multidão ignóbil e confusa. Eram, efetivamente, mais de mil e muitos totalmente indignos do lugar que ocupavam, pois nele só se investiram após a morte de César, à custa de favores e dinheiro. Apelidaram-nos “senadores do Orco”. Augusto fez voltar o corpo senatorial ao seu antigo número e ao seu esplendor antigo por meio de duas eleições. A primeira, abandonada à sua própria escolha: o homem escolhendo o homem. A segunda, dependendo da sua e da escolha de Agripa. Foi nesta época que ele presidiu o Senado armado de uma couraça sob a toga e de gládio à cinta, enquanto dez amigos seus, dos mais robustos, cercavam a sua cátedra. Refere Cordo Cremúcio que nenhum senador era, então, admitido perto dele a não ser sozinho e depois de haver sido revistado. Convidou muitos senadores a se demitirem

simplesmente, conservando, mesmo, aos demissionários, as insígnias da ordem, o seu direito à orquestra para os espetáculos e nos festins públicos. A fim de que os novos eleitos e reconhecidos pudessem preencher suas funções senatoriais com mais escrupulo e menor dificuldade, decretou que, antes de se iniciarem as sessões, cada um sacrificaria com incenso e vinho no altar do deus em cujo templo se realizaria a reunião: que o Senado não teria mais de duas assembleias regulares por mês, nas calendas e nos idos; que nos meses de setembro e de outubro (125) ninguém seria obrigado à presença, salvante aqueles que, por sorte, fossem designados para formar o quórum necessário à confecção das leis. Criou para ele um conselho particular, renovado, por sorteio, a cada semestre, com o qual ele combinava de antemão os negócios a serem submetidos ao plenário do Senado. Ao tratar-se de negócios importantes, ele não seguia, para recolher os votos, nem o costume, nem a ordem, mas o seu próprio capricho, a fim de que cada um procurasse dar a sua opinião antes do que aprovar a dos demais.

Foi, ainda, o autor de outras disposições. Proibiu a publicação dos atos do Senado e o envio de magistrados às províncias, imediatamente após o sorteio para o cargo. Concedeu aos procônsules determinada soma para a aquisição de tendas e animais, em lugar do contrato a que o Estado os obrigava, na qualidade de fornecedor. Estatuiu que a guarda ao erário, ao invés dos questores urbanos, fosse dada pelos pretores ou pelos que o tivessem sido. Encarregou os decênviros de convocar o tribunal dos centúviro, em substituição aos antigos questores, como era de praxe.

Para que um maior número de cidadãos pudesse tomar parte na administração do Estado, imaginou a criação de novos cargos: a curatela dos monumentos públicos, das estradas, das águas, do leito do Tibre, da distribuição do trigo ao povo, a prefeitura da cidade, um triunvirato para a eleição do Senado, outro para a revista dos cavaleiros, toda vez que se tornasse necessária. Nomeou censores que não eram nomeados desde muito tempo. Aumentou o número de pretores. Fez questão de ter dois colegas, ao invés de um, sempre que lhe era conferido o consulado. Não obteve isso, porém. Todo mundo reclamou que sua majestade ficaria fundamentalmente atingida se partilhasse com outro uma honra que podia guardar para si só, unicamente.

Não se mostrou avaro nas recompensas ao mérito militar. Conferiu o triunfo completo a mais de 30 generais e os ornamentos triunfais a outros, em maior número ainda. Para treinar com maior rapidez os filhos dos senadores nos negócios públicos, permitiu-lhes, desde a toga viril, tomarem o laticlávio e assistirem às sessões da Cúria. Apenas iniciados nos misteres, fazia-os não somente tribunos de legiões, mas, também, comandantes de cavalaria. E para que ninguém ficasse estranho à vida do campo, colocava, as mais das vezes, dois portadores do laticlávio à cabeça de cada legião. Frequentemente passava em revista os esquadrões de cavaleiros e reviveu o costume do desfile, desde longa data caído no desuso. Não permitiu, porém, que nenhum acusador, durante os desfiles, pudesse fazer qualquer cavaleiro descer do seu cavalo. Permitiu aos que eram notoriamente idosos ou mutilados mandarem o cavalo à forma e virem a pé responder à chamada do seu nome. Sem demora, concedeu àqueles que tivessem mais de 35 anos a mercê da devolução do cavalo, se não quisessem tê-lo sob os seus cuidados.

Como tivesse obtido do Senado dez colaboradores, forçou cada um dos cavaleiros a prestar contas da sua conduta. Dentre os que se encontravam em falta, castigou uns, degradou outros e admoestou mais outros de diversas maneiras. O modo mais suave de repreender era o de apresentar, face a face, as tábulas e mandar o paciente lê-las em voz baixa e depressa. Inquinou de infâmia várias pessoas por terem emprestado a juros exorbitantes somas que haviam obtido a taxas baixíssimas. Se não tinha candidatos à dignidade tribunícia, criava senadores entre os cavaleiros romanos, sendo-lhes permitido, expirado o cargo, escolherem entre as duas ordens a que preferissem. Como a maior parte dos cavaleiros, arruinados pelas guerras civis, não ousassem assistir aos jogos dos 14 palanques, com receio de incorrerem na pena teatral (126), declarou que esta pena não devia ser aplicada aos que jamais tivessem possuído – os parentes inclusive – o censo equestre. Organizou o recenseamento do povo por bairros. E para que os plebeus, com a distribuição do trigo, não se afastassem dos seus negócios, decidiu que de três em três meses fosse realizada uma quarta parte do fornecimento. Ao ver, porém, que se clamava pelo antigo costume, consentiu em restabelecer as distribuições mensais para cada indivíduo. Restabeleceu, também, o antigo regime dos comícios e reprimiu a cabala com a aplicação

de penas as mais variadas. No dia dos comícios distribuía às tribos Fábai e Captia, das quais era membro, mil sestércios para os cofres de cada uma para que nada fossem pedir a qualquer candidato. De outro modo, emprestando grande importância ao fato de conservar o povo romano puro de qualquer mistura de sangue estrangeiro ou servil, foi parcimoniosíssimo na concessão de direitos de cidadania, restringindo as manumissões. Como Tibério houvesse intercedido por um grego seu protegido, escreveu-lhe “que não teria acedido, em absoluto, se não estivesse persuadido, de viva voz, das legítimas razões do seu pedido”. Lívia solicitou-lhe o direito de cidadania para um gaulês tributário: recusou-lhe a solicitação, mas ofereceu-lhe a isenção de impostos, assegurando-lhe “que com mais facilidade consentiria na perda de alguma coisa da renda fiscal do que na prostituição da dignidade dos cidadãos romanos”. Não contente em haver, com mil obstáculos, dissuadido a alforria dos escravos e, com obstáculos ainda mais numerosos, a plena liberdade, organizou cuidadosamente o número de candidatos, a condição e a diferença dos que se libertariam e estipulou, de outro modo, que nenhuma espécie de liberdade poderia conferir o direito de cidadania àqueles que tivessem sido postos a ferros ou submetidos a tortura. Dedicou-se, também, ao restabelecimento das antigas maneiras e costumes. Certa vez, ao ver na assembleia um grupo de pessoas vestidas de preto, gritou indignado: “Eis aí, romanos, senhores do mundo, o povo que veste a toga!” (127). Encarregou os edis de não permitirem a ninguém, para o futuro, sentar-se no Fórum ou no circo sem capa ou toga.

Aproveitou-se de todas as ocasiões para testemunhar a sua liberalidade relativamente às ordens do Estado, sem exceção. Com o transporte do tesouro real por ocasião do seu triunfo de Alexandria, acresceu de tal forma o numerário que a usura diminuiu e o preço das terras aumentou. Desde este momento, todas as vezes que o dinheiro superabundava em virtude das confiscações, consentiu num empréstimo gratuito, por tempo determinado, aos que pudessem dar penhor em dobro. Elevou o censo dos senadores, taxando-o em um milhão e 200 mil sestércios, ao invés de 800 mil, e completou a soma daqueles que não a possuíam. Frequentemente, fazia donativos ao povo, mas quase sempre de valores diferentes: ora 400, ora 300, às vezes 200 e 500 sestércios por cabeça. Não esqueceu nem mesmo as crianças, embora o costume fosse nada lhes dar senão depois dos 11

anos. Nos períodos de carestia, distribuía rações individuais de trigo, às vezes a um preço módico, outras, de graça, dobrando as gratificações em dinheiro.

A prova, porém, de que este príncipe procurava mais servir utilmente do que lisonjear, está no fato de que, quando o povo se queixou da escassez e do alto preço do vinho, ele o exprobrou num tom severíssimo dizendo “que seu genro Agripa, com a construção de numerosos aquedutos, providenciara suficientemente para que ninguém viesse a sentir sede”. Este mesmo povo reclamou, certa vez, uma gratificação prometida. Respondeu-lhe “que só tinha uma palavra”. De outra feita, porém, ao reclamarem-lhe uma que não prometera, censurou-lhe, num édito, a ignomínia e a impudência e asseverou que não a daria, embora tivesse a intenção de dá-la. Não demonstrou menor autoridade e firmeza ao aperceber-se, depois de ter anunciado uma gratificação, que numerosos libertos se haviam introduzido entre os cidadãos. Recusou permitir a participação, nesse meio, daqueles aos quais nada havia assegurado e aos outros concedeu menos do que prometera para que a soma destinada a este mister lhes pudesse bastar. Em certa ocasião, durante um grande período de miséria, difícil de ser remediado, expulsou da cidade os escravos destinados à venda, as tropas de gladiadores, todos os estrangeiros, exceto os médicos, os preceptores e uma parte dos escravos domésticos. Ao retornar, afinal, a abundância, “conheceu o desejo – é ele próprio a escrever – de abolir para sempre as distribuições de cereais ao povo, porque, confiando nelas, negligenciava a cultura das terras”. Não perseverou, porém, nesse propósito, convencido de que poderia vir a restabelecê-las um dia na ânsia de popularidade. Daí para diante, entretanto, agiu de maneira a atender tanto aos interesses dos lavradores e dos negociantes como os do povo.

Ultrapassou todo mundo no tocante à frequência, à variedade e à magnificência dos espetáculos. Dizia que os efetuava quatro vezes em seu nome e outras 23 para outros magistrados, ou ausentes os que não tivessem meios para frequentá-los. Mandava realizá-los, algumas vezes, nos bairros e em vários teatros com atores de todas as línguas. E não somente no Fórum e no Anfiteatro, mas também no Circo e no recinto dos comícios (128). Vezes outras não concedia senão uma caçada. Atletas atuavam no Campo de Marte, onde ele mandava construir arquibancadas de madeira. Ofereceu

uma batalha naval numa bacia aberta ao pé do Tibre no lugar onde hoje se encontra o bosque dos Césares. Durante aqueles dias mandou povoar de guardas a cidade no temor de que o pouco número dos que aí restavam fosse insuficiente para coibir a ação dos bandidos. Levou ao Circo condutores de carros, corredores, matadores de feras, escolhidos, muitas vezes, entre a gente da mais alta nobreza. Seguidamente, mandava celebrar jogos troianos por um escol de meninos, grandes e pequenos, pois julgava belo e digno dos antigos costumes o tornar conhecidos por essa forma os dons de uma estirpe ilustre. Ofertou um colar de ouro a Caio Nônio Asprenate, ferido num daqueles jogos, e permitiu-lhe, assim como aos seus descendentes, o uso do sobrenome de “Torquato”. Bem cedo, porém, cessou de dar este gênero de espetáculos em virtude das ásperas e invejosas queixas levadas à Cúria pelo orador Asínio Polião, cujo sobrinho, Esermino, havia também quebrado uma perna. Empregou, da mesma forma, cavaleiros romanos nos jogos cênicos e nas lutas de gladiadores até o dia em que um *senatus consulto* o proibiu. A partir desse momento, não exibiu senão o jovem Lúcio, oriundo de família honesta, mas somente para mostrar que não possuía mais do que dois pés de altura, não pesava mais do que 17 libras e era senhor de uma voz fortíssima. Num dos espetáculos, fez desfilar pela arena os reféns dos partos, os primeiros que haviam sido enviados a Roma, e os colocou acima dele no segundo banco. Desta sorte, tinha por hábito, fora dos dias de espetáculo, caso aparecesse em Roma alguma coisa insólita e que interessasse à curiosidade pública, mostrá-la ao povo, como caso extraordinário, no local que mais lhe agradasse. Assim, expôs um rinoceronte no Recinto (129), um tigre no teatro, uma serpente de 50 cúbitos diante do Comitium. Chegou, certa vez, ao enfermar no dia dos jogos votivos, no Circo, a seguir os carros sagrados deitado numa liteira. Outra vez, por ocasião dos espetáculos consagratórios do teatro Marcelo, ao se romperem as ligaduras da sua cátedra curul, caiu de costas. Num espetáculo organizado para os seus netos (130), não podendo nem reter, nem tranquilizar o povo, temeroso de que o anfiteatro desabasse, mudou de lugar, e foi sentar-se justamente no trecho que provocava maior desconfiança.

Corrigiu a extrema confusão e desordem reinantes nos espetáculos, regularizando-os, comovido pela injúria feita a um senador a quem a numerosa assembleia que assistia aos frequentadíssimos espetáculos de

Puzoles negara passagem. O Senado decretou que, em qualquer representação pública, fosse onde fosse, a primeira fila de localidades seria reservada aos senadores. Em Roma, vedou aos deputados das nações livres e aliadas o sentarem-se na orquestra, porque notara que vários desses enviados eram descendentes de libertos. Separou os soldados do povo. Criou graduações especiais para os plebeus casados. Os adolescentes, vestidos da toga pre-texta, tiveram as suas banquetas colocadas junto dos seus preceptores. Interdisse o centro do anfiteatro às pessoas vestidas de preto. Não permitiu que as mulheres vissem os gladiadores, nem mesmo dos lugares mais elevados, quando, anteriormente, tinham por costume misturar-se aos homens. Concedeu às vestais um lugar à parte no teatro, em frente do tribunal do pretor. Afastou com tanto rigor as mulheres dos espetáculos de atletas que nos jogos pontificais ele adiou para a manhã do dia seguinte a realização de um pugilato que lhe fora solicitado, entre dois lutadores, e declarou “que não achava nada bom que as mulheres frequentassem o teatro antes da quinta hora”.

Apreciava os jogos do Circo, as mais das vezes do terraço da casa dos seus amigos e dos seus libertos. Por vezes, da galeria imperial, sentado entre a mulher e os filhos. Ausentava-se do espetáculo durante várias horas e, também, por dias inteiros. Desculpando-se de tal falta, designava os que o deviam substituir na presidência. Quando, porém, a eles comparecia, de nada mais se ocupava, para evitar murmúrios populares, tais como os provocados – dizia – por César, seu pai, que se entregava, no decurso dos espetáculos, a ler memórias e cartas e, ao mesmo tempo, a respondê-las. Isso, talvez, porque gostasse dos espetáculos, como nunca escondeu, e, algumas vezes, chegou a confessar ingenuamente. Doou, do seu bolso, coroas e muitos outros prêmios de grande valor a festas e jogos organizados por pessoas outras. Jamais assistiu aos certames gregos sem remunerar cada um dos concorrentes, segundo seu mérito. Admirou, particularmente, os pugilatos, sobretudo os latinos, e não somente os lutadores regulares e ordinários, que ele costumava levar à luta, juntamente com os gregos, mas, ainda, os que, sem método nem arte, combatiam por grupos nas ruas estreitas das aldeias. Dentro de pouco tempo julgou digno da sua solicitude todos os que contribuíam, de qualquer maneira, para os espetáculos públicos. Manteve os privilégios dos atletas, alargando-os. Interdisse os combates

dos gladiadores sem licença. Arrebatou aos magistrados, amparado numa antiga lei, o direito de coerção, em qualquer parte, contra os histriões, salvo em relação aos jogos e aos teatros. Regulamentou, sempre com a máxima severidade, as lutas que se travavam nos xistos (131) e as pugnas de gladiadores. Reprimiu, com efeito, tão rigorosamente, a licenciabilidade dos histriões que mandou vergastá-los em três teatros (132) e exilou Estefânio porque soube que ele se servia de uma dama romana vestida de rapaz e de cabelo cortado. Mandou açoitar, à vista de todo mundo, no vestíbulo da sua residência, o pantomimeiro Hila, em virtude de uma queixa do pretor. Expulsou Pilade de Roma e da Itália porque apontou com o dedo, assinalando-o, um espectador que o apupava.

Depois de ter organizado assim a cidade e os negócios do Estado, povoou a Itália, fundando nela colônias em número de 28 e beneficiando-a em várias regiões com trabalhos e rendas públicas. Tornou-a, de certa maneira em algumas regiões, igual a Roma em direitos e dignidade. Na verdade, imaginou um gênero de sufrágio, por meio do qual os decuriões coloniais, cada qual na sua colônia, votavam nos candidatos à magistratura da cidade, enviando a Roma, nas proximidades do dia dos comícios, os votos selados. Com o intuito de favorecer, em todos os sentidos, a honestidade e o crescimento da população, colocou no serviço equestre os que lho solicitavam, recomendados pela sua cidade natal. Se realizava inspeções regionais, distribuía mil sestércios por cabeça aos plebeus, pelos filhos ou filhas que lhe apresentassem.

Encarregou-se, pessoalmente, das províncias mais importantes, que ele não achava bom nem seguro confiar a magistrados anuais, e autorizou os procônsules a governar as outras por sorteio. Contudo, efetuou algumas mudanças e visitou, por várias vezes, a maior parte de umas e de outras. Cassou a liberdade a certas cidades aliadas, cuja dissolução de costumes ameaçava perdê-las. Protegeu outras, aniquiladas de dívidas. Reconstruiu as destruídas por tremores de terra e conferiu o direito latino ou de cidadania aos que apresentassem folha de serviços prestados ao povo romano. Não houve uma só província, creio eu, que ele não tivesse visitado, com exceção da África e da Sardenha. Preparava-se para inspecioná-las, após a derrota de Sexto Pompeu, na Sicília. Uma série, porém, de violentas

tempestades o impediu. Posteriormente, não encontrou nem ocasião, nem motivo para fazer a travessia.

Com poucas exceções, devolveu os reinos conquistados pelo direito da guerra àqueles de quem os havia arrancado ou a estrangeiros. Uniu, da mesma forma, entre si, os reis aliados, por meio de liames mútuos, e despendeu a maior atividade em atender e favorecer cada casamento e cada tratado de amizade. Na sua solicitude, não os encarou de outro modo senão como membros e partes do Império. Acostumou-se a dar tutores aos príncipes de menor idade ou fracos de espírito, até à maioridade ou restabelecimento. Educou e instruiu, juntamente com os seus filhos, a maior parte daqueles (133).

Quanto à força armada, distribuiu por províncias as legiões propriamente ditas e as auxiliares. Criou uma frota para Misena e Ravena, no intuito de proteger o Mar Superior e o Mar Inferior. Escolheu um número determinado de soldados, uns para montarem guarda à cidade, outros para a sua guarda pessoal. Licenciou o corpo de calagurritanos (134), que conservara até à derrota de Antônio e o dos germanos, que fizera parte da sua guarda até o desastre de Varo. Entretanto, não permitiu jamais que ficassem na cidade mais de três coortes e, isso mesmo, sem acampamento. Recolhia habitualmente as outras aos quartéis de inverno ou de verão nas cercanias das cidades vizinhas. Regularizou o pagamento do soldo e dos prêmios ao pessoal militar, onde quer que existisse, e proporcionou, segundo o posto de cada um, o tempo de serviço e as reformas ligadas às baixas, para que nem a idade nem as privações do necessário pudessem atirar os militares licenciados pelo caminho das revoluções. Para que lhes pudesse fornecer, sempre e sem dificuldade, o sustento e as gratificações, fundou uma caixa militar, por meio de novas receitas. A fim de saber e conhecer mais prontamente o que se passava em cada província, colocou nas estradas militares e a curtas distâncias, primeiro, rapazes, depois, veículos. Este meio lhe pareceu mais cômodo para poder interrogar, caso o exigissem as circunstâncias, correios que lhe trouxessem cartas de qualquer parte.

Para selar seus diplomas, éditos e cartas, servia-se, primeiramente, de uma esfinge; depois, de uma imagem de Alexandre o Grande; finalmente, da sua própria efígie, gravada por Discórido. Foi com este último sinete que os príncipes subsequentes continuaram a selar as cartas. Datava

as suas cartas, também, com a hora exata do dia ou da noite em que as expedia.

Há muitas provas concretas da sua clemência e da sua brandura. Sem contar as fornecidas pelos seus adversários, aos quais concedera indulto e vida salva e permissão para ocupar os primeiros postos no Estado, contentou-se com punir Júnio Novato e Cássio de Pádua, simples plebeus: um, com uma multa, e outro com um rápido exílio. Não obstante, o primeiro publicara contra ele uma carta violentíssima com o nome do jovem Agripa e o segundo gritara em pleno festim “que não lhe faltava nem coração nem boa vontade para matar Augusto”. Como, num processo, Emílio Eliano de Córdoba estivesse sendo acusado, além de outras faltas, da de difamar César, ele se voltou emocionadíssimo para o acusador, dizendo-lhe: “Desejaria que fosse provado. Assim, faria saber a Eliano que eu também possuo uma língua e poderia, a seu respeito, dizer muito mais.” E não prosseguiu no inquérito nem naquele momento, nem mais tarde. Tibério, certa vez, enviou-lhe uma carta queixando-se da mesma coisa, porém com maior violência. Ele respondeu-lhe: “Neste ponto, meu caro Tibério, desejo não escutar a perspicácia da tua idade. Não te deve indignar, em absoluto, o saberes que não se fala bem a respeito da minha pessoa. Já é muito o conseguirmos que não nos façam mal.”

Embora soubesse que era costume conceder-se templos aos procônsules, não consentiu, entretanto, que o fizessem em nenhuma das províncias, pelo menos em nome de Roma ou no seu próprio nome. Na cidade, recusou inflexivelmente esta honra. Chegou a mandar fundir todas as estátuas de prata que se lhe erigiram outrora, aproveitando-lhes o valor em trípedes de ouro para o templo de Apolo Palatino. Recusou a ditadura que o povo lhe oferecia com insistência, genufletindo e atirando a toga para trás, a fim de desnudar o peito.

Odiava o nome de “senhor”, por ele considerado injurioso e infamante. Certo dia em que assistia aos jogos, como um ator pronunciasse estas palavras: “O senhor justo e bom!”, todos os espectadores o aplaudiram, pensando que se tratasse de César. Este, porém, com o gesto e o olhar, sofreu as baixas adulações e no dia seguinte vituperou-as num édito severíssimo. Daí por diante vedou aos seus filhos o emprego do nome de “senhor”, fosse a sério, fosse por brincadeira. Do mesmo modo, a prática

de semelhantes lisonjas estava proibida entre eles. Teve sempre o cuidado de não sair da cidade ou de qualquer outro lugar – e de neles não entrar – a não ser de tarde ou de noite, a fim de que ninguém se incomodasse em lhe prestar homenagens. Durante seu consulado, andava sempre a pé. Fora dessas funções, transportava-se, as mais das vezes, em liteira descoberta. Nos dias de recepção pública, admitia também a plebe e recebia com tão boa vontade os pedidos dos visitantes que chegou a censurar engraçadamente um daqueles “que lhe apresentava uma petição com tanta timidez como se estivesse a oferecer uma moeda de ouro a um elefante”. No dia do Senado, não saudava os senadores a não ser na Cúria e depois de sentados, designando cada qual pelo nome, sem que ninguém lho sugerisse. Ao sair, os senadores continuavam sentados e se despedia da mesma maneira. Entrelinha relações com muitos cidadãos e jamais deixou de assistir às festas das famílias senão na velhice e depois de ter sido pisado no meio da multidão, num dia de casamento. O senador Galo Terrínio, que era do número dos seus amigos, havendo sido atacado de cegueira, repentinamente, queria deixar-se morrer de fome. Ele foi vê-lo; consolou-o e o concitou a viver.

De uma feita, em que falava no Senado, alguém lhe disse: “Não compreendi.” E outro: “Eu te contradiria se tivesse meios para tal.” Ao vê-lo sair da Cúria, certa vez, cheio de cólera, sobre-excitado pela violência das discussões, insinuaram-lhe “que era preciso permitir que os senadores falassem dos negócios públicos”. Na eleição do Senado, no tempo em que cada membro escolhia um colega, Antístio Lábero escolheu Marco Lépidio, outrora inimigo de Augusto e então no exílio. Como, porém, César lhe perguntasse se não havia naquele meio homens mais dignos, o outro respondeu “que cada um tinha a opinião que bem lhe parecia”. E não teve de arrepende-se nem da franqueza, nem da altivez com que falou.

Nunca temeu os libelos infamantes espalhados contra ele na Cúria, nem nunca se deu ao trabalho de refutá-los também. Sem sequer procurar-lhes os autores, propôs apenas que se perseguissem, para o futuro, aqueles que publicassem libelos (135) ou versos infamantes sob pseudônimo. Em relação aos gracejos ferinos ou insolentes de alguns, respondeu num édito. Sem embargo, opôs-se a que se tomassem medidas tendentes à repressão do abuso de liberdade dos testamentos.

Toda vez que assistia aos comícios para eleição de magistrados, percorria as tribos com seus candidatos, como simples cidadão. Consentia, de boa vontade, em ser interrogado como testemunha nos tribunais e em ser, também, refutado. Construiu um Fórum estreitíssimo por não querer expropriar os donos das casas vizinhas. Jamais recomendou ao povo os seus filhos, sem acrescentar: “Se eles o merecem.” Queixava-se, vivissimamente, daqueles por quem, no teatro, a assistência se levantava e aplaudia de pé, quando não enxergavam senão a toga pretexta. Quis que seus amigos fossem grandes e poderosos no Estado, mas sob a condição de que gozassem os mesmos direitos dos demais e se submetessem às leis dos tribunais. Como Asprenate Nônio, a quem se achava estreitamente ligado, se defendesse de uma acusação de envenenamento, produzida por Cássio Severo, consultou o Senado sobre o que devia fazer: “Temia, se lhe prestasse assistência, arrancar o acusado da órbita das leis. Se lhe negasse, passar como tendo abandonado o amigo e o condenado de antemão.” Com o consentimento de todos, sentava-se nos bancos, durante várias horas, mas sem dizer nada, nem sequer para proferir uma palavra de elogio diante da justiça. Às vezes, assistia às sessões com seus protegidos, como um certo Escutário, veterano, outrora chamado por ele e que estava sendo processado por injúria. De todos os acusados, o único que procurou salvar foi a Castrício, delator da conjuração de Murena. Não empregou, no caso, mais do que a rogativa para desarmar o acusador em presença dos juízes.

Com tais méritos, é fácil imaginar-se como foi amado. Deixou de lado os decretos do Senado, que podem parecer ditados pela necessidade ou pelo respeito. Os cavaleiros romanos, porém, espontânea e unanimemente celebravam-lhe sempre o aniversário durante dois dias. Todas as ordens, de acordo com a promessa que houvessem feito pela sua saúde, atiravam, cada ano, uma moeda no lago de Cúrcio (136). Da mesma forma, nas calendas de janeiro, faziam-lhe presentes de ano-bom no Capitólio, mesmo quando ausente. Comprava com esse dinheiro belas estátuas de deuses e as consagrava em diversos bairros, tais como a de Apolo Sandaliário (137), a de Júpiter Trágico (138) e as de outros. Para a reconstrução da sua casa no Palatino, devorada por um incêndio, os veteranos, os decuriões, os tribunos e até particulares de todas as classes, cada qual de acordo com as suas posses, levaram-lhe, com prazer, a sua contribuição. Limitou-

se, contudo, a tirar dessa pilha de dinheiro apenas uma pequena parte, não tomando mais do que um denário de cada um. Ao retornar a uma província, acompanharam-no não só lhe desejando votos de prosperidade, mas, ainda, cantando hinos. Tinha-se o cuidado, toda vez que entrava na cidade, de não se executar nenhuma pena capital.

O sobrenome de “Pai da Pátria” lhe foi outorgado (139) com uma anuência pronta, profunda, universal. Primeiramente, o povo lhe enviou, a este respeito, uma deputação ao Ânzio (140). Depois, em vista da sua recusa, foi em massa ao seu encontro e coroou-o de louros ao momento em que, em Roma, ia assistir a um espetáculo. Imediatamente, na Cúria, o Senado confirmou-lhe o título, não por decreto ou aclamação, mas pela voz de Valério Messala, que, falando em nome de todos, disse-lhe: “Felicidades e êxito a ti e à tua família, César Augusto. Ao falarmos, pois, assim, cremos confundir a eterna felicidade da República com a prosperidade da tua família. O Senado, de pleno acordo com o povo romano, te saúda, pai da pátria!” Augusto, com os olhos rasos d’água, respondeu-lhe nestes termos que eu guardei assim como os de Messala: “Chegado ao auge dos meus desejos, padres conscritos, que poderei mais pedir aos deuses imortais, senão que eles vos conservem nesta unanimidade de sentimento em relação a mim, até ao fim da minha vida?”

O povo erigiu, por subscrição pública, uma estátua, ao pé da de Esculápio, ao seu médico Antônio Musa, que o curara de uma enfermidade perigosa. Alguns pais de família encarregaram, por testamento, seus herdeiros de conduzir vítimas ao Capitólio, indicando-lhes os motivos do sacrifício de agradecer aos deuses, em seu nome, por terem deixado Augusto sobreviver-lhes. Cidades da Itália dataram o começo do ano do dia em que ele as visitou pela primeira vez. A maior parte das províncias, nos seus templos e altares, estabeleceu também os jogos quinquenais para quase todas as suas cidades.

Os reis amigos e aliados, cada qual no seu reino, construíram cidades a que deram o nome de Cesareia e, todos juntos, rejubilaram por haverem terminado, à sua própria custa, o templo de Júpiter Olímpico, começado outrora em Atenas, e poderem dedicá-lo ao gênio de César. Muitas vezes, deixando seus reinos, prestavam-lhe honras não somente em Roma,

mas durante as visitas que fazia às províncias, como simples protegidos, de toga e sem ostentarem as insígnias de reis.

Depois de ter exposto como exerceu o comando militar e as funções de magistrado, como governou a República no mundo inteiro, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra, procurarei tornar-lhes conhecidos, agora, a vida íntima e familiar, seus costumes, a sua fortuna em casa e entre os seus, desde a sua juventude até o dia supremo da sua vida. Morreu-lhe a mãe durante o seu primeiro consulado e sua irmã Otávia, ao atingir os 54 anos de idade. Dispensara a uma e a outra, enquanto vivas, atenções particulares e, mortas, prestou-lhes as mais expressivas homenagens.

Na adolescência fora noivo da filha de Públio Servílio Isáurico. Depois, porém, de reconciliado com Antônio e à instância dos dois partidos que desejavam estabelecer entre eles um laço de família, desposou a afilhada de Antônio, Cláudia, filha de Fúlvia e de Públio Clódio e que chegava apenas à nubilidadade. Sobrevinda a pendência com a sua sogra, devolveu-lhe a filha intata e virgem ainda. Dentro em pouco casou-se com Escribônia, viúva de duas personagens consulares e que possuía filhos do segundo matrimônio. Desgostoso, divorciou-se dela, como escreveu de seu próprio punho, em virtude da depravação dos seus costumes e raptou, ao mesmo tempo, Lívia Drúsila, embora grávida do seu marido Tibério Nero, amando-a e estimando-a de maneira singular e constante.

De Escribônia teve uma filha: Júlia. A despeito de vivo anseio, não teve de Lívia nenhum filho: a criança que ela concebera foi abortada. Casou, primeiramente, Júlia com Marcelo, filho de sua irmã Otávia, apenas saído da infância. À morte deste, deu Júlia em casamento a Marco Agripa, depois de haver obtido da sua irmã que ela lhe cederia este genro. Morto Agripa, também, e examinados durante largo tempo numerosos pretendentes para a sua filha, até mesmo na ordem equestre, escolheu Tibério, seu afilhado, que ele obrigava a repudiar a mulher, então grávida, e de cuja criança era pai. Narra Marco Antônio que ele havia primeiro prometido Júlia ao seu filho Antônio, depois a Cotisão, rei dos getas, na época em que pedira para ele próprio, em casamento, a filha deste rei.

Teve três netos de Agripa e de Júlia: Caio, Lúcio e Agripa, e duas netas: Júlia, que casou com Lúcio Paulo, filho do censor, e Agripina, que

casou com Germânico, neto da sua irmã. Adotou Caio e Lúcio, depois de os ter comprado a Agripa, seu pai, a peso de ouro, na sua própria casa, e os enviou, na qualidade de cônsules designados, às províncias e aos exércitos. Educou sua filha e seus netos da maneira mais simples, a ponto de habilitá-los ao trabalho da lã. Proibiu-os de dizer ou fazer qualquer coisa sem testemunhas, e quis que tudo constasse do memorial do palácio. Ele os mantinha tão afastados de qualquer comércio com estrangeiros que Lúcio Vínício, rapaz de boa e ilustre família, escreveu que “faltara às conveniências, indo saudar sua filha na Baía”. A maior parte das vezes era ele mesmo quem ensinava a leitura, a escrita e outros conhecimentos elementares aos netos. Procurava, com singular afã, que lhe imitassem a caligrafia. Fazia-os sentarem-se, às refeições, perto do seu leito. Em viagem, quando de carro, tinha-os sempre junto de si. Quando a cavalo, de um e de outro lado.

Porém, a alegria e a confiança que lhe inspiravam seus filhos e a estabilidade da sua casa foram iludidas pela fortuna. Repudiou as duas Júlias: a filha e a neta, maculadas por toda a espécie de infâmias. Perdeu, no espaço de 18 meses, Caio e Lúcio: Caio em Lícia e Lúcio em Marselha. Adotou seu terceiro neto Agripa, e, ao mesmo tempo, seu afilhado Tibério, no Fórum, por uma lei da Cúria. Bem cedo, porém, renegou Agripa, em virtude do seu caráter baixo e feroz, deportando-o para Sorrento. Além disso, suportou mais resignadamente a morte dos seus do que a sua desonra. A perda de Caio e de Lúcio não o acabrunhou tanto, pois enviou ao Senado uma informação sobre a conduta da filha num memorial que, na sua ausência, foi lido pelo questor. Envergonhado, durante muito tempo absteve-se de aparecer em público. Pensou, até, em mandar matá-la. O que há de certo, em tudo isso, é que pela mesma época, como um dos seus cúmplices, um liberto chamado Febo, se houvesse enforcado, ele exclamou “que teria gostado mais se houvesse sido pai de Febo”. No exílio, proibiu-lhe o uso do vinho e de todos os requintes da vida elegante. Não permitiu que ninguém, livre ou escravo, a visitasse sem sua permissão e, além de tudo, queria conhecer do visitante a idade, o aspecto, a cor e até mesmo os sinais e as cicatrizes que porventura tivesse no corpo. Não foi senão ao termo de cinco anos que mandou transferi-la da ilha para o continente, tratando-a com mais benignidade. Jamais concedeu à filha anistia completa. Como o povo romano rogasse por ela, repetidas vezes, e, nesse sentido, o

coagisse bastante, ele lhe desejou, publicamente, “tais filhas e tais esposas”. Proibiu que fosse reconhecido e educado o filho que a sua neta Júlia dera à luz, depois da sua condenação. Transferiu Agripa para uma ilha (141). Este, longe de se abrandar, tornou-se cada dia mais intratável. Ficou preso com sentinela à vista. Fez votar, até, um *senatus consulto* para poder mantê-lo perpetuamente naquela região. E quando se lhe falava dele e das Júlias, costumava exclamar cheio de dor: “Ah! Fora melhor, ó deuses, que nunca me tivesse casado e morresse sem deixar filhos.” (142) Não os designava de outro modo a não ser por seus “três abscessos” e seus “três cancros”.

Como amigo não se ligava facilmente, porém sua fidelidade era inquebrantável. Não somente apreciava, como o merecessem, as qualidades e os serviços de cada um dos seus amigos, mas, também, tolerava-lhes as faltas e imperfeições, enquanto fossem estas leves. Entre todos aqueles que se enfileiram no rol dos seus amigos, dificilmente se encontrará algum caído na desgraça, a não ser Salvideno Rufo e Cornélio Galo, que ele havia levantado da mais baixa condição: um para o consulado e outro para a prefeitura do Egito. Entregou um deles à vindicta do Senado, porque fomentava rebeliões, e o outro foi demitido, em virtude da sua ingratidão e da sua malevolência, da sua casa e das suas províncias. Quando, porém, a denúncia dos acusadores e os *senatus consultos* impeliram Galo ao suicídio, louvou o zelo piedoso com que procuravam vingá-lo, mas, em compensação, chorou e se lamentou “de ser o único a não poder agir rigorosamente contra os seus amigos, na medida do seu desejo”. Os demais conseguiram, cada qual, o primeiro lugar na ordem a que pertenciam, até o fim da vida, quer pelo seu poder, quer pelas suas riquezas, embora tivessem praticado agravos contra ele. A paciência de Agripa, para não falar de outros, e a discrição de Méceas deixaram, por vezes, muito a desejar. Um abandonou tudo e retirou-se para Mitilena, sob leve suspeita de frieza e porque à sua pessoa preferiam Marcelo. O outro revelou à sua mulher Terência a descoberta, quando ainda em segredo, da conspiração de Murena. Augusto exigiu, sempre, uma afeição recíproca dos seus amigos. Sem a menor avidez pelas heranças, tanto assim que jamais aceitou o menor legado de desconhecidos, examinou minuciosamente as últimas disposições dos seus amigos e não dissimulou o seu pesar, quando eles se demonstravam muito avarentos, nem a sua alegria, quando lhe testemunhavam reconhecimento

e afeto. Toda vez que parentes o constituíam herdeiro universal ou parcial, costumava entregar o espólio aos seus filhos, ou, se estes eram menores, deixava para entregar-lhes ou no dia em que envergassem a toga viril ou no em que se casassem, acrescido o patrimônio de juros.

Patrono e senhor, não menos severo do que acessível e clemente, tratou com dignidade e gentileza extrema numerosos dos seus libertos, tais como Licínio Encélado e outros ainda. Limitou-se a pôr a ferros o seu escravo Cosmo, que falara mal da sua pessoa. Gostava mais de acusar seu tesoureiro Diômedes de poltrão do que de pérfido, pelo fato de este, certa vez em que passeavam juntos, o ter abandonado subitamente, num momento de pavor, à mercê de um javali terrível que o perseguia. Ele transformou em pilhéria este incidente que lhe fizera correr grande perigo, porquanto não alimentava má intenção a seu respeito. De outro lado, mandou matar Prócio, um dos seus mais estimados libertos, convencido de que cometera adultério com matronas. Mandou cortar as pernas de Talo, seu secretário, que, para revelar o segredo de uma carta, recebera 500 denários. À sua ordem, foram atirados ao rio, com um forte peso ao pescoço, o preceptor e os servos do seu filho Caio, porque se haviam aproveitado da ocasião em que este enfermara e morrera para oprimir a província com a sua tirania e a sua avidez.

Sua primeira mocidade foi denegrida por diversos opróbrios. Sexto Pompeu chamou-lhe afeminado. Marco Antônio censurou-lhe o ter comprado a adoção do seu tio pelo preço do seu estupro. Lúcio, irmão de Marco, pretende, também, que, depois de ter deixado colher a flor da sua juventude por César, ele se prostituía ainda, na Espanha, a Aulo Hércio, por 300 mil sestércios. Assevera o mesmo testemunho que ele costumava crestar as pernas com nozes ardentes, a fim de que o pêlo rebrotasse mais sedoso. Finalmente, um dia, nos jogos públicos, todo o povo acolheu com frenéticos aplausos e lhe aplicou, injuriosamente, estes versos pronunciados na cena, a propósito de Galo, um sacerdote da mãe dos deuses, que tocava tamborim:

“Estás vendo como aquele frascário com um dedo só governa o mundo?”

Seus primeiros amigos não lhe negam os amores adúlteros. Desculpam-no, porém, dizendo que, em Augusto, eram mais efeito do

cálculo do que do deboche: pois servia-se das mulheres para conhecer mais facilmente os projetos dos seus adversários. Marco Antônio lhe reprochou, além do seu inopinado casamento com Lívía, o ter, em presença do seu marido, conduzido a mulher de um cônsul da sala de jantar para o seu quarto de dormir. Essa mulher voltou à mesa com as orelhas vermelhas e os cabelos em desalinho. E ainda: de ter repudiado Escribônia por ela se haver queixado abertamente do ascendente excessivo de uma concubina; de ter como amigos provedores de mulheres, que despiam as mães de família e as meninas núbeis para examiná-las como se fossem escravas vendidas por Torânio. Marco Antônio chegou a escrever-lhe familiarmente, quando ainda não o contava no número dos seus inimigos: “Por que mudaste a meu respeito? Por que amo a uma rainha? É minha mulher. É de hoje que a quero ou há nove anos? E tu, queres apenas Drúsila? Aposto, gostosamente, que, assim que hajas lido esta carta, terás saboreado já a posse de Tertúlia, ou de Terentina, ou de Rufila, ou de Sílvia Ticênia, ou de todas juntas. Efetivamente, que importa em que lugar e por quem tu levantas o teu sexo?”

Falou-se muito também num ágape secreto, chamado comumente o ágape das 12 divindades, no qual os convivas se apresentavam vestidos como deuses e deusas, cabendo a Augusto a representação de Apolo. Não se viu condenado somente por Antônio, que, numa das suas cartas, enumera os convidados com atroz ironia, mas, ainda, pelo autor anônimo destes versos popularíssimos:

*“Quando os convivas o escolheram para presidir à mesa
e Mália viu seis deuses e seis deusas;
enquanto César representa o papel sacrílego de Febo
e, ceando, comete novos adultérios com os deuses,
então todas as divindades abandonam a Terra
e o próprio Júpiter foge do seu trono doirado.”*

O que aumenta o escândalo desta ceia é o fato da carestia e da fome reinarem, então, na cidade. Exclamava-se no dia seguinte “que os deuses haviam comido todo o trigo” e “que César era bem um Apolo, mas Apolo Carrasco”, sob cujo nome este deus era venerado num bairro de Roma. Acusavam-no, também, de amar demasiadamente os móveis pre-

ciosos e os vasos de Corinto e de ter predileção pelo jogo. Na época das proscricções escreveram no pedestal da sua estátua:

“Meu pai era argentário, eu sou corintário”,

porque, dizia-se, incluía na lista dos proscritos os nomes de alguns cidadãos com o fim de se apropriar dos seus vasos de Corinto. Mais tarde, durante a guerra da Sicília, espalhou-se este epigrama:

“Depois de ter sido vencido duas vezes no mar e haver perdido seus navios, César, para ver se consegue afinal o título de vencedor, joga incessantemente os dados.”

De todas as acusações, ou de todas as calúnias, foram os boatos infamantes a respeito da sua impudicícia o que ele conseguiu desfazer com mais facilidade, pela regularidade da sua vida. Provou, também, que era pouco apaixonado pelo luxo. Logo após a tomada de Alexandria, de todas as riquezas dos reis, não reservou para si senão um cálice para vinho e mandou fundir imediatamente todos os vasos de ouro de uso mais comum. Os prazeres carnavais, porém, sempre o prenderam. Na velhice, segundo narram, afez-se mais a corromper virgens, trazidas para ele de todas as partes, inclusive por sua mulher. Não se incomodava, em absoluto, com a reputação de jogador de que gozava; jogava francamente, publicamente, como distração e até mesmo na velhice e não apenas durante o mês de dezembro, mas todos os dias, feriados ou não. Uma carta sua, autógrafa, não deixa nenhuma dúvida acerca deste ponto: “Meu caro Tibério – escrevia ele –, jantei com as mesmas pessoas. Vinício e Sílvio pai vieram aumentar o número dos convivas. Durante o ágape jogamos como velhos, ontem como hoje. Fomos aos dados e conforme que botasse um denário à parada e o tiro de Vênus ganhava tudo.” Noutra carta, escreve: “Meu caro Tibério, passamos agradabilissimamente as Quinquatrias: jogamos todos os dias e queimamos o tabuleiro. Teu irmão soltou fortíssimos gritos: mas, ao fim de contas, não perdeu muito. Contra toda esperança, refez-se, a pouco e pouco, do muito que perdeu. Quanto a mim, perdi 20 mil sestércios do meu bolso por ter sido, segundo meu hábito, excessivamente generoso, pois, se houvesse exigido as paradas de empate ou tivesse retido o que dera a cada um, teria ganho mais de 50 mil. Mas, preferi assim: minha bondade carregará minha glória até o Céu.” Escreveu à sua filha: “Envio-te 250 denários.

Foi o que dei a cada um dos meus convivas para que pudessem, durante o jantar, jogar entre eles os dados ou os pares e ímpares.” Está constatado que, quanto aos outros aspectos, a sua vida decorreu moderadíssima e esteve sempre ao abrigo de qualquer censura.

Habitou, primeiramente, perto do Fórum romano, por cima das escadas anulares, na casa que pertenceu ao orador Calvo (143). Depois, no Palatino, mas na residência todavia modesta de Hortênsio. Não era uma casa notável, nem pelo tamanho, nem pela elegância. Possuía pequenos pórticos com colunas de pedra de Alba e quartos sem mármore nem mosaicos famosos. Durante mais de 40 anos, no inverno como no verão, habitou o mesmo quarto de dormir. Embora lhe dissesse a experiência que a cidade lhe era desfavorável à saúde no inverno, passava todo o inverno em Roma. Se queria trabalhar secretamente, sem ser perturbado, tinha no pavimento superior um gabinete particular a que chamava “Siracusa” e “berço das artes”. Refugiava-se aí ou no campo suburbano de um dos seus libertos. Se enfermava, deitava-se na casa de Mecenas. Os retiros que mais frequentou foram os vizinhos do mar, como as ilhas da Campânia, ou as povoações situadas nas proximidades da cidade, como Lanúvio, Preneste e Tibur. Foi nesta última que ele muitas vezes exerceu a Justiça, sob os pórticos do templo de Hércules. Não gostava das “vilas” amplas e suntuosas. Fez demolir as que a sua neta Júlia mandara construir por alto preço. As suas, embora modestas, eram menos ornadas de estátuas e de quadros do que embelezadas de galerias, de boscagens e duma coleção de objetos antigos e raros. Tais são, em Capri, os membros enormes de animais monstruosos e de bestas selvagens que asseguram ser ossos de gigantes e armas de heróis.

Sua parcimônia no tocante à mobília e à maneira de mobiliar pode ser ainda verificada nas camas e nas mesas que nos restam dele e que são apenas dignas, na maior parte, de um particular elegante. Não se deitava – conta-se – a não ser num leito baixo e modestamente coberto. Não usava senão roupas feitas em casa pela mulher, pela irmã, pela filha e pelas netas. Sua toga não era nem cerrada, nem frouxa. Sua laticlávica, nem larga, nem estreita. Seus sapatos eram um pouco altos para que parecesse mais alto do que realmente era. Não punha nunca noutra lugar, a não ser no seu quarto de dormir, as roupas e o calçado usados no Fórum, sempre prontos para os acontecimentos súbitos e imprevistos.

Oferecia ceias seguidamente, mas sempre corretas, nas quais, para a escolha dos candidatos, eram levadas em conta a classe social e as pessoas. Valério Bessala recorda que nenhum liberto jamais fora convidado por ele a cear, exceto Mena, que obtivera a liberdade entregando a frota de Sexto Pompeu. O próprio Augusto escreve que convidou um dos seus antigos guardas, na casa de campo de quem se hospedara em certa ocasião. De vez em quando chegava à mesa mais tarde do que os outros e se retirava mais cedo. Os convivas, porém, começavam a comer antes de ele chegar e continuavam, após a sua saída. Não se servia de mais de três pratos: seis nos grandes festins. Quanto menos suntuosa era a ceia, mais amena se tornava. Empenhava-se para que tomassem parte na conversação geral os que se conservavam em silêncio ou falavam em voz baixa. Mandava chamar músicos e histriões, ou mesmo saltimbancos de circo e, frequentemente, bufões.

Celebrava magnificentissimamente as festas e os dias solenes. Algumas vezes apenas com alacridade. Pelas Saturnais e, se era do seu agrado, em outras ocasiões, distribuía presentes, ora roupas, ouro, prata, ora moedas com todas as efigies, até mesmo com a de antigos reis e estrangeiros. Outras vezes não dava senão cobertores grosseiros, esponjas, furgões de paredeiro, pinças e outros objetos do mesmo gênero, com inscrições obscuras e equívocas. Tinha o costume, também, de pôr em loteria objetos de valores completamente desiguais e de expor à venda, na sala dos festins, quadros virados para a parede, a fim de que a sorte, na sua incerteza, enganasse ou enchesse de esperança os compradores. Fazia-se um leilão em cada leito e eram comuns tanto as despesas como o lucro.

Comia (eu não saberia omitir este ponto) pouquíssimo e sua nutrição era quase vulgar. Gostava, sobretudo, de pão caseiro, de peixinhos, de queijo de leite de vaca, feito a mão, de figos frescos, dos que frutificam duas vezes por ano. Alimentava-se sem esperar pela hora de refeições, a qualquer momento e em qualquer lugar, segundo as necessidades do seu estômago. Há, dele, numa carta, estas palavras: “Merendamos na carruagem pão e tâmaras.” E noutra passagem: “Ao voltar, de liteira, da basílica à minha casa, comi um pedaço de pão com algumas passas.” E ainda: “Não há nenhum judeu, meu caro Tibério, que observe mais escrupulosamente o jejum, num dia de sábado, do que eu no dia de hoje, pois não foi senão

depois da primeira hora da noite que engoli dois bocados no banho, antes de me fazer ungir.” De acordo com este sistema, chegava, às vezes, a jantar sozinho, fosse antes de principiar, fosse depois de acabar a refeição, sem tocar em nada durante o tempo em que estivesse à mesa.

Gostava naturalmente pouco do vinho. Cornélio Neto refere que no seu acampamento de Módena se acostumara a não beber mais do que três vezes durante a refeição. Mais tarde, ao usá-lo em excesso, não ultrapassava de seis copos, e, se ia além, vomitava. Tinha predileção pelo vinho de Récia (144), mas não o bebia senão raramente, durante o dia. Tomava como bebida pão molhado no leite fresco, ou um pedaço de pepino, ou um bocadinho de alface, ou uma fruta verde e ácida de suco um pouco avinhado.

Depois da sua refeição ao meio-dia, repousava um pouco, vestido e calçado como estava, as pernas estiradas e a mão sobre os olhos. Após a ceia, retirava-se na sua liteira de quarto e nela ficava, noite adentro, até que tivesse acabado, inteiramente ou em grande parte, as tarefas que não pudera concluir durante o dia. Daí passava para a cama, onde dormia, no máximo, sete horas: não a fio, pois neste intervalo acordava três ou quatro vezes. Se não podia, como acontece, retomar o sono, mandava chamar leitores e narradores que o fizessem dormir e prolongava suas noites, muitas vezes, até altas horas do dia. Nunca se levantava, escuro ainda, sem ter alguns amigos ao seu lado. A madrugada lhe era penosa se necessitava levantar-se mais cedo, em virtude de um dever ou de um sacrifício. Para que o incômodo fosse menor, deitava-se próximo à cama de um dos seus domésticos. Mesmo assim, cedendo frequentemente às necessidades do sono, dormia ao ser conduzido pelas ruas ou quando sua liteira parava por algum tempo.

Era de uma beleza notável, cujo encanto extraordinário manteve em todas as fases da sua idade. Entretanto, vivia tão alheado à garridice e tão pouco cuidadoso da sua cabeleira, que entregava, às pressas, a sua cabeça, a vários cabeleireiros de uma vez só e se deixava, ao mesmo tempo, cortar o cabelo e raspar a barba enquanto lia ou escrevia. Estivesse a conversar ou se se conservasse em silêncio, seu rosto era tranquilo e sereno a ponto dum chefe gaulês confessar aos seus que fora essa serenidade que o retivera e impedira de jogá-lo num precipício, como era a sua intenção,

pois, na passagem dos Alpes, sob o pretexto de uma entrevista, conseguira acercar-se dele. Tinha os olhos claros e brilhantes. Queria, mesmo, que se acreditasse existir neles não sei que força divina. Ficava contente que, ao fixar alguém, obrigava-o a baixar os olhos, como se baixa diante do sol. Na velhice, via menos com o olho esquerdo. Seus dentes eram falhados, pequenos e desiguais. Cabelos, ligeiramente ondulados e quase louros. Supercílios unidos, orelhas medianas, nariz proeminente na parte superior e afilado na inferior. Tez, entre morena e branca. Talhe pequeno (embora o liberto Júlio Marato registre, nas memórias que deixou sobre Augusto, que ele atingia a cinco pés e nove polegadas de altura). Seus membros, porém, eram tão bem feitos e tão bem proporcionados que não se via nem se lhe podia notar a baixa estatura senão colocando-o, por compará-lo, ao lado de outra pessoa mais alta.

Seu corpo, ao que se diz, era cheio de manchas. Seu peito e seu ventre apresentavam, aqui e ali, sinais naturais que faziam lembrar, pela forma, disposição e número, as estrelas da Ursa celeste. Uma coceira contínua e o uso incessante e violento da almofada tinham-lhe produzido calosidades sob a forma de dactilos vivos. O quadril, a coxa e a perna esquerda, possuía-os fracos, pois claudicava deste lado. De tempos em tempos sentia enfraquecer-se, também, o índice da mão direita, tão fraco que, quando o frio o entorpecia e contraía, apenas podia escrever com o uso de um anel de chifre. Da mesma forma, queixava-se da bexiga e não encontrava alívio à sua dor senão depois de haver expelido os cálculos, urinando.

Foi vítima, durante o curso da sua vida, de numerosas moléstias graves e perigosas, e principalmente depois da submissão dos cântabros, quando um catarro no fígado o levou ao desespero. Seguiu o método arriscado dos contrários e, como os tópicos quentes não lhe serviam de nada, foi obrigado, por determinações de Antônio Musa, a recorrer aos frios. Estava, também, sujeito a afecções anuais que o atacavam em épocas determinadas. Ao aproximar-se o dia do seu aniversário natalício, ficava, de ordinário, abatido. Ao começar a primavera, padecia sempre de um tumor no diafragma. O vento do meio-dia produzia-lhe constipações. Seu corpo, assim abalado, não suportava facilmente nem o frio, nem o calor. No inverno, usava uma toga larga e quatro túnicas de uma vez e, sob a última, um colete de lã. Enrolava as coxas e as pernas em faixas. No verão, dormia

com as portas dos quartos abertas e, amiúde, num peristilo refrescado por jatos d'água e ventilado por um escravo. Incapaz de suportar o sol, mesmo no inverno, não passeava ao ar livre e até mesmo na sua casa, senão com um chapéu de abas largas. Viajava em liteira, e quase sempre à noite, lentamente, em pequenas etapas, a ponto de levar dois dias para ir a Preneste ou a Tibur. Se pudesse alcançar certa região por mar, preferia embarcar. Sustentava sua débil saúde à força de cuidados, sobretudo tomando banhos de raro em raro. Fazia-se friccionar, seguidamente, com óleo, e suava ao pé do fogo. Feito isso, banhava-se n'água morna ou aquecida sob um sol ardente. Todas as vezes que seus nervos reclamavam banhos de mar ou as termas de Alba, contentava-se em sentar-se num tamborete de madeira, a que chamava "dureta", de uma palavra espanhola, e agitar alternadamente as mãos e os pés.

Abandonou os exercícios a cavalo e os das armas imediatamente após as guerras civis e se dedicou ao jogo da pela. Logo, limitou-se a passeios em liteira ou a pé, terminando com corrida e saltos, envolto numa capa ou num sobretudo. Para descansar o espírito, ora pescava a anzol, ora jogava os dados ou as nozes com as crianças, agradáveis no seu aspecto e garrulice, trazidas por ordem sua, de todas as partes, especialmente da Mauritània e da Síria. Tinha pavor dos anões, dos meninos disformes e de outras criaturas da mesma espécie, pois os considerava "ludíbrios da natureza" e "seres de mau presságio".

Dedicou-se, na mocidade, à eloquência e às artes liberais com paixão e zelo extremos. Durante a guerra de Módena, não obstante os múltiplos afazeres, lia, escrevia e declamava – conta-se – todos os dias. Daí por diante não mais falou no Senado, perante o povo ou perante os soldados, sem primeiro compor ou meditar o discurso, se bem não lhe faltasse faculdade para improvisar repentinamente. Para não se expor às traições da memória, nem perder tempo a decorar, tomou a resolução de lê-los. Quanto às conversações particulares e mesmo às que travava com Lívia, sua mulher, se se tratava de assuntos importantíssimos, grafava-as e falava de acordo com os seus apontamentos, a fim de não ser levado pelas circunstâncias a falar de mais ou de menos. Falava com uma voz doce, com não sei que acento particular, e estudava assiduamente com um professor

de declamação. Algumas vezes, porém, uma doença da garganta o obrigava a dirigir-se ao povo através da voz de um arauto.

Escreveu muitas e variadas obras em prosa, das quais leu algumas a uma roda de familiares que lhe formava o auditório, como *Respostas a Bruto a respeito de Catão*, cuja leitura foi terminada por Tibério, por se haver Augusto fatigado na leitura de uma grande parte, numa época em que já estava velho, ou como ainda as *Exortações à filosofia* e alguns volumes sobre a sua vida, que ele relata em 13 livros até à guerra dos cântabros, sem ir além. Cultivou superficialmente a poesia. Resta-nos um livro escrito por ele, em versos hexâmetros, cujo assunto, assim como o título, é *A Sicília*. Há, também, outro, pequeno, de epigramas, compostos geralmente durante o banho. Começara, com entusiasmo, uma tragédia: porém, descontente com o estilo, apagou-a. Como seus amigos lhe perguntassem “que fazia *Ajax*”, respondia “que seu *Ajax* se precipitara sobre a esponja”.

Adotou um gênero de composição elegante e equilibrado, evitando as frases vazias e farfalhantes e, como ele próprio asseverava, o mau cheiro das palavras que encerrassem pedantaria. Esforçou-se, sobretudo, por exprimir o mais claramente o seu pensamento. Para chegar a isso com mais facilidade, para poupar ao leitor ou ao ouvinte confusões e embaraços, não hesitou em juntar preposições às palavras, nem em dobrar repetidamente as conjunções, cuja supressão produz certa obscuridade, mas tudo isso com graça. Desdenhou, igualmente, a afetação e charlatanice, como vícios de gênero diferente. Atacava muitas vezes o seu caro Mecenas por causa dos seus “frisados” embebidos, como ele dizia, em óleo aromático e dos quais escarnecia, imitando-os humoristicamente. Tampouco poupava a Tibério, amante apaixonado, às vezes, de termos desusados e obscuros. Reprovava também em Marco Antônio a loucura de escrever coisas mais fáceis de admirar do que de compreender. Depois de gracejar a respeito do mau gosto e da inconsistência do seu estilo oratório, acrescenta: “Tu, também, tu balanças entre Címber Ânio e Verânio Flaco como modelos de estilo. Não sabes se empregarás as palavras que Caio Salústio pediu emprestadas às *Origens*, de Catão, ou se farás passar para a nossa língua o estilo verboso, mas oco, dos oradores asiáticos.” Noutra carta, louva o espírito da sua neta Agripa, dizendo-lhe: “Livra-te, sobretudo, de escrever ou de falar com afetação.”

Vê-se pelas suas cartas autógrafas que ele empregava amiudadamente, ao falar, termos notáveis. Por exemplo, se queria caracterizar devedores que jamais saldariam suas dívidas, dizia “que pagariam nas calendas gregas”. Se exortava alguém a suportar o estado presente das coisas, fosse qual fosse, assim se expressava: “Contentemo-nos com esse Catão.” Para exprimir a pronta solução de um negócio apressado, sentenciava: “Mais depressa do que se cozinham aspargos.” Escrevia sempre *baceolus* por *stultus* (tolo), *pulleiaceus* por *pullus* (filhote de animal), “eu me porto vaporosamente” por “eu me porto mal”, *vacerosus* por *cerritus* (louco). Da mesma forma, ele dizia *simus* por *sumus* e *domos*, no genitivo singular, por *domus*. Jamais escreveu de outro modo estas duas palavras para que se visse que da sua parte não havia erro, mas hábito. Mais do que tudo, notei no seu modo de escrever o seguinte: ele não separava as palavras, e, ao invés de passar para a outra linha as letras excedentes, colocava-as imediatamente por cima, contornando-as com um traço.

Quanto à ortografia, isto é, às regras e à maneira de escrever estabelecidas pelos gramáticos, não se conformava estritamente com elas. Parece que ele se filiava à opinião dos que pensam que se deve escrever tal qual se fala. Que ele invertesse ou transpusesse, muitas vezes, não apenas letras, mas, ainda, sílabas, é um erro comum a todo mundo. E eu não o mencionaria se não se historiasse (o que me parece estranho) que ele dera um sucessor a um lugar-tenente consular sob o pretexto de que era bruto e ignorante, por ter escrito *ixi* em lugar de *ipsi*. Todas as vezes que escrevia em algarismos, trocava o *b* pelo *a*, o *c* pelo *b* e assim por diante, quanto às outras letras. Ao invés de *z*, escrevia *a*.

Tampouco era medíocre o seu gosto para as letras gregas, nas quais sobressaiu muito. Foi seu mestre de eloquência Apolodoro de Pérgamo, já avançado em idade, que ele, rapaz ainda, conduziu consigo de Roma a Apolônia. Rapidamente enriqueceu-se de uma série de conhecimentos na intimidade do filósofo Aréus e dos seus filhos Dionísio e Nicanor. Não falava o grego correntemente, nem ousava escrever nesta língua. Porém, se as circunstâncias o exigiam, escrevia em latina e dava a outro para traduzir. A poesia grega não lhe era, também, inteiramente desconhecida. Costumava deleitar-se com a comédia antiga, fazendo representá-la nos espetáculos públicos. Na leitura dos autores duma e doutra língua, não procurava mais

do que preceitos e exemplos úteis à vida pública ou privada. Transcrevia-os, palavra por palavra, e os enviava ordinariamente ou aos membros da sua casa, ou aos chefes dos exércitos e das províncias, ou ainda aos magistrados da cidade, conforme a necessidade de serem advertidos. Chegou, até, a ler livros inteiros ao Senado e outras vezes dava-os a conhecer ao público por meio dum édito, como os discursos de Quinto Metelo *Sobre a propagação da família* e os de Rutílio *Sobre a maneira de construir*. Queria provar deste modo que os dois assuntos haviam interessado muita gente antes dele e que os antigos também os tinham tomado a peito. Encorajou por todos os meios os gênios do seu século. Ouvia, com não menor boa vontade do que paciência, os que lhe liam não apenas versos e histórias, mas, ainda, discursos e diálogos. Entretanto, nunca animou ninguém a que o tomassem como assunto das suas obras, a menos que se tratasse de escritores eminentes e, assim mesmo, num estilo grave. Recomendava aos pretores que não permitissem a inclusão do seu nome nos concursos literários.

Quanto às crenças supersticiosas, eis o que se conta a seu respeito: o trovão e os relâmpagos lhe produziam tal medo que chegavam a enfraquecê-lo, e para preservar-se deles carregava sempre, por onde andasse, uma pele de veado-marinho. À menor suspeita de uma tempestade mais ou menos forte, costumava retirar-se para um lugar secreto e abobadado, desde o tempo em que se assustara com o ziguezague de um raio, numa marcha realizada à noite, tal qual como o descrevemos linhas acima.

Não menos prezava, em absoluto, os sonhos, nem os seus, nem os dos outros, se estes lhe diziam respeito. Na batalha de Filipe, resolvera não sair da sua tenda, em virtude do mau estado da sua saúde. Porém, prevenido do sonho de um amigo, saiu, no que fez muito bem, pois, tomado o seu acampamento, os inimigos se atiraram contra a sua liteira, furaram-na e reduziram-na a cacos, como si ele ali estivesse dormindo. Durante a primavera, era assaltado por mil visões terríficas, vãs e quiméricas. No decurso do resto do ano, estas visões eram mais raras. Ao tempo em que frequentava assiduamente o templo dedicado a Júpiter Tonante, no Capitólio, sonhou que Júpiter Capitolino se queixava do afastamento dos seus adoradores e que ele lhe respondera que a falta cabia ao Tonante, que lhe servia de porteiro. Em consequência, mandou pendurar campainhas na cumeeira do edifício como se penduram comumente nas portas. Foi tam-

bém de acordo com uma visão noturna que ele pediu esmola ao povo, em determinado dia do ano, estendendo a mão em concha às pessoas que lhe ofereciam moedas.

Considerava absolutamente seguros certos auspícios e presságios. Se, de manhã, se calçava mal ou se calçava no pé direito o sapato do esquerdo, era um mau sinal. Se, no momento de partir para uma longa viagem, por terra ou por mar, orvalhava, era bom sinal: anunciava uma volta pronta e feliz. Impressionava-se sobretudo com os prodígios. Transportou para o santuário dos seus deuses penates uma palmeira nascida defronte da sua casa, por entre as juntas das pedras, e não poupou esforços para que ela vicejasse. Na ilha de Capri, à sua chegada, os galhos de um velho carvalho, enfraquecidos e já curvados para a terra, se altearam de novo: sentiu com isso tal alegria que trocou a ilha de Capri pela de Enária (145). Tinha muito cuidado, também, com certos dias. Não se punha em marcha no dia seguinte ao da realização das feiras e não iniciava nenhuma tarefa séria no dia de “nonas”. Dizia ele numa carta a Tibério que não pretendia com isso senão evitar a funesta influência desta palavra.

Em relação aos ritos estrangeiros, tanto respeitou religiosamente os consagrados pela tradição como desprezou os demais. Recebido em Atenas no número dos iniciados, teve mais tarde de reconhecer e julgar em Roma privilégios de que eram detentores os sacerdotes da Ceres Ática. Como, porém, se adiantassem certos segredos, demitiu os assessores e o círculo de auditores para que pudesse ouvir, sozinho, as partes. Na sua viagem ao Egito, pelo contrário, não fez o menor rodeio para ver o boi Ápis e louvou seu neto Caio por não ter sacrificado, ao passar pela Judeia, ao deus de Jerusalém.

Já que estamos tratando deste assunto, não será fora de propósito relatar aqui os presságios que lhe precederam o nascimento, os que o acompanharam e o seguiram e que eram de molde a fazer esperar e desejar-lhe uma grandeza futura e uma felicidade constante. Como caísse outrora um raio numa parte das muralhas de Velítris, respondeu o oráculo que um cidadão daquela cidade chegaria, um dia, ao poder. Confiantes nesta resposta, os habitantes de Velítris desencadearam subitamente uma guerra contra o povo romano e muitas outras mais tarde que quase os levaram à ruína. Não foi senão muito tempo depois que os acontecimentos provaram

que aquela predição se referia ao poder de Augusto. Júlio Marato afirma “que poucos meses antes do nascimento de Augusto um prodígio anunciara publicamente, em Roma, que a natureza daria à luz um rei para o povo romano e que o Senado, assustado, proibira a educação das crianças nascidas naquele ano. Aqueles, porém, cujas mulheres estavam grávidas, atribuindo-se cada qual tamanha ventura, impediram que o *senatus consulto* fosse levado aos arquivos (146). Li nos livros de Asclepiades Mendes *Sobre as coisas divinas* que Ácia, tendo ido à meia-noite a um sacrifício solene, em honra de Apolo, dormiu na sua liteira colocada no templo, ao passo que as outras matronas se retiravam; que, de súbito, uma serpente se arrastou para o seu lado, retirando-se pouco depois; que, ao acordar, purificou-se como se tivesse dormido com seu esposo; que, imediatamente, viu impressa no seu corpo uma serpente: marca que jamais conseguiu apagar, tanto assim que daí por diante se absteve de aparecer nos banhos públicos; que Augusto nasceu no décimo mês e passou, conseqüentemente, por filho de Apolo. A mesma Ácia, antes de dar à luz, sonhou que suas entranhas subiam para os astros e se desprendiam por toda a extensão da terra e do céu. Otávio, pai de Augusto, sonhou, também, que o esplendor do sol saía do seio de Ácia. No dia em que ele nasceu, como se discutisse na Cúria a conspiração de Catilina e como Otávio, em virtude do parto da sua mulher, tivesse chegado muito tarde, é fato notoriamente público que Públio Nígídio, ao saber da causa deste atraso, declarou que havia nascido um senhor para o universo. Mais tarde, Otávio, conduzindo seu exército através das regiões longínquas da Trácia, consultou, cumprindo no bosque sagrado do deus os ritos bárbaros, a respeito do seu filho. Recebeu dos sacerdotes a mesma resposta: logo que o vinho fora espalhado no altar, dele jorrou uma flama tão grande que ultrapassou a cumeeira do templo, projetando-se no céu. Ora, semelhante prodígio não acontecera senão para Alexandre Magno, ao sacrificar-se nos mesmos altares. Na noite seguinte, acreditou ver seu filho de um tamanho sobre-humano, armado do raio e do cetro, revestido dos despojos de Júpiter Altíssimo e Boníssimo, coroado de esplendores num carro ornado de loureiros, puxado por 12 cavalos duma brancura imaculada. Lê-se nas memórias de Caio Druso que, tendo a ama de leite deitado o bebê, de noite, no berço, no andar térreo, não o encontrou aí no dia seguinte. Depois de muita procura, foram encontrá-lo, afinal, no

ápice de uma torre altíssima dormindo e voltado para o sol nascente. Assim que pôde falar, impôs silêncio às rãs, que faziam muito barulho na casa de campo de seu pai. Assegura-se que desde então as rãs nunca mais coaxaram ali. À altura do quarto marco miliário, na estrada da Campânia, enquanto almoçava num bosque, uma águia lhe arrancou bruscamente o pão das mãos, mas, de súbito, voltou, depois de um voo muito alto, para devolvê-lo em seguida, descendo suavemente. Quinto Catulo, após haver consagrado o Capitólio, teve visões durante duas noites consecutivas: na primeira, viu Júpiter Altíssimo e Boníssimo separar um dos numerosos meninos, de toga pretexta, que brincavam em torno do altar e colocar-lhe no seio o estandarte da República que ele empunhava. Na segunda, notou o mesmo menino nos joelhos de Júpiter Capitolino. Como ordenasse o seu afastamento, foi nisso impedido por um aviso do deus, dizendo-lhe que o educasse para a proteção da República. No dia seguinte, ao encontrar Augusto, que ele jamais vira em parte alguma, contemplou-o, não sem surpresa, pois, segundo afirmou, possuía uma perfeita semelhança com o menino com o qual sonhara. O primeiro sonho de Catulo é contado diferentemente por outros. De acordo com estes, numerosos meninos, de toga pretexta, pediram um tutor a Júpiter. Designou o deus, entre eles, um, ao qual deviam todos expor os seus desejos. Depois, porém, de lhes ter dado os dedos a beijar, ele os levou à boca. Marco Cícero, ao acompanhar César ao Capitólio, contava aos seus familiares um sonho que tivera na noite precedente: vira um rapaz, de belo aspeto, descer do céu, no meio de uma cadeia de ouro, e parar diante das portas do Capitólio, onde Júpiter lhe entregara um chicote. Depois, ao enxergar, de chofre, Augusto, que era ainda desconhecido da maior parte dos assistentes e que viera com o seu tio César ao sacrifício, assevera Cícero que era ele, justamente, o menino cuja imagem lhe aparecera durante o sono. Ao envergar Augusto a toga viril, a sua túnica laticlávica, descosida dos dois lados, caiu-lhe aos pés. Algumas pessoas concluíram disso que a ordem, da qual esta vestimenta é o distintivo, lhe seria, um dia, submetida. Ao procurar em Munda um local para organizar seu acampamento, encontrou o divino Júlio uma palmeira numa floresta que mandara abater e deu ordem para conservá-la como presságio de vitória. O renovo logo nascido desta palmeira cresceu de tal forma em poucos dias que não somente igualou, mas, ainda, cobriu com a

sua sombra a palmeira mãe. Nela, um bando de pombas (147) estabeleceu ninhos, não obstante a extrema repugnância desta espécie de pássaros por uma folhagem áspera e dura. Este prodígio foi – conta-se – o motivo mais imperioso que levou César a não querer outro sucessor senão o neto da sua irmã. Na sua retirada de Apolônia subira, em companhia de Agripa, ao observatório do matemático Teógenes. Como Agripa, que consultara em primeiro lugar, ouviu-se predições magníficas e quase incríveis, Augusto se conservara calado e se obstinara em não querer dizer o dia do seu nascimento, acreditando, cheio de vergonha, ficar numa posição inferior à daquele. Quando, porém, depois de muitas negativas, se decidiu, não sem hesitação, a falar, Teógenes atirou-se-lhe aos pés e o adorou como um deus. Desde então foi tal a fé que Augusto depositou no seu destino que deu publicidade ao horóscopo e mandou cunhar uma medalha de prata com o signo do Capricórnio, sob o qual nascera.

Depois da morte de César, ao entrar Augusto na cidade, de volta de Apolônia, viu-se repentinamente, sob um céu puro e sereno, um círculo semelhante a um arco-íris rodear o globo do sol e o raio golpear várias vezes o monumento de Júlia, filha de César. No seu primeiro consulado, ao consultar certa vez os áugures, 12 abutres lhe apareceram como acontecera a Rômulo. E, enquanto as imolava, os fígados das vítimas, estendidos, deixavam ver até a mais recôndita fibra, o que, conforme a crença dos conhecedores, não era mais do que presságio de um grande e feliz destino.

Mais do que todos, pressentiu de longe o resultado de todas as suas guerras. Quando as tropas dos triúmviros se concentraram para a cerca de Bolonha, uma águia, pousada na sua tenda, derrotou dois corvos que a atacavam à direita e à esquerda, atirando-os por terra. Todo o exército concluiu desse fato que a discórdia se acenderia, um dia, entre os chefes, como efetivamente veio a acontecer, tal qual como no presságio. Em Filipe, um tessalino anunciou-lhe a vitória da parte do divino César, cuja imagem lhe aparecera num caminho ermo. Nas cercanias de Perúsia, como o sacrifício não desse resultado, fez aumentar o número de vítimas. Os inimigos, porém, numa incursão, arrebataram-lhe todo o aparato do ritual. Os arúspices concordaram, então, em que todos os perigos e todas as infelicidades que acabavam de ser anunciadas ao sacrificador recairiam sobre os que possuíssem as entranhas das vítimas. Os acontecimentos não desmentiram

a predição. Nas vésperas do combate naval nas costas da Sicília, Augusto passeava pela praia: um peixe saltou para fora d'água e caiu-lhe aos pés. No Ânzio, ao sair para o combate, encontrou um burrinho e seu guia: o homem chamava-se “Eutyclus” (feliz) e o animal “Nicon” (vencedor). Vitorioso, erigiu aos dois uma estátua de bronze no templo que mandou construir no local do seu acampamento.

Também sua morte (de que falarei mais adiante) e sua apoteose foram anunciadas pelos prodígios mais evidentes. Ao ocupar-se do encerramento de uma festa lustral, no Campo de Marte, perante grande afluência popular, uma águia voou várias vezes em seu derredor e, dirigindo-se em seguida em direção ao templo vizinho, pousou em cima da primeira letra da gravação do nome de Agripa. Impressionado com este espetáculo, Augusto encarregou seu colega Tibério de pronunciar os votos que era costume formular para o lustro vindouro. Embora as tábuas já estivessem escritas e prontas, Augusto recusou principiar o que não devia terminar. Na mesma ocasião caiu um raio sobre a sua estátua, apagando-lhe a primeira letra do nome. O oráculo respondeu que ele não viveria mais do que 100 dias, número marcado pela letra *C*, e que seria colocado na categoria dos deuses, porque “*aesar*”, que era o resto do nome de “*Caesar*”, significa “deus” em língua etrusca. Dispôs-se, pois, a enviar Tibério à Ilíria e a acompanhá-lo até Benevento. Como visse, porém, que importunos o retinham, submetendo-lhe ao julgamento processos e mais processos, exclamou (e isto mesmo foi catalogado entre os presságios) “que, embora tudo o impedisse, não ficaria por muito tempo em Roma”. Pôs-se a caminho. Alcançou Astura (148) e aí, contrariamente aos seus hábitos, embarcou de noite, à mercê dos ventos.

Sua última doença principiou por uma diarreia. Percorreu então as costas da Campânia, contornou as ilhas vizinhas e demorou quatro dias num retiro em Capri, no repouso mais absoluto e excelentemente humorado. Num dia em que perlongava a baía de Puzoles, os passageiros e marinheiros de um navio de Alexandria, que acabava de atracar, vestidos de branco, coroados de flores e a queimarem incenso, cumularam-no de votos de felicidades e de louvores extraordinários, dizendo “que graças a ele viviam; graças a ele navegavam; graças a ele gozavam da liberdade e da riqueza”. Encantadíssimo com essas demonstrações, distribuiu a cada

um dos seus companheiros 40 peças de ouro e lhes fez prometer, sob juramento, que não comprariam com aquela soma senão mercadorias de Alexandria. Nos dias seguintes, distribuiu ainda, entre outros presentes de vária espécie, togas e mantos, sob a condição de que os romanos adotariam o vestuário e a língua dos gregos e os gregos o vestuário e a língua dos romanos. Assistia assiduamente aos exercícios dos efébos, numerosos dos quais eram educados ainda em Capri, dentro dos antigos princípios. Chegou a mandar servir-lhes um banquete na sua presença, permitindo e exigindo mesmo que os deixassem brincar à vontade, inclusive apanhar os frutos, as iguarias e os objetos que se lhes atirassem. Numa palavra: não se furtava a nenhuma sorte de divertimento. Chamava à ilha vizinha de Capri “Apragópolis” (cidade do ócio), em virtude da madraçaria em que viviam os do seu séquito, nela recolhidos. Entre os seus favorecidos havia um, de nome Masgaba, a que tinha por costume chamar “Ctiste”, como se fora o fundador da ilha. Este Masgaba havia um ano que era morto. Sentado à mesa, notou Augusto certa vez que uma grande multidão, de archotes em punho, se tremia em torno do seu túmulo. Então, improvisou este verso, que pronunciou em voz alta:

“Eu vejo a tumba do meu Ctiste toda em chamas.”

E voltando-se para Trasilo, companheiro de Tibério, que se deitara na mesa de costas e que ignorava o que se estava passando, perguntou-lhe Augusto de que poeta era aquele verso. Como hesitasse o seu interlocutor, compôs ainda este:

“Vês acaso Masgaba honrado pelo fogo?”

e tornou a fazer-lhe a mesma pergunta. Como Trasilo se limitasse a responder-lhe que os versos, fosse quem fosse o autor, eram excelentes, Augusto riu às gargalhadas e expandiu-se em gracejos. Sem tardança, passou a Nápoles, embora estivesse sempre mais ou menos doente dos intestinos. Todavia, assistiu aos jogos ginásticos quinquenais, instituídos em sua honra, e atingiu, em companhia de Tibério, o termo da viagem. Na volta, porém, agravando-se o seu estado de saúde, acamou-se em Nola. Mandou chamar Tibério, conversou com ele secretamente, durante muito tempo, e, desde então, não mais se interessou por nenhum negócio de importância.

No último dia de volta procurou informar-se, repetidas vezes, sobre se seu estado provocava tumulto lá fora. Pediu um espelho, mandou

pentear os cabelos e friccionar as faces, que estavam flácidas. Recebeu depois os amigos e lhes perguntou “se achavam que havia representado bem a farsa da vida” e ajuntou o final:

“Se tudo correu bem, aplaudi a peça e batei palmas prazenteiramente.”

A seguir, despediu-se e solicitava notícias da filha de Druso, que estava doente, aos que chegavam da cidade, quando desfaleceu, subitamente, nos braços de Lívia, a quem disse: “Lívia, lembra-te da nossa união: vive e sê feliz.” A morte que o destino lhe concedeu foi suave, tal qual sempre desejara: pois, todas as vezes que ouvia dizer que alguém morrera logo e sem padecimentos, almejava para si e para os seus igual “eutanasia” (conforme a palavra que costumava empregar). Não deu, antes de entregar a alma, senão um único sinal de perturbação mental, em virtude de um susto subitâneo: queixava-se que estava sendo arrebatado por 40 rapazes. Isto foi ainda mais um presságio do que uma mostra de fraqueza do seu espírito. Pois foi este o número exato de soldados pretorianos que conduziram seu corpo publicamente.

Morreu no mesmo quarto em que morrera seu pai Otávio, sob o consulado dos dois Sextos, Pompeu e Apuleio, no décimo quarto dia das calendas de setembro, à nona hora do dia, com 66 anos de idade menos 35 dias. Os decuriões dos municípios e das colônias conduziram seu corpo de Nola a Bovilis, durante a noite, em virtude da estação corrente, ao passo que de dia depositavam o corpo na basílica de cada cidade ou no maior dos templos existentes. Em Bovilis, a ordem dos cavaleiros o recebeu, conduzindo-o à cidade, e o colocou no vestibulo da sua própria casa. O Senado mostrou-se zeloso na organização da pompa dos seus funerais e em honrar-lhe a memória. Entre outros projetos, uns propuseram que o enterro passasse pela porta triunfal, precedido da Vitória, que está na Cúria, e seguido de crianças nobres dos dois sexos a cantarem nênias, enquanto que outros queriam que no dia das exéquias se trocassem os anéis de ouro (149) por anéis de ferro, e outros, ainda, desejavam fossem-lhe os ossos recolhidos por sacerdotes dos colégios superiores (150). Um senador propôs dar o nome de Augusto ao mês de setembro porque ele nascera e morrera neste mês. Outro, que todo o espaço de tempo decorrido entre o seu nascimento e a sua morte recebesse o nome de “século de Augusto”

e assim fosse registrado nos fastos. Todas estas honras foram limitadas. Fizeram-lhe o elogio em dois lugares: diante do templo do divino Júlio, por Tibério, e diante dos antigos Rostros, por Druso, filho de Tibério. Os senadores carregaram-no nos ombros até ao Campo de Marte, onde o cremaram. Aí, um antigo pretor jurou que vira a imagem de Augusto, incinerada, subir ao céu. Os principais da ordem equestre, em túnica, sem cinto, pés descalços, recolheram as cinzas e as depositaram no mausoléu que ele próprio em vida erigira entre a Via Flamínia e a margem do Tibre, durante o seu sexto consulado, e cujas boscagens e passeios que o contornam ele abrira então à frequência pública.

Seu testamento, feito sob o consulado de Lúcio Planco e Caio Sílis, aos três dias das nonas de abril, um ano e quatro meses antes da sua morte, e composto de dois cadernos, escritos em parte pelo seu próprio punho e em parte pelo dos seus libertos Políbio e Hilaríão, foi levado pelas vestais que o haviam recebido em depósito com mais três volumes igualmente selados. Tudo foi aberto e lido no Senado. Augusto instituiu herdeiros, em primeira linha, a Tibério e Lívia, ordenando-lhes que lhe conservassem o nome. Em segunda, Druso, filho de Tibério, Germânico e seus três filhos do sexo masculino. Em terceira, numerosos parentes e amigos. Legou ao povo romano 40 milhões de sestércios. Aos tribunos, três milhões e 500 mil sestércios. Aos soldados pretorianos, mil sestércios por cabeça. Aos legionários, 300. Determinou que se pagasse esta soma em dinheiro, que ele a tinha sempre reservado em caixa. Fez vários outros legados, dos quais alguns iam até 20 mil sestércios. Concedeu o prazo de um ano para o seu pagamento e pediu desculpas pela mediania do seu patrimônio, afirmando que não tocava aos seus herdeiros quantia superior a 150 milhões de sestércios, embora no espaço dos 20 últimos anos recebesse mais em testamento de amigos. O Estado, porém, absorvera todas as heranças. Proibiu que as Júlias, filha e neta, quando morressem, fossem enterradas no seu túmulo. Dos três volumes, um continha prescrições sobre os seus funerais. O outro, um sumário das suas ações, feito para ser gravado em pranchas de bronze na fachada do seu mausoléu. O terceiro, um quadro sinótico de todo o Império, o número de soldados na ativa, as somas que se encontravam no Erário e nas Caixas e o saldo dos impostos. Deixou até o nome dos libertos e dos escravos a quem se podiam pedir contas.

.....

Tibério Nero César

A FAMÍLIA PATRÍCIA dos Cláudios (pois, há, também, de igual nome uma família plebeia, que lhe não era inferior nem em poder, nem em dignidade) saiu de Régilis, cidade dos sabinos. Daí veio ela com um séquito numeroso de protegidos estabelecer-se em Roma, recentemente fundada, a convite de Tito Tácio ou, o que é mais provável, de Ata Cláudio, chefe desta família. Seis anos, mais ou menos, após a expulsão dos reis, ela foi admitida pelos senadores no número das famílias patrícias. Recebeu, da República, terras além do Ânio para os seus sequazes, e, para ela, um lugar destinado a sepultura, ao pé do Capitólio (151). Depois, com o decorrer do tempo, obteve 28 consulados, cinco ditaduras, sete censuras, sete triunfos e duas ovações. Dos diversos prenomes e sobrenomes que a distinguiam, rejeitou unanimemente o prenome de Lúcio, porque dois dos seus membros, que o adotaram, haviam sido condenados: um, por banditismo e outro, por assassínio. Mas, entre outros sobrenomes, tomou o de Nero, que em linguagem sabina significa bravo e valente.

Muitos Cláudios se distinguiram por numerosas façanhas. Outros, por numerosos delitos. Lembremos apenas os principais: Ápio Ceco, que dissuadiu a conclusão de uma aliança com o rei Pirro, considerada por

ele pouco vantajosa. Cláudio Cáudex, o primeiro a passar o estreito com uma frota (152), expulsou os cartagineses da Sicília.

Cláudio Nero esmagou Asdrúbal (153), ao chegar da Espanha, com forças consideráveis, antes que este fizesse junção das suas tropas com as do seu irmão Aníbal. De outro lado, Cláudio Ápio, de Régilis, decênviro encarregado da redação das leis, havendo tentado, para saciar a sua concupiscência, reclamar, violentamente, como escrava, uma menina de condição livre, foi a causa de uma segunda secessão da plebe contra os patrícios. Cláudio Druso, depois de ter mandado erguer a sua estátua com um diadema na testa, perto do Fórum de Ápio, tentou apossar-se da Itália por meio dos seus prosélitos. Cláudio Pulcro, na Sicília, como visse que os frangos servidos aos auspícios não comiam, fê-los jogar ao mar para que bebessem, visto não quererem se alimentar. Depois, travou a batalha naval. Vencido e intimado pelo Senado a designar um ditador, indicou seu criado Glícias. As mulheres ofereceram também, igualmente, exemplos contrários. A mesma família deu as duas Cláudias: a que retirou as areias do Tibre, onde encalhara o navio que conduzia Cibele, mãe dos deuses, com a súplica, em voz alta, de “que permitissem as potestades que o navio a seguisse, se é que estavam seguras da sua castidade”; e a que foi julgada perante o povo por crime de lesa-majestade, crime esse de novo gênero, por ter ela feito o voto público num dia em que a multidão compacta consentia apenas na passagem do seu carro e desejado “que seu irmão Pulcro ressuscitasse e perdesse uma segunda frota para que, assim, houvesse, naquele momento, menos povo em Roma”. Aliás é fato inteiramente notório que, à exceção de Públio Clódio – que para expulsar Cícero da cidade se fez adotar por um plebeu e, ainda por cima, mais jovem do que ele –, todos os Cláudios foram aristocratas e partidários absolutos das prerrogativas e do poder dos patrícios e se mostraram tão violentos e orgulhosos a respeito do povo que, mesmo sob o golpe de uma acusação capital, nenhum quis tomar o hábito de suplicante, nem humilhar-se em fazer rogatórios. Outros, no meio dos debates e das discussões, chegaram a agredir os tribunos do povo. Uma Cláudia, que era uma virgem vestal, subiu ao carro do seu irmão, que triunfava, apesar do povo, e o acompanhou até o Capitólio, a fim de que nenhum tribuno pudesse vetar ou interceder contra a homenagem.

Foi desta família que Tibério César tirou a sua origem e dos dois lados, ao mesmo tempo: seu pai descende de Tibério Nero e sua mãe de Ápio Pulcro, ambos filhos de Ápio Ceco. Lívia pertencia à família por parte do seu avô materno (154), cuja adoção incluiu-a nela. Esta família, não obstante plebeia, foi, entretanto, das mais florescentes, honrada com oito consulados, com duas censuras, com três triunfos, com a própria ditadura e com um magistério de cavalaria. Foi, também, enobrecida por personagens notáveis, particularmente por Salinator e por Druso. Salinator, na censura, apontou todas as tribos como culpáveis de leviandade por tê-lo feito cônsul duas vezes e censor, depois de o ter condenado a uma multa, após o seu primeiro consulado. Druso adquiriu este sobrenome, para si e para os seus descendentes, por ter morto numa luta, corpo a corpo, o chefe inimigo chamado Drauso. Conta-se também que, exercendo o cargo de vice-pretor, trouxe da província da Gália o ouro, dado outrora aos Senones, por ocasião do sítio do Capitólio e que não lhe fora retomado à força por Camilo, como diz a lenda. Seu segundo sobrinho, nomeado patrono do Senado, em virtude do seu incansável concurso contra os Gracos, deixou um filho que, por se haver entregue a tramóias de toda espécie, numa semelhante dissensão, pereceu vítima de emboscada da fração adversária.

O pai de Tibério, questor de Caio César, comandante da frota na guerra de Alexandria, muito contribuiu para a vitória. Assim, foi nomeado pontífice, em lugar de Públio Cipião, e encarregado de conduzir colônias às Gálias, entre as quais as de Narbona e Arles. Entretanto, ao morrer César, quando todos, com medo de perturbações, propunham a anistia, ele chegou a opinar que se deliberasse a respeito das recompensas aos tiranicidas. Depois, ao concluir a sua pretoria, e ao ver, no fim do ano, a discórdia lavrar entre os triúnviros, conservou suas insígnias (155) além do tempo legal, acompanhou o cônsul Lúcio Antônio, irmão do triúnviro, a Perúsia e, não obstante a submissão dos outros, ficou sozinho, a sustentar a sua causa, retirando-se em seguida: primeiramente, para o Preneste e a seguir para Nápoles. Após ter conclamado em vão os escravos à liberdade, rumou para a Sicília. Indignado, porém, por não ter sido recebido imediatamente por Sexto Pompeu e proibido de usar os fasces, passou-se para o lado de Marco Antônio, na Acaia. Em breve retornou com ele a Roma, ao ser a paz restabelecida entre todos, e cedeu a Augusto, que lha pedira, a sua mulher

Drúsila (156), que se achava grávida por então e já lhe havia dado um filho. Morreu pouco depois, deixando dois filhos: Tibério e Druso Nero.

Julgavam algumas pessoas que Tibério tivesse nascido em Fundi, dando crédito à frágil conjectura de que seu avô materno era de Fundi (157) e que, logo em seguida, lhe fora levantada uma estátua da Felicidade por decreto do Senado. De acordo, porém, com as tradições mais numerosas e mais seguras, ele nasceu em Roma, no monte Palatino, no dia 6 das calendas de dezembro, sob o segundo consulado de Marco Emílio Lépidio e Lúcio Planco, após a guerra de Filipe. É assim, aliás, que seu nascimento vem relatado nos fastos ou atos públicos. Não faltam autores, entretanto, que lhe datem o nascimento no ano precedente, sob o consulado de Hércio de Pansa. Outros, no ano seguinte, sob o consulado de Servílio Isáurico e de Antonino.

Conheceu, ao nascer e durante a infância, a fadiga e o perigo. Companheiro dos seus parentes na fuga, traiu-os duas vezes com os seus vagidos, quando estes procuravam embarcar clandestinamente para Nápoles, no momento da invasão inimiga: uma vez, porque o arrancaram do seio da ama de leite; outra, porque o tiraram dos braços da mãe que naquele instante, crítico para as mulheres fracas, procurava aliviar-se do fardo. Conduzido à Sicília e à Acaia, foi publicamente confiado aos lacedemônios que se encontravam sob a proteção de Cláudio. Ao deixá-los, foram os fugitivos obrigados a terminar a viagem com uma marcha noturna. Ao atravessar, porém, uma floresta, levantou-se, rapidamente, de todos os cantos pelos quais tentassem atravessar, tanto fogo, e de tal maneira foram envolvidos, que Lívia teve queimada parte das vestes e do cabelo! Conservam-se e mostram-se ainda em Baía os presentes que lhe deu, em Sicília, Pompeia, irmã de Sexto Pompeu: uma clâmide, um broche e colares de ouro. De retorno à cidade, foi adotado, em testamento, pelo senador Marco Gálio. Recolheu sua herança, mas cessou logo de usar-lhe o nome, porque Gálio pertencera ao partido contrário ao de Augusto. Com a idade de nove anos proferiu, diante da tribuna róstris, o elogio do seu pai morto. Mais tarde, na adolescência, acompanhou o carro de Augusto, no triunfo do Ânzio (158), montando o cavalo do tiro dianteiro esquerdo, enquanto Marcelo, filho de Otávio, cavalgava o da direita. Presidiu também aos Jogos Acácios

e aos Jogos Troianos do Circo, onde dirigia o grupo dos rapazes mais idosos (159).

Ao envergar a toga viril, passou a juventude e todo o intervalo decorrido até a sua elevação ao principado sem nada de importante. Ofereceu dois combates de gladiadores. Um em memória do pai e outro em memória do avô, Druso, em tempos e lugares diferentes. A primeira vez, no Fórum. A segunda, no anfiteatro. Gladiadores eméritos aí se apresentaram, mediante a soma de cem mil sestércios. Ofereceu, também, jogos sempre com magnificência, a expensas da mãe e do avô. Desposou Agripina, filha de Marco Agripa, neta de Cecílio Ático, cavaleiro romano, a quem Cícero enviara cartas. Teve dela um filho, Druso, e não obstante dar-se bem com a mulher e tê-la novamente engravidado viu-se forçado a repudiá-la e casar-se a toda pressa com Júlia, filha de Augusto. Isto, porém, não aconteceu sem grande angústia, pois Tibério se sentia estreitamente ligado a Agripina e condenava a conduta de Júlia, que, mesmo em vida do primeiro marido, lhe fizera antecipações amorosas, como era do domínio público. Lamentou vivamente o ter-se divorciado de Agripina e, ao encontrá-la, certa feita, por acaso, atirou-lhe olhares tão ardentes e tão cheios de lágrimas que se evitou ela (160) lhe aparecesse de novo, daí por diante. A princípio, viveu bem com Júlia, amando-se ambos mutuamente. Cedo, porém, afastou-se dela, a ponto de dormirem em leitos separados. Um filho, prova desse amor, nascido em Aquileia, morreu ainda criança. Perdeu na Germânia seu irmão Druso e conduziu-lhe o corpo até Roma, acompanhando-o a pé durante todo o trajeto.

Estreou nas funções cívicas defendendo, no tribunal de Augusto, o rei Aquilaus, os tralianos e os tessalianos, todos em processos diferentes. Interveio no Senado a favor dos habitantes de Laodiceia, Tiatira e de Quio, vítimas de um tremor de terra e que imploravam socorro. Acusou do crime de lesa-majestade, fazendo-o condenar, a Fábio Cipião, que conspirava contra Augusto ao lado de Varão Murena. Ocupava, ao mesmo tempo, dois cargos: o de provedor de mantimentos, que começavam a tornar-se reduzidos, e o de visitador dos ergástulos da Itália, cujos senhores haviam incorrido no odiosidade pública.

Iniciou-se, belicamente, na expedição contra os cântabros, na qualidade de tribuno militar. Mais tarde, conduzindo um exército ao

Oriente, restituiu a Tigrana o reino da Armênia e, do alto do seu tribunal, colocou o diadema na sua cabeça. Recebeu, também, o estandarte que os partos haviam arrebatado a Marco Crasso. Depois disso, governou cerca de um ano a Gália Comata, agitada pelas incursões dos bárbaros e pelas discórdias dos chefes. Fez, então, a guerra da Rétia e da Vindelícia; em seguida, a da Panônia, e, finalmente, a da Germânia. Na da Rétia e da Vindelícia, submeteu os povos dos Alpes. Na da Panônia, transplantou para a Gália 40 mil homens que se entregaram sem condições e os estabeleceu nas terras que lhe haviam sido concedidas, ao longo do Reno. Em virtude dessas façanhas, recebeu a ovação e, segundo outras opiniões, foi o primeiro que entrou na cidade num carro com ornamentos triunfais, gênero novo de glorificação que ninguém, antes dele, se atribuía jamais. Conseguiu magistraturas sem ter atingido ainda a idade necessária e exerceu, ininterruptamente (161), a questura, a pretoria e o consulado. Após um intervalo (162), foi cônsul pela segunda vez e recebeu até o poder tribunício por cinco anos!

Com uma tal messe de prosperidade e em pleno viço da mocidade, resolveu, entretanto, subitamente, retirar-se e afastar-se o mais possível da cena política. Tal atitude talvez fosse determinada pelo desgosto da mulher, a quem não ousava nem acusar, nem repudiar, mas, também, a quem não mais podia suportar. Ou, então, para evitar a assiduidade da censura, afirmar sua autoridade pela ausência e reforçá-la até mesmo no caso de que a República viesse a necessitar de seus serviços. Pensam alguns que, ao chegarem à idade adulta os filhos de Augusto, ele lhes tivesse concedido, espontaneamente, o segundo grau, que ele mesmo, durante muito tempo, ocupara e, por assim dizer, usurpara, a exemplo de Marco Agripa, que, tendo sido chamado à vida pública, se achava retirado em Mitilene, para que sua presença não parecesse, em absoluto, a de um concorrente ou a de um censor. O próprio Tibério, todavia, confessou, mais tarde, este último motivo. No momento, pretextando saciedade de honras e necessidade de repouso, solicitou uma licença e nem retornou às funções, não cedendo nem às vivas instâncias de sua mãe, nem às súplicas do seu avô, que se queixou, no Senado, de ficar, assim, abandonado. Fez mais: como procurassem retê-lo peremptoriamente, passou quatro dias sem comer. Enfim, foi-lhe concedida licença para partir. Deixou em Roma a mulher e o filho, desceu

rapidamente a Óstia, sem responder uma só palavra aos que o acompanhavam e, dentre eles, não abraçou senão muito poucos e, assim mesmo, na ocasião de deixá-los.

De Óstia, pretendia perlongar as costas da Campânia, quando soube da enfermidade de Augusto. Parou um pouco. Porém, como se espalhasse o boato de que não se retirara para lá senão para ver realizarem-se-lhe as maiores esperanças, ganhando cada vez mais reputação, embarcou com tempo desfavorável para a ilha de Rodes, cujo clima doce e salubre o havia encantado ao visitá-la de volta da Armênia. Aí, contentou-se com uma casa modesta e um domínio que não era vasto, levando uma vida de simples cidadão, a passear de quando em quando pelos ginásios, sem litores nem criados e a entreter relações com gregos quase no mesmo pé de igualdade. Certa manhã em que organizava o seu programa diário, manifestou desejo de visitar todos os doentes da cidade. Seu pensamento, porém, foi compreendido às avessas pelos que o rodeavam e se expediram ordens para que todos os doentes fossem transportados para uma galeria pública e aí classificados, segundo o gênero da doença de cada qual. Tibério, impressionado com este espetáculo imprevisto, vacilou durante muito tempo sobre o que devia fazer e acabou por visitá-los apenas em redor e a pedir, por isso, desculpas junto do mais fraco e do mais obscuro cidadão. Uma única vez, pois o fato não mais se reproduziu, pareceu exercer os direitos que lhe conferia o poder tribunício. Como era assíduo às escolas e ao curso dos professores, travou, certa feita, uma violenta discussão com um deles. Tibério voltou tranquilamente para casa. Depois, retornou, de imediato, acompanhado de litores, chamou o seu insultador à barra do tribunal pela voz de um arauto e o remeteu à prisão. Avisaram-no, em seguida, que sua mulher Júlia havia sido condenada por devassidão e adultério e que a sua separação fora pronunciada em seu nome, dele, pela autoridade de Augusto. Embora contente com a notícia, achou que era de seu dever, enquanto estivesse ao seu alcance, escrever várias cartas para que o pai perdoasse à filha e para que se lhe deixasse, fossem quais fossem os agravos feitos, todo o dote que lhe fora concedido. Ao terminar o tempo do seu tribunato, confessou, afinal, que a sua partida de Roma não tivera outro escopo senão o de evitar qualquer suspeita de rivalidade com Caio e Lúcio. E pediu, estando para o futuro tranquilo a respeito deste ponto, pois o viam firme e muito co-

modamente no segundo lugar, que se lhe permitisse licença para rever os entes caros, de quem tinha saudades. Não a obteve, porém, e chegou a ser advertido de que não mais se lembrasse dos parentes, dos quais, de resto, manifestara tantos desejos de separação.

Ficou pois, em Rodes, contra a vontade, e, a muito custo, conseguiu, por intermédio de sua mãe, que Augusto, para cobrir esta afronta, lhe permitisse o apresentar-se como seu lugar-tenente. Porém desde então viveu não somente como homem particular, mas como homem suspeito e timorato. Escondido no interior da ilha, evitava visitas de cortesia com que o atormentavam os navegantes daquelas paragens, pois ninguém assumia um posto de comando ou um cargo qualquer sem escalar em Rodes. Teve, ainda, os maiores motivos para inquietação: tendo ido a Samos, a fim de visitar Caio, seu afilhado, encarregado do Oriente, constatou que as acusações de Marco Lólio, companheiro e mestre de Caio, o malquistaram com este. Foi suscitado, também, de se ter servido de alguns centuriões que lhe deviam o posto, os quais, após haverem dado baixa, se reuniam no seu acampamento, e de confiar a vários companheiros comissões equívocas. Parece que Tibério queria, assim, sondar o pensamento de cada um a respeito de uma próxima mudança. Como essa suspeita fosse confirmada por Augusto, ele não cessou de reclamar uma vigilância, fosse de que espécie fosse, para as suas ações e para as suas palavras.

Renunciou, também, aos exercícios habituais de equitação e, abandonando o vestuário patricio, ficou reduzido à capa e às sandálias gregas. Viveu cerca de dois anos neste estado, cada dia mais desprezado e mais odiado, a tal ponto que os habitantes de Nemauso (163) derrubaram-lhe os retratos e as estátuas. Num jantar de amigos, em que se falou dele, um conviva prometeu a Caio “embarcar, logo e logo, para Rodes, se assim o ordenasse, e lhe trazer a cabeça do exilado”. Era assim que chamavam a Tibério. Foi, pois, menos o medo do que o perigo que o forçou a juntar seus pedidos aos de sua mãe, no sentido de solicitar a volta. Obteve-a graças ao acaso que o ajudou também um pouco. Augusto havia resolvido nada decidir a este respeito senão de acordo com a vontade do seu filho mais velho. Ora este estava então malquistado com Marco Lólio. Mostrou-se, assim, tratável e indulgente para com Tibério. Caio o permitiu. Tibério foi, pois,

chamado, mas sob a condição de que não se imiscuiria, nem se ocuparia, absolutamente, do governo.

Retornou, após oito anos de ausência, com uma grande e inabalável esperança no futuro, concebida de acordo com os prodígios e presságios que tivera desde o início da vida. Grávida, querendo saber por diversos prenúncios se teria um menino, Lúvia chocou, a pouco e pouco, nas suas mãos e nas de suas mulheres, um ovo furtado à ninhada de uma galinha. Dele saiu um pinto magnificamente provido de crista. O astrólogo Escribônio previu um brilhantíssimo destino à criança, chegando a assegurar que ela reinaria um dia, mas sem as insígnias da realeza (o poder dos Césares era então desconhecido). No começo da sua primeira expedição, como conduziu o exército pela Macedônia para alcançar a Síria, aconteceu incendiarem-se, repentina e casualmente, os altares de Filipe, consagrados outrora às legiões vitoriosas. Sem demora, ao chegar à Ilíria, consultou o oráculo de Gerião, que o aconselhou a jogar os dados de ouro na fonte de Apona, a fim de obter uma resposta às suas perguntas. Ora, ao jogá-los, botou o mais alto número. Ainda hoje se podem ver esses dados no fundo da água. Poucos dias antes de ser chamado, uma águia, como outra jamais se vira em Rodes, pousou na cumeeira da sua casa. E na véspera do dia marcado para a partida, queimou-se-lhe completamente a túnica. Foi assim que pôde compreender toda a sabedoria do astrólogo Trasiló, que ele fizera vir a sua casa como mestre de filosofia, e que lhe afirmara que um navio, apercebido ao longe, lhe traria satisfação. Isto, na mesma ocasião em que Tibério, ao ver os acontecimentos tomarem um rumo penoso e contrário às predições, resolvera, num passeio com ele, atirá-lo ao mar, como impostor e indigno detentor dos seus segredos!

De volta a Roma fez seu filho Druso estreitar no Fórum. Depois, deixou as Carinas (164) e a casa de Pompeu para residir nas Esquílias, nos jardins de Mecenas. Aí, entregou-se inteiramente ao repouso, limitando-se apenas aos deveres de um particular, sem se ocupar de nenhuma função pública. Falecidos Caio e Lúcio, no espaço de dois anos, Tibério foi adotado por Augusto, ao mesmo tempo que seu irmão Marco Agripa, depois de ter sido, ele próprio, obrigado a adotar Germânico, filho de seu irmão. Desde então, não mais agiu como chefe de família. Não mais enfeixou nenhuma soma de direitos que a adoção lhe fizera perder. Não fez nenhuma doa-

ção. Não concedeu nenhuma alforria. Não recebeu nem mesmo heranças e legados, senão a título de pecúlio. A partir deste momento, nada foi negligenciado no sentido do fortalecimento da sua autoridade. Mormente depois da exclusão e do afastamento de Agripa, reavivou-se nele uma única esperança: a da sucessão.

Concedeu-se-lhe novamente o poder tribunício por cinco anos. Confiou-se-lhe a tarefa da pacificação da Germânia. Após haverem apresentado a Augusto as suas credenciais, os embaixadores dos partos receberam ordem para o procurarem na sua província. Assim que teve notícia da defeção da Ilíria, começou a cuidar de uma nova guerra, que foi a mais importante de todas as guerras exteriores, excluídas as guerras púnicas. Empregou durante três anos 15 legiões e um igual número de forças aliadas, em meio a grandes dificuldades de toda sorte e apesar da absoluta carestia de trigo. Embora fosse chamado várias vezes, perseverou: menos de medo do que pelo receio de que um inimigo vizinho e poderoso viesse a perseguir os romanos, caso estes batessem espontaneamente em retirada. Foi fartamente recompensado pela sua perseverança, pois submeteu e reduziu ao seu poder toda a Ilíria, que se estende entre a Itália, o reino da Nórica, a Trácia e a Macedônia e entre o Danúbio e o golfo do mar Adriático.

A oportunidade deste êxito rematou-lhe a glória já grande: pois quase ao mesmo tempo, Quintílio Varo pereceu na Germânia com três legiões e ninguém duvidava que, vencedores, os germanos se juntassem aos panonianos se, antes deste desastre, a Ilíria não fosse conquistada. Em virtude destes altos feitos, conferiram-lhe o triunfo e muitas outras notáveis honorificências. Senadores houve que propuseram se lhe desse o sobrenome de “Panônico”. Outros, o de “Invencível”. Outros ainda, o de “Piedoso”. Augusto, porém, se opôs aos sobrenomes, alegando que Tibério se contentaria com o que ele lhe deixasse após a morte. Ele próprio adiou seu triunfo, por causa do luto de que se cobrira a cidade com a derrota de Varo. Todavia, fez a sua entrada em Roma revestido da toga pretexta e coroado de louros. Subiu ao tribunal que se lhe erguera nos Recintos. Enquanto o Senado se conservava em pé, Tibério se sentou com Augusto entre os dois côsules, e, após haver saudado o povo, foi conduzido de templo em templo.

No ano seguinte retornou à Germânia. Como estivesse convencido de que o desastre de Varo houvera sido causado pela temeridade e descuido daquele chefe, nada mais fez sem ouvir a opinião dos seus conselheiros. Ele, que sempre até então a ninguém mais consultava senão a sua própria vontade, começou daí por diante a apresentar, contrariamente aos seus hábitos, a várias pessoas, os seus planos de guerra, redobrando de vigilância. Pronto para passar o Reno, restringiu a bagagem a uma quantidade determinada e não autorizou a travessia senão depois de montar guarda à margem do rio, a fim de verificar a carga das carretas e impedir a condução do que não fosse necessário ou permitido. Do outro lado do Reno, tomou por princípio: não se alimentar a não ser sentado na relva. Nela dormir, sem fazer uso da tenda. Dar sempre por escrito as suas intruções para o dia seguinte, embora se tornasse necessário fazer face, depois, a um caso imprevisto, advertindo a todos que, se alguma dúvida surgisse, a ninguém mais se deveria recorrer a não ser a ele, a qualquer hora do dia ou da noite.

Exigiu uma disciplina severíssima e pôs em vigor todas as antigas maneiras de punição e desmoralização, chegando ao ponto de degradar, ignominiosamente, um comandante de legião por ter mandado soldados caçar na outra margem do rio, acompanhados de um liberto seu. Não obstante acreditasse muito pouco na sorte e no acaso, batalhava com mais confiança quando, nas vésperas, de repente e sem nenhuma causa conhecida, seu lume esmorecia e se apagava espontaneamente: presságio que em todos os seus empreendimentos não o tinha – dizia ele – enganado nunca, nem a si, nem aos seus antepassados. Num dia de vitória, porém, por pouco não foi assassinado por um tal Bruterio, notado pelo seu estado de perturbação quando se dirigia para entre os que o cercavam. Posto na tortura, confessou o crime que premeditara.

Ao termo de dois anos retornou da Germânia para Roma, onde celebrou o triunfo que lhe fora conferido, escoltado de lugar-tenentes aos quais concedera os ornamentos triunfais. Antes de dirigir-se ao Capitólio, desceu do carro e atirou-se aos pés do seu pai, que presidia ao ato. Estabeleceu em Ravena, cumulando-o de formidáveis recompensas, Báton, chefe panônio, em sinal de agradecimento por tê-lo deixado escapar de uma posição desvantajosa, onde se achava cercado com o seu exército. Ofereceu ao povo um festim de mil mesas e distribuiu aos cidadãos 300 sestércios

por cabeça. Dedicou, também, um templo à Concórdia e outro a Cástor e Pólux, em seu nome e em nome de seu irmão, à custa de presa de guerra.

Pouco depois, os cônsules o autorizaram, por lei, a partilhar com Augusto da administração das províncias e a fazer com ele o recenseamento. Encerrou as festas Lustrais e partiu para a Ilíria. Chamado inopinadamente, encontrou Augusto quase à morte, mas conseguindo respirar ainda. Ficou a sós com ele, em conferência secreta, durante um dia inteiro. Conforme eu sei, acredita-se geralmente que depois desta entrevista secreta os criados de quarto de Augusto ouviram-no gritar logo à saída de Tibério: “Infeliz povo romano, que vai cair sob tão pesadas mandíbulas!” Tampouco não ignoro que, segundo outros, Augusto lhe vituperava publicamente, e sem nenhuma dissimulação, o caráter feroz, a ponto de interromper bruscamente, ao vê-lo aproximar-se, qualquer conversação livre e alegre que porventura estivesse entretendo. Augusto só se resolveu a adotá-lo depois de vencido pelas instâncias da mulher, ou, então, movido pela ambição, sem suspeitar que um dia tal sucessor lhe fosse causar tanto arrependimento. Entretanto, não me posso deixar persuadir de que, numa resolução de tão grande importância, o mais circunspecto e o mais sábio dos príncipes tenha agido superficialmente. Creio, antes, que, pesados os vícios e as virtudes de Tibério, ele tivesse achado que as virtudes constituíam maior volume, tanto que, em plena assembleia, jurou que o adotava no interesse da República. Em numerosas cartas, ele o encara como um guerreiro habilíssimo e como o único apoio do povo romano. Entre outros exemplos, tomo, aqui e ali, algumas passagens: “Adeus, meu delicioso Tibério, sê feliz na tua empresa, general querido do meu coração e das Musas. Adeus, delicioso Tibério! Possa eu ser tão feliz quanto tu és o mais valente dos homens e o mais completo dos chefes.” E noutra parte: “Que esplêndida ordem reina nos teus quartéis de verão! Quanto a mim, meu caro Tibério, penso que não se pode chefiar mais sabiamente do que tu, no meio de tantas dificuldades e com soldados tão indolentes! Todos os que te seguiram afirmam que este verso pode ser aplicado em relação a ti (165):

“Um único homem, vigilante, restabeleceu o Estado”.

“Embora se me depare um negócio que exija maduras reflexões ou me sobrevenha um forte acesso de humor, eu te juro: tenho saudades de ti, meu Tibério, e estes versos de Homero (166) me vêm logo à memória:

*‘Se ele me acompanhar, retornaremos ambos os dois do
meio das chamas, tanto é sábio o seu espírito!’*

Quando leio ou ouço dizer que a continuidade dos teus esforços te enfraquece, que eu desapareça se não me arrepia o corpo inteiro! Suplico-te que te poupes, pois se soubermos que estás doente, eu e tua mãe morreremos de dor e a supremacia do povo romano ficará em perigo. Pouco importa que a minha saúde seja boa ou má: o que é preciso é que a tua seja boa. Adjuro os deuses a que te conservem entre nós e te concedam sempre ótima saúde, caso eles não detestem o povo romano.”

Tibério não tornou público o falecimento de Augusto senão depois do assassinio do jovem Agripa. Foi um tribuno militar, encarregado da sua guarda, que o assassinou, depois de lhe haver lido a sentença de morte. Não se sabe se Augusto havia deixado esta ordem ao morrer, com o fito de suprimir todo e qualquer motivo de perturbação após o seu desaparecimento, ou se Lívia a ditara em nome de Augusto, com a aprovação ou sem a ciência de Tibério. Ao anunciar-lhe o tribuno que havia cumprido a sua ordem, Tibério respondeu-lhe que não dera ordem alguma e que ele, o executor, fosse prestar contas ao Senado. Sem dúvida, César não procurava, no momento, outra coisa senão evitar o ódio. Bem depressa, porém, deixou essa questão cair no esquecimento.

Em virtude da sua investidura tribunícia, convocou o Senado, deu início a uma alocução e em seguida rompeu em soluços como se não pudesse conter a sua dor. “Fora melhor – exclamou – perder a vida com a palavra!” e entregou seu manuscrito a Druso, para que o lesse. Sem demora, trouxeram o testamento de Augusto. Dentre os seus signatários, só os da ordem senatorial tiveram licença para se aproximar. Os demais reconheceram suas chancelas fora da Cúria. Um liberto (167) procedeu à leitura. O testamento começava assim: “Já que uma sorte funesta arrebatou-me os meus dois filhos Caio e Lúcio, nomeio Tibério César meu herdeiro para a metade e mais uma sexta.” Este fato aumenta ainda mais as supeitas dos

que pensam que Augusto o instituíra seu sucessor mais por necessidade do que por preferência, de vez que se não furtou a semelhante preâmbulo.

Embora não tivesse hesitado em apoderar-se repentinamente do principado e em exercê-lo; embora houvesse tomado uma guarda militar, isto é, a força e a aparência da soberania, recusou-a durante muito tempo com extrema prudência. Ora criticava os amigos que o exortavam, dizendo “que eles ignoravam o monstro que era o Império”. Ora punha em dúvida com as suas respostas ambíguas e uma indecisão astuciosa o Senado que o reclamava, jogado aos seus pés. Muitos senadores chegaram a perder a paciência e um deles gritou no tumulto: “Ou aceita ou desistes!” Um segundo lançou-lhe em face “que os outros geralmente tardavam em cumprir as promessas, mas que ele tardava em prometer o que lhe cumpria”. Enfim, aceitou o governo do Império quase à força, a deplorar a miserável e pesada servidão que se lhe impunha, mas não sem deixar de manifestar a esperança de, algum dia, desvencilhar-se de tal fardo. Suas palavras textuais foram: “Até que chegue o tempo em que vos pareça justo conceder algum repouso à minha velhice.”

A causa da sua hesitação residia no fato de temer iminentes perigos que o ameaçavam de todos os lados, o que o levava a dizer “que estava entre a espada e a parede”. Um escravo de Agripa, chamado Clemente, reunira, para vingar seu senhor, um grupo respeitável de homens. Lúcio Escríbônio Libo, cidadão nobre, preparava uma revolução. Registraram-se duas revoltas de soldados: na Ilíria e na Germânia. Estes dois exércitos manifestavam pretensões extraordinárias e, antes de tudo, exigiam um soldo equiparado ao dos pretorianos (168). Os soldados de Germânico recusavam-se a aceitar um príncipe que não fora nomeado por ele e incitavam vivamente o seu comandante para que tomasse o poder nas mãos. Germânico se opôs a isso com firmeza. Tibério, temeroso deste perigo, mais do que qualquer outro, pediu ao Senado que lhe indicasse as funções que achasse mais conveniente, nenhuma, porém, que lhe não fosse dado desempenhar sozinho, e nas quais se lhe associassem um ou mais colegas. Fez correr, também, que se achava enfermo, a fim de que Germânico esperasse mais pacientemente ou uma próxima sucessão ou a partilha do principado. Apaziguadas as sedições, armou uma cilada, para Clemente, submetendo-o ao seu poder. Quanto a Libo, não desejando iniciar o seu reinado com crueldades, so-

mente dois anos depois o acusou perante o Senado, contentando-se, durante todo esse tempo, em tomar apenas algumas precauções. Certa vez em que sacrificava com ele, entre os pontífices, fez-lhe dar, em vez de uma faca de ferro, uma de chumbo. De outra feita, pedindo-lhe Libo uma entrevista secreta, não lha concedeu senão em presença do seu filho Druso e, assim mesmo, pegando-lhe da mão até ao fim da conferência, como se tivesse necessidade de se apoiar nele, ao caminhar de um lado para outro.

Livre de qualquer temor conduziu-se a princípio com muita moderação e quase como um cidadão particular. De numerosas e magníficas honorificências, não aceitou senão poucas e, assim mesmo, as mais modestas. Como o dia do seu nascimento (169) coincidissem com o dos pequenos jogos circenses, permitiu a muito custo que se lhe desse, como homenagem, um carro com dois cavalos. Não aceitou nem templos, nem flamínios, nem sacerdotes. Proibiu que se lhe erigissem estátuas e imagens, sem licença da sua parte. E, quando o permitia, era somente sob a condição de que não fossem colocadas entre as efígies dos deuses, mas entre os ornamentos dos edifícios. Opôs-se também a que se jurasse em seu nome em qualquer ato e a que se desse ao mês de setembro o nome de “Tibério” e ao de outubro o de “Lívio”. Recusou, da mesma forma, o prenome de “Imperador” e o sobrenome de “Pai da Pátria”, assim como a coroa cívica que se queria colocar no vestibulo do seu palácio. Não aditou, mesmo nas cartas, nome de “Augusto”, se bem lhe coubesse por herança, salvo nas dirigidas aos reis e aos soberanos. Não exerceu mais do que três consulados: um, durante poucos dias; o segundo três meses e o terceiro, na sua ausência, até aos idos de maio.

Era tal a sua aversão à lisonja que jamais permitiu a nenhum senador escoltasse a sua liteira, fosse para saudá-lo, fosse para lhe falar de negócios. Como uma personagem consular (170) lhe tivesse ido pedir desculpas e tivesse querido se lhe atirar aos pés, foi tão brusca a sua saída que ela caiu no chão. Se, numa conversação qualquer, ou em qualquer discurso, dele se falasse de maneira excessivamente bajulatória, não hesitava em interromper, em repreender e em obrigar a pessoa a mudar logo de expressão. A quem quer que lhe chamasse “Senhor”, fazia sentir não mais desejar se lhe desse esse nome injurioso. Como lhe falasse alguém das “suas ocupações sagradas” e lhe fizesse sentir, outra pessoa, “que se apresentara

ao Senado em virtude de uma ordem sua”, Tibério obrigou-os a mudarem de linguagem e a substituírem “ordem” por “conselho” e “sagradas” por “laboriosas”.

Insensível e indiferente aos ultrajes, aos boatos maledicentes e aos versos difamatórios espalhados contra ele e os seus, costumava repetir, de quando em vez, “que num Estado livre a língua e o espírito deviam ser, da mesma forma, livres”. Como o Senado lhe pedisse um dia para conhecer um crime dessa espécie, e perseguir os culpados, respondeu: “Nós não temos tempo para nos ocuparmos com trabalhos mais numerosos. Se abrires essa porta, não fareis mais nada. Sob este pretexto, todas as inimizades particulares se voltarão contra vós.” Há, ainda, dele, estas proposições cheias de moderação, pronunciadas no Senado: “Se alguém fala de mim de modo diverso do por-que deveria falar, eu me esforçarei por prestar-lhe conta dos meus atos e das minhas palavras. Se, porém, ele persistir, então eu o odiarei à minha maneira.”

Esta feição de agir era tanto mais notável quanto, por suas atenções e deferências a respeito de cada um e a respeito de todos, ele próprio quase ultrapassara os limites da polidez. Colocando-se, no Senado, contra uma opinião de Quinto Hatério, falou: “Perdoa-me, te peço, se como senador combato teu parecer com tanta liberdade.” Depois, dirigindo-se a todos: “Tenho dito muitas vezes e hoje o repito, padres conscritos: um príncipe, útil e bom, que investistes dum poder tão grande e tão ilimitado, deve ser escravo do Senado e quase sempre de todos os cidadãos e, mais ainda, de cada um em particular. Não me arrependo de o ter dito. Encontrei e encontro ainda em vós senhores dedicados e benevolentes.”

Introduziu no Estado não sei que aparência de liberdade que conservou ao Senado e à Magistratura a sua antiga majestade e o seu antigo poder. Não houve nenhum negócio, pequeno ou grande, público ou particular, do qual não prestasse contas aos padres conscritos. Consultava-os a propósito dos impostos, dos monopólios, dos edifícios a serem construídos ou reparados e até mesmo sobre os recrutamentos e licenciamentos militares e sobre a distribuição das legiões e das tropas auxiliares. Perguntava-lhes, ainda, quais generais deviam ser conservados nos postos de comando; a quem entregar a direção das guerras extraordinárias; em que sentido e de acordo com quais fórmulas se devia responder às cartas dos reis. Tibério

obrigou um prefeito de cavalaria, acusado de haver praticado violências e rapinas, a defender-se perante o Senado. Jamais entrou na Cúria a não ser sozinho. Um dia em que foi obrigado a comparecer ali em liteira, por se achar enfermo, ordenou, de contínuo, a volta dos que o acompanhavam.

Não se queixava nunca das decisões tomadas contra os seus pareceres. Se bem se opusesse à ausência dos magistrados eleitos, a fim de que fossem, pela sua presença, investidos nos seus respectivos cargos, um pretor designado obteve dele uma missão livre. De outra feita, foi de opinião que se permitisse aos habitantes das margens do Trébia o emprego de determinada soma, que lhes fora legada para a construção duma estrada. Mas não pôde conseguir que a vontade do testador deixasse de ser ratificada. Certa vez em que o Senado procedia ao voto por divisão, ele passou-se para o lado da minoria e ninguém o acompanhou. Também, nada em absoluto se fazia a não ser com a intervenção dos magistrados e segundo o direito consuetudinário. Tal era a autoridade dos cônsules que embaixadores da África iam procurá-los para se queixarem de que César, a quem se haviam dirigido, tratava dos seus processos com lentidão. Isto, porém, não causava a mínima surpresa, pois o próprio César se levantava diante dos cônsules e lhes abria passagem.

Repreendeu consulares colocados à frente de exércitos por não prestarem conta ao Senado de nenhum dos seus atos e por pedirem a ele, Tibério, opinião sobre a atribuição das recompensas militares, como se lhes faltasse autoridade para dispor delas ao seu alvedrio. Cumulou de elogios um pretor que, ao tomar posse do seu cargo, fizera reviver o uso de louvar publicamente os antepassados. Acompanhou até à pira os funerais de alguns ilustres cidadãos. Demonstrou igual modéstia a respeito de pessoa de menor condição e de coisas menores. Como os magistrados de Rodes lhe endereçassem, em nome da cidade, cartas sem assinatura, mandou chamá-los e, longe de lhes fazer a menor censura, limitou-se a ordenar-lhes, apenas, que as assinassem. Em seguida, os demitiu. A Diógenes o Gramático, com quem se habituara a discutir todos os sábados, recusou-lhe uma audiência particular que lhe fora pedida, e mandou-lhe dizer por um pequeno escravo que voltasse no sétimo dia. Como este gramático se apresentasse à porta do seu palácio, em Roma, para saudá-lo, passado aquele prazo, contentou-se em adverti-lo que tornasse a voltar ao fim de sete anos. Res-

pondeu aos governadores que lhe aconselhavam a gravar as províncias com novos impostos “que um bom pastor deve tosquiá-lo seu rebanho, mas nunca escorchá-lo”.

Pouco a pouco, começou a mostrar-se como príncipe e a governar como tal. Sua linha de conduta, incerta durante muito tempo, tornou-se rapidamente conveniente e adaptada ao interesse público. A princípio, só intervinha para impedir abusos. Assim, cassou alguns decretos do Senado e muitas vezes se ofereceu aos magistrados como conselheiro, no julgamento de certas causas. Sentava-se ao lado deles ou frente a frente, no primeiro lugar. Se corria o boato de que um acusado ia, por proteção, escapar às penas da lei, aparecia de repente e, ou do seu lugar, ou do tribunal do questor, lembrava aos juízes o espírito das leis, o juramento, e o delito de que deviam tomar conhecimento. E caso notasse a infiltração de abusos nos costumes públicos, em virtude de incúria ou de usos perniciosos, tratava logo de corrigi-los.

Comprimiu a despesa dos jogos e dos espetáculos, reduzindo o salário dos atores e determinando o número de parselhas de gladiadores. Queixava-se vivamente de que os vasos de Corinto atingissem a preços tão exorbitantes e que três deles fossem vendidos por 30 mil sestércios. Foi de opinião que se fixassem limites ao luxo do mobiliário e que o Senado regulamentasse, todos os anos, o preço dos gêneros. A respeito disto, os edis receberam ordem de fiscalizar as tascas e as tavernas, proibindo-lhes a venda de pastéis. Para encorajar com o seu exemplo a economia popular, ele próprio mandava levar à mesa, nos banquetes solenes, carnes da véspera, muitas vezes já servidas, afirmando que uma metade do javali era tão boa como um javali inteiro. Revogou, por édito, o beija-mão e estatuiu que os brindes só lhe podiam ser oferecidos nas calendas de janeiro. Costumava elevá-los ao quádruplo por iniciativa própria. Fatigado, porém, com os incômodos que lhe proporcionavam, durante todo o mês, aqueles que não o puderam ver no dia da sua festa, não fez mais nenhuma restrição.

Restabeleceu o antigo costume de acordo com o qual se punia, por uma assembleia constituída de parentes, à falta de público acusador, as matronas de vida incorreta. Desobrigou um cavaleiro romano do juramento a que estava obrigado para que pudesse repudiar a esposa surpreendida em adultério com o seu próprio genro, embora tivesse ele jurado nunca

repudiá-la. Mulheres desprezíveis, para escapar às penas legais contra as matronas que esqueciam seus deveres e sua dignidade, tomavam a deliberação de se declararem cortesãs. E os moços mais libertinos das duas ordens submetiam-se espontaneamente à desonra duma condenação infamante para se não verem impedidos, por uma proibição do Senado, de comparecer ao teatro ou à arena. A fim de que não se pudesse procurar nenhum subterfúgio, Tibério condenou ao exílio todos esses homens e todas essas mulheres. Vedou o uso da laticlávica a um senador por se ter este retirado para o campo, nas calendas de julho, unicamente com o fito de alugar uma casa mais barata em Roma, esgotado o prazo das suas férias. Destituíu um questor por haver abandonado, no dia seguinte, uma mulher que lhe coubera, por sorteio, na véspera.

Interdisse a celebração das cerimônias estrangeiras, os ritos egípcios e judaicos, obrigando os que eram afeitos a essas superstições a atirarem ao fogo as suas vestes religiosas com todos os seus aprestos. Sob o pretexto de serviço militar, distribuiu a juventude judaica pelas províncias de clima causticante (171). Exilou da cidade o resto da nação israelita e os que praticavam culto semelhante, sob pena de servidão perpétua, em caso de desobediência. Expulsou também os astrólogos. Porém, como estes rogassem e promettessem abandonar a sua arte, foram perdoados.

Teve, sobretudo, o cuidado de proteger o país contra os bandidos, contra os roubos e as sedições. Distribuiu pela Itália destacamentos militares mais numerosos do que de costume. Estabeleceu em Roma um campo para nele se acomodarem as coortes pretorianas errantes até então acantonadas ora aqui, ora ali. Reprimiu com extrema severidade motins populares e tratou de impedi-los para o futuro. Como se verificasse um assassinio, no teatro, por ocasião duma rixa, baniu os chefes das facções e os atores que deram motivo à querela e não consentiu jamais em absolvê-los, não obstante os pedidos que em favor deles lhe formulou o povo. A população de Polência (172) retivera, no Fórum, o enterro dum cabo-de-esquadra e não o queria deixar partir senão depois de extorquir dos seus herdeiros certa soma que se destinaria à realização dum espetáculo de gladiadores. Tibério expediu, de Roma, uma coorte e outra do reino de Cócio (173), sem lhes dizer o motivo da mobilização. Depois, repentinamente, de armas na mão e ao som dos clarins, atirou-os contra a cidade por portas

opostas e pôs para sempre a ferros a maior parte do povo e dos decuriões. Aboliu o direito de asilo por toda a parte onde ele estava em vigor. Como os habitantes de Cízica se entregassem a violências contra cidadãos romanos, César, por decreto público, cerceou-lhes a liberdade a que haviam feito jus na guerra com Mitrídates. Afogou, por intermédio dos seus lugartenentes, os levantes inimigos, sem empreender, entretanto, ulteriormente, nenhuma expedição. Interveio neles com hesitação, mas forçado a fazê-lo. Compeliu aos seus deveres os reis adversários e suspeitos, porém mais com ameaças e queixas do que pela força. Atraíu alguns destes à sua amizade com lisonjas e promessas e assim os conservou tais como Germano Maraboduo, Rascópolo da Trácia, Arquelau da Capadócia, cujos reinos foram reduzidos a províncias.

Durante os dois primeiros anos que se seguiram ao seu advento ao Império, não pôs o pé fora de Roma. Depois, não se ausentou senão para visitar as cidades vizinhas e, ainda assim, nunca foi além de Âncio. Seu afastamento era raríssimo e durava poucos dias apenas, se bem seguidamente anunciasse que tornaria a inspecionar as províncias e os exércitos. Realizava todos os anos preparativos para a viagem, reunindo veículos, organizando estações de posta nas colônias. Enfim, tolerou que se fizessem votos solenes pela sua excursão e pela sua volta, de tal forma que lhe chamavam, por gracejo, Calípede, personagem que corre incessantemente sem avançar um passo, como assevera um provérbio grego.

Quando, porém, perdeu seus dois filhos (Germânico morreu na Síria (174) e Druso em Roma) retirou-se para a Campânia. Quase todo mundo era acorde em pensar e assegurar que ele não tornaria jamais e que cedo encontraria a morte. De fato, não retornou a Roma e poucos dias depois, na ocasião em que ceava, perto de Terracina, numa “vila” denominada “Espelunca”, numerosas pedras enormes se desprenderam, por acaso, da abóbada do prédio e esmagaram diversos convivas e domésticos. Tibério escapou contra toda expectativa (175).

Após haver percorrido a Campânia e feito em Cápua a consagração do Capitólio e em Nola a do templo de Augusto (foi esta a razão apresentada para a sua viagem), Tibério foi ter a Capri. Gostava, mais do que tudo, desta ilha, pela razão de ela ser acessível apenas por um ponto estreitíssimo da sua costa e também por ser rodeada por todos os lados de rochas

escarpadas e imensamente altas e ainda, também, pela profundidade do mar. Chamado, porém, e reiteradamente pelo povo, em virtude do desastre de Fidenas, onde o desabamento dum anfiteatro fizera perecer mais de 20 mil pessoas, durante um espetáculo de gladiadores, passou para o continente e permitiu que dele se aproximasse todo mundo. Mostrou-se, assim, mais abordável do que ao partir da cidade, quando vedou o acercamento dos importunos e procurou isolar-se de todos os que o procuravam.

De volta, novamente, à sua ilha, abandonou de tal maneira os negócios do Estado que nunca mais, desde esse tempo, completou as decúrias dos cavaleiros, nunca mais permutou nem tribunos de soldados e prefeitos de cavalaria, nem governadores de província. Deixou, durante muitos anos, a Espanha e a Síria sem legados consulares. Permitiu que os partos se apossassem da Armênia, que os dácios e os sármatas saqueassem a Méisia, que os germanos invadissem as Gálias com grande desonra e não menor perigo para o Império.

Favorecido por um retiro que lhe oferecia toda espécie de libertinagem e que, por assim dizer, o furtava aos olhares da cidade, deu, finalmente, impulso a todos os vícios que mal dissimulara durante muito tempo. Vou recordá-los, um por um, desde as suas origens. Nos acampamentos, ao iniciar-se na carreira das armas, em virtude da sua excessiva intemperança, chamavam-lhe de “Claudius”, “Mero”, em vez de “Nero”. Mais tarde, quando imperador, na mesma época em que reformava os costumes públicos, passou uma noite e dois dias consecutivos a comer e a beber em companhia de Pompônio Flaco e Lúcio Pisão: a um, deu-lhe, imediatamente, a província da Síria. Ao outro, a prefeitura de Roma, declarando no decreto de nomeação “que eles eram os amigos deliciosos de todas as horas”. Tibério admoestara, certo dia, Séstio Galo, velho libidinoso e pródigo, outrora acusado de infâmia por Augusto, diante do Senado. Pouco tempo depois, convidou-o a ceiar sob a condição de que não modificasse, nem diminuísse em nada a sua maneira de proceder, devendo o serviço ser feito por moças nuas. Aos candidatos mais distintos que disputavam a questura, preferia os menos conhecidos para poder esvaziar na mesa um cântaro de vinho à sua saúde. Deu 200 mil sestércios a Ansélio Sabino por um diálogo em que o cogumelo, o papafigo, a ostra e o tordo se disputavam a preeminência. Por

fim, instituiu um cargo novo: a administração dos prazeres, confiada a Tito Cesônio Prisco, cavaleiro romano.

No seu retiro de Capri mandou preparar, até, um teatro dos seus desbragamentos secretos. Reuniu aí, trazidos de toda parte, raparigas e favoritos e inventores de complexos monstruosos a que ele chamava “spinthrias”, para que, enlaçados numa tríplice cadeia, se prostituíssem mutuamente diante dele, e, deste modo, com estes espetáculos, pudessem os seus apetites amortecidos reanimar-se. Construía, em vários sítios, quartos ornados de quadros e estatuetas representando cenas e figuras as mais lascivas, e proveu-se dos livros de Elefântida para que, pelas posturas por eles ensinadas, nenhum modelo viesse a faltar. Nas florestas e nos bosques das cercanias, consagrou, aqui e ali, lugares a Vênus e distribuiu, pelos antros e cavernas rochosas, grupos formados por jovens de ambos os sexos, vestidos de caprípedes e de ninfas. Trocadilhado com o nome da ilha, foi-lhe dado, publicamente, o apelido de “capríneo”.

Cobriu-se de outra infâmia maior ainda e mais ignóbil, na qual custa a crer-se. Tibério, ao que parece, ensinava crianças de tenra idade, às quais costumava denominar “seus peixinhos”, a refocilar-se e a brincar entre as suas coxas, enquanto nadava, e a pegá-lo com a língua e os dentes. Ensinava também a crianças já fortes, mas não ainda desmamadas, a lhe tomar o pênis tal como fariam com o seio da sua ama de leite, gênero de perversão a que o inclinavam, sem dúvida, sua natureza e sua idade. Como alguém lhe houvesse legado um quadro de Parrásio, em que Atlante entregava complacientemente a boca a Meleagro, e houvesse estipulado que, caso esta cena o chocasse, ele receberia em lugar da tela um milhão de sestércios, não somente preferiu o quadro, mas ainda lhe deu um lugar de honra no seu quarto. Recorda-se, da mesma forma, que ao oferecer, em certo dia, um sacrifício, seduzido pela beleza daquele que lhe apresentava o incenso, não pôde se conter e, apenas terminada a cerimônia, mandou pô-lo de lado e o desonrou imediatamente, assim como ao seu irmão, que tocava flauta. Em seguida mandou-lhes quebrar as pernas, a todos os dois, porque ambos lhe censuraram o opróbrio.

Divertiu-se também com a vida das mulheres, mesmo ilustres, como se pode ver, de maneira ruidosa, com a morte duma certa Malônia: mandou buscá-la e como ela se recusasse com absoluta firmeza a servir de

instrumento à sua luxúria, Tibério entregou-a aos delatores e não cessou, durante a acusação, de lhe perguntar “se não estava arrependida”. Ao deixar a audiência, porém, Malônia correu para casa e atravessou o corpo com um gládio, depois de ter acusado, em altas vozes, de obscena, a boca “daquele velho pelado e repugnante”. Nos jogos que se realizaram em seguida, foram acolhidos com vivos aplausos os seguintes versos da autoria dum atelano: “O velho bode lambe a vulva da cabra.”

Econômico e agarrado ao dinheiro, jamais pagou salário aos seus companheiros de viagem e de expedição. Limitava-se somente a nutri-los. Não praticou com eles senão uma única liberalidade, e isso mesmo para agradar ao seu avô, logo que os dividiu em três classes, segundo a dignidade de cada um: à primeira, distribuiu 600 mil sestércios; à segunda, 400 e à terceira, 300, esta composta daqueles aos quais ele chamava, não seus amigos, mas seus “advogados”.

Não erigiu, durante seu reinado, nenhum monumento suntuoso. Os únicos trabalhos que empreendeu, o templo de Augusto e a restauração do teatro de Pompeu, se conservaram inacabados muitos anos. Não realizou, tampouco, nenhum espetáculo e raramente assistiu aos por outros organizados. Temia que lhe fosse feita qualquer reclamação, mormente depois que se vira forçado a dar liberdade ao comediante Ácio. Mitigou a miséria de alguns senadores e, para livrar-se da obrigação de tal ajuda, declarou que daí por diante só socorreria aqueles que provassem ao Senado a legitimidade das suas necessidades. Assim a maior parte dos padres conscritos se absteve de reclamar auxílio por modéstia e por vergonha. Entre outros figurava Ortalo, neto do orador Quinto Hortênsio, que, com um patrimônio menos do que medíocre, se casara por instigação de Augusto e tinha quatro filhos.

Duas vezes apenas foi generoso, publicamente: uma, quando emprestou ao povo cem milhões de sestércios, pelo prazo de três anos, sem juros. Outra, quando indenizou alguns proprietários de ilhotas de casas consumidas pelo fogo, no monte Célio. Ao primeiro ato, obrigou-o um pedido de adjutório, do povo, que atravessava uma crise pecuniária. Efetivamente, ele decretara, por um *senatus consulto*, que os usurários invertiriam dois terços do seu patrimônio em terras e que os devedores pagariam a mesma proporção das suas dívidas em moeda corrente, medida essa ine-

xequível. O segundo ato tinha por escopo suavizar a aspereza dos tempos. Emprestou tanta importância a este benefício que desejou mudar o nome do monte “Célio” para o de “Augusto”. Quanto aos soldados, a não ser a duplicação das doações do testamento de Augusto (176), nunca os beneficiou com um gesto de largueza, exceto a concessão de mil denários a cada pretoriano para que se não deixassem manobrar por Sejano e alguns presentes às legiões da Síria por serem as únicas que não colocaram nenhuma imagem de Sejano nos seus estandartes. Não concedeu, também, senão raríssimas licenças aos veteranos, à espera de que sua velhice lhes traria a morte e que a morte traria a economia. Da mesma forma, não amparou as províncias com o menor auxílio, salvo as da Ásia, em que várias cidades haviam sido destruídas por um tremor de terra.

Com o passar dos tempos recorreu à rapina. É notório que o aúgure Cnéio Lêntulo, possuidor de grande fortuna, suicidou-se em virtude do terror e da angústia produzidos por ameaças, vendo-se forçado a instituir Tibério como herdeiro universal. Condenou Lépidia, senhora da mais alta nobreza, para gáudio de Quirino, consular riquíssimo e sem filhos, que, após 20 anos de divórcio, a acusou de o ter querido envenenar. Além doutros, confiscou os bens dos principais cidadãos das Gálias, das Espanhas, da Síria e da Grécia, sob o pretexto de tão frívolas e impudentes calúnias que, a alguns, não pôde fazer outra acusação senão a de que possuíam uma parte dos seus bens em moeda corrente (177). Numerosas cidades e cidadãos se viram privados das suas antigas imunidades e dos seus direitos sobre as minas e os impostos. Vonono, rei dos partos, expulso pelos seus súditos, refugiado na Antioquia com o seu fabuloso tesouro, sob a proteção do povo romano, foi perfidamente despojado e assassinado.

Seu ódio aos parentes irrompeu primeiramente contra o seu irmão Druso, a propósito duma carta em que este lhe propunha forçar Augusto a restabelecer a liberdade. Sem demora, investiu também contra outros. Bem longe de demonstrar à sua mulher Júlia, ao ser desterrada, sentimentos de afeto e consideração, coisa fácilima, proibiu-a de sair de casa e de ver quem quer que fosse, embora seu pai lhe houvesse dado uma cidade por prisão. Suprimiu-lhe, da mesma maneira, o pecúlio que lhe concedera o pai, assim como a sua pensão anual, com a desculpa de respeito ao direito público e alegando que Augusto nada previra a respeito deste caso

em seu testamento. Tolerou escassamente sua mãe Lívia, sob a alegação de que ela reivindicava uma parte de poder igual à sua. Evitou entrevistas com ela, assiduamente, para fazer crer, assim, que se não deixava conduzir por seus conselhos e que, às vezes, quando os seguia, era com muito custo. Indignou-se vivamente quando propuseram no Senado ajuntar aos seus títulos mais o de filho de Lívia e que se lhe chamasse filho de Augusto. Também não permitiu que se desse a Lívia o título de “Mãe da Pátria”, ou recebesse, em público, nenhuma homenagem assinalada. Advertia-a, com frequência, a “não se meter em negócios importantes que não conviessem a uma mulher”, mormente depois que a viu, por ocasião dum incêndio, perto do templo de Vesta, intervir em pessoa e concitar o povo e os soldados a combater o fogo com ardor, tal como tinha por costume fazer ao tempo do seu marido.

Sem demora, a respeito dela, chegou até ao ódio. Ao que parece, foram as seguintes as causas que o originaram. Como ela lhe solicitasse insistentemente para que inscrevesse nas decúrias um homem que recebera o direito de cidadania, respondeu-lhe Tibério que só o faria sob a condição de mencionar no registro “que este favor lhe fora extorquido por sua mãe”. Lívia, profundamente ofendida, tirou dum cofre antigos bilhetes de Tibério e lhos leu. Tão indignado este ficou, que ela teve de esconder esses bilhetes por muito tempo. E tal foi a acrimônia com que ela lhos apresentou que, pensa-se, foi essa a causa principal do seu exílio. Durante os três anos que viveu afastado da sua mãe, não a viu senão uma vez, um único dia, e pelo espaço de algumas horas. Ao ter notícia de que caíra doente, não se apressou em visitá-la. Ao sabê-la morta, demorou tanto a aparecer que, ao realizarem-se os funerais, o cadáver de Lívia já estava completamente putrefato. Não consentiu lhe fossem prestadas honras divinas, fazendo crer que era essa a vontade de sua mãe. Deu seu testamento por nulo e, em pouco tempo, levou à ruína todos os amigos e familiares da falecida, mesmo aqueles que ela, ainda moribunda, encarregara da execução dos funerais. Um, dentre estes, pertencente à ordem equestre, foi condenado aos trabalhos hidráulicos.

Não dedicou amor paterno nem ao seu próprio filho Druso, nem ao seu filho adotivo Germânico. Odiava os vícios de Druso, que possuía, com efeito, um caráter fraco e levava uma vida dissoluta. Também

não lhe sentiu a morte. Apenas terminados os funerais, retomou suas ocupações costumeiras, sem suspender por muito tempo, em sinal de pesar, o andamento da justiça. Fez mais: como embaixadores de Ílion lhe tivessem apresentado pêsames um pouco tarde, respondeu-lhes, rindo, “que ele, Tibério, também lhes apresentava, em troca, condolências pela perda enorme dum cidadão eminente como Heitor”. Mostrou-se tão ciumento de Germânico que atingiu ao cúmulo de rebaixar-lhe as façanhas ao nível de atos inúteis e de apresentar as suas mais gloriosas vitórias como funestas à República. Queixou-se, no Senado, de que este príncipe tivesse ido a Alexandria, em virtude duma imensa fome reinante ali, sem ao menos lhe pedir conselhos. Acredita-se, até, que ele utilizou Cnéio Pisão, legado da Síria, para a morte de Germânico. Pensam também outros que Pisão, acusado logo deste crime, teria revelado as instruções de Tibério se não se visse forçado a mantê-las em segredo. Eis por que escreveu-se em muitos lugares e gritou-se muitas vezes durante a noite: “Entrega-nos Germânico!” O próprio Tibério confirmou mais tarde esta suspeita, perseguindo, também, da maneira mais cruel, a mulher e os filhos de Germânico.

Como sua nora Agripina se lamentasse, com certa aspereza, após o desaparecimento do seu marido, ele, tomando-a pela mão, citou-lhe este verso grego: “Porque não reínas, minha filha, acreditas que te fazem injustiça.” Desde então não se dignou mais de falar-lhe. Certa vez em que ele pôs na mesa algumas frutas, Agripina não ousou comê-las. Daí por diante não mais a convidou, fingindo crer que ela o acusava de ter querido envenená-la. Na realidade, toda esta cena estava combinada (178), para que ele pudesse submetê-la à prova, com o seu oferecimento, e para que ela se pudesse livrar duma morte seguríssima. Por fim, acusou-a falsamente de pretender refugiar-se ora ao pé da estátua de Augusto, ora junto do exército, terminando por bani-la na Pandatária. Como ela o injuriasse, Tibério fez-lhe arrancar um olho, a golpes de azorrague, por um centurião. Agripina resolveu deixar-se morrer de fome. Tibério constrangeu-a a engolir o alimento, obrigando-a a abrir a boca. Ela, porém, resistiu e morreu. Resolveu, então, Tibério, cobri-la de todas as calúnias e propôs incluir o dia do seu aniversário no rol dos dias nefastos. Exigiu se soubesse não ter consentido que a estrangulassem e a arremessassem das Gemônias e deixou passar um decreto em que se lhe rendia graças por ter usado de tal

clemência, ao mesmo tempo que se consagrava uma oferenda, em ouro, a Júpiter Capitolino.

Após a morte de seus filhos, restavam-lhe, de Germânico, três netos: Nero, Druso e Caio, e de Druso, um único: Tibério. Recomendou aos padres conscritos os dois filhos mais velhos de Germânico: Nero e Druso. O dia da estreia deles na carreira militar foi celebrado com donativos à plebe. Ao ter conhecimento, porém, de que no princípio do ano se haviam oficiado votos públicos pela conservação deles, observou ao Senado “que tais honras não deviam ser atribuídas senão ao mérito comprovado e à idade”. Desde então, pondo a nu a profunda baixeza do seu caráter, os colocou à mercê das acusações de todo mundo. Depois, como empregasse mil ardis para impeli-los à prática de injúrias e, assim, comprometê-los, acusou-os numa carta cheia de amargas censuras e, logo que foram declarados inimigos públicos, matou-os a fome: Nero, na ilha Pôncia (179) e Druso, nos subterrâneos do Palatino. Acredita-se que Nero foi obrigado a suicidar-se quando viu o carrasco, enviado por ordem do Senado, lhe apresentar a corda e os ganchos. Quanto a Druso, privaram-no de alimento a tal ponto que quase comeu a palha do próprio colchão. Os restos mortais de ambos foram dispersos de tal maneira que só a muito custo puderam mais tarde ser recolhidos.

Além dos seus antigos amigos e familiares, Tibério se rodeara de 20 dos principais cidadãos de Roma, a título de conselheiros dos negócios públicos. Destes, apenas dois ou três conseguiram salvar a vida. Todos os demais pereceram, sob os mais variados motivos, entre outros Élio Sejano, que, na sua ruína, arrastou numerosas pessoas. Tibério o havia elevado ao cúmulo do poder, nem tanto por amizade, quanto para enganar, com seus artifícios, os filhos de Germânico e assegurar a sucessão do império ao neto que lhe restava de Druso.

Tibério não foi mais benigno para os seus comensais gregos, cuja companhia lhe agradava particularmente. Certo dia perguntou a um tal Zênon, que manejava seu idioma natal com extrema correção, “que dialeto era aquele que falava, tão enfadonho?” Zênon respondeu-lhe que era o dialeto dórico. Foi exilado para a Cinária, pois Tibério pensara que estava sendo criticado pela sua retirada de outrora (os habitantes de Rodes falam o dórico). Como tivesse por costume formular, na mesa, diferentes

questões derivadas das suas leituras cotidianas e soubesse que o gramático Seleuco se informava dos seus domésticos a respeito dos autores que ele lia mais seguidamente, estando assim preparado para as discussões, César o isolou da sua roda e, mais tarde, levou-o ao suicídio.

Sua natureza cruel e impassível, não a dissimulou nem mesmo na infância. Parece que foi o seu professor de retórica, Teodoro Gadareu, quem primeiro a descobriu com sagacidade e a caracterizou com propriedade, chamando-lhe, toda vez que o admoestava, “lama diluída em sangue”. Sua crueldade, porém, revelou-se melhor ao assumir a autoridade do Império, mesmo no começo, quando procurava ganhar o favor do povo fingindo moderação. Um bufão, à passagem dum cortejo fúnebre, encarregou, em altas vozes, o defunto de dizer a Augusto “que a herança que ele deixara ao povo ainda não havia sido entregue”. Tibério mandou buscá-lo, pagou a parte que lhe tocava e mandou-o ao suplício, recomendando-lhe que contasse a verdade ao seu pai. Pouco depois, como um certo Pompeu, cavaleiro romano, lhe recusasse alguma coisa no Senado, ameaçou-o de prisão, assegurando-lhe “que dum Pompeu ele faria um pompeano”, gracejo cruel trocadilhado com o nome do homem e a sorte do antigo partido político.

Por esse mesmo tempo, como um pretor lhe perguntasse se se tornava necessário perseguir os crimes de lesa-majestade, respondeu que era preciso executar as leis e as fez executar da maneira mais atroz. Alguém arrebatara a cabeça duma estátua de Augusto, substituindo-a por outra. O caso foi levado ao Senado. Em razão da existência de dúvidas a respeito, recorreu-se à tortura. Como o réu fosse condenado, esta espécie de crime, a pouco e pouco, tomou tal extensão, que incorria em pena capital quem batesse num escravo ou mudasse de roupa, perto da estátua de Augusto. Quem entrasse nas latrinas ou no lupanar com uma moeda ou um anel em que figurasse a sua efígie. Quem reprovasse qualquer palavra sua, ou qualquer dos seus atos. Enfim, assassinou-se um cidadão porque deixara que lhe fossem prestadas homenagens, na sua colônia, no mesmo dia em que haviam sido tributadas outrora a Augusto.

Sob a cor de austeridade e de reforma moral, mas na realidade para dar aso ao seu pendor natural, Tibério cometeu tantos e tamanhos

atos de truculência e de brutalidade que vários contemporâneos, em versos, lhe censuraram o presente e lhe predisseram o futuro:

*“O’ duro e desumano, queres que eu te diga tudo em duas palavras?
Que eu morra se tua mãe puder te amar!”*

“Tu não és cavaleiro. Por quê? Não tens mil sestércios?

Contudo, Rodes te foi dado por exílio.”

“Tu mudaste a idade de ouro de Saturno, César!

Graças a ti vivemos agora na idade de ferro.”

“O vinho o enfastia. Todavia ele tem sede de sangue e o bebe tão avidamente como outrora bebia vinho puro”

“Guarda, ó Rômulo, o teu Silas feliz para ele, mas não para ti.

Guarda Mário também, se queres, mas após a sua volta.”

“Guarda ainda Antônio a excitar as guerras civis,

as mãos sujas de mais de um assassinio,

e diz se é o fim de Roma. Reinará em meio ao sangue o que vem do exílio para reinar.”

Tibério queria, a princípio, que estes versos fossem atribuídos a homens que não o podiam suportar e representassem menos a expressão dos verdadeiros sentimentos que os animavam do que o da raiva e da cólera. E dizia de quando em vez: “Que me odeiem, contanto que me aprove.” Cedo, porém, ele próprio demonstrou a justeza daqueles ataques.

Poucos dias após a sua chegada a Capri, num momento em que se achava só, um pescador lhe apresentou, subitamente, um enorme salmão. Tibério mandou esfregar-lhe a cara com o próprio peixe, amedrontado como estava, de que este pescador viesse ter junto a ele por trás da ilha, subindo por cima das rochas escarpadas. O pescador, ao sofrer a pena, felicitou-se por não lhe ter apresentado, também, uma grande lagosta que havia pescado. César mandou, igualmente, rasgar-lhe as faces com este crustáceo. Puniu com a morte um soldado pretoriano por haver caçado um pavão num pomar. Durante certa viagem, como se enleasse numa moita a liteira que o conduzia, saltou para fora e quase matou, a golpes de azorrague, o centurião das primeiras coortes, encarregado de reconhecer o caminho.

Cedo transbordou-se na prática de toda espécie de atrocidades. Não lhe faltavam alvos: primeiro perseguiu os amigos da sua mãe. Mais adiante, os dos seus netos e da sua nora e, por fim, os de Sejano e até mesmo os seus simples conhecidos. Foi, sobretudo, após a morte deste que Tibério se mostrou mais perverso, o que serviu para demonstrar claramente que ele não estava acostumado a ser industriado por Sejano, mas que era este quem lhe fornecia as oportunidades de que carecia. Todavia, nas sumárias e breves memórias que escreveu da sua vida, ousou confessar “que punira Sejano porque descobrira seus furores contra os filhos do seu filho Germânico”. Na realidade, ele próprio mandara matar um deles, quando Sejano caíra em suspeita. E o outro, quando a sua ruína estava já consumada. Seria tarefa muito longa recordar, um a um, todos os seus atos de ferocidade. Contentar-me-ei, contudo, em dar, deles, uma ideia geral. Não se passou um só dia, fosse este embora de festa religiosa, que não ficasse assinalado por uma execução. Numerosos cidadãos foram acusados e condenados com suas mulheres e filhos. Era proibido aos parentes chorar os condenados à morte. Importantes recompensas foram conferidas aos acusadores e, muitas vezes, às testemunhas. Não se contestava o testemunho de nenhum dos delatores. Qualquer delito era considerado como capital. Mesmo algumas simples palavras podiam constituir crime. Censurou-se um poeta por ter, numa tragédia, agravado Agamenon com ultrajes. A mesma censura foi feita a um historiógrafo (180) por ter chamado a Bruto e a Cássio “os últimos romanos”. Tratou-se, da mesma forma desumana, a outros autores. Suas obras foram destruídas, não obstante haverem sido aprovadas muitíssimos anos antes, após a sua leitura, em presença de Augusto. Arrebatou-se a certos prisioneiros não somente o consolo do estudo, mas ainda a possibilidade da conversação e do entretenimento. Entre os que estavam convocados a comparecer ao tribunal, uns se feriram a si próprios, em suas casas, certos, como estavam, da condenação e para se livrarem das torturas e da ignomínia. Outros tomaram veneno em plena Cúria. Porém, depois de pensados os seus ferimentos, semimortos, ainda palpitantes, se viram jogados novamente na prisão. Todos os suplicios foram atirados das gemônias e puxados na ponta dum croque. Desta forma e desta escada, num só dia, foram arrastados e atirados 20. Havia, entre eles, mulheres e crianças. Quanto às virgens, como o uso e a tradição proibissem o seu

estrangulamento, eram primeiramente violadas pelo carrasco e depois estranguladas. Obrigava-se a viver os que desejavam morrer. Tibério olhava a morte como um castigo tão leve que, ao saber que um réu, chamado Carvílio, se adiantara ao carrasco, gritou: “Carvílio me escapou!” Certo dia em que visitava as prisões, respondeu a alguém que lhe pedia apressasse o suplício: “Ainda não me reconciliei contigo.” Determinada personagem consular descobriu nos seus anais que, por ocasião dum concorridíssimo banquete ao qual César comparecera, um anão, de pé junto à mesa, entre outros bufões, lhe perguntou, inopinadamente e em voz alta, por que Pacônio, acusado de crime de lesa-majestade, conservava a vida, havia tanto tempo? Tibério exprobrou, no momento, a pergunta indiscretíssima, mas, poucos dias depois, escreveu ao Senado pedindo-lhe a execução, o mais cedo possível, da pena em que incorrera Pacônio.

Assim que teve conhecimento da maneira por que morreu Dru-so, seu furor mais cresceu e exasperou-se. Acreditava que o filho havia sucumbido em virtude de doença e excessos. Quando, porém, soube que perecera envenenado pela perfídia da sua própria mulher, Lívila, e de Sejano, não mais poupou a ninguém nem tormentos, nem suplícios. Tão intensamente se entregou a instruir o processo, durante dias inteiros, que, ao lhe ser anunciada a chegada duma personagem de Rodes, mandou aplicar-lhe a tortura como se fosse um daqueles que deviam ser castigados. Ao reconhecer, porém, o seu erro, ordenou que o matassem para que essa injustiça não se divulgasse. Vê-se ainda, em Capri, o lugar das execuções, de onde ele mandava precipitar os condenados, na sua presença, depois de tê-los feito sofrer os mais longos e refinados martírios. Um grupo de marinheiros recebia as vítimas e espancava os cadáveres, a golpes de varas e de remos, temerosos de que ainda lhes restasse algum sopro de vida. Tibério imaginara, entre outros gêneros de suplícios, fazer, de maneira astuciosa, que seus convivas bebessem grande quantidade de vinho. De repente, amarrava-lhes o pênis para que, assim, sofressem duplamente: com as ligaduras e a vontade reprimida de urinar. Se a morte não se tivesse adiantado e Trasilo não o tivesse persuadido a adiar alguns dos seus projetos, levando-o a esperar por mais longa vida, teria imolado ainda outros inocentes e não teria poupado nem mesmo os seus restantes netos. Pois Caio era-lhe suspeito. Tibério desprezava-o como fruto adúlterino (181). Esta suposição não é

inverossímil. De quando em vez, ele costumava dizer “que Príamo era feliz por ter sobrevivido a todos os parentes”.

De que, em meio a tantos horrores, não somente tenha vivido, odiado e detestado, mas ainda exposto ao terror e até mesmo aos ultrajes, provam-no muitíssimos indícios. Proibiu as consultas aos arúspices em segredo e sem testemunhas. Pretendeu, até, dissolver os oráculos vizinhos de Roma. Assustado, porém, pela majestade das “sortes” do Preneste, recuou, porque, como mandasse transportá-las a Roma, numa caixa hermeticamente fechada, não as encontrou senão depois que a caixa fora levada de novo para o templo. Não ousou licenciar um ou dois consulares, aos quais oferecera províncias, e os reteve junto a si até que lhes fossem dados sucessores, alguns anos após. Durante esse intervalo, conservaram os seus cargos e faziam executar as ordens que recebiam, constantemente, por lugar-tenentes e auxiliares.

Depois da condenação da sua nora e dos seus netos, não lhes permitiu jamais que se transportassem dum lugar para outro a não ser encadeados, em liteira fechada e com escolta militar que, por toda parte, impedia pedestres e viandantes de olharem e pararem.

Enfim, para derrubar Sejano, que conspirava, embora visse que se celebrava publicamente o aniversário do seu nascimento, e que em muitos lugares suas estátuas de ouro eram reverenciadas, usou de astúcia e de ardil melhor do que da autoridade imperial. Primeiramente para afastá-lo do seu lado, sob pretexto honroso, tomou-o como colega no seu quinto consulado, conforme ele lhe havia solicitado, após um longo intervalo e durante a sua ausência. Pois bem, depois de o ter enganado com a promessa duma aliança (182) e do poder tribunício, incriminou-o inopinadamente numa carta vergonhosa e miserável, em que, entre outras coisas, pedia aos senadores “que lhe enviassem um dos cônsules para conduzi-lo, apesar da sua avançada idade, só, perante a Cúria, com uma escolta militar”. Mesmo nessa época, cheio de desconfiança e a temer comoções populares, dera ordem (183) para pôr seu neto Druso, ainda detido nos cárceres de Roma, em liberdade, e, caso as circunstâncias o exigissem, fazer dele um chefe de Estado. Tibério possuía à sua disposição navios aprestados para a fuga, a fim de levá-lo, em caso extremo, para junto de uma qualquer das legiões. De quando em quando observava, do alto dum rochedo elevado, sinais

que ele fizera colocar ao longe, cada qual de acordo com determinado acontecimento, de medo que os correios chegassem tarde demais. Embora aniquilada a conjuração de Sejano, Tibério nunca mais se tranquilizou, nem se firmou. Durante os nove meses que se lhe seguiram, não mais saiu da casa de campo chamada “Casa de Júpiter”.

Além disso, as várias afrontas que recebia de todos os lados ulceravam-lhe a alma inquieta. Os condenados atiravam-lhe mil invectivas, quer cara a cara, quer nos libelos depostos sobre a orquestra. De tantos modos isto o feriu que o pudor lhe fazia desejar que todos esses agravos ficassem escondidos e desconhecidos. Muitas vezes os desprezava e chegava, até, a publicá-los e difundi-los ele próprio. Viu-se retalhado numa carta de Artabano, rei dos partos, em que lhe reprochava os parricídios, os assassínios, a covardia, a luxúria e o convidava a satisfazer o mais breve possível, com a morte voluntária, o ódio tão justo dos seus concidadãos.

Enfim, sob a sua responsabilidade, confessou – ou pouco faltou para isso – todos os seus crimes numa carta cujo começo é o seguinte: “Que vos escreverei, ‘padres conscritos’? Ou como vos escrevei? Ou que deixarei de vos escrever neste momento? Que os deuses e as deusas me façam perecer mais ferinamente do que me sinto perecer todos os dias!” Muita gente acreditava que a sua presciência a respeito do futuro lhe dera, antecipadissimamente, a visão das cruezas e do desdouro que lhe reservava o destino e que por esta razão, desde que assumira as rédeas do Império, recusara obstinadamente o título de “Pai da Pátria”. Da mesma forma, não permitiu que se jurasse em nome dos seus atos, medroso de que tão grandes honras o fizessem aparecer mais indigno ainda. É isto, pelo menos, o que se pode concluir do discurso que ele pronunciou sobre esses dois assuntos, quando diz “que se haveria de parecer sempre consigo mesmo e que não mudaria de conduta, absolutamente, enquanto se sentisse espiritualmente forte. Entretanto, era preciso tomar cuidado, por exemplo, da maneira por que o Senado se empenhava em seguir os atos dum homem que podia mudar sob o predomínio de certas circunstâncias”. Afirmava ainda: “Se jamais duvidastes do meu caráter e do meu devotamento referente a vós (e eu anelo a vinda do meu último dia ante de vos ver mudar a meu respeito), o título de ‘Pai da Pátria’ não aumentará em nada as minhas honorificências e só servirá para que sejais acusados de leviandade por me haverdes dado

esse sobrenome, ou de inconstância por haverdes sustentado, em relação a mim, um julgamento contrário.”

Tibério era possante e robusto, talhe acima do meão, espáduas largas e peito amplo. Tinha o resto dos membros, até à extremidade dos pés, iguais e bem proporcionados. Sua mão esquerda era mais ágil e mais forte do que a direita, cujas articulações eram tão vigorosas que ele furava com o dedo uma fruta verde e intacta, e com um piparote feria a cabeça duma criança e até mesmo a dum rapaz. Tez branca. Cabelos um pouco longos atrás da cabeça, a cobrir-lhe o pescoço, uso esse que era um hábito de família. Rosto belo, mas sujeito a cobrir-se de botões eruptivos. Olhos muito grandes e – coisa estranha! – enxergavam mesmo de noite, nas trevas, mas durante pouco tempo e logo que se entreabriam, após o sono. Depois, tornavam-se menos penetrantes. Caminhava com o pescoço teso e inclinado para trás, o ar habitualmente melancólico e, as mais das vezes, silencioso. Não falava ou falava muito pouco com aqueles que o rodeavam. Falava vagarosamente e não sei com que gesticulação amaneirada dos dedos. Augusto notou nele todos estes modos desagradáveis e cheios de arrogância e tratou de desculpá-lo perante o Senado e o povo, declarando “que eram defeitos de natureza e não de caráter”. Sua saúde, que era excelente, conservou-se inalterável durante quase todo o tempo do seu reinado, se bem que a partir da idade de 30 anos dela tratasse a seu talante, sem a ajuda nem os conselhos dos médicos.

No que se relacionava com os deuses e a religião, era bastante negligente, pois se afizera à astrologia e estava plenamente persuadido de que tudo no mundo obedecia à determinação do destino. Entretanto, temia excessivamente o trovão, quando o céu se apresentava ameaçador. Tibério não deixava de trazer à cabeça uma coroa de louros, porque, como era crença, as folhas do loureiro abrigavam contra o raio.

Cultivou, com muito cuidado, as letras latinas e gregas. Em eloquência latina, tomou por guia o velho Corvino Messala, a quem seguira desde a juventude. Seu estilo, porém, à força de afetação e de purismo (184), tornou-se confuso, embora ele se mostrasse melhor improvisando do que compondo. Escreveu, também, um canto lírico intitulado *Lamentações* sobre a morte de César. Da mesma maneira, escreveu poesias gregas, em que imitou Euforião, Riano e Partênio (185). Estes poetas faziam-lhe as

delícias. Mandou guardar seus escritos e seus retratos nas bibliotecas públicas ao lado dos principais autores antigos, o que deu causa a que a maioria dos eruditos lhe enviassem abundantes comentários sobre aqueles autores. Sem embargo, foi sobretudo ao conhecimento da história mitológica que ele se dedicou e com tal cuidado que ia até à ninharia, até ao ridículo. As questões que propunha ordinariamente aos gramáticos, espécie de homens a que se afeiçoara particularmente, como já foi dito, eram mais ou menos da seguinte forma: “Quem era a mãe de Hécuba? De que nome gozava Aquiles entre as moças? Quais são as canções habituais das Sereias?” No dia em que entrou pela primeira vez na Cúria, após a morte de Augusto, para satisfazer a um tempo só à piedade filial e à religião, sacrificou, a exemplo de Minos, com incenso e vinho, mas sem tocar flauta, como fizera outrora por ocasião da morte do seu filho.

Embora manejasse a língua grega com precisão e desembaraço, não a usou, contudo, em parte nenhuma. Além do mais, dela se absteve no Senado e de tal maneira que, tendo de falar em “monopólio”, começou desculpando-se por ter de empregar uma palavra estrangeira. Certa vez em que, num decreto do Senado, se lia o vocábulo “emblema”, Tibério manifestou a opinião de que se devia trocar esse termo alienígena por outro latino, asseverando que, se se não encontrasse, se deveria recorrer a uma perífrase. Impediu também um soldado, a quem se lhe pedira o testemunho em grego, de responder noutro idioma que não fosse o latino.

Durante todo o tempo do seu retiro, tentou duas vezes retornar a Roma. Na primeira vez, fez-se transportar em trirreme até os jardins vizinhos da Naumáquia. Soldados enfileirados às margens do Tibre tinham ordem de fazer voltar todos aqueles que iam ao seu encontro. Na segunda, avançou pela Via Ápia até o sétimo marco miliário, limitando-se a ver os muros da cidade, sem dela se aproximar, fazendo, em seguida, meia-volta. Não se conheceu o motivo dessa decisão. Mais tarde, porém, soube-se que o medo era devido a um prodígio. Havia uma serpente que era o seu encanto. Certa vez em que, conforme seu costume, ia dar-lhe alimento da sua própria mão, encontrou-a devorada pelas formigas. Esse fato o advertia contra a violência da multidão. Retornando, pois, às pressas, à Campânia, caiu doente em Astúria. Depois, sentindo-se um pouco melhor, prosseguiu até Circeia (186). Aí, para afastar toda e qualquer suspeita de doença, não

somente assistiu aos jogos militares, mas animou-se ainda a lançar dardos na arena. Pouco depois, sentiu uma pontada do lado, e uma corrente de ar, apanhada já quando agasalhado, provocou-lhe uma recaída. Todavia, manteve-se ainda firme por algum tempo e, transportando-se para Misena, não modificou em coisa alguma os hábitos da sua vida cotidiana, nem mesmo os festins e outros prazeres, tanto por intemperança quanto por dissimulação. Efetivamente, seu médico Cáricle, como estivesse para gozar férias, ao sair dum banquete e ao tomar-lhe a mão para beijar, pensou Tibério que o esculápio lhe queria tomar o pulso e convidou-o a ficar, a sentar-se à mesa e prolongou o festim. Não abandonou o vezo que tinha de se colocar em pé no meio do triclínio, com um litor ao lado, e saudar, chamando pelo nome, cada um dos convivas que o cumprimentasse.

Entretanto, como tivesse lido nos atos do Senado que alguns acusados, a respeito dos quais se limitara a escrever sucintamente que haviam sido apontados por delatores, “estavam sendo absolvidos, mesmo sem interrogatório”, tremeu, pensando que estava sendo desprezado, e resolveu, a todo custo, recolher-se a Capri, não ousando mais agir a não ser em lugar bem seguro. Retido, porém, pelas tempestades e pela agravação da moléstia, morreu pouco depois numa “vila” de Lúculo, com 78 anos de idade e 23 de reinado, aos 17 dias antes das calendas de abril, sob o consulado de Cnéio Acerrônio Próculo e de Caio Pôncio Nigrino. Pensam alguns que Caio lhe houvesse dado um veneno lento e consuntivo. Querem outros que, no declínio dum acesso de febre, lhe tivessem sido negados os alimentos que pedia. Há, também, quem diga que foi afogado no travesseiro e que, tornando a si, reclamava o seu anel que lhe havia sido arrebatado durante o desmaio. Escreveu Sêneca “que ao ter compreensão de que ia desfalecer, Tibério escondeu seu anel, como quem queria dá-lo a alguém. Instantes depois, colocou-o novamente no dedo e, assim, ficou-se por muito tempo imóvel, a mão esquerda fechada. De repente, chamou seus criados e, como ninguém lhe respondesse, levantou-se para logo cair sem forças, não longe do leito”.

No último aniversário do seu nascimento, acreditou ver, em sonho, um Apolo Temenita (187) duma grandeza e lavor maravilhosos, que ele fizera transportar de Siracusa para colocá-lo na biblioteca do novo templo. Afirmava-lhe a divindade “que ele não lhe poderia fazer a consa-

gração”. Dias antes da sua morte, a torre do farol desabou em Capri, em virtude dum tremor de terra. Em Misena, a cinza do fogo com que se aquecia o triclínio, extinto e frio, já havia tempo, subitamente se inflamou ao fim do serão e crepitou teimosamente até alta noite.

Sua morte causou tanta alegria no seio do povo que, à primeira notícia, todo mundo corria pelas ruas, gritando alguns: “Tibério, ao Tibre!” Outros suplicavam à terra-mãe e aos deuses manes que não o acolhessem à sua sombra, mas que o mandassem para o meio dos ímpios. Ainda outros ameaçavam seu cadáver com o croque e as gemônias, exasperados pela lembrança da sua antiga fereza e das atrocidades cometidas ainda recentemente. Como um *senatus consulto* estatuísse que o castigo dos condenados seria adiado para o décimo dia, era pensamento de todos que a pena dalguns infelizes estava já sem efeito desde o dia em que se soube da morte de Tibério. Imploraram a piedade pública. Como, porém, na ausência de Caio não havia ninguém a quem se pudesse recorrer, os guardas, temerosos de transgredirem as ordens recebidas, estrangularam-nos e os atiraram das gemônias. O ódio cresceu contra o tirano, como se, após a sua morte, o banditismo ainda subsistisse. Ao transportarem-lhe o corpo de Misena, a maior parte do povo gritava “que era preciso conduzi-lo antes a Atela (188) e queimá-lo no anfiteatro”. Foi levado a Roma por soldados, e cremado em funerais públicos.

Tibério fizera, dois anos antes, um duplo testamento. Um estava na sua mão. Outro, na dum liberto. Eram ambos idênticos e traziam a chancela de pessoas as mais humildes. Por esse testamento, instituiu herdeiros, por frações iguais, aos seus netos: Caio, filho de Germânico, e Tibério, filho de Druso, um podendo herdar do outro. Deixou legados, também, a numerosas pessoas, entre as quais as virgens vestais, a todos os soldados, a cada cidadão romano e até mesmo, separadamente, aos guardas dos bairros da cidade.

.....

Caio César Calígula

GERMÂNICO, pai de Caio César, filho de Druso e de Antônia a Moça, adotado por seu tio paterno Tibério (189), exerceu a questura cinco anos antes da idade (190) permitida por lei e o consulado logo em seguida (191). Enviado ao exército da Germânia, refreou as legiões com tanta firmeza que, à notícia da morte de Augusto, se recusaram obstinadamente a reconhecer Tibério, que lhe dera esse comando supremo, como imperador. Bem cedo, porém, venceu o inimigo e triunfou (192). Sem demora, foi eleito cônsul pela segunda vez. Antes, entretanto, de assumir o cargo, foi afastado para administrar o Estado do Oriente, onde, após haver vencido o rei da Armênia e ter reduzido a Capadócia (193) a província romana, morreu na Antioquia (194), aos 34 anos de idade, depois dos padecimentos de pertinaz moléstia que não deixou de fazer brotar a suspeita dum envenenamento. Com efeito, apesar das manchas lívidas aparecidas em todo o seu corpo, e da espuma que lhe corria da boca, encontrou-se, depois de queimado o seu corpo, seu coração intacto. Ora, acredita-se que é tal a natureza desse órgão que, quando impregnado de veneno, não pode ser destruído pelo fogo.

Sucumbiu, ao que se crê, à perfídia de Tibério e às manobras e práticas de Cnéio Pisão (195). Este, nomeado na mesma época para gover-

nar a Síria, e sem dissimular que se via na contingência de desgostar ao pai ou ao filho, foi até ao ponto de assassinar Germânico, doente dos ultrajes e das afrontas mais cruéis que recebera. Pisão, de volta a Roma, quase foi linchado pelo povo e condenado à morte pelo Senado (196).

É sabido que Germânico reunia, como ninguém, num alto grau, todas as qualidades físicas e espirituais: beleza e bravura notáveis, gênio eminente na eloquência e na literatura latina e grega, benevolência rara, caráter maravilhosamente eficaz para conciliar o favor público e merecer o amor universal. Suas pernas delgadas discrepavam da perfeição da sua pessoa. Elas, porém, engrossaram, pouco a pouco, graças ao hábito que possuía de montar a cavalo, após as refeições. Matou muitas vezes inimigos em luta corpo a corpo. Defendeu causas, mesmo depois do seu triunfo, e, entre outros monumentos dos seus estudos, deixou algumas comédias gregas. Igualmente afável, quer em Roma, quer nos acampamentos, entrava sem litores nas cidades livres e aliadas. Por toda a parte onde encontrasse túmulos de homens ilustres, oferecia sacrifícios aos seus manes. Quando desejou inumar, numa só tumba, os restos dispersos dos guerreiros mortos no desastre de Varo, foi o primeiro a começar a recolhê-los e a transportá-los com suas próprias mãos. Mostrou-se tão brando e tão pouco rancoroso a respeito dos seus detratores – quaisquer que eles fossem e qualquer que fosse o motivo da sua inimizade – que não demonstrou ressentimento a Pisão, que lhe cassava os decretos e lhe perseguia os sequazes, senão quando se viu exposto aos seus malefícios e sortilégios. E, ainda mesmo assim, limitou-se apenas a renunciar publicamente à sua amizade, segundo o costume dos antepassados, e confiar aos seus o cuidado da vingança, caso lhe acontecesse alguma coisa.

Recolheu, superabundantemente, o fruto das suas virtudes. Era tão estimado e tão querido dos seus parentes que Augusto (sem falar doutros) vacilou durante muito tempo a respeito de se o escolheria para seu sucessor, e fê-lo adotar por Tibério (197). Gozava em tão alto grau o favor popular que, segundo numerosos testemunhos, toda vez que chegava a qualquer região ou dela partia, a multidão dos que acorriam ao seu encontro ou que o escoltavam repetidas vezes o puseram em risco de vida. Ao retornar da Germânia, depois de haver reprimido a sedição, todas as coortes pretorianas formaram diante dele, embora se tivesse anunciado que

somente duas saíam de Roma. E o povo romano, sem distinção de sexo, de idade ou de posição, espalhou-se pela estrada até o vigésimo marco miliário.

Entretanto, foi por ocasião da sua morte e depois dela que os maiores e mais sólidos testemunhos de afeto apareceram. No dia em que cessou de viver, os templos foram assaltados a pedradas e o altar dos deuses derrubado. Muitas pessoas jogavam à rua seus deuses familiares e expuseram seus recém-nascidos. Houve mais. Conta-se que os bárbaros, que estavam em guerra entre eles ou conosco, negociaram um armistício, como se se tratasse duma infelicidade doméstica ou geral. Certos reis raspam a barba e cortaram os cabelos das suas esposas em sinal de grande luto. O próprio rei dos reis dos partos se absteve da caça e da diversão com os nobres, o que equivale, entre os partos, a suspender a justiça.

Em Roma, os cidadãos ficaram surpresos e consternados à primeira notícia da sua doença e esperaram novos correios. Inesperadamente, à noite, porém, se difundiu o boato, sem que se soubesse a origem, de que ele se havia restabelecido. De todos os lados, então, correu gente ao Capitólio, com archotes e vítimas. As portas do templo quase foram arrombadas na ânsia de elevarem ações de graça. Tibério foi arrancado do sono em que jazia pelos gritos dos que se felicitavam e cantavam:

Roma está salva, a pátria está salva, Germânico está salvo!

Quando, porém, sua morte foi oficialmente comunicada, nenhuma consolação, nenhum édito pôde conter a dor pública. O luto perdurou até mesmo durante os dias de festa do mês de dezembro (198). O que concorreu, depois, para aumentar a glória de Germânico e o pesar da sua morte foi a atrocidade dos tempos que se lhe seguiram. Todo o mundo pensava, e não sem razão, que o respeito e o medo que ele inspirava a Tibério haviam repressado a sua crueldade, que, bem cedo, depois extravasou.

Desposou Agripina, filha de Marco Agripa e de Júlia, e dela teve nove filhos, dos quais dois lhe morreram quando ainda em tenra idade e um terceiro ao sair da infância. Este último era dum encanto notável. Lúvia ofereceu seu retrato em forma de Cupido ao templo de Vênus Capitolina, e Augusto, que o colocara no seu quarto de dormir, cobria-o de beijos todas as vezes que o fixava. Os outros sobreviveram ao pai. Eram três mulheres:

Agripina, Drúsila e Lúvia, nascidas num período de três anos consecutivos. E três rapazes: Nero, Druso e Caio César. O Senado, de acordo com as acusações de Tibério, declarou Nero e Druso inimigos públicos (199).

Caio César nasceu nas vésperas das calendas de setembro (200), sob o consulado de seu pai e de Caio Fontéio Capito. A diversidade das tradições deixa na incerteza o lugar do seu nascimento. Cnéio Léntulo Getúlico escreveu que ele nascera no Tíbur. Plínio o Moço afirma que em Tréveris, no bairro de Ambiatino, acima de Coblença. Adianta ainda, como prova, que aí se encontram altares com esta inscrição: “Em homenagem aos partos de Agripina”. Versículos publicados pouco depois do seu nascimento indicam que ele veio ao mundo nos quartéis de inverno das legiões:

*“Nascido nos acampamentos, nutrido nas batalhas paternas,
tudo pressagiava um príncipe assinalado.”*

Quanto a mim, descubro nas atas que ele viu a luz no Âncio. Plínio refuta Getúlico, acusando-o de ter mentido por adulação, para juntar à folha dum jovem e glorioso príncipe mais um título pedido de empréstimo à cidade santa de Hércules (201). Abusou – diz ele – com a audaciosa mentira de que, um ano mais ou menos antes, nascera em Tíbur um filho de Germânico chamado também Caio César, ao qual já nos referimos precedentemente, em relação à sua encantadora infância e ao seu fim prematuro. O cálculo, porém, do tempo contradiz a Plínio. Pois os que nos transmitiram a história de Augusto são acordes em declarar que Germânico fora enviado à Gália após seu consulado, quando Caio já havia nascido. A inscrição do altar não poderia apoiar a opinião de Plínio, pois Agripina, naquele país, deu à luz dois filhos, e, ali, emprega-se a palavra *puerperium* a toda espécie de parto, sem distinção de sexos. Os antigos usavam *pueros* por *puellas*, como *puellas* por *pueros*. Há também uma carta de Augusto, escrita poucos meses antes da morte da sua sobrinha Agripina, a respeito do nosso Caio (pois não existia mais, então, nenhuma outra criança com este nome), nestes termos: “Resolvi ontem com Talário e Ansélio que eles levariam, se os deuses permitissem, o pequeno Caio no décimo quinto dia das calendas de junho. Envio também com esses meus servos um médico da nossa família e escrevi a Germânico dizendo-lhe que, caso o queira, pode ficar com ele.

Que passes bem, minha querida Agripina, e chegues com saúde junto ao teu Germânico.” Penso que dessa carta ressalta, com precisão, o pensamento de que Caio não podia ter nascido num país para o qual fora conduzido de Roma quando tinha apenas dois anos de idade. As mesmas considerações roubam toda autoridade aos versículos citados por mim e tanto mais quanto se sabe que eles são anônimos. Não resta senão seguir a opinião consignada nas atas públicas. Tanto que Caio preferiu sempre Âncio a todas as outras residências e a todos os outros retiros e a amou como se ama a terra natal. Conta-se, até, que, desgostoso de Roma, resolvera transferir para ali a sede do governo do Império.

Deveu seu sobrenome de Calígula a uma pilhéria nos acampamentos, onde se educava entre os soldados com o uniforme de um simples manipulário. Esta educação militar lhe valeu, em alto grau, o amor e a consideração dos soldados. Isto ficou patenteado, sobretudo, por ocasião da morte de Augusto. Subjugou, com a sua simples presença, as legiões em tumulto e entregues, furiosamente, à prática de todos os excessos. Estas não se acalmaram senão depois que constataram que o afastavam de medo duma sedição e o confiavam a uma cidade vizinha. Arrependidas, finalmente, arrebataram e retiraram então a sua carruagem e a livraram, graças aos seus rogos, do ódio que a ameaçava.

Acompanhou seu pai na expedição da Síria. De volta, ficou primeiramente em casa de sua mãe e depois, quando ela foi banida, junto da sua bisavó Lívia Augusta. Ao morrer esta, fez-lhe o elogio do alto da tribuna róstria, revestido ainda da toga pretexta (202). Passou então a morar com sua avó Antônia. Aos 21 anos de idade foi chamado a Capri por Tibério e num único e mesmo dia tomou a toga e fez raspar a barba, sem receber nenhuma das honorificências (203) que haviam acompanhado o noviciado dos seus irmãos. Ali se pôs em guarda contra as manobras empregadas para lhe arrancar queixas e jamais deu motivos a querelas. Dizia-se que a infelicidade dos seus estava abolida na sua memória, como se nunca lhes tivera acontecido coisa alguma. Fechava-se em si com uma dissimulação incrível. Cumulava a sua avó e todos aqueles que o rodeavam de tantas gentilezas que se chegou a asseverar (204) a seu respeito, não sem razão, “que era o melhor dos criados e o pior dos senhores”.

Entretanto, já nesta época, não conseguia refrear a sua natureza feroz e depravada. Assim, mostrava fanatismo pelos espetáculos que oferecessem castigos e suplícios dos condenados. Percorria, de noite, as tavernas e os lugares licenciosos, encapuzado numa capa larga e de cabelos postiços. Amava apaixonadamente a dança e as representações teatrais. Tibério suportava isso pacientemente na esperança de que o caráter bravo do jovem príncipe pudesse se abrandar aos poucos. Tão profunda e sagazmente havia o velho penetrado no ânimo do rapaz que repetia seguidamente: “Caio vive para a sua infelicidade e a infelicidade de todos”. Dizia também que “ele criava uma hidra para o povo romano e um Fetonte para o universo”.

Pouco depois (205), desposou Júnia Claudila, filha de Marco Silano, um dos mais nobres romanos. Designado áugure em lugar do seu irmão Druso (206), foi promovido ao pontificado antes de ter exercido aquelas funções. Era, esse, um alto testemunho que Tibério rendia à sua piedade e ao seu caráter. No momento em que via seu palácio deserto e privado dos seus melhores sustentáculos (207) e em que já suspeitava de Sejano, a quem não demoraria a esmagar, incutiu, a pouco e pouco, em Caio a esperança de que o havia de suceder. Para ficar mais seguro disso ainda, após o desaparecimento de Júnia, morta de parto, seduziu Ênia Névia (208), mulher de Mácron (209), que comandava então as coortes pretorianas, prometendo desposá-la caso assumisse o governo do Império. Comprometeu-se a isso, até, por meio dum juramento e dum documento firmado de próprio punho. Pela sua ação, conquistou Mácron e, conforme a opinião dalguns, envenenou Tibério. Este ainda respirava quando se viu por ele roubado do seu anel, e como o agonizante parecesse querer retê-lo no dedo Calígula atirou-lhe um travesseiro em cima e estrangulou-o com as próprias mãos. O liberto que protestou contra esse crime foi crucificado imediatamente. Essa versão parece tanto mais verossímil quanto o próprio Caio, segundo certos autores, se gabou, dias depois, senão de ter cometido esse parricídio, pelo menos de tê-lo ideado. Vangloriava-se, na verdade, sem cessar, com o fito de dar mostras da sua piedade filial, “de haver entrado, de punhal na mão, no quarto de Tibério, quando este dormia, a fim de vingar a morte de sua mãe e de seus irmãos, mas, tomado de comiseração, ter atirado sua arma ao solo e se ter retirado, sem que Tibério, se bem o tivesse percebido, ousasse depois acusá-lo ou persegui-lo”.

Assumindo assim o governo do Império, ele satisfez os votos do povo romano, ou antes, do mundo inteiro. Ele era bem o príncipe desejado, acima de tudo, pela maior parte das províncias e dos soldados, que, em geral, o haviam conhecido criança, e também da totalidade da população de Roma que se lembrava de Germânico, seu pai, e lamentava as desgraças duma família quase extinta. Da mesma forma, desde que ele se afastara de Miseno (210), se bem conduzisse, coberto de luto, o féretro de Tibério, avançou tanto para o meio dos altares das vítimas e das tochas acesas, escoltado por uma multidão compacta e repleta de alegria, que chegaram a prodigalizar-lhe cumprimentos e a lhe chamar seu “astro”, seu “filhinho” e seu “discípulo”.

Apenas entrado em Roma, com o consentimento do Senado e da multidão que invadira a Cúria, e a despeito da vontade de Tibério (211), que, no seu testamento, lhe dera como co-herdeiro seu outro sobrinho, revestido ainda da toga pretexta, foi investido da jurisdição e do poder soberanos. A satisfação pública atingiu a tal grau que, diz-se, em menos de três meses degolaram-se mais de 60 mil vítimas. Alguns dias após, como ele estivesse viajando pelas ilhas vizinhas da Campânia, formularam-se votos pelo seu regresso. Assim, não se perdia nenhuma ocasião, por menor que fosse, de se dar testemunho da solicitude e do interesse em prol da sua conservação. Ao cair doente (212), o povo inteiro passou a noite a rondar-lhe o palácio. A este imenso amor dos cidadãos se juntava a consideração distinta dos estrangeiros. Efetivamente, Artabano, rei dos partos, que jamais escondera o seu ódio e o seu desprezo por Tibério, pediu-lhe espontaneamente (213) a sua amizade e procurou entrevistar-se com o lugar-tenente do cônsul. Este monarca transpôs o Eufrates para render homenagens às águias e às insígnias romanas, assim como à imagem dos Césares.

Exaltou pessoalmente o ânimo dos romanos, procurando por todos os meios a popularidade. Depois de ter pronunciado, perante o povo reunido em assembleia, o elogio de Tibério e derramado muitas lágrimas, e lhe ter feito imponentes funerais, apressou-se a ir a Pandatária e Pôncia, (214), apesar do mau tempo, a fim de transferir as cinzas de sua mãe e de seu irmão e, assim, dar melhor demonstração do seu amor filial. Aproximou-se respeitosa e desses despojos e os encerrou, com as próprias mãos, nas urnas. Não foi com menos aparato que os trasladou para Óstia,

numa birreme, à popa da qual tremulava uma bandeira e dali, pelo Tibre, até Roma, onde foram recebidos pelas mais altas personagens da ordem equestre e depositados, em pleno dia e em meio da multidão, em duas conchas e enfeixados no mausoléu de Augusto. Determinou, em sua honra, a realização de sacrifícios públicos anuais e, além disso, em memória de sua mãe, a de jogos no Circo, onde a sua efígie devia ser conduzida com grande pompa, num carro. Como homenagem póstuma ao seu pai, deu ao mês de setembro o nome de “Germânico”. Depois disto, cumulou sua avó Antônia, por um *senatus consulto*, de honras idênticas às que recebera Lívia Augusta. Designou, para colega no consulado, seu tio Cláudio (215), que nada mais era então do que cavaleiro romano. Adotou seu irmão Tibério no dia em que tomou a toga viril e nomeou-o “Príncipe da Juventude”. Quanto às suas irmãs, quis que se aditasse esta fórmula a todos os juramentos: “Caio e suas irmãs tão caros como eu e meus filhos”, e esta outra nos relatórios dos cônsules: “Honra e felicidade a Caio César e às suas irmãs!” Movido pelo mesmo desejo de popularidade, reabilitou condenados e banidos e deu por inexistentes todas as acusações que pudessem restar do precedente reinado. Mandou levar ao Fórum as peças relativas ao processo de sua mãe e de seus irmãos. E, para que de futuro desaparecesse o medo das testemunhas e dos delatores, após haverem os deuses atestado que ele não as lera, nem tocara em nenhuma delas, atirou-as ao fogo. Negou-se a receber um memorial que lhe fora enviado e que interessava à sua vida, alegando “que nada fizera ainda para ser odiado por alguém”. Declarou, da mesma forma, “que não tinha ouvidos para os delatores”.

Expulsou de Roma as *spinthrias* das libidinagens monstruosas, depois de conseguir a muito custo que não fossem jogadas ao mar. Mandou procurar novamente os escritos de Tito Labieno, Cremúcio Cordo e Cássio Severo (216), suprimidos por *senatus consultos*, permitindo a posse e a leitura dessas obras, como se estivesse interessadíssimo em que cada ato seu fosse transmitido à posteridade. Publicou as contas do Império, de acordo com o uso instituído por Augusto e interrompido por Tibério. Concedeu aos magistrados uma jurisdição livre e sem recurso a sua pessoa. Passou em revista os cavaleiros romanos com uma severidade e um cuidado não isentos de moderação. Tomou publicamente o cavalo daqueles que estavam marcados do opróbrio ou ignomínia e se limitou a silenciar, no mo-

mento da chamada, o nome dos que haviam cometido menores faltas. Para tornar mais cômoda a tarefa dos juízes, aumentou com uma quinta decúria as quatro primeiras (217). Procurou, também, com o restabelecimento do uso dos comícios, dar ao povo o direito de sufrágio. Pagou fielmente e sem fraude as heranças deixadas em testamento por Tibério, embora aquele tivesse sido anulado, e as do testamento de Júlia Augusta, que Tibério havia suprimido. Restituiu à Itália dois por cento das vendas em hasta pública (218). Indenizou grande número de incêndios. Ao devolver os reinos arrebatados outrora a vários príncipes, acrescentou-lhes o produto dos impostos e das rendas percebidas durante o intervalo da ocupação. Assim, restituiu a Antíoco (219), rei da Comagena, o confisco de cem milhões de sestércios. Para se mostrar, melhor do que qualquer outro, fautor de bons exemplos, deu 80 mil sestércios a uma liberta que, apesar das mais horríveis torturas, guardara silêncio sobre o crime do seu senhor. Foi em virtude de tais atos que se conferiu a Caio, entre outras honras, um escudo de ouro, que, todos os anos, num determinado dia, os colégios dos sacerdotes conduziam ao Capitólio, seguidos do Senado e dos meninos e das meninas nobres, cantando hinos em louvor das suas virtudes. Decretou-se que o dia da sua investidura no Império fosse chamado “Palilis” (220), no intuito de se provar que ele era o novo fundador da cidade.

Exerceu quatro consulados (221): o primeiro, a partir das calendas de julho, durante dois meses. O segundo, a partir das calendas de janeiro, durante 30 dias. O terceiro, até os idos de janeiro. O quarto, até o sétimo dia antes daqueles mesmos idos. Os dois últimos consulados (222) foram consecutivos. Começou o terceiro em Lião, sozinho, não por orgulho ou por negligência, como acreditam alguns, mas porque, estando ausente, não tivera notícia da morte do seu colega, ocorrida no dia daquelas calendas. Por duas vezes concedeu ao povo 300 sestércios por cabeça, e, por duas vezes também, um suntuoso banquete aos senadores e aos membros da ordem equestre e, da mesma forma, às esposas e aos filhos duns e doutros. No segundo destes festins distribuiu roupas civis aos homens e faixas de púrpura às mulheres e crianças. E, no propósito de aumentar a alegria pública, acrescentou mais um dia aos Saturnais, que passou a se chamar “o dia da Juventude”.

Organizou combates de gladiadores, ora no anfiteatro de Turo, ora nos Recintos, aos quais fez comparecer grupos de lutadores da África e da Campânia, escolhidos entre os mais hábeis de ambas as nações. Não presidiu sempre, pessoalmente, os espetáculos. Encarregava, porém, do cuidado dessa tarefa, magistrados ou amigos. Mandou efetuar em vários locais representações teatrais, frequentemente, de gêneros variados, algumas vezes à noite, com a cidade toda iluminada. Distribuiu ao povo presentes de qualidades diferentes. Entregou a cada cidadão corbelhas cheias de pão e de carne. Ao ver, num banquete, que um cavaleiro romano, que lhe ficava frente a frente, comia satisfeito e avidamente, mandou-lhe o seu prato. Pelo mesmo motivo, um senador recebeu, das mãos dele, as tábuas que o nomeavam pretor, extraordinariamente. Ofereceu também numerosos jogos de Circo, que duravam da manhã à noite, entremeados ora duma caçada à maneira africana, ora duma corrida troiana. Por ocasião dalguns destes espetáculos, particularmente notáveis, o circo aparecia enfeitado e somente aos senadores era permitido conduzir os carros. Mandou também celebrar jogos, repentinamente, em razão dos pedidos que lhe eram feitos por algumas pessoas, do alto das galerias vizinhas, num dia em que, do palácio Gelociano, apreciava o aparato do Circo.

Além disso, inventou um novo e inaudito gênero de espetáculo. Ligou, por meio duma ponte, o espaço, de mais ou menos três mil e seiscentos passos, que separa Baías do molhe de Puzoles, juntando todos os navios existentes, numa dupla fila, e recobertos dum calçamento de terra que dava a impressão da Via Ápia. Durante dois dias consecutivos não fez outra coisa senão ir e vir pela ponte. No primeiro dia, montado num cavalo adornado de faleras, tendo à cabeça uma coroa de carvalho. Levava, do mesmo modo, um machado, um pequeno escudo e uma clâmide de ouro. No segundo, vestido de condutor de quadriga, num carro atrelado a dois cavalos famosos. Marchava à frente dele o jovem Dário, um dos reféns dos partos, escoltado por um destacamento de pretorianos e por um grupo de amigos em bigas. Sei que muita gente acredita que Calígula haja inventado uma tal ponte para rivalizar com Xerxes, que provocara a admiração geral, atravessando pelo mesmo processo, na sua parte mais estreita, o estreito do Helesponto. De acordo com a opinião de outros, ele queria amedrontar, com a notícia duma obra gigantesca, a Germânia e a Bretanha, às quais

ameaçava com guerra. Ouvi, porém, muitas vezes, na minha infância, narrada pelo meu avô a causa deste empreendimento, causa essa revelada pelos seus cortesãos mais íntimos, e consistia no fato seguinte: como o astrólogo Trasilo visse Tibério inquieto por causa do seu sucessor, e mostrasse mais pendor pelo seu verdadeiro neto (223), afirmaram-lhe “que Caio jamais seria imperador se não corresse a cavalo através do golfo de Baías”.

Oferecia espetáculos também quando viajava. Em Siracusa, na Sicília, jogos urbanos. Em Lião, na Gália, jogos mistos. Organizou, também, um concurso de eloquência grega e latina. Neste concurso os vencidos – conta-se – entregavam os prêmios aos vencedores e eram obrigados a fazer-lhes o elogio. Os reprovados deviam apagar seus escritos com uma esponja ou com a própria língua, a menos que preferissem palmatórias, ou, então, ser atirados no rio mais próximo.

Concluiu as obras deixadas por terminar, sob o reinado de Tibério: o templo de Augusto e o teatro de Pompeu. Deu início ao aqueduto de Tibur e a um anfiteatro ao lado dos Recintos. Destes trabalhos, um foi acabado pelo seu sucessor Cláudio e o outro, abandonado. As muralhas e os templos de Siracusa, que se desfaziam em ruínas, foram reparados. Resolvera, também, reconstruir o palácio real de Policrates em Samos, concluir o templo de Didimeu em Mileto e construir uma cidade no cume dos Alpes. Antes de tudo, porém, tencionava abrir um canal no istmo de Acaia. Já havia enviado, mesmo, um primipilário para traçar a planta dos trabalhos.

Até aqui falei dum príncipe. Quero falar agora dum monstro. Depois de se ter arrogado vários cognomes (chamavam-lhe o “Piedoso”, o “Filho dos Acampamentos”, o “Pai dos Exércitos” e “César Boníssimo e Altíssimo”), ao ouvir, certo dia, entre os reis (224) chegados a Roma para lhe declararem submissão, durante a ceia, em sua casa, uma discussão a respeito da origem de cada um, Calígula gritou: “Que não haja aqui senão um só rei!” (225). E por pouco não tomou o diadema, substituindo, assim, a aparência de principado pela forma da realeza. Como, porém, fosse advertido de que ele ultrapassara a grandeza dos príncipes e dos reis, começou desde aí a se atribuir a majestade divina. Após haver emitido ordens para que se transportassem da Grécia as estátuas das divindades mais célebres, não só pelo respeito que os povos lhes dedicavam, mas também pela sua

beleza artística – entre outras a de Júpiter Olímpico –, cortou a cabeça desta e colocou a sua em substituição. Prolongou até o Fórum uma parte do seu palácio e, transformado em vestíbulo o templo de Cástor e Pólux, aí se sentava, muitas vezes, entre os deuses irmãos e se oferecia à adoração dos visitantes. Alguns chegavam, mesmo, a saudá-lo pelo nome de “Júpiter Lacial”. Instituiu, também, um templo especialmente consagrado à sua divindade com sacerdotes e vítimas as mais singulares. Havia no templo uma estátua de ouro, ao natural, que era vestida todos os dias como ele próprio se vestia. Os mais ricos cidadãos adquiriam, alternativamente, à força de intrigas e de leilões, a dignidade de grande sacerdote. As vítimas eram papagaios, pavões, galos e galinhas da Numídia, galinhas de Angola, faisões, os quais eram imolados diariamente e de maneira sempre diversa. Nas noites de lua cheia, dedicava-se assiduamente aos abraços e à cama. Durante o dia, entretinha-se secretamente com Júpiter Capitolino, ora falando-lhe ao ouvido, ora escutando-o por sua vez, ora gritando e discutindo. Certa feita saiu-lhe da boca esta ameaça: “Ou tu me levas, ou eu te levo!” (226) Finalmente, segundo sua própria expressão, se abrandou e, convidado pelo deus a ir morar com ele, ligou o Palatino ao Capitólio, construindo uma ponte por cima do templo do divino Augusto. Sem demora, para se aproximar mais ainda daquele número, lançou os fundamentos duma nova casa nos terrenos do Capitólio.

Não queria que se acreditasse nem que se dissesse que ele era neto de Agripa, em virtude da obscuridade do seu nascimento, e se zangava se alguém, em discurso ou em verso, o colocava entre os Césares. Proclamava que sua mãe era o fruto dum incesto de Augusto com sua filha Júlia. Não contente com este ultraje à memória de Augusto, proibiu a celebração, com festas solenes, das vitórias do Âncio e da Sicília, como calamitosas e funestas ao povo romano. Chamava repetidamente à sua bisavó Lúvia Augusta “um Ulisses de saíote”, e, numa carta dirigida ao Senado, ousou acusá-la de provir de linhagem humilde, sob o pretexto de que ela tinha por avô materno um decurião de Fundi (227), embora os monumentos públicos atestassem que Aufídio Lucro exercera magistraturas em Roma. Recusou uma entrevista secreta à sua avó Antônia, que lha solicitara sob a condição de que o prefeito Mácron não a presenciasse. Foram vexames e indignidades desta espécie que causaram a morte de Antônia, se é que não

pereceu envenenada por ele, como pensam alguns. Não prestou nenhuma homenagem à morta: apenas olhou, da sua sala de jantar, a pira em chamas. Resolveu liquidar inopinadamente o seu irmão Tibério, mandando assassiná-lo por um tribuno militar. Forçou seu sogro Silano a suicidar-se (228), golpeando a garganta com uma navalha. Alegou, como pretexto para estas duas mortes, que Silano não o havia acompanhado no mar, durante uma tempestade, e ficara com a intenção de se apoderar de Roma, caso lhe acontecesse alguma desgraça determinada pelo temporal. De outro lado, assegurava que seu irmão aspirava um antídoto, como se quisesse, assim, premunir-se contra um envenenamento. Em verdade, Silano procurava evitar o que os enjoos têm de insuportável e o que a navegação tem de penoso e Tibério recorrera a um medicamento para combater um acesso de tosse que se agravava. Quanto a Cláudio, seu tio paterno, só o poupou para dele fazer um juguete.

Entreteve com todas as suas irmãs um comércio sexual vergonhoso. Nos grandes banquetes, colocava-as, alternadamente, embaixo dele, enquanto sua esposa ficava em cima. Acredita-se que haja desvirginado Drúsila, ao tempo em que ainda envergava a toga pretexta, pois fora surpreendido com ela por sua avó Antônia na casa em que se criaram ambos os dois. Ela casou-se logo com Lúcio Cássio Longino, personagem consular, de quem a arrebatou depois, tratando-a publicamente como sua legítima esposa. Ao sentir-se doente, em certa ocasião, instituiu-a herdeira dos seus bens e do Império. Morta Drúsila (229), suspendeu a justiça em sinal de luto e constituía crime capital, durante o tempo do pesar, o rir, o tomar banho ou o jantar em companhia de parentes, mulher e filhos. Incapaz de resistir a tamanha dor, fugiu repentinamente da cidade em plena noite, marchou através da Campânia, transportou-se a Siracusa e retornou de barba e cabelos crescidos. Daí por diante, quer em relação aos negócios mais importantes, quer falando ao povo e aos soldados, jamais pronunciou um juramento que não fosse “pela divindade de Drúsila”. Não dedicou às suas outras irmãs nem um amor impetuoso, nem lhes dispensou consideração: ele as prostituía, muitas vezes, com os seus próprios favoritos. Assim, pôde ele com mais facilidade condená-las no processo contra Emílio Lépidio (230) como adúlteras e cúmplices nas tramas urdidas contra a sua esposa. Não somente publicou suas assinaturas, que ele obtivera frau-

dulentamente, ou por meio de corrupção, mas ainda consagrou a Marte Vingador as três espadas preparadas para assassiná-lo. A estas, juntou também a sentença.

Não se pode afirmar se foi mais impudente quando realizou seus casamentos, ou quando os anulou, ou ainda quando os manteve. Mandou buscar Lúvia Orestila, no dia mesmo das suas núpcias com Cnéio Pisão, a cujas bodas assistira, e a repudiou ao cabo de algumas semanas. Dois anos mais tarde banuiu-a, sob a desculpa de que, neste interregno, renovara suas relações com seu primeiro marido. Referem outros que, convidado para o baquete nupcial, Calígula dissera a Pisão, que se achava deitado à sua frente: “Não te chegues tão perto da minha mulher”. Imediatamente a levou da sala do festim e, no dia seguinte, fez publicar “que contratara um casamento a exemplo de Rômulo e de Augusto” (231). Como ouvisse dizer, da boca da própria avó, que Lúlia Paulina, casada com Caio Mêmio, consular comandante dos exércitos, era belíssima, fê-la vir da sua província, trazida pela mão do marido (232), dormiu com ela e, dentro em pouco, mandou-a embora, proibindo-a, entretanto, de manter relações com quem quer que fosse. Amou mais ardorosa e constantemente a Cesônia, que não era, em absoluto, uma beleza notável, nem tampouco era jovem e tivera, já, três filhos dum outro marido. Era, porém, uma mulher luxuriosíssima e muito lasciva. Foi até ao ponto de mostrá-la aos seus soldados, revestida apenas duma clâmide, dum escudo e dum capacete, cavalgando ao seu lado. Aos amigos, mostrou-a nua em pelo. Ao dar à luz, honrou-a com o nome de sua esposa e, no mesmo dia, declarou-se seu marido e pai da criança que ela entregara ao mundo. Chamou a filha Júlia Drúsila, passeou-a pelos templos de todas as deusas e a depositou no regaço de Minerva, a quem encarregou do cuidado de nutri-la. No seu modo de entender, não havia mais seguro indício de que ela era bem do seu sangue do que o da ferocidade, que já demonstrava: essa característica era tanta nela que, cheia de fúria, avançava com as unhas no rosto e nos olhos das crianças com as quais brincava.

Seria fútil e ocioso, à vista desses detalhes, contar como tratou seus parentes e amigos. Ptolomeu, filho do rei Juba, seu primo-irmão (pois ele era também neto de Marco Antônio pela sua filha Selena) e sobretudo o próprio Mácron, a própria Ênia, inclusive aqueles mesmos que o auxi-

liaram nos negócios do Império, os quais tinham a militar a seu favor ou o direito de parentesco ou o preço dos seus serviços – todos foram mortos da maneira mais sanguinária. Não se mostrou, de modo algum, nem mais atencioso, nem mais sereno em relação ao Senado. Não se importou que alguns senadores, respeitáveis pelo desempenho dado outrora aos mais elevados cargos, corresse, de toga, ao lado do seu carro, pelo espaço de várias milhas. Nem tampouco que se conservassem eretos, quer à mesa quando ele comia, quer à cabeceira ou aos pés da sua cama, na postura idêntica à dos escravos. Cometeu, secretamente, outros assassínios. Sem embargo, continuou a referir-se às vítimas como se estas estivessem vivas ainda. Poucos dias decorridos, atribuía-lhes mentirosamente uma morte voluntária. Demitiu dos seus cargos os cônsules (233) que se haviam esquecido de anunciar, por édito, o dia do seu aniversário natalício. Assim, durante três dias a República se viu privada de autoridade soberana. Fez chicotear seu questor, apontado como conspirador, e atirar as vestes de que havia sido despojado aos pés dos soldados para que assim se mostrassem estes mais ardorosos no espancamento. Tratou do mesmo jeito e com a mesma violência as outras ordens. Importunado com o barulho daqueles que, desde a meia-noite, se haviam apossado, no Circo, das localidades gratuitas, mandou expulsá-los todos a pauladas. No decorrer deste tumulto, mais de 20 cavaleiros romanos, outras tantas matronas e uma multidão numerosa doutros cidadãos foram massacrados. Nos jogos cênicos, com o fito de suscitar um motivo de discórdia entre o povo e os cavaleiros, começou as distribuições mais cedo do que de costume, a fim de que os bancos dos cavaleiros fossem ocupados por gente da mais baixa condição. Ordenou muitas vezes, em meio a um espetáculo de gladiadores, que se retirasse a coberta do circo, sob um sol causticante, determinando, ao mesmo tempo, que ninguém dali se retirasse. Mandava remover o aparato ordinário dos jogos e lançar às feras os adversários mais vis, alquebrados pela idade, assim como gladiadores de teatros feirais, conhecidíssimos pais de família, que demonstrassem qualquer sinal de fraqueza. Em repetidas ocasiões, fechando os celeiros, proporcionou fome ao povo.

A ferocidade da sua natureza ficou evidenciada nos seguintes traços. Como custasse muito caro o gado com que se alimentavam as feras, designou, entre os criminosos, os que deviam ser devorados. Com este

escopo passou em revista as prisões, sem examinar nenhum registro carcerário, limitando-se a, de pé, no meio da galeria, fazê-los conduzir ao suplício, do primeiro ao último. Exigiu dum cidadão (234) que prometera combater na arena pela saúde de César o cumprimento da palavra empenhada. Permitiu-lhe combater com gládio e não o dispensou depois que venceu e, assim mesmo, à vista de muitos rogos. Entregou à petizada outro homem (235), que jurara morrer pela mesma causa, mas que hesitava. Foi coroado de verbena e pequenas faixas. As crianças, lembrando-lhe a promessa feita, levaram-no, então, de bairro em bairro, até que resolveram precipitá-lo do alto duma muralha. Condenou ao trabalho das minas, das estradas e também às feras uma multidão de cidadãos honrados, depois de afrontados com estigmas vergonhosos, ou, de outro modo, de encerrados em jaulas, onde eram obrigados a se conservarem de quatro pés como animais. A outros, mandava cortá-los pelo meio do corpo. Nada disso se verificava em virtude de motivos graves, mas por se haver descontentado com eles nalgum espetáculo, ou porque não tivessem querido jurar pelo seu gênio. Forçou os pais a assistirem ao suplício dos próprios filhos. Como um deles se desculpasse, alegando motivos de saúde, enviou-lhe a sua liteira. Outro (236), que acabava de presenciar idêntico tormento, foi logo convidado a comparecer a um festim, onde, por meio de toda espécie de gentilezas, Calígula o obrigou a rir e a divertir-se. Fez espancar na prisão, durante vários dias seguidos, o intendente dos seus espetáculos e das suas caças e só o assassinou depois que se sentiu incomodado com o mau cheiro do seu corpo em putrefação. Queimou em meio à arena um verso humorístico que se prestava a trocadilho. Como um cavaleiro romano, exposto às feras, gritasse que estava inocente, mandou recolhê-lo, cortou-lhe a língua e devolveu-o à arena.

Perguntou, em certa oportunidade, a um cidadão que voltava de longo exílio que costumava fazer lá. Este, para adulá-lo, respondeu: “Pedia sempre aos deuses que matassem Tibério (o que se realizou) e te entregassem o Império.” Desta maneira persuadiu-se de que todos os que haviam sido proscritos desejavam também a sua morte e enviou soldados, de ilha em ilha, para degolá-los todos. Como quisesse reduzir um senador (237) a pedaços, aliciou gente para acusá-lo como inimigo público, logo à sua entrada na Cúria, atirar-se contra ele, feri-lo com seus estiletos e entregá-lo

à população para que o esfaçalhasse. Não se deu por satisfeito enquanto não viu com os próprios olhos os membros e as entranhas do homem arrastados pelas ruas e amontoados aos seus pés.

Aliava à monstrosidade dos seus atos a atrocidade dos seus propósitos. Afirmava nada encontrar de melhor para louvar e aprovar no seu caráter do que (para empregar o termo de que se valia) a sua “impassibilidade”. Antônia, sua avó, dava-lhe conselhos. Demonstrando pouco caso em segui-los, respondia: “Lembra-te que me é lícito agir contra quem bem entenda.” Como já tencionasse trucidar seu irmão, suspeito de se haver premunido de contraveneno, interrogava: “Antídoto contra César?” Ao banir as irmãs, disse-lhes, ameaçadoramente, “que ele não possuía apenas ilhas, mas também espadas”. Costumava um antigo pretor, retirado em Anticira (238) pedir-lhe, em razão do seu estado de saúde, prorrogação de licença. Calígula enviou ordem para matá-lo, acrescentando “que uma sangria se tornava necessária a quem, por espaço de tanto tempo, o eléboro nada adiantou”. De dez em dez dias assinava a lista dos prisioneiros condenados à morte, dizendo que “estava ajustando as contas”. Como tivessem sido condenados ao mesmo tempo numerosos gauleses e gregos, glorificava-se “de haver subjugado a Galo-Grécia”.

Quase que não matava as suas vítimas senão a pequenos golpes reiterados e era-lhe bem conhecida a opinião, que não cessava de repetir: “Bate-lhe, mas de maneira que ele se sinta morrer.” Uma troca de nomes ocasionou a morte doutro homem que não estava destinado ao suplício. Contudo, Calígula asseverou que este também merecia o mesmo tratamento. Constantemente lhe vinha à boca este verso duma tragédia: “Podem me odiar, contanto que me temam!” Atacou, com igual virulência, todos os senadores, classificando-os de “sequazes de Sejano” ou de “delatores das suas próprias mães e irmãos”. Ao exhibir os documentos que fingia desejar queimar (239), defendeu a crueldade de Tibério, assegurando que ela se tornara necessária, em vista de tantas acusações dignas de fé. Apon-tou continuamente a ordem equestre como idólatra dos jogos cênicos e dos combates. Irritado contra a massa, cujos aplausos contrariavam as suas preferências, exclamou: “Quem me dera que o povo romano tivesse apenas um pescoço!” Como a turba reclamasse o bandido Tetrínio, respondeu “que aqueles que o reclamavam não passavam também de Tetrínios”. Cin-

co reciários, em túnica, que combatiam em grupo, sucumbiram sem resistência, sob um número igual de antagonistas. Ao ser expedida a ordem de matá-los, um deles, retomando seu tridente, trucidou todos os vencedores. Ele deplorou num édito esta carnificina, tachando-a de pavoroso massacre e imprecando contra aqueles que tiveram a coragem de assistir a ele.

Costumava queixar-se abertamente da condição dos tempos em que vivia: pois não se assinalavam por nenhuma calamidade pública. O principado de Augusto estava marcado pelo desastre de Varo. O de Tibério, pelo desabamento do anfiteatro de Fidenas. O seu estava ameaçado do esquecimento pela prosperidade pública. E de quando em vez desejava a derrota dos seus exércitos, a fome, a peste, um incêndio, um tremor de terra.

Quando se divertia e se dedicava aos jogos e aos festins, a mesma crueldade impregnava suas palavras e seus atos. Muitas vezes, enquanto comia ou realizava uma orgia, as torturas eram aplicadas ali mesmo, sob os seus olhos. Um soldado, hábil em decapitações, cortava indiferentemente a cabeça a todos os prisioneiros. Em Puzoles, quando da consagração da ponte que ele imaginara, como dissemos mais acima, convidou para junto de si numerosas pessoas que se achavam pelas margens, e repentinamente precipitou-as todas ao mar. Algumas apegaram-se ao leme de embarcação. Ele as afogou na água, a golpes de varas e de remos. Em Roma, num festim público, um escravo tirara dum leito uma lâmina de prata. Ele o entregou imediatamente ao carrasco com a ordem de lhe cortar as mãos e de atá-las ao pescoço, colocando-as sobre o peito. Fê-lo ainda, dessa maneira, passear à roda dos convivas, precedido dum cartaz em que se explicava a causa do castigo. Como um gladiador que com ele se exercitava no manejo dos paus se deixasse cair voluntariamente, atravessou-o com o punhal e saiu a correr para todos os lados, a palma na mão, como se fora um vencedor. Numa determinada ocasião em que levavam uma vítima aos altares, ele se arregaçou à moda dos sacerdotes, e, levantando bem alto a sua machadinha, imolou o sacrificador. Certa vez, num suntuoso festim, de repente, começou a gargalhar. Os cônsules, que se achavam sentados ao seu lado, perguntaram-lhe por que ria assim. Calígula respondeu-lhes: “Por quê? Porque penso que com um sinal de cabeça apenas posso mandar degolá-los ambos, sem demora alguma.”

Entre outras brincadeiras, fez esta: parou, um dia, diante duma estátua de Júpiter e perguntou ao ator trágico Apeles se lhe parecia maior do que ele. Como o ator vacilasse, bateu-lhe a chicotadas, felicitando-o depois, várias vezes, pelo timbre da sua voz suplicante, que ele achava doce até mesmo quando gemia. Toda vez que cobria de beijos o pescoço da sua mulher, ou o da sua amiga, dizia: “Esta bela cabeça cairá quando eu quiser.” Repetidamente asseverava “que ainda faria Cesônia confessar, por meio de tortura, por que o amava tanto”.

Declarou-se, não menos por inveja e malícia do que por orgulho e ferocidade, contra quase todos os homens de todos os séculos. Derrubou e dispersou as estátuas dos homens ilustres que Augusto transportara da praça do Capitólio, em virtude da falta de espaço, para o Campo de Marte. Por esse motivo não se pôde restaurá-las com todas as suas inscrições. Proibiu que, de futuro, se erigisse, em qualquer parte e a quem quer que fosse, estátuas ou imagens a não ser com a sua permissão ou por iniciativa sua. Sonhou, mesmo, em abolir os poemas de Homero: “Por que – argumentava – não se lhe permitir o que é permitido a Platão, que o expulsara da República que organizou?” Faltou muito pouco para que não arrebatasse de todas as bibliotecas as obras e as imagens de Virgílio e de Tito Lívio. Ao primeiro, censurava-o por ter pouco gênio e pouca doutrina. Ao segundo, por ser um historiógrafo verboso e negligente. Quanto aos juriconsultos, como quisesse suprimir-lhes o uso da ciência, declarava sempre “que agiria de tal modo – por Hércules! – que a ninguém seria lícito fazer consultas, exceto a ele”.

Cassou aos mais nobres cidadãos seus antigos títulos de família. A Torquato, o colar. A Cincinato, a cabeleira. A Cnéio Pompeu, de antiga stirpe, o cognome de Grande. Ptolomeu, que, como já disse, ele fizera vir do seu reino e acolhera com tantas homenagens, foi ferido unicamente porque, ao entrar no teatro, num dia em que Calígula oferecia jogos, atraía todos os olhares para o brilho do seu manto de púrpura. Toda vez que encontrava transeuntes bonitos e bem penteados, desfigurava-os mandando raspar-lhes a cabeça por trás. Havia um tal Ésio Próculo, filho dum primipilário, que, pelo garbo e beleza da sua figura excepcional, recebera o apelido de “Colossero”. Calígula fê-lo conduzir, sem demora, para o meio dos espectadores, pô-lo na arena e obrigou-o a lutar com um trácio, depois

com um gladiador equipado com todas as armas. Ésio foi duas vezes vencedor. Pois bem: mandou espancá-lo, imediatamente depois, coberto de farrapos pelas ruas, mostrá-lo às mulheres e, em seguida, degolá-lo. Numa palavra, não houve uma só pessoa, por mais abjeta que fosse sua condição, por mais ínfima que fosse a sua classe, de quem não invejasse os proveitos. Como o rei (240) do Bosque de Diana estivesse de posse do sacerdócio desde muitíssimos anos, o sacrificou em favor de um adversário. Num espetáculo, o gladiador do carro triunfal, Pório, que libertara, por meio duma brilhante vitória, um dos seus escravos, foi aplaudido com entusiasmo. Calígula abandonou tão bruscamente a assembleia que, pisando numa aba da toga, rolou do alto do palanque. Cheio de indignação, gritou “que o povo dominador do mundo concedia a um gladiador, por motivo futilíssimo, mais honras do que aos seus príncipes sagrados e do que a ele próprio, que ali estava presente”.

Não poupou nem o seu pudor, nem o de outrem. Favoreceu Marco Lépidio (241), o pantomimo Mnester, alguns reféns, com os quais entretinha comércio infame. Valério Catulo, jovem pertencente a uma família consular, censurou-o por tê-lo desonrado e lhe fatigado os rins com os seus contatos. Sem falar dos incestos praticados com suas irmãs e da sua paixão tão conhecida pela prostituta Pirálide, quase não houve mulher, por menos ilustre que fosse, que ele não tivesse desrespeitado. As mais das vezes, convidava-as a cear com seus maridos e, fazendo-as passar diante dele, as examinava, atenta e vagarosamente, como um comprador, indo até ao ponto de levantar-lhes o rosto se, por vergonha, elas o abaixassem. Depois, toda vez que sentia desejo, saía do triclínio conduzindo aquela que mais lhe agradava. De volta, dentro em pouco, com os traços de deboche ainda frescos, elogiava-a ou criticava-a publicamente, enumerando as qualidades da sua pessoa, ou o que a sua maneira de amar tinha de bom e de afetuoso. A algumas mulheres enviou, ele próprio, um aviso de divórcio, em nome dos seus maridos ausentes, e mandou inserir esse aviso nos atos oficiais.

Pelas suas despesas extravagantes, superou tudo quanto os prodígios pudessem imaginar. Inventou uma nova espécie de banho e os gêneros mais extraordinários em matéria de iguarias e jantares. Banhava-se em essências quentes e frias. Engolia, depois de molhá-las no vinagre, as pérolas mais preciosas. Servia aos seus convivas pão e manjares de ouro.

Gostava de afirmar “que ele precisava ser ou um homem frugal, ou um César”. Houve mais: atirou ao povo, durante alguns dias, do alto da basílica Júlia, moedas que representavam uma boa soma. Mandou construir galerias com dez fileiras de remos, popas ornadas de pedrarias, velas de cores as mais diversas, providas de banhos quentes, de galerias e triclinios espaçosíssimos e até mesmo de videiras e árvores frutíferas de toda espécie. Era nessas embarcações que ele, sentado à mesa, em pleno dia, em meio aos coros e às sinfonias, percorria as costas da Campânia. Na construção dos seus palácios e das suas casas de campo, qualquer consideração era para ele secundária: esmerava-se em conseguir tudo quanto passasse por irrealizável. Foi assim que construiu diques num mar tempestuoso e profundo, talhou rochedos de pedra duríssima, elevou planícies à altura das montanhas, abaixou montanhas ao nível dos vales e tudo isso com uma rapidez incrível, pois qualquer demora era punida com a pena capital. Para dizer tudo numa linha: gastou em menos dum ano riquezas fabulosas e todo o tesouro de Tibério, que montava a dois bilhões e setecentos milhões de sestércios.

Esgotado e na indigência, recorreu à rapina, inventando toda espécie de chicana, de leilões e de impostos. Denegava o direito de cidadania romana àqueles cujos antepassados o haviam obtido para si e para os seus descendentes, a menos que fossem filhos. Calígula pretendia que a palavra “descendentes” não ia além da primeira geração. Destruía, como velhos e caducos, todos os atos dos divinos Júlio César e Augusto. Arguia também de mentirosas as declarações do censo, cujos possuidores, por uma circunstância qualquer, tiveram suas fortunas acrescidas depois da data em que foram passadas. Anulou, como ingratos, os testamentos dos primipilários que, desde o começo do principado de Tibério, não haviam instituído herdeiros nem a este príncipe, nem a ele próprio. Deu igualmente como nulos e inexistentes os de outros cidadãos que, como se assegurava, tinham tido a intenção de designar César por herdeiro. Como se espalhasse a notícia, muitos desconhecidos o inscreviam publicamente como seu sucessor no número dos seus amigos e parentes, no número dos seus filhos. Chamava-lhes farsistas porque, após tal inscrição, continuavam ainda a viver... A muitos, dentre aqueles, enviou presentes envenenados. Não julgava nenhuma causa sem antes saber quanto iria ganhar ao sentar-se, e ao

completar a quantia desejada suspendia a audiência. Incapaz de suportar a menor demora, condenou um dia, por um só decreto, mais de 40 pessoas acusadas dos crimes os mais diversos. Por isso, gabou-se a Cesônia, recém-levantada, “do grande trabalho que levava a cabo, enquanto ela dormia a sesta”. Sujeitou e vendeu, num leilão que anunciara, os gladiadores que restavam dos espetáculos. Ele mesmo fixava os preços e elevou a tal ponto os lances que alguns cidadãos, forçados a arrematá-los a um preço exorbitante, e despojados dos seus bens, cortaram as veias. É conhecida a história de Apônio Saturnino, que cochilara no seu banco. O pregoeiro fora advertido por Calígula de não esquecer, em absoluto, aquele antigo pretor que não cessava de acenar com a cabeça. Não estava ainda terminada a licitação quando 13 gladiadores, por nove milhões de sestércios, lhe tinham sido adjudicados sem a sua ciência.

Na Gália, depois de ter vendido, a preços excessivos, os ornamentos, o mobiliário, os escravos e até mesmo os libertos dos condenados, seduzido pela ambição do ganho, trouxe a Roma todo o aparato da antiga corte. Apossou-se, para transportá-lo, dos carros de aluguel e dos cavalos dos moleiros, de sorte que o pão faltou durante alguns dias na cidade e os litigantes se viram privados dos seus direitos, porque não puderam se apresentar ao ato da partilha. Para se desfazer deste aparato, não houve fraude nem sedução que não empregasse: ora censurava, sucessivamente, a todos os cidadãos a sua avareza e de não terem vergonha de ser mais ricos do que ele; ora fingia arrepender-se de ter cedido a particulares o que pertencera a príncipes. Contaram-lhe que um rico provinciano oferecera 200 mil sestércios ao servo do palácio para que o incluísse sub-repticiamente entre os convidados a um dos festins. Calígula não se zangou ao ter conhecimento de que custava tão alto preço a honra duma ceia à sua mesa. Como visse, no dia seguinte, esse homem sentado no local dum leilão, fez-lhe adjudicar por cem mil sestércios não sei que bobagem e mandou dizer-lhe “que César o convidava pessoalmente para cear”.

Cobrou impostos novos e dos quais jamais se ouvira falar, primeiro por publicanos e, mais tarde, como a arrecadação ultrapassasse a sua expectativa, por centuriões e tribunos do pretório. Não houve nenhuma categoria de coisas ou de pessoas a que não impusesse algum tributo. Para os comestíveis vendidos na cidade, exigia-se um direito fixo e estável. Para

os processos e julgamentos, onde quer que fossem feitos, cobrava-se antecipadamente a quadragésima parte da soma em litígio, assim como uma multa de todo aquele contra quem ficasse provado haver transigido ou desistido do negócio. Impunha-se aos carregadores o pagamento da oitava parte do seu jornal e às prostitutas o da sua tarifa individual relativo a uma cópula. Um aditivo ao capítulo desta lei estipulava que este imposto seria pago também por aquelas que tivessem exercido a profissão de alcoviteiras e que as mulheres casadas não estavam isentas.

Estes impostos haviam sido proclamados, mas não afixados. Assim, como fossem cometidas inúmeras contravenções por ignorância do texto da lei, Calígula decidiu, por fim, a instâncias do povo, afixar a lei, mas em caracteres tão diminutos e num espaço tão estreito que ninguém pudesse copiá-la. Para que nenhum gênero de extorsão lhe fosse estranho, estabeleceu um lupanar no seu palácio. Nas células, separadas e mobiliadas de acordo com a majestade do lugar, se encontravam matronas e homens de condição livre. Enviou, de praça em praça, de basílica em basílica, nomenclatores para convidar jovens e velhos à concupiscência. Emprestava-se aos visitantes dinheiro a juros. Empregados tomavam nota dos seus nomes, aumentando os rendimentos de César. Não desdenhava, em absoluto, os jogos de azar e aumentava seu lucro pela fraude e até mesmo pelo perjúrio. Certa vez que encarregara seu vizinho de substituí-lo na mesa, avançou até o vestíbulo da sua casa. Nesse momento viu passar dois ricos cavaleiros romanos. Fê-los prender imediatamente, confiscou-lhes os bens e voltou, radiante de alegria, jactando-se de jamais ter ganho melhor parada.

Ao nascer-lhe uma filha, lamentou-se da sua pobreza e dos encargos paternos que se agravavam, desde então, aos do governo e aceitou coletas públicas para a sua manutenção e para o dote da sua menina. Anunciou, por édito, que aceitaria presentes de ano-bom. E se plantou no átrio do seu palácio, no dia das calendas de janeiro, para agarrar as moedas que a multidão de gente de todas as condições sociais atirava diante dele, esvaziando as bolsas. Finalmente, consumido pelo desejo de tocar no dinheiro, caminhou, muitas vezes, de pés descalços, sobre imensos montões de moedas de ouro espalhadas pelo chão e neles rolava, por longo espaço de tempo, de corpo inteiro.

Não se envolveu em guerras nem em empresas militares senão uma única vez e assim mesmo sem objetivo premeditado. Como tivesse avançado até a Mevânia (242) para ver o bosque e o rio do Clituno (243), aconselharam-no a completar a guarda batava que o acompanhava. Assim, tomou-se do capricho de realizar uma incursão na Germânia. Sem demora, mobilizou legiões e tropas auxiliares, de todos os lados. Procedeu, por toda parte, ao recrutamento, com extremo rigor. Reuniu aprovisionamento num total como jamais se vira e pôs-se a caminho. Marchava com tanta pressa e rapidez que as coortes pretorianas se viram forçadas, contra a tradição, a conduzir as insígnias nas bestas de carga e segui-lo assim. Outras vezes, acontecia o contrário: a marcha se fazia com tanta indolência e tão vagarosamente que oito pessoas conduziam a sua liteira e a população das cidades vizinhas podia limpar as estradas para ele e irrigá-las por causa da poeira.

Ao chegar ao acampamento, para se mostrar um chefe áspero e severo, despiu, ignominiosamente, capitães que haviam transportado, com bastante retardo, de diversos pontos, as tropas auxiliares. Ao passar o exército em revista, arrebatou os primipilários à maior parte dos centuriões que já haviam atingido a idade madura e a outros que a atingiriam dentro de poucos anos, sob o pretexto de senilidade e fraqueza. A muitos outros, repreendeu-lhes, severamente, a cupidez e reduziu a seis mil sestércios todas as vantagens dos veteranos. Limitou-se a receber a submissão de Admínio, filho de Cinobelino, rei dos bretões, que, expulso por seu pai, fora se refugiar ao pé de César com um pequeno exército. E, como se essa submissão pudesse equivaler à de toda a nação, enviou a Roma cartas magníficas, recomendando aos correios levá-las em carro até o Fórum e à Cúria e não entregar essas mensagens ao cônsul a não ser no templo de Marte e diante do Senado reunido.

Logo, como não mais houvesse razão para fazer a guerra, ordenou a um pequeno número de germanos da sua guarda que passassem o Reno e se conservassem escondidos. Após o jantar, anunciou-se com um tumulto incrível que o inimigo se aproximava. Feito isto, atirou-se com seus amigos e com uma parte dos seus cavaleiros pretorianos à floresta vizinha. Cortou árvores, à maneira de troféus, e retornou à luz de archotes, censurando aos que não o tinham acompanhado, a poltronice e a covardia.

Os que o haviam seguido e tomaram parte na vitória receberam coroas de novo gênero e novo nome, ornadas das figuras do Sol, da Lua e dos astros, às quais chamou “exploratórias” (244). Em outra ocasião, roubou duma escola alguns jovens reféns e fê-los partir na frente, secretamente. De repente, abandonando a refeição, entrou a persegui-los com a sua cavalaria e os trouxe carregados de cadeias como fujões a quem se desse caça. Excedera, com esta comédia, todas as medidas. De volta à mesa, convidou aos que lhe foram comunicar que o exército estava reunido a se sentarem ao seu lado, tal como estavam, revestidos de couraças, e os concitou ainda, com um verso conhecidíssimo de Virgílio (245), “a se armarem firmemente e se reservarem para felizes circunstâncias”. E, ao mesmo tempo, exprobrou, num édito rispídissimo, o Senado e o povo por terem, “enquanto César combatia e se expunha a tão grandes perigos, celebrado alegres festins nos espetáculos do circo, no teatro e nos risinhos refúgios”.

Finalmente, para terminar a guerra, colocou seu exército em linha de batalha na margem do oceano. Dispôs balistas e máquinas, sem que ninguém soubesse ou suspeitasse do que ia realizar. Subitamente, ordenou que se juntassem conchas e com elas se enchessem os bolsos e os capacetes. “São os despojos do oceano – afirmava. – Eles devem ir para o Capitólio e o Palatino.” Elevou, em comemoração à sua vitória, uma altíssima torre (246) em que luzes brilhavam como num farol para guiar, de noite, a rota dos navios. Anunciou também aos soldados uma gratificação de cem denários por cabeça. Julgando houvesse ultrapassado todos os exemplos de liberalidade, lhes disse: “Ide alegres, ide como ricos.”

A seguir, dedicou-se aos cuidados do seu triunfo. Escolheu, além dos cativos e dos trãnsfugas bárbaros, todos os gauleses de alta estatura e, como ele próprio se exprimia, triunfais. Para o seu cortejo reservou alguns chefes. A estes, forçou-os, não somente a tingir seus cabelos de vermelho e a deixá-los crescer, mas ainda a aprender a língua dos germanos e a tomar o nome dos bárbaros. Fez transportar a Roma, grande parte por via terrestre, as trirremes nas quais entrara no oceano. Escreveu também aos seus intendentés, encarregando-os de “lhe prepararem seu triunfo com o menor gasto possível, mas de tal maneira que não se tivesse notícia doutro tão colossal assim, pois ele tinha direito sobre os bens de todo mundo”.

Antes de deixar a província, manifestou um desejo duma atrocidade abominável: o massacre das legiões que se haviam revoltado outrora, após a morte de Augusto, porque elas haviam assediado seu pai Germânico (247), seu chefe e ele próprio, ainda em tenra idade. Desviado a muito custo dum projeto tão sinistro, nada pôde impedi-lo de querer dizimá-las. Convocou-as para uma assembleia sem armas e mesmo sem espadas e as fez envolver com a sua cavalaria armada. Como visse, porém, que os soldados suspeitavam dos seus desígnios e que a maior parte se escapara para retomar as armas e usá-las no caso de ser cometida alguma violência, fugiu da reunião e retornou às pressas à cidade. Atirou toda a sua raiva contra o Senado, ao qual ameaçava abertamente, com o fito de afastar os rumores provocados pelas vilezas que cometera. Queixava-se, entre outras coisas, de ter sido despojado fraudulentamente do triunfo completo, quando, havia pouco, vedara, sob pena de morte, que se falasse jamais em lhe render homenagens.

Delegados da primeira ordem do Estado foram ao seu encontro e pediram-lhe que apressasse a sua volta. “Eu irei – respondeu-lhes com voz grossa –, eu irei e esta comigo”, batendo repetidamente no copo da sua espada. Declarou que tornaria, mas somente para aqueles que o desejavam: para a ordem dos cavaleiros e para o povo, pois, em relação ao Senado, ele não seria mais nem cidadão, nem príncipe. Não consentiu, mesmo, que nenhum senador fosse ao seu encontro. E, porque renunciasse ao seu triunfo ou o transferisse, entrou em Roma sob ovação, no dia do seu aniversário natalício. Pereceu menos de quatro meses mais tarde, depois de ter cometido crimes monstruosos e haver meditado muitos outros mais tremendos ainda. Com efeito, tinha em mente retirar-se para o Âncio e, a seguir, para Alexandria, depois de ter assassinado os principais elementos das duas ordens. Não poderia existir a este respeito a menor dúvida, pois encontraram-se nos seus papéis secretos duas memórias intituladas, uma *A Espada*, outra *O Punhal*. Ambas continham a lista nominativa das pessoas destinadas à morte. Achou-se também um cofre enorme, cheio de venenos os mais diferentes. Narra-se que, jogados ao mar por Cláudio, infectaram as ondas, e a maré não demorou em atirar nas praias os peixes mortos.

Era de alta estatura, tez palidíssima, corpo enorme, o pescoço e as pernas delgadas. Os olhos, assim como as têmperas, fundos. A fronte

larga e carrancuda. Cabelos raros e o alto da testa desguarnecido. O resto do corpo, cabeludo. Constituía crime capital olhá-lo, quando ele passava, por cima, e pronunciar por qualquer motivo a palavra “cabra”. Seu rosto era naturalmente horrível e repelente. E ele procurava torná-lo ainda feroz, compondo-o diante dum espelho para inspirar terror e espanto. Não era são nem de corpo nem de espírito. Era vítima, desde a infância, de crises de epilepsia. Na juventude não podia suportar fadigas sem ser acometido de desmaios súbitos que a custo lhe permitiam caminhar, manter-se em pé, tomar fôlego e sustentar-se. Possuía plena consciência do seu estado mental e por mais duma vez imaginou curar-se, procurando a solidão. Acredita-se que sua mulher Cesônia lhe tivesse subministrado algum filtro amoroso (248), cujo único efeito fosse torná-lo furioso. Era, sobretudo, atormentado pela insônia, pois não chegava a dormir mais de três horas por noite. Este repouso, longe de ser calmo, era ainda perturbado por estranhos fantasmas, a tal ponto que, certa vez, entre outras, lhe pareceu ver a imagem do mar a conversar com ele. Também, durante a maior parte da noite, cansado de estar acordado na cama, tinha por hábito ora sentar-se no leito, ora passear ao longo dos seus imensos pórticos, a invocar e a esperar a luz do dia.

Atribuirei, não sem razão, ao seu estado mental, defeitos tão incompatíveis como a sua extrema confiança e a sua excessiva timidez. Na realidade, ele, que desprezava todos os deuses, à queda dum simples raio e ao menor relâmpago fechava os olhos e cobria a cabeça. Se redobravam, saltava para cima da cama e se enrolava nas cobertas. Numa viagem à Sicília, depois de ter ridicularizado os milagres de que se ufanavam muitas localidades, fugiu inopinadamente de Messina, em plena noite, assustado com a fumaça e o estrondo da cratera do Etna. A despeito das suas grandes ameaças contra os bárbaros, um dia em que marchava, de carro, além do Reno, comprimido com suas tropas num desfiladeiro, ouviu alguém dizer “que o morticínio não seria pequeno, se o inimigo aparecesse”. Montou a cavalo instantaneamente, voltou-se precipitadamente para as pontes. Como, porém, estas estivessem atravancadas com carroças e bagagens, não suportou a demora e se fez transportar de mão em mão, por cima da cabeça de todos. Logo em seguida, à notícia da sublevação na Germânia, preparou a frota, que favoreceria a sua fuga. A única consolação sobre a qual se

apoiava era a de que lhe restavam, pelo menos, as províncias de além-mar no caso em que os vencedores se apossassem da passagem dos Alpes, como os cimbros, ou até mesmo de Roma, como outrora os senônios. Foi isso, creio eu, que forneceu mais tarde aos seus matadores a ideia de dizer aos soldados revoltados que ele se suicidara apavorado, como estava, com a notícia duma derrota.

A roupa, o calçado e o resto do vestuário que ele sempre usou não eram nem dum quírite, nem mesmo dum homem, e, numa palavra, não tinham nada de humano. Muitas vezes aparecia em público envolto em casacões salpicados de diversas cores, cobertos de pedrarias, de mangas e braceletes. Outras, de vestido de seda com cauda. Ora de sandálias ou de coturnos, ora de botas militares ou de tamancos de mulher. Mais seguidamente, porém, se apresentava com uma barba de ouro, a segurar o raio, o tridente e o caduceu, insígnias dos deuses, e também em trajes de Vênus. Trazia consigo quase sempre os ornamentos triunfais, mesmo antes da sua expedição, e, de tempos em tempos, também a couraça de Alexandre o Grande, que ele mandara retirar do seu sepulcro.

Das disciplinas liberais, afez-se pouquíssimo à erudição e muito à eloquência. Possuía a palavra fácil e pronta, sobretudo quando falava contra qualquer pessoa. Na cólera, as palavras e as ideias lhe afluíam com abundância. Sua pronúncia e sua voz eram tão animadas que não podia ficar num lugar só: afastava-se da assistência para se fazer ouvir. Quando devia falar em público, começava com um arremesso da sua elucubração, desprezando de tal sorte o estilo doce e ataviado, que dizia de Sêneca, então fora da moda, “que compunha puras amplificações escolásticas” e “era de areia sem cal”. Costumava também responder aos discursos de sucesso dos oradores, preparar o libelo ou a defesa das grandes personagens, acusá-las perante o Senado e, segundo o que pudesse favorecer melhor o desenvolvimento, agravar a acusação ou defender o acusado. A ordem dos cavaleiros era, por édito, convidada a vir ouvi-lo.

Exerceu com paixão e talento outro gênero completamente dessemelhante: era, quando entendia, auriga, cantor e dançarino. Esgrimia com armas de combate e dirigia carros nos circos que ele construía em muitos lugares. O prazer de cantar e de dançar o entusiasmava de tal maneira que não podia deixar de, mesmo nos espetáculos públicos, acom-

panhar à meia-voz a declamação do trágico e de imitar abertamente os gestos do histrião, fosse para louvá-los, fosse para corrigi-los. Ao que se julga, não foi por outra razão senão para estrear na cena e de noite (o que lhe proporcionava maior liberdade) que, no dia do seu assassinio, determinou uma vigília religiosa. Quase sempre dançava, também, à noite. Na segunda vigília, ordenou que fossem chamados a palácio três personagens consulares. Vieram estas, trêmulas de medo, na expectativa dos mais terríveis maus-tratos. Calígula instalou-as em cima de um estrado. Depois, de súbito, saltou no proscênio com o manto e a túnica flutuante e, acabada a cena, retirou-se. Entretanto, ele, que tinha tanta facilidade para o resto, não sabia nadar.

Sua paixão por todos aqueles que lhe eram simpáticos ia até à demência. Em pleno espetáculo dava beijos no pantomimo Mnéster. Se alguém, enquanto ele dançasse, fizesse o menor ruído, o mandava retirar-se ou o chicoteava com a sua própria mão. Como num momento desses um cavaleiro romano tivesse murmurado, determinou, por intermédio dum centurião, que partisse para Óstia e que levasse ao rei Ptolomeu, na Mauritânia, sua mensagem cujo conteúdo era o seguinte: “Não farás a este que te envio nem bem, nem mal.” Colocou alguns trácios à frente dos seus guardas do corpo germânico. Reduziu a armadura dos seus gladiadores. Como visse Colombo vencedor, mas ligeiramente ferido, pôs-lhe na ferida um veneno que se chamou depois “colombino”. Pelo menos, foi assim que o encontraram rotulado por ele próprio, entre outros venenos. Era tão ligado e devotado aos aurigas verdes (249) que ceava frequentemente nas suas cavaliças e aí se demorava. Ao condutor Eutico, brindou-lhe numa orgia dois milhões de sestércios. Para que ninguém perturbasse o sono do seu cavalo *Incitatus* na véspera dos jogos circenses, costumava, com seus soldados, impor silêncio à vizinhança. Construiu para este cavalo uma estrebaria de mármore, e deu-lhe uma mangedoura de marfim, arreios de púrpura e um colar de gemas. E mais ainda: uma casa, domésticos e mobiliário, a fim de que os convidados em seu nome fossem suntuosamente recebidos. Lembra-se também que desejou fazê-lo cônsul.

Estava tão loucamente excitado que todo mundo teve a ideia de atacá-lo. Mas a primeira, e depois mais duas conspirações (250) foram descobertas. Ao passo que outros, por falta de ocasião, vacilavam; dois

cidadãos se compreenderam e orientaram habilmente a conspiração, não sem estabelecerem antes inteligência com libertos poderosíssimos e prefeitos do pretório, os quais, desde que haviam sido implicados, embora sem razão, em certa conjura, se tinham tornado suspeitos e odiados. Realmente, Calígula se fizera alvo da sua raiva profunda quando, chamando-os à parte, lhes afirmara de espada desembainhada que ele próprio lhes poria fim à existência “se os achasse dignos da morte”. E desde então não mais cessou de acusá-los, uns após outros, e de estabelecer a discórdia entre eles. Decidiu-se atacá-lo ao meio-dia, à saída do espetáculo, no dia dos jogos latinos. Cássio Quereia, tribuno duma coorte pretoriana, pediu para desempenhar o papel principal. Era um homem já velho, a quem Calígula tinha por hábito crivar de toda sorte de ultrajes, chamando-lhe de poltrão e afeminado. Ora, se Cássio lhe pedia a senha, ele lhe dava: “Príapo” ou “Vênus”, ora, se ia agradecer-lhe alguma coisa, oferecia-lhe a mão para beijar, predispondo-a e agitando-a de maneira obscena.

Numerosos prodígios se verificaram à aproximação da sua morte. Em Olímpia, a estátua de Júpiter, que ele decidira desmontar e trasladar para Roma, deu, de repente, tal risada que as máquinas caíram ao solo, provocando a fuga dos operários e, mais do que depressa, apareceu um certo Cássio que assegurou ter recebido, em sonho, ordem para imolar um touro àquele deus. Em Cápuia, nos idos de março, o Capitólio foi atingido por um raio. Da mesma forma, em Roma, a capela de Apolo Palatino. Não faltou quem conjecturasse que um desses prodígios anunciava a um senhor o perigo da parte dos seus guardas e que o outro pressagiava de novo um assassinio insigne, como o que outrora se realizara no mesmo dia. A uma consulta sobre o seu horóscopo, o astrólogo Sila asseverou-lhe “que uma morte absolutamente certa se aproximava”. As Sortes de Âncio o advertiam também “de se cuidar de Cássio” e, por esta razão, expedira ordens para assassinar Cássio Longino, então procônsul da Ásia, esquecendo-se de que Quereia também se chamava Cássio. Na véspera da sua morte sonhou que estava no Céu, ao lado do trono de Júpiter e que este, pegando-o pelo dedo do pé direito, arremessou-o sobre a Terra. É costume incluir também no número dos prodígios os acidentes acontecidos casualmente no dia da sua morte ou pouco antes. Ao sacrificar, salpicou-se do sangue dum papagaio. O pantomimo Mnéster dançou na mesma tragédia (251) que representara

outrora o trágico Neoptolomeu nos jogos em que fora assassinado Filipe, rei da Macedônia. Na mímica *Laureolus*, em que um ator vomita sangue ao salvar-se do desabamento dum edifício, em virtude de vários atores que representavam papéis secundários terem querido dar uma amostra do seu talento, a cena foi inundada de sangue. Preparava-se, outrossim, para a mesma noite, um espetáculo em que egípcianos e etíopes deviam representar argumentos infernais.

No dia 23 de janeiro, cerca da hora sétima, vacilou sobre se se levantaria para almoçar, de vez que seu estômago ainda estava pastoso e pesado dos alimentos da véspera. Afinal, cedendo aos conselhos dos amigos, saiu. Como tivesse que passar por uma galeria subterrânea, onde crianças de nobres famílias da Ásia se preparavam para entrar em cena, ele parou para examiná-las e exortá-las. E se o diretor do grupo não lhe tivesse dito que estava fazendo frio, ele teria retornado pelo mesmo caminho e feito recomençar o espetáculo. A partir daqui, há duas versões: uns referem que, enquanto falava às crianças, Quereia feriu-o violentamente no pescoço, por trás, com o fio da sua espada, gritando: “Toma!”, e que então Cornélio Sabino, outro tribuno que se contava entre os conjurados, com um golpe certo atravessou-lhe o coração. Contam outros que Sabino, ao procurar afastar a multidão por centuriões participantes da trama, pediu-lhe, segundo o uso militar, a senha e como Calígula desse “Júpiter”, Quereia exclamou: “Recebe, pois, a marca da sua cólera!” e lhe abriu as mandíbulas com um golpe, no momento em que ele se voltava. Derribado ao solo, berava, aos sobressaltos do corpo inteiro, que ainda vivia. Acabaram-lhe com a vida, desfecendo-lhe mais 30 golpes. A palavra de ordem para todos era “República”. Alguns conjurados enterraram-lhe a lâmina até mesmo nas partes pudendas. Ao primeiro rumor, correram em seu socorro porteiros munidos de paus e seguidos de guardas do corpo germânico. Liquidaram vários conspiradores e alguns senadores inocentes.

Viveu 29 anos (252), reinou três anos, dez meses e oito dias (253). Seu cadáver, levado às escondidas para os jardins de Lâmia e semicremado numa pira improvisada, foi recoberto ligeiramente com relva. Mais tarde foi exumado pelas suas irmãs retornadas do exílio, incinerado e sepultado. Sabe-se que, antes desta exumação, guardas dos jardins se viram perseguidos por fantasmas. Do mesmo modo não se passou uma só noite

em que, quer o palácio, quer o local em que ele sucumbira, não estivessem expostos a qualquer assombração, até que essa casa houvesse sido devorada por um incêndio. Sua mulher Cesônia morreu ao mesmo tempo que ele, atravessada a golpes de gládio por um centurião, e sua filha, rebentada contra uma parede.

Pode-se fazer uma ideia daqueles tempos pelas seguintes particularidades: a notícia do assassinio se espalhou, mas todo mundo recusou acreditar nela. Suspeitava-se de que o boato tivesse sido lançado por Calígula, a fim de poder conhecer, por este meio, a opinião do povo a seu respeito. Os conjurados não destinaram o Império a ninguém. O Senado manifestou-se unanimemente de acordo pelo restabelecimento da liberdade. Os cônsules o convocaram não na Cúria (porque esta se chamava “Júlia”), mas no Capitólio e alguns propuseram, em forma de parecer, a abolição da memória dos Césares e que se destruíssem os templos que lhes haviam sido consagrados. Tem-se observado e notado, especialmente, que todos (254) os Césares que traziam o prenome de Caio haviam perecido pelo ferro.

.....

Tibério Cláudio Druso

O

PAI DE CÉSAR CLÁUDIO, predominado a princípio Décio e mais tarde Nero, nasceu três meses após o casamento de Lívía (que estava grávida) com Augusto. Suspeita-se que haja sido fruto dum comum adultério de Lívía com o seu sogro. Em todo caso, correram céleres estes versos:

“Nasceu de pais felizes, com três meses apenas!”

Esse Druso, no decorrer da sua questura e da sua pretoria, dirigiu a guerra da Rétia, a seguir a da Germânia e foi o primeiro dos generais romanos a navegar no oceano. Construiu, além do Reno, com um trabalho inaudito e extraordinário, trincheiras que ainda hoje se chamam “de Druso”. Após haver desbaratado o inimigo com frequência e tê-lo repellido para o fundo dos desertos, não cessou de persegui-lo senão depois da aparição duma mulher bárbara de estatura extra-humana, que o proibiu, em latim, de levar avante a sua história. Em paga destas façanhas recebeu as honras da ovação e os ornamentos triunfais (255). Nomeado cônsul, imediatamente após a sua pretoria, retomou sua expedição, mas sucumbiu à doença nos quartéis

de verão, que, por esse motivo, foram chamados “acampamento maldito”. Seu corpo, trazido a Roma pelos principais cidadãos dos municípios e das colônias, foi entregue nas mãos das decúrias de escrivães e sepultado no Campo de Marte. O exército erigiu-lhe um monumento funerário, em torno do qual, todos os anos, os soldados desfilavam em marcha acelerada e onde as cidades da Gália deviam oferecer sacrifícios públicos. Além disso, o Senado, entre outras numerosas homenagens, conferiu-lhe um arco-de-triunfo, em mármore, na Via Ápia, e a ele e aos seus descendentes o cognome de “Germânico”. Era encarado como tendo tido, ao mesmo tempo, o amor da glória e o espírito cívico. Realmente, às vitórias sobre o inimigo procurou juntar sempre os despojos mais opimos, perseguindo muito além da refrega os chefes germânicos, muitas vezes ao preço dos mais rudes perigos. Jamais dissimulou a sua intenção de restabelecer, caso pudesse, a República no seu antigo estado. É o que leva – creio eu – muita gente a afirmar que, suspeito a Augusto, fosse chamado da sua província e envenenado, porque hesitara em obedecer. A bem dizer, recordo este boato para ser completo e não porque o creia verdadeiro ou verossímil. Augusto queria de tal maneira a Druso que ainda em vida deste o instituíra co-herdeiro, com seus filhos, conforme declarou um dia no Senado. E quando morreu, no elogio que lhe fez diante do povo, Augusto pediu aos deuses “que fizessem os Césares iguais aos Drusos e lhe concedesse a ele próprio um fim tão honroso como o seu”. E não contente de ter gravado no seu túmulo um epitáfio em versos, composto por ele mesmo, redigiu também, em prosa, memórias da vida dele. Druso teve muitos filhos de Antônia a Moça, mas deixou somente três: Germânico, Lívila e Cláudio.

Cláudio nasceu em Lião (256), sob o consulado de Júlio Antônio e Fábio Africano, nas calendas de agosto, no dia mesmo em que se dedicava naquela cidade um altar a Augusto. Deram-lhe o nome de Tibério Cláudio Druso. Cedo, seu irmão mais velho, como entrasse por adoção na família Júlia, tomou o sobrenome de Germânico. Tinha ainda pouca idade quando lhe morreu o pai e durante quase toda a sua infância e sua adolescência viu-se atacado de várias moléstias pertinazes que lhe enfraqueceram de tal modo o espírito que chegaram a considerá-lo inapto para toda e qualquer função pública ou privada. Durante muito tempo, e mesmo depois de libertado da sua tutela, esteve confiado à guarda de

outros e colocado sob as ordens dum preceptor, de quem se queixa num escrito “como dum bárbaro, antigo inspetor de coudelarias”, que lhe deram, propositadamente, para que lhe infligisse, sob mil cores, o mais “cruel tratamento”. Este seu estado de saúde foi a causa de que num espetáculo de gladiadores, oferecido por ele e seu irmão (257), em memória de seu pai, exercesse a presidência, contrariamente ao uso, com a cabeça coberta por uma capa, e que, no dia em que tomou a toga viril, fosse conduzido ao Capitólio em liteira, cerca de meia-noite, sem o cumprimento de nenhuma outra solenidade.

Aplicou-se, desde os verdes anos, às disciplinas liberais com um zelo fora do comum e, repetidas vezes, deu ao público amostras do seu saber, em cada gênero. Mesmo assim, porém, não conseguiu conquistar nenhuma consideração, nem despertar a esperança de maiores proveitos a seu respeito, futuramente. Sua mãe Antônia asseverava sem cessar que ele era um monstro: não havia sido acabado, mas apenas esboçado pela natureza, e quando chamava alguém de imbecil dizia sempre “que era mais cretino do que seu filho Cláudio”. Sua avó Augusta tratava-o com o maior desdém. Só lhe falava muito raramente e não lhe dava conselhos senão por meio de bilhetes ásperos e secos, ou então empregando intermediários. Sua irmã Lívila, como ouvisse dizer certa vez que ele reinaria um dia, lamentou publicamente em altas vozes o povo romano, ameaçado dum tão iníquo quão indigno destino. Quanto ao seu tio-avô Augusto, para que se saiba melhor o que pensava dele, de bom ou de mau, transcrevo aqui os principais trechos duma sua carta:

“Tive um encontro com Tibério, tal como me recomendaste, minha querida Lívila, a respeito do que é necessário fazer do teu neto Cláudio, durante os jogos Marciais (258). Concordamos, um e outro, que era preciso fixar, duma vez por todas, o plano a seguir em relação a ele. Pois, se é normal, e, por assim dizer, intacto, por que titubear em fazê-lo passar pelas mesmas escalas e degraus transpostos pelo seu irmão? Se, ao contrário, nos parece que ele é retardado e enfermigo, tanto de corpo como de espírito, não devemos fornecer ensejo a que se riam à sua e à nossa custa homens que têm por costume escarnecer e ridicularizar esta espécie de coisas. Estaremos sempre atormentados se em cada conjuntura nos perguntamos, sem nada termos resolvido de antemão, se ele está ou não em estado

de exercer qualquer emprego. Quando ao que tu pedes para o momento, nós não nos opomos a que ele tenha a solitudine da mesa dos pontífices nos jogos Marciais, caso consinta em seguir as opiniões do filho de Silano, seu parente (259), que o impedirá de fazer tudo quanto possa colocá-lo em ressaltado ou em ridículo. Nós não queremos que ele assista aos jogos do Circo, do camarote imperial. Colocado assim na frente do teatro, ficará muito em evidência. Não queremos que ele vá ao monte Albano (260), ou que fique em Roma, durante os dias latinos. Realmente, por que não nomeá-lo para a prefeitura da cidade, se ele é capaz de seguir seu irmão no galgar a montanha? Aí tens, minha querida Lúvia, o nosso parecer, com o qual estamos decididos a nos contentarmos duma vez por todas e duma maneira geral, a fim de não andarmos a flutuar incessantemente entre a esperança e o temor. Poderás, se quiseres, ler a Antônia esta parte da nossa carta.” Numa outra epístola, diz ainda: “Convidarei a jantar, todos os dias, durante a tua ausência, o jovem Tibério Cláudio, para que ele não coma, só com o seu Sulpício e o seu Atenodoro. Quisera ver o pobre infeliz escolher com mais cuidado, e duma maneira menos aérea, aquele a quem pudesse imitar pelos movimentos, pelo trajar e pelo porte:

“Não conseguiu nada em coisa alguma, por menos séria que fosse”.

Mas, quando seu espírito não se desgarrar, vê-se brilhar com intensidade a generosidade da sua alma.” Da mesma forma, ele fala numa terceira carta: “Teu neto Tibério Cláudio pode encantar-me com as suas declamações, minha querida Lúvia, e que eu morra se isso não me causou surpresa! Ele que fala tão pouco claramente, como, quando declama, pode dizer claramente o que é necessário dizer? Custa-me crer em tal coisa.” Não se pode duvidar, depois disso, das resoluções tomadas por Augusto. Não o deixou exercer outro encargo a não ser o de sacerdote augural. Só o instituiu herdeiro entre os de terceiro grau, quase entre os estrangeiros, para um sexto somente, e não lhe legou mais do que 800 sestércios.

Seu tio Tibério, quando ele lhe pedira as honras, conferiu-lhe ornamentos consulares. Quando, porém, reclamou instantemente os poderes de cônsul, contentou-se em responder-lhe num bilhete “que lhe enviava 40 moedas de ouro para os saturnais e as sigilárias” (261). Desde então, renunciando a toda esperança duma dignidade, abandonou-se à inércia,

vivendo escondido ora no seu parque e na sua “vila” suburbana, ora no retiro da Campânia. Ao convívio dos homens mais abjetos aliou a vergonha dum ócio inveterado e o hábito infame da embriaguez e do jogo.

Entretanto, a despeito desta maneira de agir, não se lhe deixou jamais de testemunhar reverentes homenagens e respeito público. A ordem dos cavaleiros o escolheu duas vezes para chefe duma delegação: a primeira, quando pediram aos cônsules para conduzirem sobre as suas espáduas o corpo de Augusto até Roma. A segunda, quando os cônsules foram felicitados por haverem suprimido Sejano. Além disso, assim que chegava ao espetáculo, os cavaleiros tinham por costume se levantar e tirar suas capas. O próprio Senado propôs incluí-lo, extraordinariamente, no número dos sacerdotes de Augusto nomeados por sorteio (262), e, pouco tempo depois, reconstruir, a expensas do Estado, sua casa destruída por um incêndio e lhe dar o direito de expressar o seu parecer junto com os consulares. Tibério, porém, aboliu este decreto, alegando a imbecilidade de Cláudio, e prometendo indenizá-lo dos prejuízos que tivera por meio das suas próprias liberalidades. Entretanto, ao morrer, instituiu-o herdeiro no terceiro grau, para uma terça. Por outro lado, deixou-lhe um legado de mais ou menos dois milhões de sestércios e, ademais, o recomendou nominalmente, entre outros parentes, aos exércitos, ao Senado e ao povo romano.

Sob Caio, enfim, filho de seu irmão, que no começo do seu reinado procurava por meio de toda espécie de obséquios fazer-se uma reputação favorável, alcançou as honras e geriu o consulado com ele durante dois meses (263). Aconteceu, porém, que, a primeira vez que se dirigiu ao Fórum com os fascas, uma águia pousou na sua espádua direita. Assim, foi designado pela sorte para exercer, ao termo de quatro anos, um segundo consulado. Presidiu, em algumas oportunidades, aos espetáculos em lugar de Caio, sob as aclamações do povo, que gritava: “Viva o tio do imperador!” e também: “Viva o irmão de Germânico!”

Sem embargo, viveu sempre exposto às desconsiderações (264). Era assim que, se porventura se apresentasse ao jantar um pouco mais tarde do que as horas fixadas, não o recebiam senão entre pragas e só depois de ter feito o circuito do triclinio. Toda vez que dormia após a refeição (o que acontecia comumente), crivavam-no de caroços de azeitona e de tâmaras. Em certas ocasiões, por brincadeira, deixavam que os bufões o fossem acor-

dar a golpes de férula ou então de chicote. Tinham por costume, também, colocar-lhe tamancos nas mãos, enquanto roncava, a fim de que, ao despertar, repentinamente, esfregasse com eles o rosto.

Não esteve nem mesmo ao abrigo de sérios riscos. Primeiramente, durante o seu próprio consulado, foi demitido do cargo por demonstrar negligência na colocação e ereção das estátuas de Nero e de Druso, irmãos de César. A seguir, viu-se importunado de mil maneiras diferentes pelas denúncias chegadas quer do exterior, quer partidas dum membro qualquer da sua casa. Ao ser descoberta a conjuração de Lépido e de Getúlico (265), fez parte da delegação enviada à Germânia para felicitar o imperador. Até mesmo sua vida esteve em perigo. Caio Calígula fremiu de indignação com a escolha do seu tio, para lhe ser enviado, como se tratasse de tutelar um menino. Pretendem alguns que ele tenha sido jogado no Reno, vestido como viera. Desde então, foi o último dos consulares a dar seu parecer no Senado. E para que se pudesse vexá-lo melhor, não o interrogavam senão depois de interrogados todos os demais. Instruiu-se também contra ele um processo por crime de falsificação dum testamento que continha a sua assinatura. Por último, forçado a despende com a sua admissão a um novo sacerdócio a quantia de oito milhões de sestércios, caiu num tal abatimento que, não podendo libertar-se dos compromissos contraídos com o erário, assistiu à pronúncia do desvalimento dos seus bens, postos a venda, de acordo com a lei hipotecária, por um édito dos prefeitos.

Depois de ter passado assim a maior parte da sua vida, chegou a imperador aos 50 anos de idade, pelo mais singular dos acasos. Rechaçado, com outros, pelos assassinos de Caio Calígula, no momento em que procuravam isolar a multidão, como se o imperador desejasse estar só, Cláudio se refugiou num pavilhão chamado “Herméu”. Pouco depois, tomado de pavor com a notícia do assassinio, entremeteu-se até uma galeria solar vizinha e se ocultou ali, enrolando-se nas cortinas que cobriam a porta. Assim escondido, um simples soldado, que corria dum lado para outro, percebeu-lhe os pés, quis saber quem era e o arrancou do esconderijo. Como Cláudio, assustadíssimo, se lhe rojasse aos pés, o soldado o saudou, dando-lhe o título de imperador. Sem perda de tempo, conduziu-o para junto doutros soldados seus companheiros, vacilantes e sem conhecer outra coisa senão o furor. Colocaram-no numa liteira, e como seus escravos tivessem fugido,

todos, foi conduzido, ora sobre os ombros duns, ora sobre os de outros, até ao acampamento, triste e nervoso, em meio a demonstrações de respeito da multidão, crente de que o estavam ameaçando com o suplício, injustamente. Recebido no interior das trincheiras, passou toda a noite entre sentinelas, com muito menos esperança do que segurança. Os côsules, com o Senado e as cortes urbanas, haviam se apossado do Fórum (266) e do Capitólio, prontos a proclamar a liberdade comum. Chamado Cláudio para aí externar o seu parecer, responderam “que estava retido pela força e pela violência”. No dia seguinte, porém, como o Senado, em virtude do desânimo e da desinteligência provocados pelos votos antagônicos, se mostrasse mais negligente na continuação dos seus esforços, e como a massa que o rodeava reclamasse um único senhor e o designasse nominalmente, consentiu que os soldados armados prestassem, em assembleia, juramento em nome dele, prometendo a cada um 15 mil sestércios. Ele foi, assim, o primeiro dos Césares a comprar, a preço de ouro, a fidelidade dos soldados.

Firmado no poder, não teve outro pensamento senão apagar a lembrança dos dois dias em que se hesitara na mudança da estrutura do Estado. Promulgou um decreto em que se concedia o perdão e o esquecimento para tudo quanto havia sido feito e dito a este respeito e não voltou atrás. Mandou matar apenas alguns tribunos e centuriões acumpliciados na conjuração contra Caio Calígula, não só para exemplo, mas também porque sabia terem eles reclamado o seu próprio desaparecimento. Daí por diante, devotado inteiramente aos seus deveres de piedade doméstica, decidiu que não haveria para ele juramento mais sagrado, nem mais familiar, do que o prestado “em nome de Augusto”. Concedeu à sua avó Lúvia honras divinas e, na pompa do Circo, um carro de elefantes semelhante ao carro de Augusto. Aos seus parentes, cerimônias fúnebres e, além disso, ao seu pai, jogos anuais no Circo, pelo aniversário do seu nascimento. À sua mãe, um carro que devia ser apresentado no Circo e o sobrenome de Augusta, que ela recusara em vida. Para honrar a memória do seu irmão, celebrada por ele a cada passo, fez representar uma comédia grega nos jogos napolitanos e a coroou, após sentença dos juízes. O próprio Marco Antônio não foi esquecido pelas honras e o respeito do seu reconhecimento. Fez saber, um dia, por meio dum édito, “que se empenhava tanto na celebração do aniversário do nascimento de Druso, seu pai, por ser o mesmo do seu avô

Antônio”. Em homenagem a Tibério, concluiu o arco-do-triunfo, em mármore, ao lado do teatro de Pompeu, monumento esse que lhe havia sido conferido outrora pelo Senado, mas que ficara todavia inacabado. Quanto a Caio Calígula, na verdade cassou-lhe todos os atos e proibiu de se incluir o dia da sua morte no calendário das festas, mesmo que este coincidisse com o do seu advento ao Império.

Reservado e modesto pela sua própria educação, renunciou à adoção do título de “imperador”, recusou honorificências excessivas e celebrou sem brilho, como se tratasse duma simples cerimônia doméstica, os espousais da sua família e o nascimento do seu neto. Não reabilitou nenhum exilado sem autorização do Senado. Solicitou, como uma graça, que lhe fosse permitido deixar entrar, ao seu lado, na Cúria, o prefeito do pretório e os tribunos militares e, também, que se ratificassem as sentenças judiciárias dos seus procuradores. Pediu aos cônsules o direito de estabelecer mercados nos domínios privados. Assistiu, assiduamente, aos inquéritos dos magistrados, na qualidade de conselheiro, e quando davam eles espetáculos levantava-se, como o fazia a multidão, à sua chegada e os saudava com o gesto e de viva voz. Pediu desculpas aos tribunos do povo, que foram procurá-lo no seu tribunal, de, constrangido pela estreiteza do lugar, não poder ouvi-los senão em pé. Conseguiu de tal maneira, em pouco tempo, o amor e o favor público que, ao anunciar-se, após a sua partida para Óstia (267), que ele perecera numa emboscada, o povo, consternadíssimo, não cessou de atirar ferozes anátemas aos soldados, classificados de traidores, e aos senadores, tachados de parricidas, até que várias pessoas mandadas pelos magistrados à tribuna róstris, garantiram que Cláudio estava são e salvo e já se avizinhava de Roma.

Contudo, não ficou resguardado contra as armadilhas. Pelo contrário, viu-se mesmo exposto a tentativas isoladas, a conspirações e, no fim, à guerra civil. Um homem do povo foi preso, na calada da noite, perto do seu quarto, com um punhal na mão. Foram presos também dois membros da ordem equestre, que o esperavam num logradouro público com um cacetete ferrado e uma faca de caça para atacá-lo: um, à saída do teatro; outro, por ocasião dum sacrifício, no templo de Marte. Galo Asínio e Estatílio Corvino, netos dos oradores Palião e Messala, conspiraram (268) para estabelecer um novo estado de coisas, associando à tramoia numerosíssimos

libertos e escravos seus. Fúrio Camilo Escriboniano, seu lugar-tenente na Dalmácia, fomentou uma guerra civil (269). Porém, foi preso no quinto dia, em virtude de viravolta das suas legiões rebeldes, levadas ao arrependimento por um escrúpulo religioso, quando, após haver recebido ordem de ir ao encontro do novo imperador, elas não puderam, fosse por acaso, fosse pela vontade divina, nem dispor as águias, nem arrancar, nem remover os estandartes.

Exerceu quatro consulados, afora o antigo (270). Os dois primeiros, em seguida (271). Os demais, com quatro anos de intervalo (272) um do outro. O último durou seis meses. Os outros, dois meses. No terceiro, jamais desempenhado por nenhum outro imperador, substituiu um cônsul falecido. No consulado ou fora dele, exerceu a justiça sempre com muito zelo, mesmo durante os dias solenes para si e para os seus, e, muitas vezes, mesmo durante as festas e as cerimônias religiosas que remontavam à mais alta antiguidade. Não seguiu as leis letra por letra, mas regulou a severidade ou a doçura das penas pelo bem e pela justiça, segundo os seus sentimentos pessoais. Foi assim que reabilitou, pela sua ação, aqueles que, formalmente, estavam desprestigiados perante os juízes ordinários, em virtude de muitos haverem questionado, e condenou às feras, ultrapassando a pena fixada pela lei, aqueles contra quem havia provas de que tivessem cometido grave dolo.

Além do mais, no exame dos negócios públicos e nas decisões a tomar, era de uma diversidade de humor espantosa: ora circunspecto e sagaz, ora irrefletido e impetuoso, ora frívolo e quase inconsciente. Ao passar em revista as decúrias, no despacho dos trabalhos judiciários, demitiu, por ambicioso, um cavaleiro que respondera à chamada, dissimulando a isenção com que beneficiara os próprios filhos. Como outro, interpelado por seus adversários a respeito de um processo pessoal, pretendesse que este não era da competência dos interpelantes, mas da jurisdição ordinária, Cláudio obrigou-o a julgar imediatamente esse processo, perante a sua pessoa, a fim de poder observar, vendo-o sentenciar em causa própria, até que ponto ia sua retidão no julgamento dos feitos alheios. Certa mulher não reconheceu seu filho. As provas eram insuficientes de ambos os lados. Ele forçou-a à confissão e prescreveu-lhe o casamento com o rapaz. Pronunciava-se facilmente a favor dos presentes contra os ausentes, sem verificar

se esta ausência era voluntária ou imperativa. Havendo alguém falado que se deviam cortar as mãos dum determinado falsário, mandou chamar o carrasco, depressa, com o cutelo e o cepo. Num processo contra um estrangeiro que se fizera passar por romano, ligeira disputa se travou entre os advogados para saber si o órgão da defesa devia falar de toga ou de capa. Cláudio, procurando dar provas de inteira imparcialidade, ordenou que os advogados mudariam de veste à medida que acusassem ou defendessem. Noutro processo, assegurou, crê-se, por escrito, “que era do parecer dos que tinham razão”, o que o desconsiderou de tal forma que recebeu do público mais de uma manifestação de desagrado. Alguém, para justificar a ausência de uma testemunha que ele mandara convocar na sua província, dissera-lhe que ela se achava na impossibilidade de comparecer e, durante muito tempo, disfarçou a causa dessa ausência. Depois de submetê-lo a um longo interrogatório, Cláudio exclamou: “A causa é justa: a testemunha morreu.” A outro, que lhe fora agradecer o ter deixado um réu apresentar a sua defesa, acrescentou: “É a regra.” Pessoas antigas me contaram que os advogados abusavam da sua paciência quando ele descia do tribunal, não somente com interpelações, mas ainda o retinham, segurando-o por uma ponta da toga e, às vezes, até mesmo pela própria perna. Ninguém se espantará com isso se souber que no calor da discussão um advogado grego deixou escapar esta frase: “Tu também: és velho e corrompido!” É fato notório que um cavaleiro romano, acusado de haver praticado obscenidades com certas mulheres (mas, falsamente), ao ver citadas contra si e ouvidas, ao mesmo tempo, como testemunhas, prostitutas matriculadas, arremessou sobre a cabeça de Cláudio o estilete e as pranchas que tinha na mão, criticando-lhe de modo acérrimo a estupidez e a crueldade, e ferindo-lhe, assim, gravemente, o rosto.

Exerceu, também, a censura (273), interrompida, por muito tempo, desde os censores Planco e Paulo (274). Exerceu-a, porém, com a mesma desigualdade, a mesma diversidade de humor e de conduta. Por ocasião da revista dos cavaleiros, demitiu, sem castigo, um rapaz coberto de opróbrio, mas tido e havido por seu pai como irreprochável, dizendo-lhe “que ele tinha o seu censor”. A outro, mal afamado pela sua devassidão e pelos seus adultérios, advertira-o apenas “de dar pasto aos apetites da sua idade com mais moderação ou, pelo menos, com mais discrição”. E per-

guntou-lhe: “Por que se torna necessário que eu saiba quem é a tua amante?” E como cancelasse de outro, a pedido de amigos, a nota de infâmia que lhe havia dado, comentou: “Entretanto, a raspadura subsiste.” Não somente riscou do quadro dos juízes um homem ilustre e que formava entre os principais elementos da província da Grécia porque não sabia latim, mas, ainda, o recusou na categoria dos estrangeiros. Jamais tolerou que alguém se imiscuísse na sua vida. Defendia-se pessoalmente sem ajuda de advogados, como podia. Reprovou muitos cidadãos, alguns dos quais não o esperavam, por motivo de um novo gênero que consistia em abandonar a Itália sem lhe participar ou pedir-lhe licença. Chegou a repreender um cidadão por ter acompanhado um rei na sua província, recordando-lhe que, no tempo dos seus antepassados (275), Rabírio Póstumo tivera intentada contra si uma acusação de lesa-majestade por ter, com o fim de salvaguardar uma dívida, acompanhado Ptolomeu a Alexandria. Tentou condenar, por isso, maior número de indivíduos, mas, por negligência da parte dos seus agentes, sofreu a decepção de só encontrar, geralmente, inocentes: aqueles a quem imputava a falta de viverem celibatariamente ou de não possuírem filhos provaram que eram casados, eram pais e eram ricos. Um, que fora acusado de ter querido suicidar-se com uma facada, mostrou, despindo-se, que no seu corpo não havia nenhum ferimento. Nota-se, também, entre outros fatos da sua censura, o de haver recomprado e feito aos pedaços um carrocim de prata, trabalho magnífico, posto a venda nas Sigilárias, e o de, num só dia, ter publicado 20 éditos, dos quais dois merecem ser mencionados. Num, recomendava “que se calafetassem os tonéis, em virtude de abundância das vindimas”. Noutra, “que não havia melhor remédio contra a mordedura de cobra do que o suco do teixo”.

Não realizou senão uma única expedição e, assim mesmo, modesta. Foi quando o Senado lhe conferiu os ornamentos triunfais. Como achasse esta distinção inferior à majestade imperial e desejasse a honra de um triunfo real, escolheu de preferência, para o adquirir, a Bretanha, em que ninguém ainda pusera o pé, desde o divino Júlio, e que se sublevara. Embarcou em Óstia, e por duas vezes esteve a ponto de soçobrar, em virtude dum violento temporal, cerca de Ligúria e ao longo das Ilhas Stoechadas (276). Continuou o trajeto por terra, de Marselha até Gesoriaco (277), onde operou a travessia. E após haver recebido, dentro de poucos dias, a

submissão duma parte da ilha, sem combate nem efusão de sangue, retornou a Roma, seis meses depois da partida, e triunfou com extraordinária pompa (278). Permitiu a vinda à cidade, para esse espetáculo, não somente aos governadores das províncias, mas ainda a alguns exilados. Entre os despojos inimigos colocou, à frente do seu palácio, uma coroa naval ao lado duma coroa cívica, para assimilar que ele atravessara e, por assim dizer, domara o oceano. Sua mulher Messalina acompanhava-o de carro. Atrás dele marchavam os que haviam merecido os ornamentos triunfais, todos a pé e em toga pretexta, salvo Crasso Fruge, que montava a cavalo, ornado de faleras, e vestia um manto ornado de palmas, porque era a segunda vez que obtinha tal honorificência.

Preocupou-se sempre, com a máxima solícitude, com a cidade e seus meios de aprovisionamento. Durante o longo incêndio do bairro Emiliano, ficou duas noites no local das distribuições (279). E como o número de soldados e de escravos se mostrasse insuficiente, apelou para o auxílio, por intermédio dos magistrados, do povo de todos os demais bairros. Depois, colocou diante da massa corbelhas cheias de dinheiro e a concitou a garantir os socorros, recompensando cada qual com um salário digno do seu trabalho. Como escasseasse o trigo (280), após vários anos de esterilidade, ele foi um dia arrostado pela multidão no meio do Fórum e viu-se tão coberto de injúrias quanto de migalhas de pão que não pôde senão a muito custo ganhar o seu palácio, por uma porta de trás. Desde aí, não mais deixou de providenciar para que os gêneros não faltassem mesmo no inverno. Garantiu, efetivamente, aos negociantes, lucros fixos, assumindo o compromisso dos prejuízos sofridos em virtude de mau tempo. Concedeu ótimas vantagens àqueles que construíssem navios para o comércio, proporcionando-lhes, segundo a condição de cada um: dispensa da lei Pápia-Popeia, para os latinos; privilégios das mães de quatro filhos, para as mulheres. Essas concessões subsistem ainda hoje.

Preferiu realizar, antes, grandes trabalhos necessários do que trabalhos em grandes números. Eis os principais: o aqueduto começado por Caio Cálígula (281) e também o canal de escoamento do lago Fucino e o porto de Óstia. Cláudio sabia que Augusto recusara aos márcios, a despeito dos seus reiterados pedidos, a construção destas duas últimas obras e que o divino Júlio, depois de as haver iniciado muitas vezes, abandonara esse

propósito, em face das dificuldades que se apresentavam. Levou à cidade, por um conduto de pedra, duas fontes frescas e exuberantes da água Cláudia, chamadas: uma, “Cerúlea” e outra, “Cúrcio e Albudino”. Da mesma forma, um braço do novo Ânio, que foi repartido por numerosos e belíssimos reservatórios. Atirou-se à empresa do lago Fucino na esperança de conseguir não menos proveito do que glória, pois muitos particulares prometeram construir o canal às suas custa, sob a condição de lhes serem concedidas terras dessecadas. Terminou, em meio às maiores dificuldades e ao fim de 11 anos, o canal, do comprimento de três mil passos, ora cavado no solo, ora cortado na montanha, no qual trabalharam, incessantemente, 30 mil operários. Edificou um porto em Óstia, circundando-o de dois molhes, à direita e à esquerda, e cerrando a entrada com um dique profundamente alicerçado. Para consolidar melhor essas bases, afundou, primeiramente, um navio no qual fora transportado do Egito um enorme obelisco. Depois, sobre pilares, elevou uma altíssima torre à imitação do farol de Alexandria, para que os navios, guiando-se pelos fogos noturnos, pudessem seguir a sua rota.

Distribuiu, em várias oportunidades, gratificações (282) ao povo. Ofereceu-lhe, também, numerosos espetáculos triviais nos locais de costume. Imaginou e fez reviver os de antigamente e em locais onde ninguém, antes dele, sonhara realizá-los. Nos jogos para a consagração do teatro de Pompeu, presa outrora de incêndio (283), mas por ele reconstruído, o sinal foi dado de uma tribuna colocada na orquestra, após haver ele oferecido um sacrifício nos templos que dominam o teatro (284) e ter descido, passando por entre a assembleia sentada e silenciosa. Celebrou também jogos seculares. Achava que Augusto antecipara a restauração desses jogos ao invés de reservá-los para o tempo prescrito, não obstante ter ele próprio declarado nas suas memórias “que Augusto, decorrido muito tempo após a sua interrupção, os havia repostos no seu lugar, calculando os anos com exatidão”. Foi entre risos que acolheu a voz do vociferador, convidando, de acordo com o uso solene, “para os jogos que ninguém jamais vira, nem nunca mais veria”, pois sobreviviam ainda pessoas que haviam assistido aos antigos espetáculos e alguns dos atores que tomavam parte neles (285) eram os mesmos que tinham figurado nos de outrora. Efetuou, com frequência, também, jogos no circo do Vaticano, em que

uma caçada de feras alternava-se com uma corrida de carros. Ornou o circo máximo de barreiras de mármore e marcos dourados, os quais eram, antes, respectivamente de tufo e de madeira. Reservou as localidades particulares aos senadores, habitualmente misturados com a assistência. Além das lutas de quadras, concedeu, também, jogos troianos e caçadas à maneira africana com um esquadrão de cavaleiros pretorianos, tendo à frente seus tribunos e o próprio prefeito. Ademais, fez vir cavaleiros tessalianos, que davam caça, na arena do circo, a ferocíssimos touros, saltando sobre eles, quando já cansados, e derrubando-os pelos cornos. Executou combates de gladiadores de vários gêneros e em diversos sítios. Deste, houve um anual (286), no campo dos pretorianos, sem caça nem aparato. Outro, completo e regular, nos Recintos, e, no mesmo ponto, outro ainda, extraordinário e de pequena duração, apelidado por ele de “Sportula”, porque, no dia da estreia, mandara anunciar, por édito, “que convidara o povo para uma espécie de pequena ceia improvisada e sem cerimônia”. Não houve um só gênero de espetáculo em que ele não se mostrasse afabilíssimo e lhano a ponto de levantar a mão esquerda, como o povo, e contar nos dedos as moedas de ouro prometidas aos vencedores. Seguidamente fazia os assistentes rebentarem de riso com as suas exortações e os seus rogos, ora chamando-lhes “meus senhores”, ora misturando as suas frases de pilhérias frias e forçadas. Por exemplo, como Palumbo fosse reclamado, ele prometeu mandá-lo “se estivesse preso”. A seguinte passagem tem o mérito do bom senso e do propósito: como tivesse concedido a um gladiador de carro a licença pedida pelos seus quatro filhos, insistentemente, e isto com grande satisfação geral, fez circular pranchetas, sem demora, em que mostrava ao povo “a necessidade de ter muitos filhos; e que visse o crédito e a proteção que eles constituíam para um gladiador”. Determinou a representação, no Campo de Marte, da tomada e do saque duma cidade, para dar a imaginação da guerra e da submissão do rei dos bretões, à qual ele próprio presidiu, com a sua vestimenta de guerra. Mais ainda: antes de ter procedido ao escoamento do lago Fucino, ofereceu uma naumaquia (287). Como, porém, os combatentes exclamassem “Salve, imperador, os que vão morrer te saúdam!”, Cláudio respondeu: “Saúdo-vos a vós!” Por causa dessa resposta, ninguém mais quis combater, pois foi interpretada como palavra de mercê. Vacilou por algum tempo sem saber se os mataria

a ferro ou a fogo. Por fim, retirou-se do seu lugar, correu ao longo do lago, não sem titubear duma maneira grotesca, e, ora com ameaças, ora com promessas, conseguiu a adesão dos atletas ao combate. Neste espetáculo se chocaram duas esquadras: uma da Sicília e outra de Rodes, composta cada qual de 12 trirremes, aos sons de buzina dum Tritão de prata que emergira do meio do lago por meio dum maquinismo.

Reformou certas práticas relativas às cerimônias religiosas, à vida civil ou militar, assim como à condição das três ordens, interna e externamente: ou restabelecendo o que fora abolido, ou instituindo coisas novas. No recrutamento por cooptação dos colégios de sacerdotes, não nomeou ninguém sem que prestasse juramento. Observara cuidadosamente, toda vez que um tremor de terra era sentido na cidade, se o sacerdote prescrevia, ao povo reunido, festas expiatórias. Sempre que um passado de mau agouro aparecia na cidade ou pousava no Capitólio, fixava um dia para as orações públicas e, ele próprio, na qualidade de sumo-pontífice, subia a tribuna róstria para, após haver separado a multidão dos operários e dos escravos, advertir o povo.

No despacho dos negócios de Estado, divididos, anteriormente, entre os meses de inverno e de verão, suprimiu as interrupções. A jurisdição dos fideicomissos, tradicionalmente a cargo de magistrados anuais e circunscrita apenas à cidade, foi-lhe outorgada a título perpétuo e, por outro lado, atribuída a cada autoridade provincial. Ab-rogou um artigo da lei Pápia-Popeia, instituído por Tibério César, em que era negada aos sexagenários capacidade para procriar. Decretou que os tutores seriam dados aos pupilos, singularmente, pelos cônsules e que aqueles cujas províncias estivessem interditas por estas autoridades seriam expulsos de Roma e da Itália. Apresentou ele mesmo o exemplo duma nova modalidade de degredo, impedindo aos cidadãos de se afastarem da cidade além do terceiro marco miliário. Quando tinha de tratar dum negócio importante, assentava-se na Cúria, no banco dos tribunos, entre as cadeiras dos cônsules. Avocou a si o direito de conceder licenças, encargo esse pertencente ao Senado, por usança.

Deferiu os ornamentos consulares até mesmo aos procuradores, cujos ordenados eram de 200 mil sestércios. Aos que recusavam a dignidade de senador, ele cassava a dignidade equestre. Se bem houvesse afirmado,

a princípio, que não escolheria nenhum senador que não fosse bisneto de cidadão romano, conferiu a laticlávica ao filho adotado por um cavaleiro romano. Mesmo assim, temendo ser reprovado, invocou o censor Ápio Ceco, progenitor da sua raça, que admitira como senadores filhos de libertos. Ignorava que no tempo de Ápio, e mesmo durante muito tempo depois dele, dava-se o nome de “libertos” não àqueles que recobrassem a liberdade, mas aos homens livres nascidos deles. Decidiu que o colégio dos questores, encarregado do calçamento das ruas, organizasse um combate de gladiadores; arrebatou-lhe as províncias de Óstia e da Gália e lhe cometeu a guarda do tesouro de Saturno, da qual estavam encarregados, nos intervalos, pretores ou antigos pretores. Outorgou os ornamentos triunfais a Silano, noivo da sua filha, antes de ter atingido a idade púbere. Prodigalizou essas honras a tantos outros mais idosos e com tanta facilidade que, numa carta escrita em nome de todas as legiões, se lhe pedia “concedesse, ao mesmo tempo, os ornamentos triunfais e o comando dum exército aos legados consulares, a fim de que não pudessem eles encontrar, de maneira alguma, pretexto para guerras”. Conferiu a ovação a Aulo Pláucio (288) e à sua entrada em Roma foi ao seu encontro e, tanto à subida como à descida do Capitólio, conservou-se ao seu lado. A Gabino Secundo, após haver batido os cáucios, povo da Germânia, permitiu-lhe tomar o sobrenome de “Cáucico”.

Melhorou a organização militar dos cavaleiros, dando-lhes um esquadrão depois da corte e o tribunato de legião depois do esquadrão. Estabeleceu um soldo e um gênero de serviço fictício, denominado “supranumerário”, que dava direito a um título sem função. Vedou aos soldados, por meio dum *senatus consulto*, entrar para saudá-los, nas casas dos senadores. Confiscou os bens dos filhos de libertos que se faziam passar por cavaleiros romanos. Reduziu novamente à servidão os ingratos e aqueles a quem se queixavam os patrões e declarou aos seus advogados que não faria justiça contra os seus próprios libertos. Alguns cidadãos, que não queriam dar-se ao incômodo de cuidar deles, abandonavam seus escravos doentes na ilha de Esculápio (289). Em vista disso, baixou um decreto determinando que todos aqueles que haviam sido abandonados podiam considerar-se livres e que, embora curados, não mais recairiam sob o poder dos antigos senhores. Acrescentou mais: que se houvesse alguém que achasse melhor matar o seu escravo do que abandoná-lo, fosse acusado de homicídio. Re-

comendou, por um édito, aos viajantes, que não atravessassem as cidades da Itália senão a pé, em cadeira ou liteira. Concentrou em Puzoles e em Óstia uma corte, como prevenção em caso de incêndio. Proibiu aos indivíduos de condição estrangeira o uso de nomes romanos, ou, pelo menos, de nomes patronímicos. Condenou ao machado, no campo Esquilino, os usurpadores do direito de cidadania romana. Reverteu ao Senado a administração das províncias de Acaia e da Macedônia, que Tibério reservara para si mesmo. Cassou a liberdade dos lícios, em virtude das suas funestas dissensões intestinas. Devolveu-se aos rodenses, em virtude do arrependimento de que deram provas em relação às suas faltas pretéritas. Concedeu aos habitantes de Ílion, como ancestrais do povo romano, a título perpétuo, a diminuição dos tributos, após ter feito a leitura duma velha carta, escrita em língua grega, em que o Senado e o povo romano prometiam ao rei Seleuco (290) aliança e amizade, sob a condição de manter os ilionenses, a eles unidos pelos laços do sangue, livres de qualquer imposto. Expulsou de Roma os judeus (291), sublevados constantemente por incitamento de Cresto (292). Permitiu aos delegados germânicos que se sentassem na orquestra, emocionado ao ver com que simplicidade e com que confiança aqueles embaixadores, que se haviam misturado com o povo, ao divisarem os partos e os armênios abancados entre os senadores, corriam espontaneamente em direção aos mesmos lugares, a exclamarem, em altas vozes, que aqueles não lhes eram superiores nem em coragem nem em condição. Aboliu, inteiramente, entre os gauleses, a religião dos druidas, tão ferozmente bárbara que, sob Augusto, havia sido interdita apenas para os cidadãos romanos. De outro lado, esforçou-se por transferir da África para Roma o culto de Elêusis. Além disso, propôs reconstruir, a expensas do erário do povo romano, o templo de Vênus Ericina, na Sicília, desfeito em ruínas por vetustez. Nisso, porém, como, aliás, em grande parte dos atos de todo o seu principado, governou não tanto pela sua vontade quanto pela das suas mulheres e dos seus libertos. Quase sempre e por onde quer que andasse, mostrava-se tal como exigia a sua fantasia.

Adolescente ainda, teve duas noivas: Emília Lépidia, bisneta de Augusto, e Lúvia Medulina, cognominada também Camila, da prístina família do ditador Camilo. À primeira, repudiou-a virgem ainda, porque seus parentes haviam descontentado Augusto (293). Perdeu a segunda, por

doença, no dia mesmo marcado para a realização dos esponsais. Casou-se em seguida com Pláucia Urgulanila, cujo pai triunfara, e logo depois com Élia Petina (294), filha de um consular. Divorciou-se duma e doutra. De Petina, por pequenas ofensas. De Urgulanila, em virtude da sua libertinagem e duma suspeita de homicídio. Depois destas, casou-se com Valéria Messalina, filha do seu tio Barbato Messala. Ao saber, porém, independentemente dos seus excessos e das suas torpitudes, que ela chegara ao ponto de desposar Caio Sílio e que o contrato assinado se encontrava nas mãos dos áugures, mandou assassiná-la e declarou na presença dos pretorianos reunidos “que, como não tivesse sorte com os casamentos, estava resolvido a conservar-se celibatário e que, se o não conseguisse, se daria morte pelas próprias mãos”. Sem embargo, não pôde furtar-se ao estabelecimento imediato duma aliança com aquela mesma Petina, expulsa outrora do seu leito, e com Lólia Paulina (295), que fora mulher de Caio César. Seduzido, porém, pelos encantos de Agripina (296), filha de Germânico, seu irmão, que lhe fazia carícias para conquistar o seu coração, subornou senadores para que propusessem (297), na sessão imediata, forçá-lo a casar, como se isso constituísse um alto interesse para o Estado, e conceder aos demais a faculdade de efetuarem semelhantes uniões que até então eram tidas como incestuosas. Passado apenas um dia, casou-se com Agripina, mas não encontrou ninguém que lhe seguisse o exemplo, exceto um liberto e um centurião primipilário, a cuja cerimônia ele assistiu em pessoa, acompanhado de Agripina.

Teve filhos das suas três mulheres. De Urgulanila, Druso e Cláudia; de Petina, Antônia; de Messalina, Otávia e Germânico, a quem deu logo o sobrenome de “Britânico”. Perdeu Druso em Pompeia, antes de ter atingido a puberdade: uma pera, com a qual brincava, atirando-a para o ar e apanhado-a na boca, o estrangulou.

Poucos dias antes, ficara noivo da filha de Sejano. Por isso, não me admiro que haja quem assegure tenha ele sido morto insidiosamente por Sejano. Fez expor e abandonar Cláudia, completamente nua, diante da porta da sua mãe, como filha do seu liberto Botero, embora ela houvesse nascido cinco meses antes do seu divórcio e tivesse começado a criá-la. Casou Antônia com Cneio Pompeu o Grande, depois com Fausto Silano, rapazes da mais alta nobreza; e Otávia, com o seu enteado Nero, depois de

tê-la prometido a Silano. Quanto a Britânico, nascido no 20º dia do seu reinado, e durante o seu segundo consulado, recomendou-o, com insistência, pequenino ainda, aos soldados, levando-o pela mão à assembleia; e ao povo, tendo-o, nos espetáculos, sentado nos joelhos ou à sua frente. Misturava sua voz à voz da multidão que o aclamava. Adotou Nero (298), um dos seus genros. Quanto a Pompeu e a Silano, não somente os renegou, mas ainda os assassinou (299).

Dos seus libertos, honrou, principalmente, o eunuco Posides (300), a quem, no seu triunfo da Bretanha, gratificara, entre os guerreiros, com uma lança. Não honrou em menor grau Félix, colocado à frente das coortes, dos esquadrões e da província da Judeia e marido, que fora, de três rainhas (301). Honrou também Harpócrates, a quem conferira o direito de se fazer conduzir em liteira pela cidade e dar espetáculos públicos, e ainda Políbio, seu professor, que muitas vezes caminhava entre os dois cônsules. Mais, porém, que todos os outros amou Narciso, seu secretário, e Palas, seu intendente, a quem, por um decreto do Senado, se permitiu cumular não somente de altas honorificências, mas ainda das honrarias da questura e da pretoria. De mais, tolerou de tal modo que eles amontoassem e pilhassem riquezas que, ao se lamentar certa vez da penúria do seu tesouro, alguém lhe disse, não sem razão, “que, se os seus dois libertos consentissem em partilhar com ele os seus bens, ele nadaria na abastança”.

Entregue, como já o asseverei, a estes e às suas mulheres, exerceu não o papel de um imperador, mas o de um criado. Foi em proveito de cada um deles, e mesmo para satisfazer os seus apetites carnis e os seus caprichos, que ele lhes prodigava honras, exércitos, mercês e, as mais das vezes, sem disto ter o menor conhecimento. Sem entrar em minudências nem enumerar a revocação das suas liberalidades, a cassação dos seus julgamentos, as falsificações ou modificações feitas abertamente por eles nos decretos de nomeação dos oficiais, podemos dizer que mandou matar Ápio Silano, seu sogro; as duas Júlias, uma filha de Druso, outra filha de Germânico, sob acusações vagas e sem lhes conceder o direito de defesa. Agiu da mesma forma em relação a Cneio Pompeu, casado com a mais velha das suas filhas, e a Lúcio Silano, noivo da mais moça. Pompeu foi assassinado na cama dum adolescente que ele amava. Silano se viu constrangido a abdicar a pretoria no quarto dia antes das calendas de janeiro e morreu no

princípio do ano, justamente no dia do casamento de Cláudio com Agripina. Castigou tão rigorosamente e com tanto desembaraço 35 senadores e mais de 300 cavaleiros romanos que – como um centurião lhe tivesse ido comunicar a morte duma personagem consular, dizendo-lhe “que fizera o que lhe haviam encomendado” – respondeu nada haver encomendado, mas que, em todo caso, não desaprovava o ato, pois, conforme lhe haviam assegurado os seus libertos, os soldados tinham cumprido o dever, correndo espontaneamente a vingar o seu imperador. O que parece incrível é que, na questão do casamento de Messalina com o adúltero Sílio, ele tivesse assinado do seu próprio punho as pranchetas do contrato, na certeza de que se tratava duma simulação arranjada com o fim de afastar e de desviar para cima de outra cabeça um perigo de que ele próprio se achava ameaçado, pela manifestação de alguns prodígios.

Não lhe faltava, em absoluto, um certo ar de grandeza e de dignidade, quer estivesse de pé, quer sentado, quer em repouso. Era de corpo delgado e bem feito, mas não magro. Bela fisionomia e belos cabelos brancos. Pescoço grosso. Quando caminhava, porém, seus joelhos, pouco sólidos, desapareciam sob o seu corpo. Quer gracejasse ou se mostrasse sério, possuía mil ridiculices: riso desgracioso, cólera mais feia ainda. Espumava a ponto de umedecer as narinas. Por outra parte, sentia a língua embaraçar e a cabeça tremer continuamente, por pouco que trabalhasse nalguma coisa.

Sua saúde foi tão boa após o seu advento ao Império quanto má havia sido antes, à exceção das dores do estômago, que, no momento das fortes crises, o faziam pensar no suicídio.

Ofereceu notáveis e repetidos festins e quase sempre em lugares tão espaçosos que, ordinariamente, tomavam assento neles, ao mesmo tempo, 600 convivas. Organizou uma ceia em cima do canal de escoamento do lago Fucino e por pouco não foi tragado pela massa d'água que se escapara e inundara o local. Fazia jantar sempre seus filhos com meninos e meninas nobres, que comiam, de acordo com o uso, sentados ao pé dos leitos. A um conviva (302) que passava por ter furtado uma taça de ouro, repetiu-lhe o convite para o dia seguinte e colocou-lhe à frente um vaso de barro. Diz-se até que chegou a preparar um édito “permitindo soltar flatos

e peidos na mesa”, porque soubera que um dos seus convivas tinha estado em perigo, em virtude de se haver contido por pudor.

A qualquer hora, e estivesse onde estivesse, sentia sempre grande vontade de comer e beber. Um dia em que instruía um processo no Fórum de Augusto, tentado pelo cheiro duma refeição que se preparava para os sacerdotes no templo de Marte, que lhe ficava vizinho, deixou seu tribunal, subiu até aos sacerdotes e sentou-se com eles à mesa. Jamais abandonou o triclínio sem se sentir repleto de alimentos e de bebida, tanto que se deitava em seguida, de costas, e, enquanto dormia de boca aberta, metiam-lhe nela uma pena a fim de lhe aliviar o estômago. Seu sono era rápido. Levantava-se comumente antes da meia-noite. Em compensação, porém, dormitava durante o tempo em que administrava a justiça e era a muito custo que os advogados, levantando a voz de propósito, o arrancavam dessa sonolência. Em matéria de amor, era luxuriosíssimo com as mulheres, abstenendo-se completamente dos homens. Teve muita predileção pelos jogos de azar e, a este respeito, chegou a escrever um tratado. Costumava jogar até mesmo no carro em que viajava, e o tabuleiro se achava tão bem ajustado à viatura que o jogo não se baralhava.

Evidenciava a sua natureza cruel e sanguinária tanto nas pequenas como nas grandes coisas. Fazia executar sem demora as torturas e os castigos reservados aos parricidas e exigia que essas ações fossem levadas a cabo na sua presença. Como desejasse assistir em Tibur a um suplício à moda antiga e como o carrasco ainda lá não se encontrasse quando os culpados já se achavam atados ao poste, obstinou-se em esperar até à noite a chegada de um verdugo de Roma. Nos espetáculos de gladiadores, dados por ele ou por outros, mandava degolar aqueles que tombavam, mesmo por acaso, sobretudo os reciários, só para lhes fixar o rosto ao expirarem. Como um par de combatentes se tivesse entrematado, mandou fazer prontamente das espadas dum e doutro duas pequenas facas para o seu uso. Tinha tanto prazer em contemplar os bestiários e gladiadores que combatiam ao meio-dia que se dirigia para o circo de manhã cedo e continuava sentado no seu lugar mesmo quando todo o povo já havia saído para almoçar. Além dos gladiadores designados, obrigara a combater, subitamente, alguns operários, trabalhadores e outros indivíduos da mesma condição social, sob o pretexto de que um andaime, um autômato ou qualquer máquina estivesse

funcionando mal. Chegou a fazer descer à arena um dos seus nomenclatores, tal com estava, de toga.

Ninguém mais timorato e desconfiado do que ele. Nos primeiros dias do seu reinado, embora afetasse, como já o dissemos, maneiras dum simples cidadão, jamais ousou comparecer aos festins a não ser rodeado de batedores, armados de lanças e servido por soldados. Não visitava nenhum doente sem, antes, mandar varejar o quarto, apalpar e sacudir o colchão e as cobertas. Depois, teve sempre junto a si gente encarregada de revistar, e com extremo rigor, todos aqueles, sem exceção, que iam saudá-lo. Não foi senão no ocaso do seu governo e, assim mesmo, a muito custo, que consentiu em derrogar a praxe de revista nas mulheres, nos rapazes em pretexto e nas raparigas, e da apreensão, aos seus secretários e copistas, das caixas de penas ou de buris que carregavam. Por ocasião duma revolta popular, Camilo, não duvidando de que pudesse amedrontá-lo mesmo sem desencadear a guerra, o intimou, por meio duma carta injuriosa, ameaçadora e arrogante, a se demitir do cargo de imperador e a se dedicar a uma vida ociosa, como simples particular. Cláudio, entretanto, depois de se ter aconselhado com os principais cidadãos do Império, ainda se perguntou se devia obedecer a tal injunção.

Ficou tão apavorado com as conspirações que lhe haviam sido delatadas à ligeira que tentou abdicar. Quando, como o recordei mais acima, um homem armado de gládio foi preso ao seu lado no momento em que sacrificava, se apressou em convocar o Senado, pela voz dos seus arautos, para se queixar, com lágrimas nos olhos e entre exclamações, da sua infeliz condição, que lhe não permitia estar em segurança em parte alguma, e teimou em não aparecer em público durante muito tempo. Expulso do seu coração o ardente amor que votava a Messalina, não tanto por causa da indignidade dos ultrajes dela recebidos, mas porque temia o perigo da morte, acreditando estivesse o Império nas mãos do adúltero Sílio. Foi nesse instante que, transtornado por um vergonhoso terror, fugiu para o campo. Em todo o percurso da viagem não indagou outra coisa a não ser se o Império ainda se conservava em seu poder.

Não houve, em absoluto, suspeita alguma, mesmo provida da mais insignificante autoridade, que, ao despertar-lhe viva inquietação, não o compelissem a tomar medidas de precaução e de vingança. Certo litigante,

um dia, ao saudá-lo, o chamou à parte e lhe declarou que presenciara, em sonho, o seu assassinio. Depois, fingindo reconhecer o matador, desenhoulhe a figura dum adversário que estava em vésperas de apresentar seu libelo. Cláudio mandou arrastar o pretense indicado ao suplício como se ele tivesse tomado parte no fato. Dessa mesma maneira, conforme se conta, pereceram Ápio Silano, Messalina e Narciso, que tramaram a sua perda, repartiram-se os papéis: este, aparentando terror, abalançou-se um dia, pelo seu quarto adentro, afirmando-lhe haver sonhado que Ápio o esperava para matá-lo. A outra, afetando surpresa, narrou que, desde muitíssimas noites, vinha tendo também o mesmo sonho. Poucos instantes após, anunciava-se, de ânimo premeditado, que Ápio se dirigia para o palácio. Com efeito, na véspera havia recebido ele ordem para ali comparecer àquela hora. Cláudio, como se o sonho se houvesse verificado completamente, sem demora, ordenou-lhe a prisão e a execução. E não hesitou em narrar o caso, no dia seguinte, ao Senado, com todas as suas particularidades, e render graças ao seu liberto que velava pela sua salvação, mesmo quando dormia.

Como se sentisse predisposto à cólera e ao ressentimento, pedia desculpas destes dois defeitos, num édito. Prometeu que “um seria breve e inofensivo” e o outro “jamais seria injusto”. Lamentou-se duramente dos habitantes de Óstia, porque não enviaram navios ao seu encontro, logo ao entrar no Tibre. Depois de os haver censurado amargamente, perdeu os cidadãos que não sabiam escolher a oportunidade para interpelá-lo em público. Proscreeu, sem os ouvir e sem que tivessem culpa, o secretário dum questor e um senador que havia exercido a pretoria. O primeiro, por ter demandado contra ele (ao tempo simples particular), com demasiado ímpeto. O segundo, por ter punido, como edil, os locatários dos seus domínios, que vendiam, apesar da proibição, carnes cozidas, e ter mandado vergastar o intendente que interviu no assunto. Por esta mesma razão, arrebatou aos edis a polícia das tavernas. Longe de guardar silêncio sobre a sua imbecilidade, procurou, ao contrário, provar nalguns dos seus discursos que a havia simulado propositadamente sob Caio Calígula, por não dispor doutro meio de escapar ao perigo e alcançar os fins almejados e, pouco depois, aparecia um livro intitulado, *Ressurreição dos tolos*, que tinha por objetivo provar “que ninguém simula estultice”.

Causava espanto, entre outras coisas, a sua faculdade de esquecer e a sua irreflexão, ou, para empregar outra terminologia, o seu “embotamento” e a sua “insensibilidade”. Sentando-se à mesa pouco tempo depois de ter mandado matar Messalina, perguntou “por que não vinha a imperatriz?” Convidou muitíssimos daqueles que havia condenado à morte a, no dia seguinte, jantar ou conversar com ele, e, como julgasse que tardavam, enviou-lhes um mensageiro para lhes censurar o retardamento. Desde o momento em que contratou com Agripina um casamento ilegítimo, não cessou, em todos os seus discursos, de chamar-lhe “sua filha” e sua “alma” e de repetir “que ela nascera e crescera nos seus joelhos”. Quando estava para fazer Nero entrar na sua família, e como se achasse muito pouco ainda o ter adotado um enteado, estando o seu próprio filho já adulto, repetia a cada instante que “ninguém jamais entrara, por adoção, na família Cláudia”.

Mostrava-se muitas vezes de tal modo distraído, na sua linguagem e na sua conduta, que se tinha a impressão de que ele não sabia quem era, nem com quem, nem em que hora, ou em que lugar falava. Num dia em que tratava do problema dos carneiros e dos negociantes de vinho, na Cúria, exclamou: “Eu vos pergunto, pela vossa fé, quem pode viver sem um pedaço de carne?” E descreveu a abundância reinante nas antigas tavernas, pelas quais costumava andar outrora à procura de vinho. Deu seu voto a um candidato à questura, entre outros motivos, “porque seu pai lhe havia dado água fresca, com muita oportunidade, dum feita em que estivera doente”. Conduziu uma mulher ao Senado como testemunha: “Ela foi – declarou Cláudio – liberta e a criada de quarto da minha mãe, porém me considerou sempre como o seu senhor. Digo isso porque ainda há gente na minha casa que não me considera como seu dono”. Como os habitantes de Óstia lhe pedissem uma mercê, publicamente, encolerizou-se e gritou do alto do seu tribunal que não lhes devia favor nenhum para agradecer e “que ele era livre como qualquer outro”. Aliás, a sua expressão favorita para qualquer circunstância era: “Então, pensas que sou um Teogônio?” (303), ou então: “Fala sem me tocar.” Usava muitíssimas outras proposições análogas, inconvenientes para a boca de um simples cidadão e com mais forte razão para a dum príncipe que não era desprovido nem de eloquência, nem de instrução, e que se consagrara com pertinácia aos estudos liberais.

Na juventude empreendera escrever a história, à instigação de Tito Lívio (304) e com a ajuda de Sulpício Flávio. Ao submeter, porém, o seu ensaio, pela primeira vez, a um numeroso auditório, foi com grande dificuldade que o leu até o fim, pois apanhara um resfriado. Além disso, no começo da leitura, como vários bancos se tivessem quebrado ao peso dum auditório de obesos, estalou o riso e, mesmo depois de acalmado o tumulto, não pôde impedir que, de instante a instante, o incidente fosse lembrado e as risadas irrompessem de novo. Durante o seu reinado escreveu muito, também, e mandava assiduamente proceder à leitura das suas obras. A sua história começa do assassinio do ditador César. Passando, porém, aos tempos posteriores, tomou como ponto de partida a paz que sucedeu às guerras civis, pois sentiu que não podia tratar livremente da verdade dos tempos anteriores, reaparecendo muitas vezes neste capítulo a sua mãe e a sua avó. Deixou dois volumes da primeira parte e 41 da segunda. Compôs, da mesma forma, umas Memórias da sua vida em dois volumes, onde há mais falta de espírito do que de elegância. Escreveu ainda uma *Defesa de Cícero*, eruditíssima, em resposta aos livros de Asínio Galo. Inventou três novas letras (305) e as incorporou ao alfabeto corrente, como se fossem necessárias. Quando era ainda um simples particular, publicou um volume explicando a razão de ser daqueles novos sinais gráficos. Feito imperador, foi com a maior facilidade que os impôs ao uso, como os outros. Esta maneira de escrever se encontra na maior parte de livros, atos públicos e inscrições.

Não foi com menor devotamento que se dedicou aos estudos gregos. Confessava, sempre que lhe aparecia motivo, o seu amor por esta língua e proclamava-lhe a excelência. Disse a um bárbaro que dissertava em grego e em latim: “És hábil numa e na outra das nossas línguas...” E ao recomendar a Acaia aos senadores, declarou “que esta província lhe era cara pelas relações estabelecidas com os seus estudos comuns”. Repetidamente, no Senado, respondia em grego aos embaixadores, num discurso inteiro. No seu tribunal, citava copiosamente versos de Homero. Toda vez que se vingava dum conspirador, ao perguntar o tribuno de guarda, conforme o uso, qual a palavra de ordem, quase que não dava outra senão esta:

“Repelir todos os inimigos, mas em primeiro lugar o que me ofende.” (306)

Enfim, escreveu 20 livros em grego sobre a história dos tirrênios e oito sobre a dos cartagineses. Decidiu-se que a cada ano, em dias marcados, seriam lidas sucessiva e totalmente, diante dum auditório, num, a história dos tirrênios, noutra, a história dos cartagineses.

Já no fim da vida dera mostras, não equívocas, de arrependimento por ter desposado Agripina e adotado Nero. Efetivamente, como seus libertos lhe recordassem, entre elogios, a sua atitude, condenando no dia anterior uma mulher acusada de adultério, redarguiu-lhe “que era também destino seu ter esposas impudicas, mas não impunes”. Depois, abraçando estreitamente várias vezes a Britânico, que ele encontrara à sua passagem, exortou-o “a crescer, para que pudesse suceder em todos os seus atos”. E acrescentou em grego: “Aquele que feriu, curará” (307). E como estivesse decidido a conferir-lhe a toga, pois sua estatura o permitia, embora de tenra idade ainda, determinou: “É para que o povo romano tenha, enfim, um verdadeiro César”.

Pouco depois, escreveu seu testamento, que recebeu a oposição da chancela de todos os magistrados. Antes, porém, de prosseguir avante, foi impedido por Agripina, que sua consciência, aliás, tanto quanto a dos delatores, acusava de numerosos crimes. Ninguém duvida que ele tivesse morrido envenenado. O ponto sobre o qual há dúvidas, porém, é o que se refere ao lugar e à pessoa que lhe haja ministrado a droga mortífera. Narram alguns que isso aconteceu na cidadela, durante um festim com os pontífices, e que o autor foi o eunuco Haloto, seu pregustador. Opinam outros que o caso se registrou durante uma ceia doméstica, e que a própria Agripina foi quem misturou a peçonha num prato de boletos, de que muito gostava. Há, também, outras versões diferentes relativas aos fatos que se seguiram à cena do envenenamento. Referem inúmeras pessoas que, logo após ele ter ingerido o tóxico, perdeu a palavra e, depois de ter experimentado, durante toda a noite, as dores mais atrozes, morreu ao nascer do dia. De acordo com outras, ainda, ele começou por sentir um torpor completo. A seguir, como lhe subissem os alimentos, vomitou tudo. Então, propinaram-lhe veneno novamente. Mas não se sabe bem se lho deram a ingerir numa sopa, sob o pretexto de que necessitava restaurar as energias perdidas, ou se o aplicaram num clister como para aliviá-lo, fazendo-o evacuar, da indigestão que tivera.

Sua morte conservou-se encoberta até que tudo estivesse arranjado relativamente ao seu sucessor. Assim, fizeram-se súplicas e mais súplicas, como se ele estivesse doente. Histriões foram levados, dissimuladamente, ao palácio para dar a impressão de que ele estava desejando esse gênero de diversões. Faleceu três dias antes dos idos de outubro (308), sob o consulado de Asínio Marcelo e Ancílio Aviola, com 64 anos de idade e 14 de reinado. Seus funerais se efetuaram com a pompa usada pelos imperadores e o incluíram no número dos deuses. Esta honra, de que se viu privado e despojado por Nero, foi-lhe logo restituída por Vespasiano.

Os maiores presságios da sua morte foram: a aparição duma dessas estrelas de cabeleira a que chamam cometa. A queda dum raio no túmulo do seu pai Druso. E a morte, no mesmo ano que a dele, da maior parte dos magistrados. Parece que ele próprio não ignorava nem disfarçava que se estavam aproximando os últimos dias da sua existência. Há disso um bom número de provas. Assim, ao designar os cônsules, não nomeou nenhum para além do mês em que morreu. A última vez que foi ao Senado, depois de ter aconselhado longamente seus filhos à concórdia, recomendou com insistência aos senadores a juventude de um e do outro. Finalmente, na sua última audiência, do alto do seu tribunal, disse e redisse que “ele atingira ao termo da vida humana”, embora seus auditores afastassem horrorizados este presságio.

.....

Nero Cláudio César

DA FAMÍLIA DOMÍCIA, dois braços se ilustraram: o dos Calvinos e o dos Enobarbos. Os Enobarbos encontram em Lúcio Domício o autor da sua origem e do seu sobrenome. Este, ao voltar um dia do campo, encontrou dois rapazes gêmeos de extraordinária beleza que lhe ordenaram – conta-se – anunciar ao Senado e ao povo romano uma vitória que ainda era tida como incerta. E, para provarem a sua divindade, afagaram-lhe as faces de maneira a tornar a sua barba, de negra que era, ruiva e cor de cobre. Esta característica foi transmitida também aos seus descendentes, que tiveram, na maioria, a barba loura. Honrados com sete consulados, com o triunfo (309) e com duas censuras (310), chamados ao seio dos patrícios, continuaram todos a usar o mesmo sobrenome. Jamais tomaram outros prenomes a não ser os de Cneio e de Lúcio, e com esta particularidade notável: ora cada um destes era usado por três pessoas, seguidamente, ora, de maneira alternada, por cada uma delas. Sabemos, de fato, que o primeiro, o segundo e o terceiro dos Enobarbos foram Lúcios e os três seguintes, Cneios. Os outros, revezadamente, Lúcios e Cneios. Acho importante o conhecimento de vários membros desta família para que se evidencie melhor que, se Nero degenerou das virtudes dos seus antepassados, contudo, reproduziu os vícios de cada um deles, como se houvesse herdado pelo sangue.

Pois – para retomarmos os fatos um pouco mais do alto – o seu bisavô Cneio Domício, durante seu tribunate, irritado porque os pontífices não o tivessem destinado para substituir seu pai no pontificado, transferiu para o povo o direito que tinham os colégios de eleger os sacerdotes. E, durante o seu consulado, depois de haver derrotado os alobroges e os arvernos, atravessou a sua província montado num elefante e escoltado por numerosos soldados, como nas solenidades do triunfo. Dele disse o orador Licínio Crasso: “Não espanta por ter uma barba ruiva, pois tem uma boca de ferro e um coração de chumbo.” Seu filho, quando pretor, levou Caio César perante o Senado (311) para prestar contas do seu consulado, que, supunha-se, estava sendo governado contra os auspícios e as leis. Feito cônsul, em seguida, tentou arrebatá-lo o comando supremo dos exércitos da Gália. Nomeado, por cabala, para suceder-lhe, foi preso perto de Corfíno, no início da guerra civil. Posto em liberdade, fortaleceu com a sua chegada a coragem dos marselheses assediados. Depois, repentinamente, os abandonou e sucumbiu, por fim, na batalha de Farsália. Homem sem firmeza suficiente e de natureza cruel, num momento em que sua situação atingia ao desespero (312), o medo fê-lo desejar a morte. Teve dela, porém, tão grande pavor que se arrependeu e vomitou o veneno que ingerira. Espancou o seu médico, que, prevendo o arrependimento, lhe preparara um tóxico quase inofensivo. Ao deliberar Cneio Pompeu sobre os que se mantinham neutros entre os dois partidos, foi o único a emitir a opinião de que deviam ser tratados como inimigos.

Deixou um filho, que deve ser o preferido, sem dúvida nenhum, entre os demais membros da sua família. Incluído, embora inocente, entre os cúmplices do assassinio de César e condenado pela lei Pédia, retirou-se para junto de Cássio e de Bruto, aos quais se achava ligado por laço de parentesco. Após a morte destes, manteve a frota que lhe fora confiada outrora, aumentou-a, até, e não a entregou a Marco Antônio, que lhe concedeu por isso grandes mercês, senão depois da derrota universal do seu partido. Foi o único, entre todos os que se viram condenados pela mesma lei, a ser reconduzido à pátria e coberto das honras mais consideráveis (313). Como cedo estalasse a discórdia civil, veio a ser lugar-tenente deste mesmo Antônio e recebeu a oferta do comando supremo da boca daqueles que se envergonhavam de Cleópatra. Não ousando, porém, nem assumi-lo,

nem recusá-lo, em virtude do agravamento do seu estado de saúde, passou depois para o partido de Augusto e morreu poucos dias depois, não nem ter sido enlameado por uma calúnia infame. Antônio prolatou que ele o abandonou para rever a sua amiga Servília Maíde.

De Servília nasceu Domício, que figurou, como foi notado por todos, no testamento de Augusto, como comprador dos seus escravos e dos seus bens. Não se tornou menos célebre na sua adolescência pela habilidade em guiar um carro do que, mais tarde, pelos ornamentos triunfais obtidos na guerra da Germânia. Arrogante, pródigo, impiedoso, porém, forçou, como cônsul, o censor Lúcio Planco a lhe ceder o caminho. No decorrer da sua pretoria e do seu consulado, fez aparecer na cena, para a representação duma mímica, cavaleiros romanos e matronas. Realizou caçadas no Circo e em todos os bairros da cidade. Efetuou, também, um combate de gladiadores, mas em condições tão cruéis que Augusto, depois de o haver advertido, em vão, secretamente, se viu compelido a admoestá-lo num édito.

Teve de Antônia (a mais velha) um filho, que foi o pai de Nero e cuja vida foi, sob todos os aspectos, abominável. Companheiro no Oriente do jovem Caio César (314), matou seu liberto porque recusara beber tanto quanto ele ordenara. Afastado da corte do príncipe, sua vida não conheceu limites. Numa povoação atravessada pela Via Ápia esmagou, propositadamente, uma criança, lançando bruscamente contra ela os seus cavalos. Em Roma, em pleno Fórum, arrancou um olho a um cavaleiro romano que o vituperara. Era duma tão grande má fé que não fraudava somente os argentários nos preços daquilo que comprava, mas ainda, na sua pretoria, os condutores de carros nas despesas feitas para as suas próprias vitórias. Exposto assim, por tais procedimentos, às zombarias da sua irmã e às queixas dos chefes de seções, estatui “que para o futuro os gastos seriam pagos à vista”. Acusado, por volta do fim da soberania de Tibério, do delito de lesa-majestade, de vários adultérios (315) e de incesto com a sua irmã Lépida, deveu sua salvação à mudança de reinado. Morreu em Pirgo (316), vítima de hidropisia, deixando de Agripina, filha de Germânico, um filho chamado Nero.

Nero nasceu no Âncio, nove meses após a morte de Tibério (317), 18 dias antes das calendas de janeiro, justamente ao nascer do sol,

que o iluminou com seus raios quase antes mesmo de iluminar a Terra. Entre as muitas conjecturas horripilantes, concernentes ao seu nascimento, encarou-se também como presságio esta frase de Domício, seu pai, em resposta às felicitações dos seus amigos: “Que dele e de Agripina nada podia nascer que não fosse detestável e funesto ao bem público.” Sinal evidente do seu destino calamitoso apareceu no dia da sua purificação (318). Com efeito, como Caio Calígula se visse acossado por sua irmã, que desejava desse ele ao bebê o nome que bem lhe parecesse, voltou os olhos para Cláudio, seu tio, dizendo-lhe que ia dar ao pequeno o seu nome. Não lho deu a sério, mas por brincado, esse nome que Agripina não podia tolerar, porque Cláudio era então o joguete da corte. Aos três anos de idade perdeu o pai. Herdeiro da terça parte, não a recebeu, pois Calígula, seu co-herdeiro, confiscou todos os bens. E, como neste entretimento, sua mãe tivesse sido banida (319), vendo-se sem recurso e indigente, para alimentar-se procurou a casa da sua tia Lépidia, onde seus pedagogos foram um dançarino e um barbeiro. Com o advento de Cláudio, porém, não somente reentrou na pleniposse dos bens deixados por seus pais, mas ainda se enriqueceu com a herança do seu padrinho Crispo Passieno (320). O crédito e o poder da sua mãe foram tão longe que chegou a circular, entre o povo, o boato de que Messalina, mulher de Cláudio, enviara agentes encarregados de estrangulá-lo durante a sua sesta, por tê-lo na conta de rival de Britânico. Acrescentava-se também que os capangas, aterrorizados com um dragão que saltara do seu travesseiro, haviam fugido. O que deu lugar a esta lenda foi o fato de existir na sua cama, perto da cabeceira, o couro duma cobra por ele usado, desde muito tempo, num bracelete de ouro, ligado ao braço direito, de acordo com a vontade materna (adorno esse que abandonara quando a memória da sua progenitora se lhe tinha tornado odiosa).

Em idade tenra ainda, antes mesmo de ter saído da infância, era já um dos atores mais assíduos e mais em voga nos jogos troianos do Circo. Aos 12 anos viu-se adotado por Cláudio (321) e confiado aos cuidados de Aneu Sêneca, já senador. Conta-se que Sêneca sonhara na noite precedente que era o preceptor de Caio César Calígula. E Nero justificou plenamente e sem demora este sonho, fornecendo o mais cedo possível os traços da sua natureza feroz. Na realidade, só porque Britânico, em virtude do hábito, o tivesse saudado pelo nome de Enobarbo, após o seu perfilhamento, pro-

curou provar ao pai que ele era bastardo. Acusada sua tia Lépida, prestou testemunho contra ela, na sua presença, para ser agradável à sua mãe, que a perseguia perante os tribunais. Conduzido ao Fórum para aí tomar a toga (322), prometeu uma distribuição ao povo e uma gratificação aos soldados. Numa revista aos pretorianos, colocou-se à frente destes com um escudo na mão. Depois, solicitou, no Senado, ações de graça para o seu pai adotivo. Defendeu, diante dele, então cônsul, em latim, os habitantes de Bolonha e, em grego, os de Rodes e de Ílion. Estreou nas funções públicas como prefeito da cidade (323) durante as festas latinas, e os mais célebres advogados se apressaram em levar à sua presença não processos breves e banais, mas muitíssimos e importantíssimos memoriais, a despeito da interdição feita por Cláudio. Pouco depois (324), desposou Otávia e efetuou jogos no Circo e uma caçada à saúde de Cláudio.

Contava 17 anos de idade quando se anunciou, publicamente, a morte de Cláudio (325). Apresentou-se à frente dos guardas entre a sexta e a sétima hora, porque, em virtude do pesar reinante em todo aquele dia, nenhum outro momento lhe pareceu mais propício para colher auspícios. Saudado como imperador diante das escadarias do palácio, fez-se transportar em liteira ao acampamento e de lá, após haver discursado apressadamente aos soldados, se dirigiu à Cúria, de onde não retornou senão à noite. Das imensas honorificências com que o cumularam, só recusou o título de “Pai da Pátria”, em razão da sua idade.

Passando daí às demonstrações de piedade, concedeu a Cláudio magníficos funerais. Pronunciou o seu elogio e procedeu à sua sagração. Rendeu as maiores homenagens à memória do seu pai Domício. Entregou à sua mãe a administração soberana de todos os negócios públicos e privados. No primeiro dia do seu reinado deu ao tribuno da guarda a seguinte contrassenha: “A melhor das mães”, e daí por diante passeou com ela, repetidas vezes, em público, na sua liteira. Estabeleceu uma colônia no Âncio, recrutada entre os veteranos da guarda pretoriana, aos quais foram associados, por transferência de domicílio, os mais ricos centuriões primipilários. Mandou construir aí um porto suntuosíssimo.

Na ânsia de dar uma ideia ainda mais nítida do seu caráter, após haver declarado “que reinaria de acordo com os princípios de Augusto”, não perdeu nenhuma ocasião de demonstrar a sua liberalidade, sua cle-

mência e até mesmo sua amabilidade. Aboliu ou diminuiu os impostos mais pesados. Reduziu a um quarto os prêmios concedidos aos delatores pela lei Pápia. Depois de ter distribuído ao povo 400 sestércios por cabeça, estabeleceu para os senadores mais nobres (326), porém sem fortuna, um ordenado anual que montava, para alguns, até 100 mil sestércios. E, da mesma forma, às coortes pretorianas, uma ração de trigo anual gratuita. Certo dia em que o convidaram a assinar uma condenação capital, disse: “Querida não saber escrever!” Saudou todos os membros das duas ordens corretamente e de memória. Ao Senado, que lhe endereçava ações de graça, respondeu: “Quando eu as tiver merecido.” Admitiu o povo nos exercícios do Campo de Marte. Declamou, repetidamente, em público. Recitou versos, não somente em casa, mas também no teatro. Causou, com isso, uma alegria tão universal que, para comemorar essa leitura, foram decretadas preces públicas. Uma parte da poesia, gravada em letras de ouro, foi dedicada a Júpiter Capitolino.

Ofereceu numerosíssimos espetáculos de todos os gêneros. Jogos da juventude, jogos do circo, jogos cênicos, combates de gladiadores. Nos jogos da juventude, tolerou, mesmo, a participação dos velhos consulares e das velhas matronas (327). Nos jogos do circo concedeu aos cavaleiros lugares separados dos demais e fez aparecer aí, até, quadrigas atreladas a camelos. Nos jogos organizados pela eternidade do Império e aos quais desejou se chamassem “Jogos Máximos”, os papéis foram desempenhados pela maior parte das personagens das duas ordens e dos dois sexos. Um cavaleiro romano, conhecidíssimo, montado num elefante, desceu, correndo, numa corda esticada. Representou-se a comédia de Afrânio, intitulada *O Incêndio*. E se consentiu que os atores tirassem e guardassem para si o mobiliário da casa em chamas. Distribuía ao povo, todos os dias, presentes de toda espécie: cada dia mil pássaros de qualidades diferentes, provisões as mais variadas, vales para aquisição de trigo, roupas, ouro, prata, gemas, pérolas, quadros, escravos, bestas de carga e até mesmo feras domésticas. E, em último lugar, navios, ilhas de casas e campos.

Assistia àqueles jogos do alto do seu prosicênio. E quando do combate de gladiadores, que se verificou num anfiteatro de madeira, construído no espaço de um ano (328), no bairro do Campo de Marte, não mandou matar ninguém, nem mesmo entre os criminosos. Mas exibiu e

induziu ao combate 400 senadores e 600 cavaleiros romanos, alguns dos quais de grande fortuna e ilibada reputação. Apresentou cidadãos pertencentes às mesmas ordens para matar feras e exercer diversos empregos na arena. Organizou também uma naumaquia, em que monstros enormes nadavam na água do mar, assim como pírricas, em que dançavam efebos. Ofereceu a cada qual, após as exhibições, diploma de cidadão romano. Entre outros “números” daquelas “pírricas” havia um em que um touro montava Pasifaé, encerrada numa bezerra de madeira, e muitos espectadores acreditavam na realidade da cena. Costumava sentar-se muito raramente no prosccênio. Como, porém, resolveu depois ficar deitado, apreciava os jogos a princípio por pequenas aberturas, e, mais tarde, do meio do pódio inteiramente aberto. Estabeleceu, também, pela primeira vez em Roma, jogos quinquenais (329), a exemplo dos gregos. Concurso tríplice: musical, gínico e equestre, a que deu o nome de “neroniano”. Na consagração das suas termas e do seu ginásio (330), deu lugares de honra aos senadores e aos cavaleiros. Determinou que a presidência dos concursos devia caber aos consulares, em sorteio. Estes deveriam sentar no lugar dos pretores. A seguir, desceu à orquestra, no meio do Senado, e recebeu a coroa da eloquência e da poesia latina, que os mais ilustres cidadãos lhe haviam disputado e que lhe foram conferidas com o seu próprio consentimento. Quanto à que os juízes lhe concederam como tocador de cítara, esse ele a beijou e mandou colocá-la perto da estátua de Augusto. Nos jogos gínicos, efetuados nos recintos, fez pela primeira vez a sua barba no meio dos aprestos para o sacrifício, fechou-a num estojo ornado de pérolas as mais preciosas e a consagrou a Júpiter Capitolino. Convidou também as virgens vestais para o espetáculo dos atletas, porque em Olímpia se permitia às sacerdotisas de César a eles comparecer.

Poderia catalogar entre os espetáculos que deu, não sem razão, a entrada de Tiridate em Roma (331). Este rei da Armênia, atraído pelas suas excelentes promessas, devia mostrar-se ao povo em determinado dia, fixado por um édito. Como, porém, a cerimônia fosse adiada, em virtude do tempo nublado, Nero a realizou nas condições mais favoráveis. Coortes, em armas, haviam sido dispostas em torno dos templos do Fórum. Ele próprio se sentara perto dos Rostros, em vestes de triunfador, em meio às insígnias militares e aos estandartes. Primeiramente, Tiridate subiu os

degraus da escada do estrado e se pôs de joelhos. Nero, tomando-o pela mão, ergueu-o e o cobriu de beijos. Depois, a pedido daquele, este lhe arrebatou a tiara e lhe colocou à cabeça o diadema, enquanto um antigo pretor transmitia à massa a tradução das palavras do suplicante. Tiridate, em seguida, foi conduzido até ao teatro, onde, após ter recebido de novo as suas homenagens, César o colocou junto a si, à sua direita. Saudado como “imperador” por este triunfo, Nero depositou a sua coroa de louros no Capitólio e fechou o templo de Jano, em sinal de que não havia nenhuma guerra a terminar.

Exerceu quatro consulados (332). O primeiro durou dois meses. O segundo e o último, seis meses. Os dois consulados intermediários foram consecutivos. Os demais, separados pelo intervalo de um ano.

Nas suas funções judiciárias, quase não respondia aos demandistas senão no dia seguinte e por escrito. Durante as audiências, sempre teve por hábito suprimir as razões continuadas e ouvir, uma a uma, por seu turno, as partes, a respeito de cada ponto do debate. Todas as vezes que se retirava para pedir um conselho, não deliberava nem em comum, nem publicamente. Porém, lia em silêncio e à parte as opiniões que lhe davam, por escrito, cada qual dos juízes e pronunciava o que lhe viesse à cabeça, como se esse fosse o parecer da maioria. Por muito tempo, não permitiu, em absoluto, filhos de libertos na Cúria e não concedeu nenhuma honra àqueles admitidos por imperadores passados. Colocou à frente das legiões os candidatos excedentes, a fim de consolá-los dos adiamentos e dos retardos. Conferia, de ordinário, o consulado por seis meses. Como tivesse morrido um dos cônsules, à volta das calendas de janeiro, não o substituiu por ninguém, desaprovando assim o exemplo de Canínio Rebilo, que fora cônsul durante um dia somente (333). Atribuiu os ornamentos triunfais a simples questores e até mesmo a membros da ordem equestre, e nem sempre por razões militares. Quando enviava discursos ao Senado sobre certos assuntos, os fazia ler, preferentemente, por cônsules, embora fosse este o ofício dum questor.

Inventou um novo estilo de edifícios urbanos: quis que as ilhas de imóveis e as casas tivessem galerias na frente, para que se pudesse, do alto dos solários, combater os incêndios. Essas galerias foram construídas a sua custa. Tencionava também prolongar as muralhas até Óstia e levar

o mar, por um canal, à antiga cidade. Sob o seu reinado, muitos foram punidos e reprimidos severamente e muitas coisas instituídas: supressão do luxo, festins públicos reduzidos a espórtulas, proibição da venda de cozidos nas tavernas, à exceção dos legumes e dos produtos de jardinagem, ao passo que antes eram aí vendidas todas as qualidades de alimentos. Aos cristãos, espécie de homens afeitos a uma superstição nova e maligna, infligiram-se-lhes suplícios. Impediram-se os excessos dos condutores de quadrigas, que, acobertados por uma antiga licença, andavam daqui para ali e se atribuíam o direito, por divertimento, de enganar e de roubar.

Para evitar as falsificações, achou-se então um sistema consistente em não selar os contratos senão depois de os haver furado e passado três vezes um fio pelos buracos. Cuidou-se, nos testamentos, de que as duas páginas não trouxessem senão o nome do testador, sem qualquer outra assinatura. Ninguém podia escrever o testamento de outra pessoa no qual se achasse contemplado. Os litigantes deviam conceder aos advogados um salário fixo e conveniente (334), mas nada deviam pagar pelos bancos, que eram fornecidos gratuitamente pelo erário. As causas concernentes ao fisco passaram do tesouro para o Fórum e para os recuperadores (335). As apelações de todos os julgamentos ficaram a cargo do Senado.

Jamais cedeu ao desejo nem à esperança de aumentar e estender o Império, e chegou a pensar, até, na retirada do exército da Bretanha. Renunciou a essa empresa por pudor, para não parecer que estava insultando a glória do seu pai. Limitou-se a reduzir a províncias o reino do Ponto, que lhe cedeu Polemão, e o dos Alpes, à morte do Cócio.

Empreendeu apenas duas viagens: uma a Alexandria e outra à Acaia. Desistiu da excursão a Alexandria no dia mesmo da sua partida, por escrúpulos religiosos e, ao mesmo tempo, de medo. Com efeito, como estivesse sentado no templo de Vesta, após a visita feita aos demais templos, sentiu, primeiro, seu manto preso no momento em que se levantava e, em seguida, uma tontura tal que lhe não permitia distinguir coisa alguma. Na Acaia, dedicou-se aos trabalhos para o corte do istmo, concitando os pretorianos que conseguira reunir a que metessem mãos à obra. Ao sinal dado pelas tubas, cavou a terra, antes dos demais, com uma enxada, e carregou nos ombros o primeiro cesto de terra. Preparou também uma expedição aos portos do mar Cáspio, organizando uma nova legião de italianos, cujos

recrutas mediam seis pés de altura e à qual deu o nome de “Falange de Alexandre o Grande”. Junto estes fatos, dos quais uns não merecem condenação e outros fazem jus a ardentes elogios, para separá-los das infâmias e dos crimes que cometeu e de que me vou ocupar agora.

Entre outras disciplinas, na sua infância, se imbuíra de música. Desde que se investira no poder do Império, mandara buscar Terpno, o maior tocador de cítara da época. E durante vários dias seguidos, após o jantar, sentava-se ao seu lado para ouvi-lo cantar, até alta noite. Pouco a pouco, começou ele próprio a trabalhar e a exercitar-se, sem omitir nenhuma das precauções habituais aos artistas deste gênero para conservação da voz e o seu aumento de volume: deitava-se de costas, resguardando o peito com uma folha de chumbo. Tomava clisteres e vomitórios. Abstinha-se de frutas e de alimentos pesados. Enfim, entusiasmado com os seus progressos, embora de voz fraca e roufenha, mostrou-se desejoso de aparecer em cena, repetindo, aos seus familiares, o provérbio grego em que se assegura “que uma música escondida não pode ser admirada” (336). Estreou, pois, em Nápoles (337) e, a despeito dum tremor de terra que abalou totalmente o teatro, não cessou de cantar senão depois de concluir a ária vocalizada. Cantou naquela cidade repetidas vezes e durante vários dias seguidos. Repousou rapidamente para refazer a voz. Como, porém, não pudesse suportar o não ser visto, transportou-se do banho para o teatro e, comendo no meio da orquestra, diante de numerosa assistência, prometeu em grego “que, depois de haver bebido um pouco, faria soar alguma coisa agradável”. Encantado com os louvores amáveis dos alexandrinos que haviam afluído a Nápoles, numa recente emigração, mandou vir outros habitantes daquela cidade egípcia. Não demonstrou menor pressa em escolher os mais jovens rapazes da ordem equestre e mais de cinco mil adolescentes, plebeus, divididos em grupos, para ensinar-lhes diferentes maneiras de aplaudir (tais como a dos “bombos”, dos “tijolos furados” e dos “cacos”). Enquanto cantava, meninos, notáveis pela cabeleira abundantíssima e o singular modo de se vestir, assim como pelo anel que traziam na mão esquerda, prestavam-lhe serviço. Seus chefes ganhavam 400 mil sestércios.

Como se dedicasse decididamente ao canto, consentiu em celebrar os jogos Neronianos (338) em Roma antes do dia prescrito. Como todo mundo reclamasse “a sua voz celeste”, respondeu que satisfaria esse

anelo nos seus jardins. Os soldados, porém, que estavam de guarda naquele dia, juntaram seus rogos aos do povo. Então prometeu cantar sem demora e inscreveu seu nome, imediatamente, na lista dos tocadores de cítara comprometidos. Seu nome foi jogado na urna com os demais. Entrou, por sua vez, acompanhado dos prefeitos do pretório, sobraçando sua cítara, seguido de tribunos militares e rodeado dos amigos íntimos. Depois de sentar-se e dedilhar um prelúdio, fez anunciar, pelo consular Clúvio Rufo, que iria cantar Niobe e a cantou, ininterruptamente, até à décima hora mais ou menos. Depois, aprazou para o ano seguinte a coroa e o resto do concurso, para ter assim outra oportunidade de cantar. Como este prazo lhe parecesse demasiado longo, não tardou em aparecer ao público em várias outras ocasiões. Não hesitou em representar um papel nos espetáculos dados por particulares. Um pretor (339) lhe ofereceu um milhão de sestércios. Cantou, também, nas tragédias, de máscaras. E as máscaras dos heróis e dos deuses eram feitas à sua semelhança e à da mulher por ele amada no momento. Entre outras coisas cantou: *O parto de Canace*, *Orestes matricida*, *Édipo cego* e *Hércules furioso*. Conta-se que, nesta última representação, como um soldado, de guarda à entrada do teatro, o visse ornado e carregado de algemas, como requeria a cena, correu a fim de prestar-lhe socorro.

Desde os verdes anos demonstrou sempre uma ardente paixão pelos cavalos. Sua conversação habitual, embora lhe fosse isso vedado, girava em tono das corridas do Circo. E em dia em que lamentava, diante dos seus condiscípulos, a sorte dum auriga verde, arrastado pelos cavalos, respondeu ao mestre, que o admoestara por isso, que era de Heitor de quem falava. No começo do seu reinado brincava todos os dias, em cima duma mesa, com quadrigas de marfim, e à menor corrida no Circo abandonava seu retiro, a princípio às escondidas, depois abertamente, de maneira que ninguém ficasse na ignorância de que naquela data iria assistir ao espetáculo. Sem tardança, predispôs-se a guiar um carro com as próprias mãos e a comparecer, assim, aos jogos. Após a aprendizagem feita nos seus jardins, diante dos escravos e do populacho, mostrou-se aos olhos de todos no Circo Máximo e foi um dos seus libertos quem deu o sinal de partida, do lugar em que os magistrados tinham por costume fazê-lo. Não contente em ter dado a Roma amostras do seu talento, foi, como já dissemos, a Acaia (340). O que, sobretudo, o levou aí, foi o fato de as cidades em que

se estabeleceram concursos de música terem tomado a resolução de lhe enviar todas as coroas dos tocadores de cítara. Ele as recebeu com tanto prazer que os delegados que as tinham trazido eram não somente escolhidos em primeiro lugar, mas ainda admitidos nas suas ceias familiares. Convidado, por alguns dentre eles, a cantar à mesa e vendo-se aplaudido com efusão, disse “que somente os gregos sabiam escutar e eram dignos de apreciar o seu talento”. Pondo-se de retorno, ao escalar em Cassópe (341), tratou, sem demora, de cantar diante do altar de Júpiter Cássio.

Desde então, assistiu a todos os concursos. Quis se celebrassem num só ano todos os que se realizaram em épocas desencontradas. Alguns, mesmo, foram recomeçados. Fez, contra o uso, abrir um concurso de música em Olímpia. Para não se distrair nem se desviar das suas ocupações, respondeu ao seu liberto Hélio, que o advertia de que os negócios de estado reclamavam a sua presença: “A despeito do teu conselho e do teu empenho em que eu volte prontamente, o teu dever seria antes o de me aconselhar e desejar que eu voltasse e ser digno de Nero”. Enquanto cantava, não se permitia a ninguém sair do teatro, mesmo em caso de necessidade... Reconta-se que muitíssimas pessoas, fatigadas de ouvir e de aplaudir, encontrando fechadas as portas, saltavam, furtivamente, do alto dos muros. É difícil acreditar-se com que emoção, com que ansiedade, com que zelo pelos seus adversários, com que temor dos juízes ele tomava parte da luta! Tratava seus antagonistas como se fossem, rigorosamente, da sua condição. Observava-os, atirava-lhes baldões em seguida, crivava-os, algumas vezes, de injúrias, ao se reencontrarem, e, se possuíam mais valor do que ele, subornava-os. Aos seus juízes, endereçava-lhes, antes de começar, a mais respeitosa alocução, dizendo “que tinha feito tudo quanto era possível fazer, mas que o bom êxito estava na mão da Fortuna. Eles, como homens sábios e instruídos, deviam excluir tudo quanto fosse obra do acaso”, e, como os juízes o concitassem a evidenciar bastante coragem, retirava-se de ânimo mais tranquilo, mas não desinquieto, a acusar a reserva e o silêncio, de alguns dentre eles, de mau humor e perversidade, e a confessar que lhe eram suspeitos.

Quanto ao mais, obedecia tão estritamente às leis do concurso que jamais ousou sequer salivar, e enxugava com a mão o suor da fronte. Durante uma representação trágica, como deixasse cair o cetro, apressou-

se em apanhá-lo, com medo de ser, por essa falta, excluído do certame. E não se acalmou enquanto o pantomimo não lhe jurou que aquele detalhe passara despercebido no meio do júbilo e das aclamações da assistência. Proclamava-se ele próprio vencedor. E, por este motivo, disputou a palma aos heraldos. Para que não restasse nem lembrança, nem resquício algum de todos os outros vencedores dos jogos sagrados, mandou derrubar, arrastar e atirar às latrinas todas as suas estátuas e todos os seus retratos. Dirigiu carros em múltiplas ocasiões. Nos Jogos Olímpicos, dirigiu um de dez cavalos, se bem, numa peça em versos, ele tivesse condenado o rei Mitrídates por ter feito a mesma coisa. Arremessado do carro, nele porém resposto, não conseguiu ater-se e o abandonou antes de finalizar a corrida. Nem por isso deixou de ser coroado. À saída, concedeu o direito de cidadania romana e uma forte soma aos juízes. Estas liberalidades todas ele próprio anunciou, do meio do estádio, no dia dos Jogos Ístmicos.

De volta da Grécia, entrou em Nápoles, onde estreara como artista, num carro tirado por cavalos brancos, passando por uma brecha aberta na muralha, segundo o uso dos vencedores nos jogos sagrados. A mesmíssima coisa fez em Âncio, mais tarde em Alba, finalmente em Roma; aqui, porém, entrou no carro que servira outrora aos triunfos de Augusto, vestido dum manto de púrpura, com uma clâmide respingada de estrelas de ouro, à testa a coroa olímpica e a pítica na mão direita, enquanto as outras coroas eram carregadas pomposamente diante dele, com inscrições que indicavam o lugar, o nome dos seus concorrentes, o assunto dos cânticos e das peças em que saíra vencedor. Claquistas seguiam o carro, como nas ovações, aos gritos de que eram eles os augustanos e os soldados do seu triunfo. Daí, atravessando uma arcada do Circo Máximo, demolida para esse fim, atravessou o Velabro e o Fórum e ganhou o Palatino e o templo de Apolo. À medida que avançava, imolavam-se vítimas aqui e ali, espalhava-se açafreão pelas ruas, sem cessar; soltavam-se pássaros e atiravam-se petiscos e gulodices. Colocou coroas sagradas nos quartos, assim como estátuas em vestes de citaristas. Mandou cunhar uma moeda com estas efígies. Tão longe se achava de renunciar aos seus gostos e de se aquietar que, para conservar a voz, não discursava aos seus soldados senão por meio de outra pessoa, que lhes transmitisse suas palavras. Jamais se ocupava de qualquer mister, sério ou frívolo, sem ter ao seu lado o seu professor de

canto para observá-lo quanto ao modo de empregar as suas cordas vocais e para lhe colocar um lenço diante da boca. Não testemunhava sua amizade, nem declarava seu ódio a ninguém, senão de acordo com a quantidade dos louvores que recebia.

A petulância, a libertinagem, o luxo, a avareza e a crueldade foram vícios a que se entregou a princípio, gradualmente, às ocultas, como desviado pela juventude. Mesmo então ninguém mais duvidava que esses vícios proviessem menos da idade do que da natureza. Ao anoitecer, punha um boné ou um barrete e saía a percorrer as tavernas, vagabundear pelas ruas a título de brinquedo, mas não de brinquedo inofensivo. De fato, surrava pessoas que retornavam do jantar e, se resistiam, as feria e as afogava nos esgotos. Ia até ao ponto de arrombar as portas das pequenas bodegas e roubá-las. Abrira, em sua casa, uma espécie de mercado onde vendia o produto do saque às porções, em leilão, para dissipar o rendimento. Muitas vezes, nas disputas e brigas, arriscou-se a perder os olhos e a vida. Um homem, cuja mulher fora por ele insultada, pensou em derrubá-lo a golpes de ferro. Depois disso, nunca mais se expôs em público a tal hora sem se fazer seguir de longe por tribunos. Também durante o dia transportava-se clandestinamente ao teatro numa cadeirinha e do alto do proscênio apreciava e açulava as alterações entre os pantomimos. E quando estes se agarravam e se atracavam a pontapés e a pedaços de bancos, ele gostava de atirá-los contra o público, chegando, de uma feita, a ferir um pretor na cabeça.

Pouco a pouco, porém, com o crescer dos vícios abandonou as brincadeiras e os mistérios e, sem a preocupação de dissimular, deu livre curso aos mais incríveis excessos. Prolongava suas refeições desde o meio-dia até à meia-noite e restaurava suas forças tomando com frequência banhos quentes, ou, se no verão, refrescando-se com a neve. Jantava, também, quase sempre, em lugar público, ora na Naumaquia, que mandara fechar, ora no Campo de Marte, ora no Circo Máximo, onde era servido pelas prostitutas de toda a cidade e tocadoras de flauta. Todas as vezes estabeleciam-se e dispunham-se ao longo do litoral barracas e tavernas confortáveis onde matronas, representando o papel de comerciantes, o convidavam a entrar. Solicitava-se ele próprio para cear em casa dos amigos. A um destes, custou-lhe uma dessas refeições quatro mil sestércios só em gulodices de mel, e a outro muito mais ainda, só em eflúvios de rosas.

Sem falar das suas relações sexuais com homens livres e das suas libidinagens com mulheres casadas, deflorou uma virgem vestal, Rúbia. Muito pouco faltou para que não desposasse a sua liberta Ateia. Visando a isso, subornara personagens consulares para que jurassem ser ela oriunda de estirpe real. Esforçou-se, mesmo, por transformar em mulher, arrancando-lhe os testículos, o jovem Esporo. Carregou-o em régia pompa, observando todos os ritos sponsálicos, e o tratou como verdadeira mulher. Não foi sem espírito que alguém, a propósito, asseverou “que o gênero humano estaria bem contente se o pai de Nero, Domício, tivesse tido uma semelhante esposa”. Paramentou Esporo com os adornos das imperatrizes, conduziu-o em liteira e o acompanhou às assembleias e aos mercados na Grécia e, mais tarde em Roma, às sigilárias, cobrindo-o cada passo de beijos. Ninguém duvida que tenha desejado coabitar com a sua própria mãe e que, desse intento, haja sido dissuadido pelos próprios inimigos dessa mulher feroz e difícil de ser contida, sob o temor de que se viesse prevalecer daquele gênero de prestígio, mormente depois que ele admitira, entre as suas concubinas, uma cortesã que se parecia muito – diz-se – com Agripina. Narra-se, mesmo, que toda vez que andava em liteira com a sua mãe, satisfazia com ela seus apetites incestuosos, e provava esse fato com as manchas apresentadas pelas suas vestes.

Prostituiu seu pudor a tal ponto que, maculados quase todos os membros do seu corpo, imaginou, enfim, como uma espécie de divertimento, cobrir-se com uma pele de fera e fazer-se encerrar num cubículo, de onde se lançava, ao sair, às virilhas de homens e mulheres atados a um poste. Depois de saciada a sua raiva, abandonava-se ao seu liberto Dorífero, que chegou a ser sua mulher (342), como Esporo o fora também; e imitava, com gritos e gemidos, as virgens que estão sendo violentadas. Contaram-me que ele estava persuadido de que não existia homem algum casto ou puro nalgum ponto do seu corpo. Para ele, a maior parte dissimulava seus vícios e os escondia habilmente. Eis a razão por que perdoava todos aqueles que lhe confessavam as obscenidades praticadas.

Achava que as riquezas e o dinheiro só serviram para serem gastos. Considerava sórdidos e avaros aqueles que faziam as contas das suas despesas; e faustosos e verdadeiramente magníficos aqueles que gastavam e se arruinavam. O que ele louvava e admirava no seu tio Caio Calígula

(343), o que considerava como a sua mais alta glória, era justamente o ter dissipado em pouco tempo as formidáveis riquezas deixadas por Tibério. Assim, não impôs nenhum limite às suas larguezas e prodigalidades. Pagou a Tiridate – o que parece quase inacreditável – 800 mil sestércios por dia e, à sua partida, presenteou-o com 100 milhões. Deu ao citarista Menécrates e ao gladiador Espículo os patrimônios e as casas dos cidadãos que haviam tido as honras do triunfo (344). Concedeu ao usurário Cercopiteco Panerotes, a quem enriquecera com propriedades urbanas e rurais, exéquias quase principescas. Jamais usou duas vezes a mesma roupa. Jogou aos dados a 400 mil sestércios a parada. Pescava com anzol de ouro, cuja linha era trançada de púrpura escarlate. Em tempo algum se pôs em marcha com menos de mil carros e 100 mulas ferradas de prata, almocreves vestidos de lã canusiense (345), um grupo de mazices (346) e correios ornados de braceletes e colares.

Em nenhuma outra coisa dissipou mais dinheiro do que nas construções. Estendeu seu palácio do Palatino às Esquílias. Primeiramente, com a “casa da passagem”, depois, como o fogo a tivesse destruído, reconstruiu-a e deu-lhe o nome de “casa de ouro”. Para que se possa imaginar o seu tamanho e a sua magnificência, basta dizer que no vestíbulo se erguia a sua própria estátua, sob a forma dum colosso de 120 pés de altura. Era tão larga que possuía dois pórticos com três filas de colunas e media o comprimento de mil passos. O tanque, análogo a um mar, era rodeado de edifícios que davam o aspecto duma cidade. Ademais, planícies com terrenos cultivados, vinhedos, pastagens, florestas com uma quantidade extraordinária de animais domésticos e selvagens de todos os matizes e de todas as espécies. Nos outros lugares do palácio, tudo se cobria de ouro e se incrustava de gemas e de madreperolas. Os refeitórios tinham as paredes recobertas de pranchas de marfim, móveis, que permitiam espalhar sobre os convivas, pelas aberturas, flores e perfumes. A sala principal assemelhava-se a uma rotunda, cujo zimbório girava perpetuamente, noite e dia, a imitar o movimento da Terra. Os banhos recebiam as águas do mar e da Álbula (347). Terminado tal palácio, ao consagrá-lo, Nero se contentou em exprimir a sua satisfação, declarando “que, afinal, começava a morar como um homem”. Dera, também, começo a uma piscina, do Miseno até ao lago Averno, coberta e fechada por galerias, por onde se desviassem

as águas quentes de Baías. Queria construir um canal do Averno a Óstia, para que se pudesse fazer o trajeto em navios, sem tocar no mar. Este canal devia medir 160 mil passos de comprimento e uma largura suficiente para que galeras de cinco ordens de remos nele cruzassem à vontade. Para a conclusão destas obras, ordenara o transporte, para a Itália, de todos os prisioneiros, sem exceção, e a condenação aos trabalhos públicos de todos aqueles que houvessem provadamente cometido crimes. O que mais encorajava este furor esbanjatório era, além da confiança que depositava no seu poder, a esperança próxima de riquezas fabulosas e ocultas, cuja existência lhe fora revelada por um cavaleiro romano (348), o qual lhe assegurara que antiquíssimos tesouros, carregados pela rainha Dido ao fugir de Tiro, se encontravam enfurnados na África em vastíssimas cavernas e que com pouco trabalho poderiam ser de lá retirados.

Ao sentir, porém, falida a sua esperança e vendo chegar ao fim todos os recursos de que dispunha, reduzido a uma tal miséria e penúria que o obrigava a adiar e suspender o pagamento aos soldados e as pensões aos veteranos, recorreu à calúnia e à rapina. Estatuiu, antes de tudo, que em lugar da metade dos bens libertos, advindos por sucessões, cinco sextas partes lhe pertenceriam quando, sem motivo plausível, aqueles trouxessem o nome duma das famílias às quais César estava aliado. A seguir, determinou que os testamentos dos que se tivessem revelado ingratos para com o príncipe seriam revertidos em favor do fisco e os jurisconsultos que os houvessem lavrado ou ditado, punidos. Finalmente, todos os atos e todas as palavras denunciados pelos delatores estavam submetidos às penalidades da lei de majestade. Mandou que lhe atribuissem o prêmio das coroas que as cidades lhe haviam oferecido por ocasião dos concursos. Depois de haver proibido o uso das cores ametista e púrpura, aliciou uma pessoa para vender, num dia de feira, algumas onças delas, e, assim, pôde ordenar o fechamento de todas as barracas. Fez mais. Certa vez em que cantava, como tivesse divisado entre os espectadores uma matrona vestida de púrpura interdita, apontou-a aos seus procuradores e, obrigando-a a retirar-se, sem demora despojou-a não somente do vestido, mas ainda de todos os seus bens. Jamais conferiu cargo algum a ninguém que não lembrasse: “Tu bem sabes o de que necessito” e “ façamos de maneira que ninguém possa ter nada”. Em suma, surripiou as oferendas de numerosos templos, fundiu

as estátuas de ouro e prata, entre as quais as dos deuses penates, que Galba restabeleceu sem tardar.

Como parricida e assassino, começou com Cláudio. Se não o autor da sua morte, foi, pelo menos, o cúmplice e não o dissimulava, pois costumava elogiar, mais tarde, servindo-se duma expressão grega, como “um alimento dos deuses” os boletos que serviram para envenená-lo. Aliás, não perdia oportunidade de ultrajar a memória do seu antecessor, acusando-o ora de estupidez, ora de crueldade. Dizia, em ar de gracejo, que ele cessara de “morar” entre os homens, alongando a primeira sílaba daquela palavra (349). Considerava nulos e inexistentes muitos dos decretos e dos regulamentos baixados por Cláudio, como se fosse dum insensato e dum louco. Não cercou seu túmulo mais do que dum muro baixo e delgado. Ciumento de Britânico, cuja voz era mais agradável do que a sua e sob o temor de que um dia a lembrança do pai o fizesse querido e preferido do povo, resolveu envenená-lo. Como o veneno fornecido por uma certa Locusta, célebre envenenadora, agisse com menor eficácia do que se esperava, pois proporcionara apenas cólicas a Britânico, Nero mandou buscar a mulher e bateu-lhe com a sua própria mão, acusando-a de haver dado remédio ao invés de veneno. E como ela alegasse que assim procedera para fugir à prática dum crime odiosíssimo, ele respondeu-lhe: “É verdade: temo a lei Júlia” (350). E forçou-a a preparar na sua presença e no seu quarto um veneno tão rápido e tão ativo quanto possível. Depois experimentou-o num cabrito e, como o animal se arrastasse, penando, durante cinco horas, mandou recozê-lo várias vezes. Deu o tóxico, então, a um leitãozinho, o qual caiu inanimado, instantaneamente. Deste modo, à ordem de Nero, levaram o veneno ao triclínio e o serviram a Britânico, que jantava com ele. Mal o ingeriu, tombou. Nero fez crer aos convivas que era um desses ataques epiléticos de que sofria. No dia seguinte (351), sob um forte aguaceiro, mandou enterrá-lo às pressas sem pompa de espécie alguma. Locusta, como prêmio aos seus serviços, recebeu, com a impunidade, vastos domínios e alguns discípulos.

Como sua mãe espreitasse e criticasse com aspereza as suas palavras e as suas ações (desde o começo ela o repreendeu, em repetidas ocasiões), procurou torná-la odiosa, fingindo querer abdicar as rédeas do Império e partir para Rodes. Bem cedo, privou-a de toda sorte de hon-

ras e de poder. Retirou-lhe a sua guarda de soldados e de germanos e a expulsou, até, da sua presença e do palácio. Não poupou nenhum meio de atormentá-la. Se ficava em Roma, agentes secretos a perseguiram com processos. Se se quedava em repouso, no campo, cobriam-na de mofas e de injúrias, ora passando por terra, ora por mar, perto do seu retiro. Como ela o ameaçasse de violência, Nero resolveu matá-la. Após três tentativas de envenenamento, e como percebesse que ela se premunira de antídotos, mandou construir um teto que, em virtude do jogo dum mecanismo, devia cair sobre ela durante o sono. Ao sentir que o segredo desse projeto fora revelado pelos seus confidentes, inventou um navio de peças movediças, que a tragaría e a esmagaria ao desfazer-se sobre ela. Resolveu, assim, fingir reconciliar-se com ela, e, por meio duma carta amabilíssima, convidou-a a ir a Baías para em sua companhia celebrar a solenidade das Quinquátrias. Depois de ordenar aos marinheiros que quebrassem, simulando um abaloamento inesperado, a galera liburniana em que viajava, prolongou o festim. Quando sua mãe manifestou a vontade de retornar a Baules, ele lhe ofereceu, ao invés do seu navio avariado, o navio maquinado e a acompanhou até lá, alegremente, e, no momento da separação, ainda lhe cobriu de beijos a ponta dos seios. Passou o resto do tempo numa grande agitação, esperando o resultado da empresa. Ao saber, porém, que tudo se passara contrariamente aos seus desígnios e que ela se salvara a nado, não soube o que fazer. Neste meio tempo, como Lúcio Agerino, liberto de sua mãe, fosse anunciar-lhe, cheio de alegria, que ela se encontrava sã e salva, colocou, às escondidas, perto dele, um punhal, e fazendo crer que Agerino se deixara subornar para assassiná-lo, mandou prendê-lo e metê-lo a ferros. Sem demora, tramou o assassinio da mãe e sustentava a todos que ela se havia suicidado ao ser descoberto o crime que premeditara. A isto, acrescentam-se detalhes mais atrozes, mas provindos de fontes pouco autorizadas. Por exemplo: que ele correu para ver o cadáver daquela que mandara matar, apalpando-lhe os membros, criticando uns e louvando outros e, para calmar a sede, de intervalo a intervalo bebendo. Entretanto, não conseguiu então, nem depois, sufocar os remorsos do seu crime. Confessou muitas vezes que o espectro da sua mãe o perseguia com os azorragues e as tochas ardentes das Fúrias. Chegou a tentar, até, num sacrifício oferecer pelos magos, evocar-lhe e aplacar-lhe os manes. Na sua viagem à Grécia

não ousou tomar parte nos mistérios de Elêusis, porque a voz do heraldo afastava da iniciação todos os ímpios e criminosos. A este parricídio juntou o assassinio da sua tia (352). Fora visitá-la e a encontrara de cama, a padecer dum embaraço intestinal. De acordo com o costume entre as pessoas idosas, ela, passando-lhe a mão pela barba nascente, disse-lhe: “Quando eu a tiver recebido cortada, poderei morrer.” Nero, voltando-se para os que o acompanhavam, em ar de troça, afirmou-lhes que iria fazer a sua vontade. Baixou a mão em todos os seus bens e suprimiu-lhe o testamento para que todos eles, assim, pudessem reverter em proveito de César.

Afora Otávia, teve duas outras esposas: Popeia Sabina, filha dum questor (353) e casada anteriormente com um cavaleiro romano (354), e Estatília Messalina, bisneta de Tauro, honrado com dois consulados (355) e um triunfo. Para conseguir a posse desta última, degolou seu marido Ático Vestino, cônsul, no exercício do seu cargo (356). Desgostoso bem cedo das suas relações com Otávia, respondia aos amigos que o censuravam por isso “que os ornamentos conjugais lhe deviam ser bastantes”. Logo, depois de tentar várias vezes, em vão, estrangulá-la, repudiou-a como estéril. Como o povo, porém, desaprovasse este divórcio e não lhe poupasse invectivas, foi até ao ponto de expatriá-la e, finalmente, de assassiná-la sob a inculpação da prática de adultério. Como a calúnia fosse tão impudente e todos os torturados protestassem a inocência de Otávia, obrigou, por suborno, seu pedagogo Aniceto a confessar dela haver abusado por meio de ardil. Quanto a Popeia, desposou-a 12 dias depois (357) do seu divórcio de Otávia e a amou particularmente. Contudo, isso não o impediu de matá-la com um pontapé (358), quando grávida, num dia em que ela o crivara de repreensões por haver chegado tarde duma corrida de carros. Teve dela uma filha, Cláudia Augusta (359), falecida ainda pequena. Não houve nenhum parentesco que não tivesse rompido com delitos. Assassinou, sob o pretexto de conluíus revolucionários, Antônia, filha de Cláudio (360), a quem, após a morte de Popeia, recusara desposar. Tratou da mesma forma todos aqueles que eram seus parentes por sangue ou por aliança. Entre estes, conta-se o jovem Aulo Pláucio, a quem ele violentou antes de enviá-lo à morte, dizendo: “Minha mãe, queira agora meu sucessor”, querendo com isso significar que Aulo era o amante de Agripina e que esta o concitara a aguardar o governo do Império (361). Seu enteado, Rúfio Crispino, de

quem Popeia era mãe e que não havia atingido ainda a idade púbere, só porque brincasse de comandar e de governar, conta-se, encarregou os escravos do jovem príncipe de afogá-lo no mar, por ocasião duma pescaria. Matou Exílio Tusco, filho da sua ama de leite, porque, como governador do Egito, se banhara nos banheiros construídos para a chegada do imperador. Obrigou Sêneca, seu preceptor, a suicidar-se, embora aos seus frequentes pedidos ele tivesse respondido com o juramento aos grandes deuses “de que suas suspeitas eram vãs e que preferia morrer a ter que lhe fazer mal!” Ao invés dum remédio para doença de garganta que prometera ao prefeito Burro, enviou-lhe peçonha (362). Fez perecer, pelo veneno, que ele derramava ora nos alimentos, ora nas bebidas, todos os seus libertos ricos e de idade avançada (363), que outrora lhe haviam favorecido a adoção e sido, a seguir, os conselheiros do seu governo.

Não foi menos cruel com os estrangeiros. Um cometa (364) – astro este que passa vulgarmente como anunciador da morte aos soberanos – aparecera durante muitas noites seguidas. Impressionado com o fenômeno, ao saber, conforme lhe ensinara o astrólogo Babilo, que os reis tinham por costume conjurar tais desgraças com um assassinio estrepitoso, descarregando-as, assim, sobre a cabeça dos nobres, resolveu dar cabo dos cidadãos mais aristocratas. Fê-lo com tanto mais boa vontade e com a aparência dum motivo legítimo quanto duas conjurações haviam sido descobertas nesse tempo (365). A primeira e a mais importante fora a urdida por Pisão (366), em Benevento. Os conjurados advogaram a sua própria causa carregados de tríplices cadeias. Alguns confessaram espontaneamente o seu crime. Outros (367) acusaram a Nero, asseverando que não podiam furtá-lo a todas as torpezas de que estava contaminado senão pela morte. Até os filhos dos condenados, expulsos da cidade, sucumbiram ao veneno e à fome. É voz geral que muitos deles se viram eliminados duma só vez, quando comiam com seus pedagogos e seus escravos. Os demais foram impedidos de procurar a alimentação cotidiana.

Daí por diante matou sem escolha nem medida, sob qualquer pretexto, quantos lhe dava na gana. Para não me referir a outros, basta citar os crimes praticados contra: Salvidieno Orfito, porque alugara três tavernas, dependentes da sua casa, em torno do Fórum, a fim de servirem de pousadas às delegações das cidades; Cássio Longino, por ter conservado

numa velha árvore genealógica da sua família as imagens de Caio Cássio, o assassino de César; Peto Traseia, por possuir a testa severa dum pedagogo. Os condenados à morte não tinham diante de si mais do que uma hora de existência. E para impedir qualquer retardamento enviava médicos para “curar” sem demora os hesitantes, isto é, para lhes abrir as veias. Acreditasse que teve vontade de entregar condenados vivos a um indivíduo de raça egípcia, polígrafo acostumado a comer carne crua e o mais que se lhe desse, para que as decepasse e devorasse. Entusiasmado e ensoberbecido com o que considerava um grande sucesso, declarou “que nenhum príncipe jamais se concedera o que lhe estava permitido”. Deu muitas vezes a entender – e ninguém o duvidava – que não pouparia o resto dos senadores e que estava resolvido a livrar a República daquela ordem, para entregar as províncias e os exércitos aos libertos e aos cavaleiros romanos. O que há de certo em tudo isso é que, ao chegar ou ao partir, não mais beijou nenhum senador, nem dirigiu jamais a nenhum deles a sua saudação. E, ao ouvir os auspícios sobre os trabalhos do Istmo, desejou, claramente, diante de numerosa assembleia, “que a empresa redundasse num bem para ele e para o povo romano”, deixando de mencionar o Senado.

Não perdoou nem ao povo nem às muralhas da sua pátria. Como alguém, numa conversação familiar, proferisse:

“Eu morto, que a terra se abraze!” (368)

ele redarguiu: “Não! Mas eu vivendo!” Simulando descontentamento com a fealdade dos antigos edifícios, com a estreiteza e a tortuosidade das ruas, incendiou a cidade tão patentemente que a maior parte dos consulares não ousou tocar escravos cubiculares, surpreendidos nas suas casas com estopas e tochas. Os celeiros, situados em volta da Casa de Ouro, cujos terrenos desejava vivamente possuir, foram demolidos e incendiados por máquinas de guerra porque eram construídos de pedra. O flagelo exerceu seu furor durante seis dias e sete noites. O povo não encontrou outro refúgio senão os monumentos e os túmulos. Além de numerosas ilhas de casas, o fogo consumiu as moradias dos velhos generais, ainda ornadas dos despojos dos inimigos, os templos dos deuses consagrados e dedicados pelos reis na época das guerras púnicas e gaulesas e tudo quanto a antiguidade deixara de curioso e de memorável (369). Contemplava este incêndio do alto da

torre de Mecenas, extasiado – confessava ele – com “a beleza do fogo”, e cantou, vestido da sua roupagem de teatro, “a ruína de Ílion” (370). Com medo de que lhe fugisse a oportunidade para pilhar e rapinar o mais possível, prometeu retirar gratuitamente os cadáveres e remover os escombros, e não permitiu a ninguém se aproximar dos restos das suas propriedades destruídas. Não somente recebeu, mas chegou a exigir contribuições, indo quase ao ponto de esgotar a capacidade de pagamento das províncias e dos particulares.

A tantos males e opróbrios proporcionados pelo príncipe ajuntaram-se outras desgraças fortuitas: a peste (371), que num único outono levou 30 mil romanos; um desastre na Bretanha, onde duas das nossas principais praças (372) foram assaltadas, com extraordinária perda de cidadãos e de aliados; uma derrota vergonhosa (373) no Oriente, onde as legiões se passaram para o jugo da Armênia e a Síria foi conservada a muito custo. O que há de espantoso e de particularmente notável em meio a tudo isto é que ninguém jamais suportou com mais paciência do que ele tantas injúrias e tantos apodos. Nunca mostrara mais doçura em face daqueles que o tivessem apoquentado com seus brocardos ou seus epigramas. Afixaram-se e circularam numerosas sátiras em grego e em latim, tais como estas:

“Nero, Orestes, Alcmeone – parricidas.”
“Novamente casado. Nero matou sua mãe.”
“Quem negará seja Nero da grande estirpe de Eneias?
Um carregou sua mãe, outro carregou (374) seu pai.”
“Ao passo que o nosso brande a cítara, o parto brande o arco.
O nosso será ‘Pean’ e o outro aquele que arremessa longe as suas
flechas.”
“Roma virá a ser uma casa. Emigrai a Veios, ó Quírites!
A menos que esta casa não invada Veios também.”

Não procurou os autores desses versos. Como alguns deles tivessem sido denunciados e entregues ao Senado, não consentiu que os punissem severamente. Ao encontrá-lo certa vez, Isidoro Cínico exprobrou-o publicamente, em altas vozes, por “cantar bem os males de Nauplio, mas administrar mal os seus próprios bens”. Dato, ator dos atelanos, dizia num refrão:

“Adeus, meu pai! Adeus, minha mãe!” e fazia menção de beber e de nadar em alusão aparente à morte de Cláudio e de Agripina. No fim havia esta tirada:

“O Orco vos puxa pelos pés”,

e designava, com o gesto, o Senado. Nero limitou-se tão somente a expulsar de Roma este ator e filósofo, fosse porque desprezasse toda espécie de difamação, fosse porque temesse, confessando a sua amargura, irritar os espíritos.

O universo, depois de ter suportado um tal príncipe durante pouco menos de 14 anos (375), acabou por abandoná-lo. Os gauleses deram o sinal (376), sob o mando Júlio Víndex, que governava então essa província na qualidade de vice-pretor. Os astrólogos haviam predito outrora a Nero que chegaria a vez em que se veria abandonado, o que deu oportunidade para que repetisse muitas vezes esta frase: “Toda a terra nutre a arte”, querendo, assim, justificar seu gosto pela música, arte agradável ao príncipe, necessária ao homem particular. Entretanto, houve quem lhe promettesse, para depois da sua destituição, o Império do Oriente. Outros designaram-lhe o reino de Jerusalém. A maior parte anunciou-lhe que recobriria a sua antiga fortuna. Preferentemente inclinado a esta esperança, ao ver reconquistada a Bretanha e a Armênia, acreditou-se livre dos males que lhe assinalava o destino. Quando, porém, o oráculo de Apolo, que ele consultara em Delfos, o aconselhara a tomar cuidado com o 73º ano, persuadido de que era esse o termo da sua vida, sem dar atenção à idade de Galba, alimentou a esperança não somente de esperar a velhice, mas ainda de gozar duma felicidade perpétua e única. A tal ponto que, como houvesse perdido num naufrágio objetos preciosíssimos, não hesitou em afirmar aos seus amigos “que os peixes os devolveriam”. Foi em Nápoles que teve conhecimento da sublevação das Gálias, no dia do aniversário da morte da sua mãe (377). Recebeu este golpe com tanta calma e tranquilidade que, supôs-se, estivesse bem satisfeito com o ensejo que se lhe oferecia para espoliar, de acordo com o direito da guerra, províncias tão opulentas. Dirigiu-se, sem demora, ao ginásio e manifestou-se interessadíssimo em assistir à luta dos atletas. Cartas as mais alarmantes perturbaram-lhe a ceia. Sua cólera, porém, não foi além das ameaças contra os desertores. Enfim,

durante oito dias seguidos, nada fez para responder a uma só das mensagens, nem para dar ordens ou formular instruções. A respeito do fato guardou o mais obstinado silêncio.

Sem embargo, impressionado com as ultrajantes e numerosas proclamações de Vindex, escreveu ao Senado concitando-o a vingá-lo, a ele, à República e, ao mesmo tempo, se desculpando por não poder comparecer pessoalmente, em virtude de se achar enfermo da garganta. Nada, nas proclamações daquele chefe, o feriu tanto quanto a ser tratado como mau tocador de cítara e chamado Enobarbo em lugar de Nero. Declarou que iria retomar o seu nome de família, de vez que dele escarneciam para ultrajá-lo e renunciar ao adotivo. Quanto aos demais insultos, o que, no seu entender, se lhe apresentava como mais falso era o que o increpava de ignorar uma arte em que trabalhara com tanto carinho e que conseguira levar à perfeição. E, de quando em quando, perguntava a um e a outro “se conhecia alguém que lhe fosse superior”. As mensagens, porém, se acumulavam umas sobre as outras. Em vista disso, retornou a Roma, mas nervosíssimo. Todavia, um frívolo presságio o confortou em caminho: notara em cima dum monumento uma escultura que representava um soldado gaulês lançado a terra por um cavaleiro romano e arrastado pelos cavalos. Pulou de contente ao se lhe deparar tal imagem e rendeu graças ao Céu. Não convocou o Senado ao chegar. Apenas reuniu em conselho alguns dos principais cidadãos, na sua própria casa, e passou o resto do dia a lhes mostrar órgãos hidráulicos duma espécie nova e desconhecida. Apresentou-lhes peça por peça, dissertou a respeito do mecanismo e da delicadeza de cada uma delas e assegurou que iria introduzir, sem demora, no teatro esse instrumento musical, caso Vindex lho permitisse.

Depois, ao saber que Galba e as Espanhas haviam desertado também, desmaiou e, de alma dilacerada, ficou durante muito tempo sem voz e quase semimorto. Recuperados os sentidos, rasgou as vestes, bateu violentamente na cabeça, e perguntou “que era feito dele?” Sua ama de leite o consolava e lhe recordava que outros príncipes haviam conhecido semelhantes acidentes. Ele contestou “que experimentava desgraças inauditas e sem exemplo, pois perdia em vida o seu império”. Contudo, não suprimiu nem diminuiu nada nos seus hábitos de luxo e de ociosidade. Há mais, porém. Como recebesse da província a notícia duma vitória, ofereceu uma

magnificentíssima ceia e cantou, com acompanhamento de gestos histriônicos, versos jocosos contra os chefes desertores, que se espalharam entre o público. E, fazendo-se conduzir veladamente ao teatro, mandou dizer a um ator aplaudidíssimo “que ele estava abusando das suas ocupações”.

Desde o começo da revolta, concebeu, acredita-se, muitos projetos monstruosos, porém de conformidade com o seu caráter. Queria substituir e assassinar os comandantes dos exércitos e das províncias, como conspiradores animados dum único e mesmo espírito. Degolar, ao mesmo tempo, todos os exilados e todos os gauleses que se encontrassem em Roma. Aos primeiros, para que não fossem engrossar as fileiras dos sediciosos. Aos outros, como cúmplices e fautores dos seus compatriotas. Projetava entregar as Gálias ao saque dos exércitos. Envenenar o Senado inteiro no decorrer dum festim. Incendiar a cidade e soltar as feras contra o povo. Absteve-se, porém, desses planos, menos por arrependimento do que pela impossibilidade de executá-los. E como achasse necessária uma expedição, privou os cônsules (378) dos seus cargos antes do tempo e os substituiu, como se estivesse escrito no livro do Destino que as Gálias não podiam ser submetidas senão por um cônsul. Havendo tomado os fascês e como, após a refeição, se afastasse do triclínico apoiado às espáduas dos seus amigos, afirmou-lhes “que, mal tocasse o solo da província, se apresentaria sem armas aos olhos dos exércitos e não faria outra coisa senão chorar; os sediciosos se penitenciariam e, no dia seguinte, ele cantaria satisfeito, em meio da alegria geral, cânticos de vitória, que era precioso compor deste então”.

Ao preparar a expedição, colocou seu primeiro cuidado na escolha dos carros para o transporte dos seus instrumentos de música cênica. Mandou cortar os cabelos das concubinas, que levava em sua companhia, à moda dos homens. Muniu-as de machados e de escudos de amazonas. Convidou, a seguir, os tribunos urbanos a prestar juramento. E como nenhum destes, aptos para o serviço, atendesse ao apelo, exigiu dos senhores determinado número de escravos e não aceitou, de cada casa, senão os mais experimentados, sem excluir dentre eles nem os despenseiros, nem os amanuenses. Obrigou todas as ordens à contribuição com uma parte da sua fortuna e, de outro lado, a verter para o fisco, pelos locatários de casas particulares e ilhas, o aluguel dum ano. Exigiu, com uma arrogância e rigor extremos, moedas novas, de prata purificada ao fogo e ouro de alto quilate.

A maior parte dos cidadãos se recusou, desassombradamente, a qualquer contribuição e reclamou “que se obrigassem os delatores a restituírem todas as recompensas que haviam recebido”.

A carestia dos víveres serviu para aumentar o ódio que inspirava. Aconteceu, por acaso, em meio à fome pública, anunciar-se que um navio de Alexandria havia trazido areia para os lutadores da corte. Assim, levantou-se contra ele um rancor geral e não houve afronta que não lhe fosse lançada à face. Prenderam à cabeça da sua estátua uma trança de mulher com esta inscrição grega: “Ei-lo, enfim, o momento do combate!” e “que o ofereça, afinal”. Atou-se ao pescoço doutra estátua uma bolsa de couro com estas palavras: “Eu, que poderei fazer? Mas tu, tu mereceste o saco!” Inscreveu-se também nas colunas “que ele despertara os galos com os seus cantos”. À noite, numerosíssimos cidadãos, fingindo contender com escravos, reclamavam estentoricamente um “Vindex”.

Além disso, vivia aterrorizado com os presságios sinistros, tanto anteriores como recentes, tirados de sonhos, auspícios e áugures. Ele, que antes jamais sonhara, viu, durante o sono, após o assassinio da sua mãe, que lhe arrancavam o leme dum navio que dirigia e que Otávia, sua mulher, o arrastava por entre espessas trevas. Ora via-se coberto por uma nuvem de formigas aladas, ora rodeado pelas efigies das nações colocadas à entrada do teatro de Pompeu, impedindo-o de avançar. Um cavalo das Astúrias, que ele amava muitíssimo, apareceu-lhe transformado em macaco, exceto a cabeça, a soltar sonoros relinchos. Do Mausoléu, cujas portas se abriam por si mesmas, ouviu sair uma voz que o chamava pelo nome. Às calendas de janeiro seus lares, todos ornados, caíram no meio dos aprestos do sacrifício. Ao auscultar os auspícios, Esporo fez-lhe presente dum anel sobre cuja pedra estava gravado o rapto de Prosérpina. À pronunciação dos votos, quando todas as ordens já se achavam reunidas, foi a muito custo que se encontraram as chaves do Capitólio. Como se tivesse lido no Senado a passagem do seu discurso contra Vindex, onde se lia “que os criminosos seriam punidos e teriam, sem tardança, um fim digno das suas culpas”, todo mundo exclamava: “Tu o farás, Augusto!” Observava-se também que a última peça que cantara em público se intitulava *Édipo exilado* e que acabava com este verso:

“Todos me forçam a morrer: esposa, mãe e pai.”

Neste ínterim, anunciou-se-lhe também a defecção de outros exércitos. A esta notícia, despedaçou a carta que lhe havia sido enviada à hora do almoço, virou a mesa e arremessou ao solo, quebrando-os, dois vasos dos quais gostava muito de servir-se, denominados “homéricos” por ele mesmo, porque estavam todos cinzelados com assuntos tirados de Homero. Depois, pediu veneno a Locusta, depositou-o numa caixa de ouro e saiu pelos jardins de Servílio. Aí, após haver enviado a Óstia o mais fiel dos seus libertos para preparar uma frota, propôs aos tribunos e aos centuriões do pretório o acompanhassem na fuga. Como, porém, uns hesitassem, outros se negassem francamente e um, dentre eles, vociferasse:

“Haverá maior desgraça do que morrer?” (379)

circularam pelo seu espírito diversos projetos. Ver-se-ia obrigado a procurar, suplicante, os partos ou Galba? Ou apareceria vestido de preto na praça pública e, diante dos rostos, suplicaria, com o ar mais piedoso deste mundo, o perdão para toda a vida pregressa? E se não conseguisse comover as consciências, pediria se lhe concedesse, pelo menos, a prefeitura do Egito. Achou-se, mais tarde, entre os seus papéis, o rascunho dum discurso a esse respeito. Crê-se tenha renunciado a este objetivo pelo temor de ser linchado antes de chegar ao Fórum. Deferiu, pois, para o dia seguinte, a decisão a tomar. Ao acordar, cerca de meia-noite, percebeu que a sua guarda militar o havia abandonado. Saltou da cama, então, e mandou procurar os amigos. E, como não obtivesse deles a menor resposta, foi em pessoa, com uma pequena comitiva, à casa de cada um deles. Ao encontrar fechadas todas as portas e sem ninguém para lhe responder, retornou ao seu quarto, de onde os guardas já se haviam evadido, carregando até com as cobertas e com a sua caixa de veneno. Rapidamente, mandou à procura do gladiador Espículo (380) ou de qualquer outro matador, que lhe desse morte com a sua própria mão. Como não encontrasse ninguém, lamentou: “Já não tenho nem amigo, nem inimigo!”, e correu como para se precipitar no Tibre.

Desistindo, porém, desse intento, desejou encontrar um esconderijo retirado, onde pudesse recobrar o ânimo. Faonte, seu liberto, ofereceu-lhe sua casa de campo situada entre a Via Salária e a Via Nomentana, nas cercanias do quarto marco miliário. Nero montou a cavalo, pés descalços e em túnica, como estava, metido num manto desbotado, a cabeça

coberta, um lenço a tapar-lhe o rosto e acompanhado de quatro pessoas somente (381), entre as quais se achava Esporo. Espantado repentinamente por um tremor de terra e pela queda dum raio, ouvia de um campo vizinho o clamor dos soldados que lançavam imprecações contra a sua pessoa e formulavam votos pela elevação de Galba. Um viajante que o encontrou disse mesmo: “Eis aqui os que perseguem Nero”. Outro interrogou-o: “Que há de novo, na cidade, em relação a Nero?” Como seu cavalo se espantasse em virtude dum cadáver abandonado no meio da estrada e seu rosto se descobrisse, foi reconhecido por um pretoriano licenciado, que o saudou. Chegado à vereda, deixou os cavalos no meio dos tojos e dos espinheiros, seguiu a custo por um atalho bordado de canaviais, fazendo estender roupas sob os seus pés, e se arrastou até o muro de trás da “vila”. Aí Faonte o convidou a se esconder provisoriamente numa escavação de onde se havia extraído areia. Nero respondeu “que não queria se enterrar vivo”. E, como esperasse alguns minutos, enquanto se lhe arranjava uma entrada oculta na “vila”, tomou na mão, para se dessedentar, um pouco de água dum lamaçal que ficava aos seus pés, e disse: “Eis aqui a bebida de Nero!” A seguir, como os espinheiros lhe tivessem rasgado a vestimenta, arrancou os espinhos aderidos e entrou no primeiro quarto, onde se deitou numa cama guarnecida dum péssimo travesseiro e tendo por cobertor uma capa velha. Castigado pela fome e pela sede, ofereceram-lhe pão preto, que recusou, bebendo apenas um pouco de água morna.

Como, então, cada um por sua vez o apressasse instantaneamente a se furtar o mais cedo possível dos ultrajes que o ameaçavam, ordenou se abrisse diante dele um buraco das dimensões do seu corpo e se arranjassem ao mesmo tempo quantos pedaços de mármore pudessem ser encontrados e lhe trouxessem água e lenha para as últimas homenagens ao seu cadáver. A cada um desses preparativos chorava e repetia: “Que artista vai morrer comigo!” Enquanto tudo isso acontecia, o correio de Faonte trouxe cartas. Tomou-as e leu “que ele havia sido declarado inimigo público pelo Senado e que estava sendo procurado para receber a punição, de acordo com o costume dos antigos.” Perguntou de que espécie era esse suplício. Ao ter conhecimento de que se atava ao pescoço do paciente um forquilha e o vergastavam até espirar, espavorido, tirou dois punhais que trazia consigo e experimentou a ponta dum e de outro. Depois guardou-os novamente,

alegando “que a hora fatal ainda não era chegada”. Ora aconselhava Esporo a lamentar-se e a chorar, ora pedia que alguém, pelo exemplo, o encorajasse a suicidar-se. De hora em hora vituperava a sua covardia nestes termos: “Vivo na torpeza e na vergonha! Isto não é próprio de Nero! Não. Isto não lhe fica bem. É preciso ser prudente em tais conjunturas. Vamos, levante-se!” Já se aproximavam os cavaleiros com a missão de conduzi-lo vivo. Ao inteirar-se do que se passava, bradou em grego:

“O tropel dos velozes cavalos aturde-me os ouvidos” (382)

e enterrou o ferro na garganta com a ajuda do seu secretário Epafrodito. Achava-se ainda semivivo ao irromper um centurião, que colocou o seu manto na ferida, simulando ter ido ao seu socorro. Não lhe disse mais nada do que isto: “Tarde demais!” e “isto é que é fidelidade!” Expirou ao pronunciar estas últimas palavras, os olhos abertos e fixos, de maneira que não se podia fitá-lo sem horror e espanto. Antes de tudo e acima de tudo, exigira dos seus companheiros que não entregassem a sua cabeça a ninguém, mas a cremassem totalmente. Assim aconteceu. Obteve esta graça de Icelo, liberto de Galba, que acabava de sair da prisão onde o jogaram desde o início da revolta.

Seus funerais custaram 200 mil sestércios. Neles foram empregados tecidos brancos bordados a ouro que lhe haviam servido nas calendas de janeiro. Écloga e Alexandra, suas amas de leite, com a sua concubina Ateia, sepultaram-lhe os restos no monumento da família dos Domicianos, erguido no Campo de Marte, por cima da colina dos Jardins. Neste monumento a urna é de mármore e de pórfiro, encimado dum altar de pedra de Luna (383) e circundado duma balaustrada de mármore de Tarsos (384).

Era de estatura quase meia. Corpo coberto de sinais e disforme. Cabelo pendendo para o louro. A figura mais bela do que agradável. Olhos azuis e vista fraca. Pescoço grosso, ventre proeminente, pernas delgadíssimas, saúde excelente, pois, apesar da sua excessiva devassidão, em todos os 14 anos de reinado não adoeceu mais do que três vezes, mesmo assim sem se abster do vinho nem modificar os hábitos. Do ponto de vista da aparência e da maneira de trajar era tão pouco correto que, na sua excursão à Grécia, embora usasse o cabelo sempre ondulado, o deixava em plena

liberdade. Apareceu diversas vezes em público vestido dum roupão, com um lenço atado no pescoço, sem cinto nem calçado.

Estudou, desde a infância, todas as artes liberais. Sua mãe, porém, o desviou da filosofia, convencendo-o de que esta ciência não era própria para um futuro imperador. Sêneca, seu preceptor, sonegou-lhe o conhecimento dos antigos oradores, a fim de fixar mais demoradamente sobre si mesmo a admiração do seu discípulo. Eis por que seguiu a inclinação pela poesia e compôs, com prazer e sem dificuldades, muitos poemas. Não apresentou, como pensam alguns, trabalhos de outrem como da sua autoria. Tive nas mãos pranchetas e papéis com versos conhecidíssimos escritos do seu próprio punho. Deixam ver facilmente que não foram nem transcritos nem copiados, mas traçados por um homem que pensa e cria. Tanto assim que havia rasuras, intercalações, emendas. Teve, também, um vivo pendor pela pintura e pela escultura.

Era, sobretudo, ávido de popularidade e o rival de todos aqueles que, deste ou daquele modo, exerciam influência sobre as multidões. Difundira-se a notícia de que, após as suas coroas cênicas, no lustro vindouro, desceria à arena olímpica com os atletas. Em todo caso, exercitava-se constantemente na luta. E, na Grécia, onde quer que fosse, não assistia aos combates gínicos senão sentado na terra, no estádio, à imitação dos juízes, e se algumas parselhas de lutadores se afastavam demais ele os reconduzia pessoalmente ao centro da liça. Acreditando-se competidor de Apolo no cantar, e na arte de pilotar um carro, havia pretendido imitar também as ações de Hércules. Contava-se que ele preparara um leão que devia, na presença do povo, ser abatido aos golpes da sua clava, ou estrangulado pelas suas próprias mãos na arena do anfiteatro.

Já no fim da vida fizera promessa de, se sua situação imperial se conservasse incólume, tomar parte nos Jogos Célebres, em honra da sua vitória, e de tocar o órgão hidráulico, flauta e cornamusa, e, no último dia, vestido de histrião, dança *O turno*, de Virgílio. É voz corrente que ele mandou eliminar a histrião Páris (385), por julgá-lo adversário temível.

Sonhava eternizar seu nome e perpetuar sua memória, sonho, porém, irrefletido. Mudou a denominação de várias coisas e de vários lugares, para substituí-los por um designativo tirado do seu nome. Chamou

ao mês de abril “o mês de Nero”. Projetava substituir “Roma” por “Nerópolis”.

Desprezava todos os cultos, exceto um: o da deusa Síria. Sem demora, porém, abominou-o, a ponto de poluir a deusa com a sua urina. Teve outra superstição, a única à qual ficou persistentemente ligado: era o pequeno retrato duma rapariga, presente dum plebeu desconhecido, que lho dera como um preservativo contra as ciladas. Como em seguida ao receber esse brinde fosse descoberta uma conspiração, aquele retrato assumiu as proporções da sua divindade suprema e, daí por diante, começou a honrá-lo com três sacrifícios diários. Procurava fazer crer que ele lhe prognosticava o futuro. Poucos meses antes da sua morte, andou a mergulhar nos aruspícios. Porém, jamais conseguiu bons presságios.

Morreu aos 32 anos de idade (386), no mesmo dia em que mandara assassinar outrora Otávia. A alegria pública foi tal que o povo, ostentando o gorro da liberdade, corria dum lado para outro da cidade. Entretanto, não faltou quem adornasse, durante muito tempo, o seu túmulo de flores da primavera e do verão e ora levasse aos Rostros as suas imagens pretextas, ora seus éditos, tudo como se ele estivesse vivo e não demoraria a voltar, com grande dano para os seus inimigos. Além disso, Vologeso, rei dos partos, que enviara embaixadores ao Senado para renovar seu pacto de aliança, pedira reiteradamente que prestassem homenagens à memória de Nero. Para finalizar, 20 anos mais tarde, na minha adolescência, apareceu um aventureiro dizendo-se Nero. Em virtude do nome, foi tão bem acolhido entre os partos e tão poderosa ajuda lhe prestaram que só a muito custo conseguimos a sua restituição.

.....

Sérvio Sulpício Galba

A FAMÍLIA DOS CÉSARES extinguiu-se com Nero. Muitos pres-
ságios o haviam anunciado, mas dois, sobretudo, duma completa evidên-
cia. Um dia em que Lívía (387), logo após seu casamento com Augusto,
voltava a ver sua casa de Veios, uma águia, voando em torno dela, deixou
cair-lhe no seio uma galinha branca, tal como a havia arrebatado, com um
ramo de loureiro no bico. Lívía resolveu criar a galinha e plantar o loureiro.
Nasceu, assim, tão extraordinária quantidade de pintos que a casa, ainda
hoje, se denomina “Casa das galinhas”. E o ramo de loureiro cresceu de
tal forma que era dele que os Césares se supriam dos galhos para os seus
triumfos. Os triunfadores tinham por costume plantá-los, imediatamente,
no mesmo sítio. Observou-se, entretanto, que à morte de cada um deles a
árvore plantada que lhe correspondia definhava. Ora, no último reinado
de Nero todos os loureiros secaram até às raízes e todas as galinhas da casa
morreram. Ademais, pouco depois, o templo dos Césares viu-se atingido
por um raio. As cabeças de todas as estátuas caíram ao mesmo tempo e o
cetro de Augusto escapou-lhe das mãos.

A Nero sucedeu Galba, que não pertencia em nenhum grau à
casa dos Césares, mas era, indubitavelmente, da mais alta nobreza e duma
grande e antiga família. Com efeito, intitulava-se sempre, nas inscrições

das estátuas, bisneto de Quinto Catulo (388) e, uma vez imperador, expôs, no vestíbulo do palácio, a sua árvore genealógica, pela qual fazia remontar sua origem, do lado paterno, a Júpiter e, do materno, a Pasifaé, mãe de Minos.

Seria tarefa excessivamente longa enumerar as imagens e os títulos de toda a sua parentela. Direi brevemente apenas algumas palavras a respeito da sua estirpe. Não se sabe por que, nem de onde, o primeiro dos Suplícios tomou o sobrenome de Galba. Pensa muita gente que foi por haver incendiado, com tochas besuntadas de *galbanum*, uma cidade da Espanha que ele em vão assediava havia muitíssimo tempo. Querem outros que foi por ter feito uso constante, no decurso duma enfermidade crônica, de *galbum*, isto é, de remédios acondicionados em lã. Pretendem ainda outros mais que, por ele possuir a aparência dum homem gordíssimo e que galba, entre os gauleses, quer dizer gordo. Há quem afirme também, ao contrário, que ele era tão magro como os animaizinhos que nasciam nos carvalhos e a que chamavam *galbae*. A família foi ilustrada por Sêrvio Galba, personagem consular (389), o mais eloquente dos homens da sua época. Recorda-se que, ao obter a Espanha, após a sua pretória, fez massacrar, perfidamente, 30 mil lusitanos, o que deu motivo à guerra de Viriato. Seu neto, irritado em virtude dum revés sofrido no consulado, contra Júlio César, de quem fora lugar-tenente na Gália, conspirou com Cássio e Bruto, razão por que foi condenado de acordo com a lei Pédia (390). Dele se originaram o avô e o pai do imperador Galba. O avô celebrou-se mais por seus trabalhos do que pelas suas dignidades. Não ultrapassou, realmente, o degrau da pretoria, mas publicou uma história, alentada e exatíssima. O pai, depois de haver exercido o consulado (391), embora de pequena estatura, corcunda mesmo, e duma eloquência trivial, advogou muito e ativamente. Teve por mulheres Múmia Acaica, neta de Catulo, bisneta de Luco Múmio, que destruiu Corinto, e Lúvia Ocelina, tão rica quanto bela, que o aceitou – conta-se – por causa da sua nobreza e com muito mais empenho ainda a partir do dia em que, a repetidas instâncias suas, e para que ela não se dissesse depois enganada e nem ficasse na ignorância disso, ele se despiu e lhe mostrou, em segredo, a deformidade do seu corpo. De Acaica nasceram-lhe dois filhos: Caio e Sêrvio. Caio, o mais velho, deixou a cidade após haver dissipado toda a sua fortuna. Depois, como se visse

impedido por Tibério, em vista da sua idade, de tirar ao sorteio um proconsulado, suicidou-se.

O imperador Sêrvio Galba nasceu (392) sob o consulado de Marco Valério Messala e de Cneio Lêntulo, aos nove dias da calenda de janeiro, numa casa de campo situada ao pé duma encosta nas imediações de Terracina, à esquerda da estrada que leva a Fundi. Adotado pela sua madrinha, tomou o nome de Lívio e o sobrenome de Ocela e mudou de prenome: depois chamou-se Lúcio, em lugar de Sêrvio, até o seu advento ao trono. Consta que, na infância, na ocasião em que fora saudar Augusto (393), em companhia das crianças da sua idade, o príncipe, batendo-lhe nas faces, teve estas palavras: “Tu também, meu filho, gozarás do poder do nosso Império.” Tibério, como soubesse que Galba reinaria, mas na velhice, exclamou: “Que viva, pois isto não me dá cuidados.” Como seu avô sacrificasse num determinado ponto batido dum raio e nesse instante uma águia lhe arrancasse das mãos as entranhas da vítima e as levasse para cima dum carvalho carregado de frutos – presságio que anunciava (disseram-lhe) o poder à sua família, mas um poder tardio –, Galba, rindo, retrucou: “Sim, quando uma mula parir.” Daí por diante, nada o encorajou tanto nas suas tentativas revolucionárias como o parto duma mula e, enquanto todo mundo se afastava desse prodígio obscuro, somente ele o encarava como um dos mais risonhos, lembrando-se, por certo, do sacrifício e das palavras do seu avô. Assim que tomou a toga viril (394), sonhou ouvir da Fortuna “que estava cansada de esperar, de pé, à sua porta. Se ele não se apressasse em recebê-la, ela ficaria exposta ao primeiro que passasse”. Ao acordar, encontrou, no umbral do átrio aberto, uma estátua de bronze da deusa, de pouco mais de um côvado de altura. Levou-a consigo para Túsculo, onde costumava passar o verão, e, colocando-a entre as suas divindades domésticas, honrou-a, daí por diante, com preces mensais e com uma véspera no dia do seu aniversário. Embora não tivesse ainda atingido a maturidade, conservava contudo, obstinadamente, o uso, por toda a parte abolido, salvo na sua casa, de obrigar os seus libertos e os seus escravos a se apresentarem diante da sua pessoa, reunidos, duas vezes por dia. A primeira, para dar-lhe o “bom-dia”, um por um. A segunda, para o “boa-noite”.

Entre outras disciplinas liberais, aplicou-se ao direito. Teve o cuidado de se casar. Mortos, porém, sua mulher Lépida e os filhos dela

havidos, ficou-se celibatário. Nenhuma proposta conseguiu demovê-lo dessa situação, nem mesmo as de Agripina, tornada viúva com a morte de Domício, a qual, ainda em vida da sua mulher, tudo empregara para seduzi-lo. Tanto assim que a mãe de Lépida, numa roda de matronas, censurou-lhe o procedimento e castigou-a com a sua própria mão. Manifestou deferências especiais a Lúvia Augusta, cujo favor, enquanto viveu, serviu para lhe dar muito crédito. Realmente, ela o constituíra o seu principal legatário, com a soma de 500 mil sestércios. Como, porém, esta quantia estivesse mencionada em algarismos, ao invés de escrita com todas as letras, Tibério, herdeiro também, reduziu o legado para 50 mil sestércios, nos quais, aliás, Galba nunca tocou.

Elevado às dignidades antes do tempo legal, ofereceu, como pretor, na celebração dos jogos florais (395), um espetáculo de novo gênero: elefantes que dançavam na corda. Em seguida governou a Aquitânia (396) por espaço de quase um ano. Depois, exerceu o consulado (397) ordinário durante seis meses. O acaso tornou-o sucessor, neste cargo, de Lúcio Domício, pai de Nero, e deu-lhe como seu continuador Sálvio Óton, pai do imperador Óton. Tratava-se dum presságio futuro: foi imperador entre o reinado dos filhos dum e de outro. Substituído por Getúlico (398), à ordem de Calígula, no dia seguinte ao da sua chegada às legiões, estas se viram proibidas de aplaudir, num espetáculo solene, determinando-se expressamente, numa ordem do dia, “que os soldados conservassem as mãos sob o gabão”. Logo se repetiu no acampamento:

*“Aprende, soldado, teu ofício de soldado:
é Galba e não Getúlico”* (399).

Com igual severidade indeferiu os pedidos de licença. Exercitou, à força dum trabalho assíduo, os veteranos e os jovens recrutas. E depois de ter rechaçado os bárbaros que já haviam irrompido até nas Gálias, mereceu tão bem, ele e seu exército, a aprovação de Calígula, então presente, que, dentre as inúmeras tropas mobilizadas nas províncias, foram as suas as únicas que receberam os testemunhos mais lisonjeiros e as mais importantes recompensas. Ele próprio se distinguiu, particularmente, no comando das evoluções dos exércitos, de escudo à mão, a correr ao lado do carro do imperador pelo espaço de 20 milhas.

À notícia do assassinio de Calígula, muitos o concitaram a aproveitar o ensejo, mas preferiu o repouso. Cláudio soube-lhe ser tão grato que o incluiu no número dos seus amigos e o tratou com tanta consideração que, vendo-o presa duma súbita indisposição, embora sem gravidade, retardou, em seu benefício, a expedição à Bretanha (400). Durante dois anos desempenhou o proconsulado na África (401). Foi escolhido, sem sorteio, para reconduzir à ordem aquela província perturbada por dissensões intestinas e por tumultos de bárbaros. Restabeleceu nela a disciplina, procurando ser justo até mesmo em relação às coisas mais insignificantes. No decorrer duma expedição em que escasseavam víveres, um soldado foi acusado de ter vendido por cem mil denários uma medida de trigo, a única que lhe restava das provisões. Galba não permitiu se lhe prestasse o menor socorro quando os alimentos começaram a faltar, e o miliciano morreu de fome. Certa vez em que exercia a justiça, disputavam alguns indivíduos a propriedade dum jumento. Eram tão fracas, de parte a parte, as provas e as testemunhas apresentadas, que a verdade não poderia aparecer senão com muita dificuldade. Assim, Galba decidiu que o animal seria conduzido, com a cabeça tapada, ao lado onde costumava beber água. Aí, então, descoberto, ele pertenceria àquele para o lado do qual, depois de se ter dessedentado, caminhasse espontaneamente.

Pelas suas façanhas praticadas à época na África e pelas de outrora alcançadas na Germânia, recebeu os ornamentos triunfais e um tríplice sacerdócio, em virtude do qual foi agregado aos quindécênviros, aos sacerdotes tícios e aos augustais. E a partir deste momento, até por volta da metade do reinado de Nero, viveu quase sempre retirado. Nunca empreendeu uma viagem, em liteira, que não se fizesse acompanhar dum carro contendo um milhão de sestércios em ouro. Morava em Fundi quando lhe foi oferecido o governo da Espanha Tarragonesa (402). Ao chegar àquela província, enquanto sacrificava no templo, aconteceu embranquecer, subitamente, a cabeleira do pequeno ajudante que segurava o incenso. Não faltou quem dissesse era esse o presságio duma revolução e que um velho sucederia a um jovem, isto é, Galba a Nero. Pouco depois caía um raio no lago da Cantábria e nesse lugar se acharam 12 machados, sinal nada ambíguo do soberano poder.

Durante oito anos governou a sua província com um humor inconstante e desigual. A princípio se mostrou ardente, violento e, na repressão aos delitos, excessivo. Mandou crucificar um tutor que envenenara a sua pupila para herdar. E como o criminoso implorasse o benefício das leis e protestasse a sua qualidade de cidadão romano, na esperança de minorar a sua pena com algum conforto ou honraria, Galba ordenou que lhe dessem outra cruz muito mais alta do que as outras e feita de madeira branca. Pouco a pouco se entregou à inação e à indolência, para nada ter que criticar a Nero e porque, como costumava se expressar, “ninguém era obrigado a prestar contas do seu ócio”. Realizava uma reunião em Nova Cartagena ao ter conhecimento da sublevação das Gálias. O delegado de Aquitânia implorava sua ajuda quando lhe chegou às mãos uma carta de Vindex incitando-o “a se declarar chefe e vingador do gênero humano”. Não vacilou por muito tempo e aceitou o alvitre, em parte por medo e em parte por alimentar esperanças. Ademais, havia surpreendido instruções de Nero, enviadas secretamente aos seus procuradores, a respeito da sua eliminação, e sentia-se animado tanto pelos auspícios e presságios favorabilíssimos como pela predição duma virgem imaculada. Tanto mais que o sacerdote de Júpiter em Clúnia tinha, advertido por um sonho, tirado do santuário o mesmo oráculo pronunciado, 200 anos atrás, por uma jovem profetiza. O sentido desse oráculo era “que sairia um dia da Espanha um príncipe e um senhor do mundo”.

Depois de ter mandado colocar à frente numerosíssimos retratos de cidadãos condenados e assassinados por Nero, subiu ao seu tribunal para tomar as providências. Na presença dum rapaz aristocrático que fizera vir expressamente da ilha Balear, a mais próxima do arquipélago, onde se encontrava exilado, deplorou a infelicidade dos tempos e, saudado como “imperador”, declarou que nada mais era do que “delegado do Senado e do povo romano”. Prosseguindo, deu por suspensa a fase judiciária e recrutou, entre as populações das províncias, legiões e tropas auxiliares para aumentar seu velho exército constante duma legião, duas alas de cavalaria e três coortes. Foi buscar no meio dos primeiros cidadãos do país aqueles que melhor se recomendassem pela idade e pela sabedoria e formou com eles uma espécie de Senado ao qual poderia prestar contas dos negócios públicos mais importantes, sempre que disso tivesse necessidade. Esco-

lheu, também, no seio da ordem equestre, rapazolas que, conservando, em absoluto, o direito aos anéis de ouro, deviam, sob a denominação de “Evocatos”, montar guarda, como soldados, em torno do seu quarto. Por outro lado, espalhou pelas províncias éditos em que convidava cada um em particular e todos em geral a se unirem a ele e a empregarem a parte mais sã das suas forças em prol do bom êxito da causa comum. Por essa mesma época, ao fortificar uma cidade que elegera como praça de armas, achou-se um anel de lavor antigo, cuja pedra esculpida representava uma vitória com um troféu. Neste entrementes, arribou a Dertosa um navio de Alexandria carregado de armas porém sem piloto, sem marujos e sem passageiros. Assim, foi fácil acreditar que a guerra empreendida não era justa, santa, nem favorecida pelos deuses. A seguir, porém, inopinadamente a situação subverteu-se quase por completo. Uma das alas da cavalaria, arrependida de ter violado o seu juramento, quis abandonar Galba no momento em que ele se aproximava do acampamento. Só a muito custo foi dominada. De outra parte, escravos com que um liberto de Nero o presenteara, com a missão de atentar contra a sua vida, quase o teriam assassinado numa ruela que conduzia aos banhos, se ele não os tivesse ouvido a se aconselharem mutuamente a não deixar fugir a oportunidade. Galba lhes perguntou a que oportunidade se referiam e lhes arrancou, pela tortura, a confissão do crime premeditado.

A tantos perigos somou-se mais a morte de Vindex (403). Este fato deixou-o consternadíssimo e, semelhante a um homem que se vê abandonado pela esperança, esteve a pique de renunciar à vida. Quando, porém, correios chegados de Roma (404) lhe anunciaram a morte de Nero e todo mundo lhe prestara juramento, abandonou o título de “delegado” e assumiu o de “César”. E pôs-se a caminho, vestido do seu hábito militar e com um punhal pendente do pescoço sobre o peito. Não retomou a toga senão após o esmagamento daqueles que pretendiam revolucionar o Império: o prefeito do pretório, Ninfídio Sabino (405), em Roma; na Germânia, Fontéio Capitão (406); na África, Clódio Macro (407). Estes dois últimos eram delegados.

Precedia-o uma dupla reputação de crueldade e de avareza, porque gravara com pesadíssimos tributos as cidades das Espanhas e das Gálias que haviam hesitado em abraçar o seu partido. Muitas delas chegaram

mesmo a ser punidas com a destruição das suas muralhas. E os procuradores que as governavam, condenados à morte com suas mulheres e seus filhos. Mandou fundir uma coroa de ouro, tirada dum vetusto templo de Júpiter, que os habitantes de Taragona lhe haviam oferecido, e exigiu o pagamento das três onças que faltavam no peso. Esta reputação não fez mais do que se firmar e crescer desde a sua entrada na cidade. Pretendeu fazer voltar ao seu primeiro estado os marinheiros que Nero havia transformado de remadores em soldados legionários e, como se recusassem a isso e ainda por cima reclamassem, inflexivelmente, a sua águia e as suas insígnias, não somente determinou contra eles uma carga de cavalaria, mas ainda os dizimou. Dissolveu, da mesma forma, a coorte dos germanos (408), instituída outrora pelos Césares para sua custódia pessoal e cuja fidelidade fora posta à prova repetidas vezes. Despediu-a sem nenhuma recompensa lá na sua pátria e sob o pretexto de que ela se inclinava para Cnéio Dolabela, cujos jardins limitavam com o acampamento daquela tropa. Repetia-se também, com ou sem razão, para metê-lo a ridículo, que, ao contemplar sua mesa servida com muita suntuosidade, se lamentara. Ou, então, que ao seu dispenseiro comum, que lhe apresentara o estado sumário das suas despesas, ofertara um pequeno prato de legumes como prêmio a tanto zelo e tanta diligência. Corria ainda que, encantado por um tocador de flauta chamado Cano, lhe dera cinco denários tirados da sua própria bolsa.

Assim, a sua chegada não foi muito agradável para os romanos. E isto se viu desde o primeiro espetáculo. Ao início deste cântico conhecidíssimo, dos atelanos:

“Ai, o narigete retorna da sua herdade!”

todos os espectadores completaram a uma voz o resto da copla e, repetindo várias vezes aquele verso, imitaram o gesto do histrião.

Foram maiores o prestígio e a autoridade que o levaram ao trono do que os que conheceu no poder. Não é que deixasse de dar exemplos dignos dum príncipe excelente. Mas o fato é que o amavam menos pelo que fazia de bom do que o odiavam pelo que fazia de mau. Entregou-se ao arbítrio de três homens que moravam com ele no palácio e não o abandonavam nem para pôr um pé fora da soleira. Chamavam-lhes seus pedagogos. Eram: Tito Vínio, seu lugar-tenente na Espanha, cuja cupidez

não conhecia fronteiras; Cornélio Laco, antigo assessor tornado prefeito do pretório, insuportável pela sua arrogância e sua indolência; o liberto Icelo, honrado pouco depois com o anel de ouro e com o sobrenome de Marciano e já candidato ao supremo grau da ordem equestre. Estes três homens, dominados por vícios diferentes, abusaram de tal maneira da influência que exerciam sobre o seu espírito e as suas determinações que Galba a muito custo dava acordo de si mesmo, ora mais cruel e mais avaro, ora mais afável e negligente, o que não assentava bem num príncipe eleito e, ademais, tendo a idade que tinha. Condenou, sem os ouvir, alguns cidadãos ilustres das duas ordens. Raramente concedeu o direito de cidadania romana. Solicitaram-lhe os juízes a adição duma sexta decúria (409). Não somente se recusou a atendê-los, mas ainda lhes arrancou um benefício concedido por Cláudio: o de não reunirem o tribunal nem no inverno nem no princípio do ano.

Acreditava-se também que ele iria reduzir para dois anos a duração dos cargos senatoriais e equestres e que não os conferiria senão àqueles que tivessem pouco desejo de desempenhá-los ou então àqueles que os recusassem francamente. Revogou as liberalidades de Nero, estipulando-as em quase uma décima parte apenas. Encarregou 50 cavaleiros romanos de recobrá-las e com tanto rigor que, se os atores ou atletas tivessem vendido o que lhes fora dado outrora, teriam de ser presos os compradores, caso não pudessem restituir o valor dos objetos em requisição. Pelo contrário, não privara, em absoluto, seus companheiros e libertos do exercício do direito de venderem a dinheiro, ou de concederem favores sobre impostos, imunidades, castigos de inocentes, impunidade de culpados. Quando o povo romano, porém, reclamou o suplício de Haloto (410) e de Tigelino, os mais perniciosos dos agentes de Nero, Galba lhes deu todas as garantias de vida e, ademais, concedeu ao primeiro o cargo relevantíssimo de procurador. E repreendeu o povo, num édito, pela sua truculência em relação a Tigelino (411).

Pelo seu modo de agir, descontentou quase todas as ordens, mas se tornou particularmente odioso aos soldados. Embora seus oficiais tivessem prometido às legiões que lhe jurassem fidelidade, na ausência, uma gratificação maior do que a corrente, Galba não ratificou a promessa e repetiu em várias ocasiões “que tinha por costume recrutar soldados e não

comprá-los”. Esta atitude só serviu para irritar os soldados, sem exceção. Aliás, já replenara, também, os pretorianos de medo e de indignação, licenciando-os na maioria como suspeitos e amigos de Ninfídio. O exército da Germânia Superior tumultuava, sobretudo porque se vira burlado nas recompensas que esperava em virtude do concurso dispensado contra os gauleses e Vindex. Assim, foi essa tropa a primeira a se atrever à desobediência, recusando-se, nas calendas de janeiro, a prestar juramento diante doutra autoridade que não fosse a do Senado. Resolveu, da mesma forma, enviar uma embaixada aos pretorianos com a missão de lhes comunicar “que o imperador eleito na Espanha não tinha a sua aprovação e que tratassem de escolher outro que reunisse o sufrágio de todos os exércitos”.

A esta notícia, Galba acreditou que não era tanto pela sua idade que o desprezavam, mas, principalmente, porque não tinha um filho. Estimava muito, desde longa data, o jovem Pisão Fruge Liciano (412), nobre distintíssimo, a quem constituíra herdeiro, em testamento, dos seus bens e do seu nome. Incontinênti, tomou-o pela mão, em meio à turba dos que o pretendiam saudar, e, chamando-lhe seu filho, conduziu-o ao acampamento, onde o adotou (413) em presença das legiões congregadas, mas sem fazer a menor referência a qualquer gratificação. Este sentimento de avariza facilitou a Marco Sálvio Óton os meios de executar seus projetos, seis dias após este ato de adoção.

Grandes e frequentes prodígios, desde o início, anunciavam a Galba o fim que o esperava. Enquanto, durante todo o caminho, à direita e à esquerda, se lhe imolavam vítimas de cidade em cidade, um touro castigado com um golpe de machado, rebentando os laços que o subjugavam, lançou-se contra seu carro e, alçando-se nos pés, manchou-o todo de sangue. Como quisesse descer, um batedor, sob a pressão da massa, quase o feriu com a ponta da lança. Ao entrar na cidade e chegado ao palácio, sentiu-se um tremor de terra e um rumor semelhante a um mugido. Em continuação, registraram-se presságios ainda mais claros. Reservara, de todo o seu tesouro, um colar guarnecido de pérolas e de gemas para adornar a sua pequena estátua da Fortuna que possuía em Túsculo. Imaginando, de súbito, que esse colar podia ser digno dum lugar mais augusto, consagrou-o à Vênus do Capitólio. Na noite seguinte, sonhou que a imagem da Fortuna se lamentava de ter sido espoliada da dádiva que lhe

fora reservada e o ameaçava, ela também, de despojá-lo de tudo quanto lhe havia concedido. Apavorado, e para fugir desde cedo aos efeitos de tal sonho, expediu ordens para o preparo dum sacrifício e dirigiu-se em pessoa a Túsculo. Aí não encontrou, ao chegar, senão cinzas tépidas na ara e, junto a esta, um velho vestido de preto, tendo nas mãos uma bacia de vidro com incenso e um copo de barro com vinho. Notou-se, por outro lado, que nas calendas de janeiro a coroa lhe caíra da cabeça, por ocasião do sacrifício. Ao recolher os auspícios, os frangos voaram. No dia da adoção de Liciano, no momento de discursar aos soldados, não encontrou, diante do seu tribunal, como era costume, a cadeira militar, por esquecimento dos serventes. No Senado, a sua curul fora colocada de través.

Antes de ser assassinado, um arúspice o advertiu, repetidamente, de manhã, enquanto sacrificava, para tomar cuidado com a sua pessoa, pois os matadores não andavam longe. Pouco depois, soube que o acampamento estava nas mãos de Óton. A maioria o aconselhou a dirigir-se para lá, sem perda de tempo, assegurando-lhe que a sua autoridade e a sua presença lhe poderiam oferecer vantagens. Limitou-se, porém, a ficar no seu palácio e nele se fortificar com as guarnições de legionários postadas em diferentes pontos da cidade. Entretanto, vestiu a sua couraça, embora não dissimulasse a certeza de que seria inútil contra tantos punhais. Atraído para fora por falsos boatos espalhados intencionalmente pelos conspiradores com o fim de constrangê-lo a aparecer em público, ouviu alguns cidadãos asseverarem, em rápidas palavras, que tudo acabara, já, com o aniquilamento dos autores da revolta e que outros chegavam em massa para felicitá-lo e protestar-lhe obediência. Saiu ao encontro deles com tanta confiança que respondeu a um soldado que se gloriava de ter assassinado Óton: “Quem te ordenou?”, e encaminhou-se para o Fórum. Aí, cavaleiros que haviam recebido ordem de matá-lo, após uma incursão a cavalo por entre o povo, para dele separar um grupo de camponeses, o avistaram de longe, pararam um pouco e, depois, prosseguindo no avanço, o trucidaram, abandonado completamente dos companheiros.

Referem alguns que, por ocasião do primeiro tumulto, exclamou: “Camaradas, onde estais? Eu sou vosso e vós sois meus”, prometendo-lhes uma gratificação. Outros, em maior número, contam que ofereceu, sem resistência, o pescoço aos milicianos, exortando-os a agirem e a golpearem,

se assim lhes aprouvesse. O que há de mais singular em tudo isso é que nenhum dos assistentes tentou socorrer o imperador e que todos aqueles a quem mandara chamar desprezaram as suas mensagens, à exceção dos vexilários da Germânia. Estes, em sinal de reconhecimento pelo zelo com que os tratara quando enfermos e debilitados, não havia muito, voaram em seu amparo. Em virtude, porém, da sua ignorância quanto à topografia da cidade, afastaram-se da estrada e chegaram demasiadamente tarde. Galba foi degolado perto do lago Cúrcio e deixado no mesmo local, tal como estava, até que passando por ali um soldado de volta das provisões descansou seu fardo e decepou-lhe a cabeça. Como não pudesse, em razão da sua calvície, agarrá-la pelos cabelos, guardou-a no seio. Depois, metendo-lhe o polegar na boca, para segurá-la, levou-a a Óton. Este entregou-a aos serventes do quartel e às vivandeiras, que a enfiaram na ponta dum chuço e a levaram, entre gargalhadas, por todo o acampamento, a gritar de quando em quando: “Galba, goza como quiseres a tua idade!” O que os levou a esta brutal brincadeira foi o fato de circular, dias antes, a versão de que, como alguém elogiasse a sua frescura e o seu verdor, Galba respondera:

“Tenho ainda minhas reservas de força viril” (414).

Patróbio, um liberto que pertencera a Nero, comprou-lhe a cabeça por cem moedas de ouro e colocou-a no mesmo sítio onde, por ordem de Galba, seu senhor foi assassinado. Foi somente mais tarde que seu dispenseiro Árgio conseguiu enterrá-la, com o resto do corpo, nos seus jardins da Via Aureliana.

Era de estatura mediana. Cabeça calva, olhos azuis, nariz aquilino, mãos e pés de tal maneira entrevados pela gota que não podia suportar calçado nem folhear um livro, ou mesmo sustê-lo. Possuía uma hérnia do lado direito tão proeminente que a muito custo conseguia contê-la por meio duma funda.

Diz-se que comia muito e que no inverno se alimentava antes de amanhecer. Tinha uma predileção especial pelos homens, porém, amando-os somente na idade madura ou na velhice. Conta-se que quando Icelo, um dos seus antigos concubinos, lhe anunciara, na Espanha, a morte de Nero (415), não o cobriu apenas de beijos e abraços à vista de todo mundo, mas suplicou-lhe também que se depilasse sem demora. E retiraram-se.

Pereceu (416) com 73 anos de idade, no sétimo mês do seu reinado. O Senado lhe havia conferido, desde que assumira o poder, uma estátua que devia ser levantada sobre uma colina rostral, nas cercanias do Fórum, onde depois fora massacrado. Vespasiano, porém, cassou o decreto, na crença de que Galba enviara, secretamente, da Espanha para a Judeia, agentes com a missão de assassiná-lo.

.....

Marco Sálvio Óton

OS ANTEPASSADOS DE ÓTON, oriundos duma povoação de Ferentino (417), pertenciam a uma antiga família honorificada e das principais da Etrúria. Seu avô, Marco Sálvio Óton, filho dum cavaleiro romano e duma mulher de condições humildes, chegou a ser eleito senador graças ao prestígio de Lívia, em cuja casa se criara. Mas não foi além do cargo de pretor. Lúcio Óton, seu pai, ilustre pela ascendência da linha materna, com numerosas e excelentes alianças, era de tal forma querido por Tibério e tanto se parecia com ele que passava geralmente por seu filho. Desempenhou o proconsulado da África (418) e algumas delegações extraordinárias. Ousou, mesmo, na Ilíria, punir com a pena capital alguns soldados que, arrependidos por terem tomado parte na revolta de Camilo (419), haviam trucidado seus oficiais como se tivessem sido os autores da rebelião contra Cláudio. Mandou executá-los em frente do seu quartel-general e na sua presença, embora fosse do seu conhecimento que, por esse mesmo fato, Cláudio os havia promovido a postos superiores. Este modo de agir aumentou a sua glória, mas arruinou a sua autoridade. Contudo, cedo conseguiu recuperá-la ao descobrir a felonía dum cavaleiro romano que conspirava contra o poder de Cláudio que lhe fora delatada pelos seus escravos. O Senado lhe conferiu a mais rara honorificência (420): uma es-

tátua no palácio. E Cláudio, ao recebê-lo em nome dos patrícios, traçou o seu elogio nos termos mais laudatórios e acrescentou: “É um homem cujas qualidades não desejo melhores para os meus filhos.” De Alba, mulher de sangue nobre, nasceram-lhe dois filhos: Lúcio Ticiano e Marco, o mais moço, que usava o mesmo sobrenome. Teve também uma filha que, mal chegada à nubilidadade, foi prometida a Druso, filho de Germânico.

O imperador Óton nasceu (421) quatro dias antes das calendas de maio, sob o consulado de Camilo Arrúncio e Domício Enobarbo. Revelou-se pródigo e turbulento desde a primeira juventude, de tal maneira que seu pai se via obrigado, muitas vezes, a corrigi-lo a chicotadas. Da mesma forma, conta-se que costumava vagabundear, durante a noite, e prender os inválidos e ébrios que encontrasse, a fim de, estendendo uma capa no chão, fazê-los pular por cima dela. Depois, morto seu pai, ligou-se a uma liberta que gozava de influência na corte e, para se aproveitar o mais possível desta conexão, fingiu-se apaixonado dela, por mais velha e quase decrépita que parecesse. Pela sua mão, insinuou-se nas boas graças de Nero, que facilmente o colocou na primeira fila dos seus amigos e, como adiantam alguns, do exercício mútuo da pederastia. Chegou a dispor de tanto poder que um dia, havendo-se comprometido, sob o pagamento duma soma considerável, a reabilitar uma personagem consular (422) acusada do crime de concussão, não hesitou em introduzi-la no Senado para agradecer a mercê aos senadores, antes mesmo de haver conseguido a sua completa reabilitação.

Partícipe de todos os projetos e de todos os segredos de Nero, no dia mesmo que este príncipe fixara para o assassinio de sua mãe, ofereceu a ambos, para desfazer suspeitas, uma ceia das mais deliciosas. Contratou um casamento simulado com Popeia Sabina, ainda então amante de Nero, que, ao arrebatá-la do marido, lha confiara provisoriamente. Não contente, porém, com o havê-la seduzido, amou-a de tal modo que se não pôde conformar, depois, com a ideia de ter Nero como rival. Acredita-se, pelo menos, que Óton não somente se tivesse negado a receber aqueles que o príncipe enviara com a missão de lhe arrancar Popeia, mas que houvesse deixado o próprio César, um dia, à porta, a reclamar inutilmente, com ameaças e súplicas, o seu precioso depósito. Assim, o casamento foi anulado e Óton afastado, com a investidura no cargo de delegado na Lusitânia

(423). Nero não avançou mais longe de medo que a aplicação dum castigo rigoroso pudesse divulgar toda a comédia. Não obstante, tudo se tornou público, em consequência do seguinte dístico:

*“Vós perguntais por que Óton foi exilado sob um título mentiroso?
É que ele começara a dormir com a mulher de César.”*

Governou sua província, na qualidade de questor, durante dez anos, com uma moderação e um desinteresse invulgares.

Logo que se lhe apresentou oportunidade para vingar-se, associou-se, em primeiro lugar, aos esforços de Galba. Depois desse momento concebeu a grande esperança de reinar também, fundada nas circunstâncias presentes e, mais ainda, na asserção do astrólogo Seleuco, que, após lhe haver assegurado outrora que sobreviveria a Nero, tinha ido então procurá-lo, inopinadamente, para lhe predizer a sua próxima ascensão ao trono. Não poupou, por outro lado, nenhuma espécie de bons ofícios nem de lisonjas a respeito de ninguém. Todas as vezes que recebia o príncipe para cear, distribuía várias moedas de ouro para cada soldado da coorte da guarda, o que não o impedia de se aproximar das outras tropas por diferentes meios. Um homem tomou-o para árbitro num litígio em que se empenhara com um vizinho, a propósito dos limites dum campo. Óton comprou o terreno todo e lho entregou. Desta maneira, não havia quase ninguém que não sentisse e não pregasse ser ele o único herdeiro digno do Império.

Na expectativa de se ver adotado por Galba, esperou-o, dia trás dia. Ao constatar, porém, a falência da sua esperança, com a escolha de Pisão, recorreu à força, premido como estava não só pelo seu ressentimento, mas ainda pela extensão das suas dívidas (424). Efetivamente, não dissimulou o fato de que “se não chegasse a imperador, não poderia sustentar-se. E pouco lhe importava tombar no campo de batalha, às arremetidas do inimigo, ou no Fórum, às investidas dos seus credores”. Exorquiria, poucos dias antes, um milhão de sestércios a um escravo de César para lhe conseguir o lugar de dispenseiro. Foram estes os fundos duma tão grande empresa. A princípio, confiou seu desígnio a cinco acólitos somente, depois a mais outros dez. Cada um dos primeiros conseguiu dois adeptos. Pagou a todos dez mil sestércios, com a promessa de mais 50 mil.

Sua intenção era se apossar do acampamento logo após o ato da adoção e atacar Galba no seu próprio palácio, na hora em que se encontrasse à mesa. Renunciou, porém, a esse projeto, em consideração à coorte, que estava de guarda nesse dia, pois não desejava, assim, torná-la odiosa. Fora esta mesma, com efeito, que, de plantão, deixara assassinar Calígula e abandonara Nero. Escrúpulos religiosos e a opinião de Seleuco contiveram-no por algum tempo ainda. Enfim, no dia aprazado, combinou com os cúmplices para que o esperassem no Fórum no marco de ouro (425), que se encontra embaixo do templo de Saturno. De manhã, foi saudar Galba, que o beijou, segundo o costume. Assistiu, até, ao sacrifício e ouviu as predições dos arúspices (426). A seguir, um liberto anunciou-lhe que os arquitetos haviam chegado. Era o sinal estabelecido. Saiu como se fora ver uma casa posta à venda e se escondeu numa porta detrás do palácio. Afirmam outros que, fingindo-se atacado de febre, encarregou os que o rodeavam de apresentarem escusas pela sua ausência, caso o procurassem. Então, escondido numa cadeirinha de mulher, transportou-se diretamente ao acampamento. Como, porém, faltassem forças aos carregadores, desceu e pôs-se a correr. Despedaçando-lhe o calçado, parou. Afinal, os soldados da escolta, sem mais espera, colocaram-no aos ombros e, saudando-o como imperador, o conduziram à praça de armas, em meio a aclamações festivas e a espadas desembainhadas. Todos aqueles que ia encontrando pelo caminho aderiam como se houvessem participado da conjuração. Aí, enviou emissários para trucidarem Galba e Pisão. E, com o objetivo de cativar, com promessas, a simpatia dos soldados, limitou-se a declarar à frente das tropas em formatura que “não queria, para si, senão aquilo que eles lhe reservassem”.

Findava o dia, já, quando entrou no Senado. Depois de ter exposto em poucas palavras como o haviam arrancado do seio da multidão e forçado a aceitar o governo do Império, governo esse que exerceria de acordo com a vontade de todos, dirigiu-se para o palácio. Além das congratulações e das lisonjas recebidas da parte dos seus adulares, foi chamado, pela baixa plebe, de Nero. Nenhuma demonstração deu de que recusava este nome. Pelo contrário, segundo escreveram alguns, ele próprio juntou ao seu o nome de Nero nos primeiros atos diplomáticos e nas primeiras cartas dirigidas a certos governadores de províncias. O que há de

verdade, em tudo isso, é que consentiu no restabelecimento das imagens e das estátuas daquele imperador. Reintegrou, nos cargos, seus procuradores e libertos, e a primeira manifestação que fez do recente poder adquirido foi consagrar 50 milhões de sestércios ao acabamento da Casa de Ouro. Assegura-se que, naquela mesma noite, um sonho pavoroso lhe arrancou profundos gemidos e aqueles que o acudiram encontraram-no estendido no chão, ao pé do leito. Recorreu a toda sorte de expiações, na ânsia de aplacar os manes de Galba, que vira, em sonho, derribá-lo e expulsá-lo do trono. No dia seguinte, enquanto colhia os auspícios, desabou uma tempestade e, como tivesse sido vítima duma queda grave, murmurou repetidas vezes:

“Que fazer, pois, de tão longas e finas pernas?” (427)

Por esse mesmo tempo os exércitos da Germânia prestavam juramento a Vitélio (428). Ao saber disso, Óton propôs ao Senado o envio duma embaixada, a fim de cientificá-lo de que já havia sido eleito um imperador e pedir-lhe calma e concórdia. Entretanto, por intermédio de agentes e de cartas, mandara oferecer a Vitélio sociedade no Império e a situação de genro. Como, porém, não mais se duvidasse da guerra, e como os generais e as tropas enviadas por Vitélio já se aproximavam, Óton recebeu dos pretorianos uma demonstração de apego e de fidelidade que provocou o trucidamento da primeira ordem do Estado. Óton recomendara aos marinheiros o transporte das armas nos seus próprios navios. Como esta tarefa se fizesse ao cair da noite, alguns soldados, suspeitando qualquer maquinação, suscitaram desordens. E, de repente, sem chefe determinado, acorreram todos ao palácio, a exigirem a morte dos senadores. Após haverem rechaçado e até mesmo assassinado alguns tribunos que pretendiam prendê-los, se lançaram, cobertos de sangue como estavam, até ao triclínio, perguntando onde se achava o imperador. Só se acalmaram depois que este apareceu. Óton começou a guerra com ímpeto e mesmo precipitadamente, sem nenhuma atenção pelas práticas religiosas, sem esperar pela reposição dos ancilos (429) – o que desde a mais remota antiguidade era visto como mau augúrio – e justamente no dia em que os sacerdotes da mãe dos deuses começavam a chorar e a lamentar-se. Além disso, desdenhou dos mais adversos auspícios. Pois a vítima imolada ao venerável Plutão apresentou sinais favoráveis, quando, em tais sacrifícios, o contrário é que é preferível.

Por fim, mal saído de Roma, viu-se retardado pelas inundações do Tibre, e no vigésimo marco encontrou o caminho obstruído, em consequência do desabamento de edifícios.

Embora ninguém duvidasse de que a guerra se arrastaria vagorosamente, visto que o inimigo se achava acossado pela fome e encerrado nos desfiladeiros, decidiu, com a mesma temeridade, oferecer batalha o mais cedo possível, ou porque não pudesse mais suportar tão longa inquietação e esperasse poder terminar a guerra antes da chegada de Vitélio, ou porque não pudesse resistir ao ardor dos seus soldados, que se manifestavam pelo combate. Não assistiu a nenhuma pugna e se retirou para Brixelo (430). Em três recontros, porém de pouca importância, perto dos Alpes, nas cercanias de Placência, numa localidade chamada Castor, saiu vitorioso. Mas no último, o mais importante, em Bedriaco (431), a astúcia do inimigo causou-lhe a derrota. Esperava-se uma entrevista. Os soldados do campo contrário abandonaram suas posições, assim como quem queria tratar das condições de paz, quando, de improviso, exatamente no momento em que se saudavam, investiram, provocando a luta. Óton tomou logo a decisão de morrer, antes – como pensam muitos com razão – por hesitar no assegurar-se o poder, expondo a tão grande perigo as legiões e o Império, do que por qualquer impulso de desespero ou por falta de confiança nas tropas. Tanto assim que lhe restavam ainda forças frescas, reservadas para ocasiões oportunas, inclusive as recém-vindas da Dalmácia, da Panônia e da Mésia. As próprias legiões vencidas não estavam tão abatidas que não pudessem afrontar, de boa vontade e até mesmo sozinhas, qualquer risco para vingança do ultraje recebido.

Meu pai, Suetônio Leno, tomou parte nesta guerra na qualidade de tribuno augusticlavo (432) da décima terceira legião. Contou várias vezes, mais tarde, que Óton, mero particular ainda, já votava uma tal aversão à guerra civil que, ao ouvir um dia, à mesa, alguém falar da morte de Cássio e de Bruto, fremiu de horror. E que não teria, em absoluto, marchado contra Galba se não estivesse convencido de que tudo se poderia arranjar sem a necessidade de recorrer à luta. O exemplo dum simples soldado inspirou-lhe, então, o desgosto pela vida: como ninguém lhe quisesse dar crédito quando levou a notícia da derrota do exército e ao sentir-se suspeito ora como mentiroso, ora como covarde, trânsfuga do campo da refrega,

transpassou-se com a sua própria espada aos pés do seu chefe. Dizia meu pai que diante de tal quadro Óton exclamou “que não exporia mais ao perigo de morte gente assim tão boa e tão devotada”. Assim, exortou seu irmão, seu sobrinho (433) e cada um dos seus amigos de per si a tomarem o partido que melhor lhes conviesse. E, abraçando-os e beijando-os, os licenciou a todos. Depois, ficando a sós, escreveu dois bilhetes: um, dirigido à sua irmã para consolá-la e outro a Messalina, viúva de Nero, a quem tentava desposar, para lhe recomendar os seus despojos e a sua memória. A seguir, queimou todas as cartas que possuía, a fim de não comprometer nem desacreditar ninguém junto ao vencedor. E, finalmente, distribuiu com as pessoas da sua casa todo o dinheiro de que dispunha.

Preparara-se assim para a morte e já se dispunha a isso quando ouviu um ruído e percebeu que se tomavam e prendiam como desertores aqueles que começavam a abandoná-lo e a afastar-se do teatro da contenda. “Acrescentemos ainda esta noite a nossa vida.” Foram estas as suas próprias e únicas palavras. Proibiu que se praticassem violências, fosse contra quem fosse. Seu quarto permaneceu aberto até alta madrugada, sendo permitida a entrada a quem quer que lhe desejasse falar. Bebeu água fria para matar a sede e agarrou dois punhais, cujas pontas experimentou, passando-as por debaixo da orelha. Fechou a porta e dormiu um sono profundo. Acordou ao despontar do sol e atravessou-se com uma punhalada sob o mamilo esquerdo. Ao primeiro gemido, correram a vê-lo. Expirou (434) ora escondendo, ora descobrindo o ferimento. Conforme prescrevera, seus funerais foram rápidos. Tinha 38 anos de idade e 95 dias de reinado.

O físico e a maneira de vestir de Óton não correspondiam à grandeza da sua alma. Assevera-se que era de estatura pequena, pernas e pés malfeitos. Requentado quase como uma dama, depilava todo o corpo e, como eram raros os seus cabelos, usava uma cabeleira postiça tão perfeita e tão bem adaptada que ninguém podia notar coisa alguma. Raspava o rosto todos os dias e esfregava a pele com pão ensopado, hábito que contraiu na juventude para não deixar crescer a barba. Celebrou pública e frequentemente as festas de Isida, vestido duma toga de linho de acordo com os ritos religiosos. Tudo isto tornou sua morte, talvez, tanto mais surpreendente quanto é certo que ela em nada, absolutamente, combinou com a sua vida. Muitos soldados presentes beijaram-lhe as mãos e os pés, banhados em

lágrimas, chamando-lhe “herói cheio de valentia, imperador único”. E se suicidaram, subitamente, não longe da sua pira. Vários outros, ausentes, ao se inteirarem da nova, sentiram-se tão consternados que se mataram entre si com as suas próprias armas. Em conclusão, grande parte daqueles que o haviam detestado em vida elevaram-no às nuvens depois de morto. Tanto assim que corria a versão de que, se assassinara Galba, teria sido menos pela ambição do poder do que para restabelecer a República e a liberdade.

.....

Aulo Vitélio

SOBRE a origem de Vitélio há tradições diferentes e até mesmo inteiramente opostas. Afirmam uns que se trata duma antiga e nobre linhagem. Outros, duma recente, obscura e ínfima família. Eu atribuiria esta diversidade de opiniões aos aduladores e aos detratores de Vitélio, se o desacordo a respeito da condição da sua progênie não tivesse surgido muito antes do seu nascimento. Resta-nos um livrinho de Quinto Eulógio (435) dedicado a Quinto Vitélio, em que o autor assegura que os Vitélios, nascidos de Fauno (436), rei dos aborígenes, e de Vitélia, adorada em muitos lugares como divindade, reinaram em todo o Lácio. Que seus descendentes passaram do país dos sabinos e foram admitidos na ordem dos patrícios. Que subsistiram, durante muito tempo, monumentos desta família, tal como a Vila Vitélia, que vai do Janículo ao mar, e uma colônia do mesmo nome, cuja defesa contra os equícolos competia outrora unicamente à sua família. Que no tempo da guerra dos sanitas, como uma guarnição tivesse sido licenciada na Apúlia, alguns dos Vitélios se estabeleceram na Nucéria (437) e que a sua descendência, após longo intervalo, retornou a Roma e retomou posição na ordem dos senadores.

Vários historiógrafos, ao contrário, são de parecer que o chefe da família era um liberto. Cássio Severo e outros, ainda, pretendem, até

mesmo, que era um sapateiro, cujo filho, depois de ter feito fortuna nas almoedas e com delações, desposou uma mulher plebeia, filha dum certo Antíoco, fornecedor, e dela teve um descendente. Ponhamos, porém, de lado todas essas contraditórias asserções. O que há de verdadeiro, em tudo isso, é que Públio Vitélio, quer haja sido duma estirpe antiga, quer se tenha envergonhado dos seus parentes e avós, foi cavaleiro romano e procurador dos bens de Augusto. Deixou quatro filhos de considerável posição social, que usavam do mesmo nome e se distinguiam somente pelos prenomes: Aulo, Quinto, Públio e Lúcio. Aulo morreu no decurso do seu consulado (438), exercido com Domício, pai de Nero César. Era, aliás, uma personagem faustosa e afamada pela magnificência da sua mesa. Quinto perdeu a sua ordem quando, por proposta de Tibério, se decidiu estremar e afastar os senadores indignos. Públio, companheiro de Germânico, acusou e fez condenar Cnéio Pisão, inimigo e assassino daquele príncipe. Após haver desempenhado a pretoria, foi preso como cúmplice de Sejano, e, como houvesse dado seu irmão em custódia, cortou as veias com um canivete. Cedendo mais a instâncias dos seus do que ao medo da morte, se deixou medicar e morreu enfermo, sem sair da prisão. Lúcio, nomeado governador da Síria, após seu consulado (439), convenceu, à força de intrigas, a Artabano, rei dos partos, não somente a parlamentar com ele, mas também a render homenagem às águias romanas. Depois, exerceu ainda dois consulados ordinários (440) e a censura com o imperador Cláudio. Da mesma forma, foi encarregado da administração do Império, na ausência deste, durante a expedição da Bretanha (441). Era um homem íntegro e ativo, mas que se desmoralizou em consequência do seu amor por uma liberta, da qual chegava até a engolir a saliva, misturada com o mel, não às escondidas e de tempo em tempo, mas, diariamente, frente a todo o mundo, à guisa de remédio para aliviar a traqueia e a garganta. Dotado dum maravilhoso talento para a adulação, foi o primeiro a dar o exemplo da adoração a Caio Calígula, como deus, logo à sua volta da Síria. Ele não ousava aproximar-se de César a não ser de cabeça encoberta, e prosternando-se. Pediu a Messalina, como altíssima graça, que lhe desse os pés para descalçá-los. E depois que lhe furtou o coturno do pé direito, trazia-o continuamente entre a toga e a túnica, beijando-o de quando em quando. Adorou as imagens de Narciso e de Palas em ouro, incluídas no número dos seus deuses fa-

miliares. É dele, ainda, esta frase: “Possas tu realizá-lo repetidas vezes”, ao felicitar Cláudio que celebrava os jogos seculares (442).

Morreu ao fim de dois dias, acometido dum ataque de paralisia, deixando dois filhos nascidos de Sextília, mulher honestíssima e de nobre origem. Viu-os cônsules, a ambos os dois, durante um ano inteiro (443), havendo o mais moço sucedido ao mais velho para o espaço dos seis últimos meses. Ao morrer, honrou-o o Senado com funerais públicos e também com uma estátua em face dos rostos, com esta inscrição: “Duma piedade imutável para com o príncipe.” Aulo Vitélio, imperador, filho de Lúcio, nasceu (444) oito dias antes das calendas de outubro, ou, de acordo com outros, aos sete dias dos idos de setembro, sob o consulado de Druso César e de Norbano Flaco. Seu horóscopo, predito pelos astrólogos, apavorou tão fortemente os seus parentes que seu pai desenvolveu sempre os maiores esforços para que se lhe não confiasse nenhum governo, e sua mãe, assim que soube ter sido ele enviado às legiões e saudado como imperador, chorou-o como se o tivesse perdido. Passou sua infância e sua primeira juventude em Capri, no meio das prostitutas de Tibério, e viu-se infamado para sempre com o sobrenome de “Spinthria”. Acredita-se que os favores concedidos com o próprio corpo fossem a origem e a causa da fortuna do seu pai.

Na idade seguinte, manchou-se de toda espécie de opróbrios e manteve-se entre os principais da corte. Seu pendor para conduzir um carro lhe valeu a amizade de Calígula e a sua aptidão pelo jogo, a de Cláudio. Tornou-se, porém, mais caro ainda a Nero, não somente por idênticos títulos, mas ainda por um serviço particular que lhe prestou. Certa vez em que presidia aos Jogos Neronianos (445), ao ver que o imperador, desejoso de tomar parte num concurso de cítara, não ousava fazê-lo, entretanto, a despeito das instâncias de todo mundo, embargou-o à saída do teatro e, como se houvesse sido encarregado de interpretar a vontade do público, tanto suplicou que conseguiu a sua anuência.

Assim, graças à proteção daqueles três príncipes, foi elevado não somente às honorificências, mas também aos sacerdócios mais importantes. Após o que obteve o proconsulado da África e a administração dos trabalhos públicos, onde a sua reputação apareceu diversíssima da sua conduta. Demonstrou uma rara integridade nas funções do seu governo, de

dois anos de duração, porque aí ficara como lugar-tenente do seu sucessor. Na sua administração urbana, porém, passou como tendo furtado as oferendas e os ornamentos dos templos e, em substituição do ouro e da prata, ter colocado estanho e cobre.

Sua mulher chamava-se Petrônia, filha duma personagem consular (446) e dela teve um filho, Petroniano, zabolho. Como sua mãe o tivesse instituído herdeiro, sob a condição de se libertar do poder paterno, Vitélio o emancipou e, sem demora, fê-lo perecer, acredita-se, sob a acusação de ter premeditado um parricídio e ingerido, sob a pressão do remorso, o veneno preparado para o crime. Cedo desposou Galéria Fundana, filha dum antigo pretor, nascendo-lhe dessa união filhos dum e do outro sexo. O menino, porém, de tão gago quase não falava.

Contra a expectativa geral, foi enviado por Galba à Germânia Inferior. Deveu este posto, pensa-se, ao sufrágio de Tito Vínio, então todopoderoso, com cujo apoio contava desde longa data, em virtude da sua preferência comum pela facção azul. Mas, se considerarmos que Galba costumava declarar em altas vozes que ninguém teria menos a recear do que aqueles que não pensavam senão em comer, e que seriam necessárias todas as riquezas duma província para encher a goela profunda de Vitélio, veremos, evidentemente, naquela escolha, mais desprezo do que mercê. Sabe-se perfeitamente que não tinha dinheiro para iniciar a viagem. Estava tão sem recursos que deixou sua mulher e seus filhos para o resto do ano. Chegou a furtar de sua mãe uma pérola que ela carregava na orelha e a empenhou para poder arcar com os gastos do seu transporte. A multidão dos seus credores o esperava e o retinha. Entre estes figuravam os habitantes de Sinuessa e de Fórmia, cidades das quais desviara as rendas públicas. Não conseguiu desembaraçar-se dos credores a não ser por meio de acusações caluniosas. Como um liberto lhe cobrasse uma dívida, insistentemente, intentou um processo contra ele por injúria, sob o pretexto de que fora vítima dum pontapé. Só o deixou em paz depois que lhe extorquiu 50 mil sestércios. À sua chegada, o exército, mal disposto para com o príncipe e inclinado à revolução, acolheu com alegria e com as mãos levantadas para o céu, como se se tratasse dum presente dos deuses, o filho dum homem que havia sido três vezes cônsul, ainda na força da idade, e possuía um caráter franco e pródigo. A esta antiga opinião que se fazia a seu respeito, Vitélio

acabava de acrescentar ainda provas recentes, abraçando por todo o caminho os simples soldados que encontrava e tendo amabilidades excessivas, nas cavaliças e nas estalagens, para com os almocreves e os viandantes. Ia ao ponto de perguntar, pela manhã, a cada um deles, se havia almoçado já e, para provar-lhes que não se esquecera de fazê-lo, arrotava.

Uma vez no acampamento, não recusou nada a ninguém. Relevoou, espontaneamente, aos soldados, as notas de infâmia e de desonra. Aos acusados, a ignomínia do julgamento. Aos condenados, os suplícios. Assim, escoado apenas um mês (447), sem levarem em conta nem o dia, nem a hora, e embora já noite, seus soldados o arrebataram repentinamente do seu quarto, tal como estava, em trajes de dormir, e o saudaram como imperador. Passeou pelas povoações mais populosas, tendo à mão a espada nua do divino Júlio, retirada do templo de Marte, e que lhe fora oferecida em meio ao afluxo das primeiras congratulações. Ao reentrar na tenda, deparou-se-lhe o triclínio presa dum incêndio. Dirigiu-se, então, a todos os soldados, consternados e perturbados com esse aziago presságio, com as seguintes palavras: “Coragem! É para nós que esse fogo resplandece!” Não acrescentou nem mais uma palavra. Depois, como o exército da Alta Germânia, que abandonara Galba pelo Senado, se declarasse também solidário com ele, recebeu, sob a pressão das rogativas e por consenso unânime, o sobrenome de “Germânico”. Diferiu o uso do “Augusto” e recusou, definitivamente, o de “César”.

Em seguida à notícia da morte de Galba, pôs em ordem os negócios da Germânia e dividiu suas tropas em dois corpos. Um, para enviar contra Óton. À frente do outro se colocaria ele, pessoalmente. O primeiro corpo teve um feliz augúrio: uma águia voou, de súbito, à direita, circulou sobre as insígnias e precedeu, insensivelmente, as legiões em marcha. Ao partir ele próprio, sucedeu o contrário: as estátuas equestres que lhe haviam sido erigidas em vários locais tiveram, todas, ao mesmo tempo, as pernas quebradas e se desmoronaram; e o loureiro de que se coroava com verdadeiro desvelo religioso caiu num córrego d’água. Pouco depois, em Viena, enquanto ministrava justiça do alto do seu tribunal, um galo se lhe empoleirou nos ombros e, a seguir, na cabeça. Os acontecimentos corresponderam exatamente a esses prenúncios: pois, se os seus lugar-te-

nentes souberam dar-lhe um império, Vitélio, individualmente, não pôde conservá-lo.

Estava ainda na Gália quando teve conhecimento da vitória de Bedriaco e da morte de Óton. Sem perda de tempo, dissolveu, por um único édito, todas as coortes pretorianas, acusando-as de terem dado um detestável exemplo e lhes ordenou a entrega de todas as arenas aos tribunos. Mandou inquirir e dar morte a 120 soldados, em poder dos quais encontrou um memorial dirigido a Óton, em que reclamavam a recompensa do serviço prestado com o assassínio de Galba. Seria aquele ato duma grandeza de alma fora do comum e de molde a dar a esperança dum insigne príncipe se, em tudo, o resto de sua conduta não tivesse sido mais conforme a sua natureza e a sua vida anterior do que a majestade do Império. Desde o início da sua viagem, atravessou cidades com os ritos do triunfo, varou rios nas embarcações mais preciosas, ornadas de toda espécie de coroas, no meio dos aprestos dos mais suntuosos festins. Nenhuma disciplina existia, nem na sua casa, nem no seu exército. Levava à conta de pilhérias as rapinas e as violências praticadas por toda a gente do seu séquito, que, não contente com os banquetes públicos que lhe serviam por toda a parte, punha em liberdade quem bem entendia, maltratava, batia, feria e até mesmo, algumas vezes, matava aqueles que porventura lhe resistissem. Ao chegar ao campo de batalha (448) e ao sentir o desgosto de alguns, resultante do fedor exalado pelos cadáveres, ousou tranquilizá-los com esta frase abominável: “Um inimigo morto cheira bem, mormente quando se trata dum cidadão.” Todavia, para atenuar o efeito desta exalação, bebeu ostensivamente bastante vinho e distribuiu-o aos que o cercavam. Externou, com a mesma vaidade e a mesma insolência, ao divisar numa pedra esta inscrição: *À memória de Óton*, “que ele era digno deste mausoléu”. E enviou à colônia de Agripina, para consagrá-lo a Marte, o punhal com que se matara aquele príncipe. Celebrou, também, uma véspera religiosa nos cimos do Apenino.

Entrou, finalmente, em Roma (449), ao som de trombetas, em veste de guerreiro, a espada à cinta, por entre as insígnias e os estandartes. O pessoal da sua comitiva, de saio, e os soldados de armas na mão. Mais tarde, calcando cada vez mais aos pés as leis divinas e humanas, tomou posse do pontificado máximo no dia da Allia (450), regulamentou

os comícios pelo prazo de dez anos e se declarou cônsul perpétuo. E para que ninguém tivesse dúvida quanto ao modelo de governo que escolheria, reuniu os pontífices no Campo de Marte e, na sua presença, ofereceu um sacrifício aos manes de Nero. Num festim solene, convidou, publicamente, um tocador de cítara que lhe agradava “a cantar, também, alguma coisa do mestre” e, desde que o artista encetara um dos cânticos de Nero, Vitélio foi o primeiro a testemunhar-lhe a sua alegria, aplaudindo-o.

Tais foram os prelúdios deste reinado, entregue em grande parte aos conselhos e aos caprichos dos histriões e dos aurigas mais vis, e, sobretudo, aos do liberto Asiático. Este adolescente, ligado a Vitélio por um mútuo comércio de prostituição, dele se entediou bem cedo e fugiu. Como houvesse sido reencontrado em Puzoles, a vender zurrapa, o imperador mandou metê-lo a ferros. Pouco depois, pô-lo em liberdade, aproveitando-o ainda para as suas delícias homossexuais. Com o tempo, não podendo mais suportar-lhe o ânimo intratável e selvagem, Vitélio vendeu-o a um senhor de gladiadores adventícios. Contudo, um dia em que o reservaram para o final dum combate, ordenou que o raptassem e não o deixou senão quando o encarregou do governo da África. No dia do seu advento ao trono, Vitélio deu-lhe, à mesa, o anel de ouro, muito embora, pela manhã, se tivesse recusado, perante todos aqueles que foram interceder em favor dele, “a imprimir uma tal mácula na ordem equestre”.

Seus vícios principais eram a glotonaria e a crueldade. Fazia regularmente três repastos e, algumas vezes, quatro: almoço, jantar, ceia e orgia, satisfazendo-se facilmente, em todos eles, pelo hábito de vomitar. Convidava-se a si mesmo, num mesmo dia, para comer na casa de diversas pessoas e cada festim desses não custava menos de quatro mil sestércios. O mais famoso de todos foi, sem dúvida, o banquete que o seu irmão lhe ofereceu por ocasião de sua chegada, no qual se serviram – conta-se – dois mil peixes e sete mil pássaros da melhor espécie. Esta profusão, entretanto, viu-se superada pela apresentação dum prato a que ele chamou o “escudo de Minerva, égide da protetora da cidade”. Misturavam-se nele fígados de escaros, miolos de faisões e de pavões, línguas de papagaios, ovos de moreias, pescados por navarcos, em trirremes, desde o país dos partos até o estreito da Espanha. Sua voracidade, não somente insaciável, mas ainda desregrada e sórdida, o dominava, até mesmo no decorrer dos sacrifícios e

das viagens. Ninguém o impedia de tirar de cima da ara e de comê-los as entranhas e os pastéis apenas saídos do fogo, nem de devorar, nas tavernas postadas pelo caminho, as iguarias ainda fumegantes, ou, na falta de outra coisa, os restos da véspera.

Propenso a arremessar à morte ou ao suplício o primeiro que lhe aparecesse, fosse qual fosse o motivo, fez perecer, engendrando toda a sorte de perfídias, nobres romanos, seus condiscípulos e camaradas, com os quais decidira quase, à força de blandícias, partilhar o poder do Império. Chegou, até, a envenenar um destes com a sua própria mão, quando lhe pediu, durante um acesso de febre, um pouco de água fria. Não perdoou senão a pouquíssimos dos usurários, oradores e publicanos que lhe haviam cobrado as dívidas, em Roma, ou no percurso das suas viagens, direitos alfandegários. No momento em que um daqueles (451) o saudava, determinou que o justicassem. Pouco depois, porém, mandou-o voltar à sua presença, e já todo mundo lhe louvava a clemência quando decidiu que o matassem ali mesmo, sob as suas próprias vistas, declarando “que desejava comer-lhe os olhos”. Outro viu juntarem-se ao seu suplício dois filhos, só porque estes envidaram esforços no sentido da obtenção da graça para o pai. Como um cavaleiro romano, arrastado à pena máxima, gritasse: “Tu és meu herdeiro!”, Vitélio obrigou-o a apresentar-lhe as tábuas do seu testamento. Ao verificar, porém, que o liberto deste cavaleiro nele figurava como seu co-herdeiro, ordenou que estrangulassem, juntamente, um e outro. Fez perecer ainda inúmeros plebeus, cujo único crime consistia em haver traído a facção azul. O imperador traduzia esta atitude como desprezo à sua pessoa e como esperança duma revolução. Queria, a qualquer preço, a perda dos astrólogos e, especialmente, dos de sua casa. Condenava-os à morte, sem ouvi-los, à vista de qualquer denúncia. Mais se exacerbava contra eles ainda, porque logo após o édito por meio do qual os expulsava da cidade e da Itália, para antes das calendas de outubro, apareceram afixados os seguintes cartazes: “Saudações a todos! Os caldeus proibem a Vitélio Germânico de estar em qualquer parte do mundo, antes do dia mesmo das calendas de outubro.” Foi suspeito, também, de ter matado a sua própria mãe, privando-a da alimentação, quando enferma, por influência do vaticínio do país dos catas (452), em quem acreditou e que lhe predissera “que seu reino seria sólido e longo se conseguisse sobreviver à sua mãe”. Muitos

outros asseveraram que ela, desgostosa com o presente e amedrontada com o futuro, pedira veneno ao seu filho, obtendo-o sem grande dificuldade.

No oitavo mês do seu reinado, os exércitos das duas Mélias e da Panônia (453), e os de além-mar, da Judeia e da Síria, se revoltaram (454). Uns juraram fidelidade a Vespasiano, ausente. Outros, na sua presença. Então, para conservar a adesão e o favor dos demais cidadãos, Vitélio não pôs limites às suas liberalidades públicas ou privadas. Realizou um alistamento na cidade com a promessa de que os voluntários não somente seriam licenciados após a vitória, mas ainda gozariam de todas as vantagens reservadas aos veteranos e aos que haviam feito seu tempo de serviço. Mais tarde, como se visse premido pelo inimigo, tanto por terra como por mar, opôs-lhe, dum lado seu irmão com uma frota, recrutas e um grupo de gladiadores, do outro, as legiões e os chefes (455) de Bedriaco. Vencido (456) ou traído por toda parte (457), concluiu com Flávio Sabino, irmão de Vespasiano, fez um tratado (458) que, além de lhe garantir a vida, lhe concedia cem milhões de sestércios. Sem demora, declarou da escadaria do palácio aos soldados reunidos, “que renunciava ao Império que aceitara contra a vontade”. Como todos reclamassem, adiou a decisão a tomar. Passada a noite, desceu ao sair do sol, em trajes de luto, até aos rostros e aí, os olhos lacrimejantes, repetiu, mas desta vez lendo-a, a mesma declaração. Os soldados e o povo o interromperam ainda, adjuvando-o a não se deixar abater, prometendo-lhe, ainda, o seu concurso absoluto. Assim, retomou coragem e fez conduzir, subitamente, Sabino e os outros Flavianos, que nada tinham a temer, ao Capitólio e aí sacrificou, ateando fogo ao templo de Júpiter Boníssimo e Altíssimo, enquanto ele contemplava o combate e o incêndio de cima da casa de Tibério, onde se colocara à mesa. Como se arrependesse, desde cedo, do ato que praticara, querendo fazê-lo recair sobre os ombros de outrem, convocou o povo, jurou e induziu todos a jurarem também “que nada havia de mais caro do que a tranquilidade pública”. Então, arrancando o seu punhal da cintura, apresentou-o, primeiramente, ao cônsul, depois, como este o recusasse, aos magistrados e, sucessivamente, a cada um dos senadores. E, como ninguém o segurasse, saiu como para depositá-lo no templo da Concórdia. Alguns cidadãos gritaram “que ele era a Concórdia em pessoa”. Retornou pelo mesmo caminho e garantiu

que não somente guardaria o punhal consigo mesmo, mas ainda aceitaria o cognome de “Concórdia”.

Persuadiu os senadores da necessidade do envio de delegações, acompanhadas de virgens vestais, para pedir a paz, ou, pelo menos, um prazo para deliberação. No dia seguinte, enquanto esperava a resposta, um batedor lhe anunciou a aproximação do inimigo. Acocorou-se numa cadeirinha e, com somente dois companheiros – o padeiro e o cozinheiro –, ganhou clandestinamente o Aventino e a casa paterna, para daí fugir rumo à Campânia. Logo, porém, como se espalhasse o boato, vago e incerto, de que a paz estava concluída, deixou-se reconduzir ao palácio. Ao encontrá-lo inteiramente deserto e ao sentir-se abandonado por todos os companheiros, cingiu um cinto cheio de moedas de ouro e se refugiou no camarim do guarda-portão, após ter amarrado um cachorro à porta e se entrincheirado atrás duma cama e dum colchão.

Os batedores do exército já haviam irrompido no palácio. E, como não encontrassem ninguém, começaram a esquadrinhar, como de costume, todos os cantos. Arrancaram o imperador do seu esconderijo, perguntando-lhe (pois não o conheciam) “se sabia onde estava Vitélio”. O príncipe os enganou com uma mentira. Ao ver-se, porém, reconhecido em seguida, não cessou de suplicar aos soldados – como se tivesse segredos a revelar, de interesse para a vida de Vespasiano – que consentissem em atendê-lo, custodiando-o, ou encarcerando-o. Afinal, ataram-lhe as mãos às costas, passaram-lhe uma corda ao pescoço, rasgaram-lhe as vestes e o arrastaram seminu até o Fórum, vexando-o, durante todo o percurso da Via Sagrada, à voz dos piores ultrajes e das mais tremendas injúrias. Puxaram-lhe a cabeça para trás pelos cabelos, como se faz com os criminosos, e chegaram até a levantar-lhe o queixo com a ponta duma espada, a fim de obrigá-lo a mostrar o rosto e impedir-lhe que o abaixasse. Muitos lhe jogaram excremento e lama. Outros lhe chamaram “incendiário” e “comilão”. Parte do povo lhe reprochava até mesmo os defeitos corporais (ele era, efetivamente, duma estatura enorme e apresentava uma cara rubicunda, em consequência do abuso do vinho, o ventre abobadado, uma perna um pouco fraca, machucada outrora por um carro no qual ajudava Calígula a dirigir). Por último, foi dilacerado a pequenos golpes e acabado de matar perto das gemônias e arremessado ao Tibre na ponta dum croque.

Pereceu (459) com seu irmão e seu filho, aos 57 anos de idade, sem desmentir a predição daqueles que, interpretando o augúrio de Viena, a que já nos referimos, asseguraram que ele tombaria sob o poder dum gaulês. De fato, foi vencido por Antônio Primo, chefe do partido adversário, nascido em Tolosa e que tivera, na infância, o apelido de “Bico de Galo”.

.....

Tito Flávio Vespasiano

O

IMPÉRIO, que a rebelião e o assassinio de três príncipes tornaram, por largo espaço de tempo, incerto e quase vacilante, fixou-se e afirmou-se, afinal, com a família Flávia – família obscura, na verdade, sem poder apresentar nenhum retrato de avoengos, mas da qual os romanos nada têm a queixar-se, muito embora esteja averiguado que Domiciano fora justamente punido pela sua avidez e pela sua crueldade. Tito Flávio Petro, do município de Reate (460), que acompanhara, durante a guerra civil, o partido de Pompeu (ignora-se se na qualidade de centurião ou na de veterano convocado), fugiu da batalha de Farsália e retirou-se à vida particular. Mais tarde, como tivesse obtido perdão e licença, desempenhou as funções de coletor de impostos. Petro foi recebedor da quadragésima na Ásia. Erigiram-lhe, nas cidades, estátuas com esta inscrição: “Ao recebedor íntegro.” Exerceu, a seguir, o mister de argentário, e morreu, deixando uma mulher, Vespásia Pola, e dois filhos que houvera dela. O mais velho, Sabino, chegou ao cargo de prefeito da cidade (461) e Vespasiano, o mais moço, ao governo do Império. Pola, nascida em Núrcia, de família nobre, era filha de Vespásio Polião, três vezes tribuno dos soldados e prefeito do acampamento, e da irmã dum senador revestido da dignidade pretorial. Existe ainda no sexto marco miliário, na estrada que leva de Núrcia (462)

a Espoleto (463), no pico duma montanha, um local chamado Vespásia, onde se encontram numerosos monumentos aos Vespásios, testemunho evidente do brilho e da ancianidade desta família. Alguns autores – eu o confesso – pretenderam que o pai de Petro, originário da região transpadana, foi um daqueles contratadores de operários que costumavam passar-se, cada ano, da Úmbria ao país dos sabinos, para aí cultivar as terras, fixando-se na cidade de Reate, onde se casou. Da minha parte, asseguro que não encontrei o menor traço sobre isso, apesar das minuciosas pesquisas que realizei.

Vespasiano nasceu (464) na Sabina, além de Reate, numa pequena povoação denominada Falacrine (465), aos 15 dias antes das calendas de dezembro, à tarde, sob o consulado de Quinto Sulpício Camerino e de Caio Pompeu Sabino, cinco anos antes da morte de Augusto. Educou-se sob a direção da sua avó paterna Tértula, nos seus domínios de Cosano (466). Por isso, uma vez imperador, visitou frequentemente esta morada da sua infância, deixando a casa tal como outrora, para que nada modificasse os objetos a que seus olhos estavam acostumados. Era-lhe tão cara a memória da avó que, nos dias de solenidade e de festa, continuava a beber no seu copinho de prata. Depois de ter vestido a toga viril, demonstrou, durante muito tempo, aversão pela laticlávica e tornou-se necessária a intervenção de sua mãe para constrangê-lo a pedi-la. Ainda assim, conseguiu-o ela menos pela sua insistência ou pela sua autoridade do que pelos seus sarcasmos, chamando-lhe de quando em vez, para feri-lo, “porteiro do seu irmão”. Serviu na Trácia como tribuno militar. Questor, obteve, por sorte, a província de Creta e de Cirene. Candidato à edilidade e, desde logo, à pretoria, não alcançou a primeira daquelas investidas (467) senão depois de haver experimentado reveses e ter sido colocado em sexto lugar, enquanto atingiu a segunda de chofre e figurando entre os primeiros. Pretor (468), nada poupou para atrair os favores de Caio, então irritado com o Senado. Solicitou jogos extraordinários para celebrar a vitória do imperador na Germânia e propôs agravar a pena dos conjurados, deixando-lhes os corpos insepultos. Agradeceu a Caio, perante as primeiras ordens do Estado, o ter-se dignado convidá-lo a partilhar da sua mesa.

Neste entretanto, desposou Flávia Domitila, que fizera outrora as delícias de Estatílio Capela, cavaleiro romano, da cidade de Sabrata,

na África. Ela não gozava senão do direito latino. Porém, à petição do seu pai Flávio Liberal, nascido em Ferentino e simples escrivão dum questor, os recuperadores, por sentença, declararam-na livre e cidadã romana. Dela teve três filhos: Tito, Domiciano e Domitila. Sobreviveu à sua mulher e à sua filha. Ao perdê-las, uma e outra, nada mais era do que um mero particular. Após a morte de Flávia, retomou para sua casa Cenide, liberta e secretária de Antônia (469), amada por ele outrora. Feito imperador, a pouco e pouco foi tratando-a como esposa legítima.

Sob o reinado de Cláudio, viu-se, pelo prestígio de Narciso, enviado à Germânia, na qualidade de delegado da legião. Daí passou à Bretanha (470), onde ofereceu 30 combates ao inimigo. Reduziu, ora sob o comando de Aulo Pláucio, legado consular, ora sob o do próprio Cláudio, duas poderosíssimas nações, mais de 20 praças fortes e a ilha de Vete, vizinha da Bretanha. Assim, recebeu os ornamentos triunfais e, com pequeno intervalo, um duplo sacerdócio. Além disso, honraram-no com o consulado (471), exercido durante os dois últimos meses do ano. Passou retirado, em descanso, todo o tempo decorrido até o seu proconsulado, por temor de Agripina, ainda com ascendência sobre o filho e a perseguir, rancorosamente, mesmo depois da sua morte, todos os amigos de Narciso. Mais adiante, como, por sorte, lhe tivesse cabido a África (472), administrou-a integerrimamente, fazendo-se senhor, aí, duma grande consideração, o que não impediu que, em Adrumeto, por ocasião duma revolta, lhe atirassem rabanetes. Em todo caso, de lá não retornou mais rico: perdido quase todo o crédito, hipotecou seus domínios ao irmão (473). Para manter o nível da sua dignidade, viu-se forçado a dedicar-se à profissão de contratador de azêmolas. Por isso chamavam-lhe comumente “o Muleteiro”. Acusado de haver extorquido 200 mil sestércios a um rapaz para quem obtivera a laticlória, contra a vontade do pai, foi, por esse fato, censuradíssimo. Companheiro de Nero na sua viagem à Acaia, ou porque chegasse no momento em que aquele príncipe cantava, ou porque saísse, ou porque dormisse na sua presença, incorreu na mais grave desgraça. Excluído não somente da intimidade do imperador, mas ainda da saudação pública, retirou-se para uma cidadezinha isolada, até o instante em que – apesar de escondido e temeroso da sua sorte – lhe foram oferecer um governo com um exército. Era uma antiga e sólida crença, difundida por todo o Oriente, predita pe-

los destinos, de que homens saídos da Judeia, naquela época, se tornariam os senhores do mundo. Este oráculo, que ia ser verdadeiro para um general romano, como os acontecimentos o demonstraram mais tarde, tomaram-no os judeus para si próprios e se revoltaram. Após o massacre do governador (474), expulsaram o legado consular da Síria (475), que acorrera em seu socorro, e tomaram-lhe uma águia. Como fosse necessário, para reprimir esta sublevação, um exército considerável e um general valente, a quem se pudesse confiar sem perigo tal empresa, Vespasiano teve a preferência sobre todos os demais, como um chefe competentíssimo e experimentado e do qual nada havia a temer, em virtude da obscuridade da sua família e do seu nome. Nestas condições, reforçou as suas tropas com duas legiões, oito esquadrões e dez coortes. Incluiu o nome do seu filho no rol dos seus lugar-tenentes. Desde que assentou o pé na sua província, atraiu sobre si a atenção das províncias vizinhas. Restabeleceu prontamente a disciplina e ofereceu um combate e, em seguida, outro, com tanta energia que, ao sitiar um forte, foi ferido no joelho por uma pedrada e aparou, no seu escudo, numerosas flechadas.

Depois de Nero e Galba, quando Óton e Vitélio disputavam o principado, Vespasiano também alimentou a esperança de chegar um dia ao governo do Império, esperança essa nascida, desde muito tempo, da verificação dos seguintes prodígios. Numa casa que os Flávios possuíam nas cercanias da cidade, havia um velho carvalho, consagrado a Marte, do qual, a cada um dos três partos de Vespásia, brotava, subitamente, uma nova vergõntea, indício, fora de toda e qualquer dúvida, do destino futuro de cada criança. A primeira rompeu débil e secou depressa. Eis por que a garota não passou dum ano. A segunda era forte e esbelta, pressagiando, assim, grande felicidade. A terceira assemelhava-se a uma árvore. Por isso, conta-se que o pai de Vespasiano foi, estribado na palavra dum arúspice, anunciar a sua mãe que “lhe nascera um neto que seria um César” e que esta rira a bom rir, admirando-se de “que seu filho já caducasse, enquanto ela possuía ainda uma cabeça perfeitamente sã”. Com o correr do tempo, já edil, Vespasiano foi alvo da fúria de Caio Calígula, porque não tivera o cuidado de mandar varrer as ruas. Ordenou este, então, que o cobrissem de lama. Como os soldados enchessem de lodo uma dobra da sua pretexto, não faltou quem murmurasse que a República, calcada aos pés e abando-

nada ao acaso, em meio a perturbações civis, ainda seria colocada sob a sua tutela e, por assim dizer, repousaria no seu regaço. Certa vez em que almoçava, um cão forasteiro trouxe, da rua, uma mão de homem, que atirou em cima da mesa. De outra feita, enquanto jantava, um boi de carro, ao sacudir o jugo, irrompeu no triclínio, pôs os escravos em fuga, e, em seguida, como estivesse inteiramente esgotado, caiu aos pés de Vespasiano, sentado à mesa, inclinando a nuca diante da sua pessoa. Um cipreste dos campos dos seus avós, arrancado e abatido sem que nenhuma tempestade tivesse sobrevindo, se levantou, no dia seguinte, mais verde e mais pujante. Na Acaia, sonhou que uma era de prosperidade começaria para si e para os seus, desde que conseguisse furtar um dente de Nero. E aconteceu que, posteriormente, ao entrar no vestíbulo do palácio, um médico lhe mostrou um dente de César, recém-acabado de extrair. Na Judeia, como consultasse o oráculo do deus do Carmelo, as sortes lhe disseram e garantiram que seus pensamentos e projetos, por mais extraordinários que fossem, venceriam. José, um dos mais nobres cativos, no instante em que o punham a ferros, não cessou de afirmar que cedo seria libertado pelo próprio Vespasiano, mas por Vespasiano feito imperador. A mesma coisa acontecia com os presságios da cidade. Nero, nos seus últimos dias, fora aconselhado, em sonho, a tirar do santuário o carro de Júpiter Boníssimo e Altíssimo para conduzi-lo à casa de Vespasiano e, de lá, ao Circo; pouco mais tarde, ao efetuar Galba os comícios do seu segundo consulado, a estátua do divino Júlio se voltara, de motu proprio, para o lado do Oriente; por ocasião da batalha de Bedriaco, antes do rompimento das hostilidades, duas águias se engalfinharam na presença de todo mundo e, como uma delas tivesse sido derrotada, surgiu, do lado do sol nascente, uma terceira, que expulsou a vencedora.

Entretanto, apesar da diligência e das instâncias dos seus, nenhuma tentativa levava avante antes de se ver solicitado pelo favor fortuito de algumas tropas longínquas e desconhecidas. Dois mil homens pertencentes às três legiões do exército da Mésia e que haviam sido remetidos em auxílio de Óton souberam, em marcha, que ele fora vencido e se suicidara. Contudo, continuaram seu caminho até Aquileia, sem emprestar o menor cunho de veracidade ao boato. Ali, aproveitando-se do ensejo e da liberdade, cometeram toda espécie de rapina e, como temessem, na volta,

prestar contas dos atos praticados e a imposição de castigos, resolveram eleger um imperador, “pois não se julgavam inferiores nem ao exército da Espanha, que coroara Galba, nem ao pretoriano, que coroara Óton, nem ao da Germânia, que coroara Vitélio”. Propostos os nomes dos legados consulares, fossem de que país fossem, rejeitaram-nos, a todos, por diversas razões. Como alguns soldados da terceira legião que, no momento da morte de Nero, haviam sido removidos da Síria para a Mésia fizessem o elogio de Vespasiano, assentiram todos e, sem mais espera, inscreveram-lhe o nome nas insígnias. De resto, os acontecimentos não foram além, naquele instante, pois, a pouco e pouco, as coortes se reintegraram na disciplina. Como, porém, se divulgasse o fato, Tibério Alexandre, prefeito do Egito, foi o primeiro a compelir as legiões a prestar juramento a Vespasiano no dia das calendas de julho, dia esse considerado daí por diante como sendo o do seu advento ao trono. O exército da Judeia lhe prestou fidelidade na sua própria presença, aos cinco dias antes dos idos de julho. A maior contribuição, porém, para o sucesso da sua empresa deve-se à difusão da cópia duma carta, verdadeira ou falsa, do falecido Óton (476) a Vespasiano, em que aquele imperador, nos termos mais solícitos, lhe confiava a tarefa de vingá-lo e formulava votos para que corresse ao amparo da República. Assim, também, a notícia semeada ao mesmo tempo de que Vitélio, vencedor, decidira mudar os quartéis de inverno das legiões e transportar para o Oriente os da Germânia, proporcionando-lhe, desta forma, um trabalho mais tranquilo e mais agradável. De outro modo, assinala-se, ainda, o concurso de Licínio Muciano, um dos governadores da província, e de Vologeso, rei dos partos. O primeiro, renunciando ao ódio que por inveja lhe votava e prometendo-lhe a assistência do exército da Síria (477). O segundo, a ajuda de 40 mil sagitários.

Iniciou, pois, a guerra civil. Como tivesse enviado à Itália, na sua frente, seus generais e suas tropas, passou a Alexandria, a fim de se assenhorar da chave do Egito. Aí, desejando consultar o oráculo a respeito da duração do seu reinado, entrou, sozinho e sem testemunhas, no templo de Serápide. De posse do favor pleno do deus, retirava-se, afinal, quando acreditou ver seu liberto Brasília oferecer-lhe, segundo o uso estabelecido naquele local, verbena, coroas e presentes, embora fosse evidente que ninguém poderia tê-lo introduzido no templo, pois que uma enfermidade

da circulação quase o impedia de caminhar e, além disso, se encontrava longe dali. Pouco mais tarde, chegou uma carta anunciando que as tropas de Vitélio haviam sido batidas em Cremona e que o imperador fora assassinado na cidade. A Fortuna revestiu, assim, a personalidade de Vespasiano de dois atributos necessários, como é natural, a um príncipe improvisado e ainda novo: autoridade e uma quase majestade. Dois homens do povo, um cego, outro coxo, foram procurá-lo, ao mesmo tempo, no seu tribunal, suplicando-lhe que os curasse, certos como estavam de que Serápide lhes assegurara, enquanto dormiam, que um recobriria a vista se o imperador lhe cuspiasse nos olhos e o outro caminharia direito se ele se dignasse tocá-lo na perna com o pé. Vespasiano, sem dar crédito ao sucesso dum tal cura, não ousou nem mesmo tentá-la. Alfim, cedendo aos empenhos dos amigos, resolveu realizar publicamente, diante da multidão, uma e outra experiências. O êxito foi excelente. Por essa mesma época, em Tegeia, na Arcádia, à instigação dos adivinhos, desenterraram-se vasos antigos, escondidos num lugar sagrado, nos quais se achava gravada uma figura parecidíssima com Vespasiano.

Foi assim, aureolado de imensa fama, que retornou a Roma. Após haver recebido as honras do seu triunfo sobre os judeus (478), aditou, ao antigo, mais oito consulados (479). Encarregou-se também da censura (480) e durante todo o seu reinado não pensou em outra coisa senão em, primeiramente, consolidar a República e, depois, em ilustrá-la. Os soldados, uns pela excessiva confiança na sua vitória, outros pela dor experimentada na ignomínia, atingiram o cúmulo da libertinagem e da audácia. Além do mais, o motim grassava nas províncias, nas cidades livres, assim como em certos reinos. Vespasiano dissolveu grande parte das tropas de Vitélio e reprimiu o restante. E longe de conceder depressa as vantagens extraordinárias aos que haviam cooperado para o êxito final, somente muito mais tarde é que lhes concedeu o devido. Para não perder nenhuma oportunidade de corrigir os costumes não se contentou em repelir, apenas, com um gesto desdenhoso, um rapazinho que chegara à sua presença, perfumadíssimo, para lhe agradecer a nomeação ao cargo de prefeito, mas exprobrou-o acremente, dizendo-lhe: “Gostaria mais se cheirasse a alho!” E demitiu-o. Os marinheiros (481) que iam, alternadamente, a pé, de Óstia e de Puzoles a Roma, pediram-lhe uma indenização

para o calçado. Como não lhe parecesse bem deixá-los partir sem resposta, ordenou que, daí por diante, o percurso fosse feito de pé no chão. E nunca mais o palmilharam de outra forma. Reduziu a províncias romanas a Acaia (482), a Lícia, Rodes, Bizâncio, Samos, assim como a Trácia, a Cilícia e a Comagena, que se achavam até então sob a dominação real. Postou legiões na Capadócia, em consequência das incursões contínuas dos bárbaros, e aí estabeleceu um governo consular, em lugar dum cavaleiro romano. Como a cidade estivesse desfigurada por antigos incêndios e escombros, permitiu que qualquer pessoa tomasse posse dos terrenos vazios e neles construísse, caso seus verdadeiros proprietários, por incúria, não o fizessem. Ele mesmo empreendeu a reconstrução do Capitólio e removeu o entulho nos seus próprios ombros. Repôs três mil chapas de bronze desaparecidas simultaneamente do Capitólio. Procuraram-se cópias em todos os cantos. Era a mais bela e a mais antiga coleção do Império. Continha, quase desde a origem da cidade, os *senatus consultos*, os plebiscitos relativos às alianças, aos tratados e aos privilégios concedidos a cada qual.

Realizou novas construções: o templo da Paz, nas proximidades do Fórum; o do divino Cláudio (483), no monte Célio, começado por Agripino, mas quase totalmente destruído por Nero; um anfiteatro no meio da cidade, tal como o planejara Augusto. Depurou as duas primeiras ordens do Estado, esgotadas por vários assassinios e poluídas por uma negligência inveterada. Completou-as, organizando o recenseamento dos senadores e dos cavaleiros. Expulsou das suas fileiras os membros mais indignos e chamou para integrá-las os mais honrados cidadãos da Itália e das províncias. E para que ficasse bem patente que as duas ordens não diferiam tanto entre si pela liberdade, mas sobretudo pela dignidade, sentenciou, na contenda dum padre conscrito com um cavaleiro romano, “que não se devia injuriar os senadores, mas era legal e permitido revidar injúria por injúria”.

O número de processos (tanto os velhos como os novos) crescerá por toda a parte, em virtude não só da interrupção do funcionamento das alçadas, mas também pelas condições tumultuosas da época. Escolheu, por sorteio, os juízes que deveriam tratar da restituição dos bens arrebatados durante a guerra e despachar, extraordinariamente, as demandas da competência dos centúviro, os quais, segundo lhe parecia, não podiam ser contestados por litigantes.

Como não encontrassem barreiras, a libertinagem e o luxo progrediram assustadoramente. Vespasiano, então, propôs ao Senado um decreto pelo qual toda mulher que se unisse ao escravo de outrem seria tida como serva, e todo usurário que emprestasse aos filhos de família jamais teria o direito de cobrar a dívida, mesmo depois que lhes morressem os pais.

Em tudo mais, desde o início do seu principado até o fim, agiu com brandura e clemência. Jamais dissimulou a sua origem humilde. Pelo contrário, dela se gloriava frequentemente. Além disso, foi o primeiro a rir-se daqueles que procuravam fazer remontar a família Flávia aos fundadores de Reate e a um companheiro de Hércules, cujo monumento se encontra na Via Salária. Ambicionava tampouco qualquer espécie de pompa exterior que, no dia do seu triunfo, fatigado e aborrecido da lentidão do cortejo, não pôde deixar de confessar “que estava justamente punido por ter, na sua idade, tão tolamente desejado o triunfo; como se fora ele devido aos seus antepassados ou algum dia o tivera aguardado”. Não aceitou senão muito tardiamente o poder tribunício e o título de “pai da pátria”. Renunciara, desde os tempos da guerra civil, ao uso de revistar as pessoas que iam saudá-lo (484).

Suportou com extrema benignidade a franqueza dos amigos, as alusões dos advogados e a arrogância dos filósofos. Licínio Muciano, de quem se conheciam os costumes infames, mas cujos serviços eram de grande valor, devotava-lhe pouco respeito. Vespasiano só o censurava secretamente, porém, quando dele se queixava a um amigo comum, gostava de comentar: “Eu, pelo menos, sou um homem.” (485) Como Sálvio Libera ousasse, ao defender um constituinte rico, perguntar: “Que importa a César que Hiparco possua cem milhões de sestércios?”, o imperador louvou-o por estas palavras. Ao encontrá-lo, em caminho, após sua condenação, Demétrio o Cínico não se dignou nem levantar-se, nem saudá-lo e, ainda por cima, ladrou não sei que vitupério. Ele se contentou apenas com o chamar-lhe cachorro.

Longe de se lembrar das inimizades e de se vingar das ofensas, não só casou magnificamente a filha de Vitélio, seu inimigo, mas chegou até a dotá-la e a abastecê-la de tudo. Sob o reinado de Nero, quando a corte lhe estava interdita, ao perguntar certa vez, nervoso, a um dos oficiais

de serviço, “o que devia fazer e para onde deveria ir”, este, pondo-o para fora, contestou-lhe “que fosse para todos os diabos!” Mais tarde, ao pedir-lhe perdão aquele militar, limitou a expressão do seu ressentimento em lhe dar quase exatamente a mesma resposta. Mostrou-se sempre tão contrário a sacrificar alguém aos seus temores e às suas suspeitas que – não obstante as advertências dos amigos, no sentido de induzi-lo a desconfiar de Mécio Pomposiano, que, graças ao seu horóscopo, passava como indigitado ao trono – o nomeou cônsul, asseverando que ele, algum dia, ainda se haveria de recordar do bem que lhe estava sendo praticado.

Seria difícil encontrar-se um inocente punido sob o seu governo, a menos que isso se verificasse na sua ausência (486), sem o seu conhecimento, contra a sua vontade, ou porque o tivessem embaído. Helvídio Prisco fora o único a saudá-lo, no seu retorno da Síria, com o simples nome de *Vespasiano*. E durante o exercício da sua pretoria, nos éditos, não lhe prestava as homenagens devidas ao imperador. Vespasiano não se agastou com ele senão no dia em que, por ocasião duns debates judiciários, com extrema insolência, quase o tratara como mero cidadão particular. Após havê-lo primeiramente banido, ordenou, depois, a sua eliminação. Quis, porém, salvá-lo a todo custo, enviando contra-ordem aos verdugos. Se lhe não tivessem anunciado, falsamente, o seu justicamento, Helvídio teria escapado. Aliás, longe de se rejubilar com a morte de quem quer que fosse, chorava e deplorava mesmo as penas aplicadas justamente.

A única censura que lhe pode caber, com razão, é a de ter amado demasiadamente o dinheiro. Com efeito, não contente com o restabelecimento dos impostos abolidos por Galba, com o haver-lhes acrescentado novos e pesados e com o ter aumentado e, algumas vezes, duplicado os tributos provinciais, exerceu publicamente tráficis vergonhosos, até para um indivíduo privado, como comprar certos objetos e revendê-los, em seguida, com lucro. Não hesitou em vender cargos aos candidatos, nem absolvições aos réus, tanto aos inocentes como aos culpados. Acredita-se, também, tivesse por hábito alçar propositadamente aos mais altos empregos os mais rapaces dos seus agentes, a fim de que, quando ricos, pudesse condená-los. Era voz de que se servia deles como de esponjas: secas, molhava-as; úmidas, expremia-as. Afirmavam alguns que, nisto, seguia ele a sua cupidez natural, tal como lhe reprochava um velho vaqueiro que, por não ter podido obter

gratuitamente a liberdade que lhe suplicara, logo ao haver assumido as rédeas do Império, exclamou “que a raposa mudava de pelo, mas não de caráter”. Outros, porém, asseguram o contrário, crendo que a necessidade, em consequência da extrema penúria do tesouro e do fisco, o compeliu à rapina e à pilhagem. Atesta-o a seguinte declaração formulada por ele próprio, desde o começo do seu principado: “A República, para subsistir, precisa de quatro bilhões de sestércios.” Esta opinião parece verossímil, pois empregou excelentemente tudo quanto fora mal adquirido.

Liberalíssimo para com todo mundo, completou o subsídio dos senadores (487), instituiu uma pensão anual de 500 mil sestércios para os consulares pobres, reconstruiu, embelezando-as, numerosíssimas cidades do Império, destruídas por tremores de terra ou por incêndios.

Protegeu, acima de tudo, o talento e as artes. Foi o primeiro a conceder, a expensas do fisco, uma pensão anual de cem mil sestércios aos retóricos gregos e latinos. Ofertou ricos presentes e uma gratificação vultosa aos poetas eminentes, assim como aos artistas. Por exemplo, ao autor da *Vênus de Cós* e restaurador do Coliseu (488). Como um mecânico lhe promettesse transportar com pouca despesa as enormes colunas para o Capitólio, comprou-lhe o plano por uma grande soma, mas não lhe permitiu a execução, pedindo-lhe “que deixasse viver o povo pobre”.

Para os jogos consagratórios do teatro de Marcelo, restaurado, chamara os artistas mais experimentados. Ao trágico Apolinário brindou cem mil sestércios. Aos citaristas Terpno e Diodoro, 200 mil. A alguns outros, cem mil. Os que receberam menos tiveram 40 mil sestércios, afora um sem-número de coroas de ouro. Oferecia, também, com frequência, banquetes e, quase sempre, suntuosos e magníficos, para dar o que ganhar aos negociantes de comestíveis. Dava regalos de mesa aos homens durante os saturnais e às mulheres no dia das calendas de março (489). Contudo, não conseguiu apagar a sua antiga reputação de avareza. Os habitantes de Alexandria continuaram a apelidá-lo de *Cybiosacte* (490), tirado do nome dum dos seus reis (491) poluído de ignóbil avareza. Nos seus funerais, Fávior, chefe dos pantomimos, que, como era costume, o representava e lhe arremedava os atos e as palavras, perguntou publicamente aos procuradores “quanto teriam custado o esquite e as exéquias”. Como a resposta fosse a

de “que custaram dois milhões de sestércios”, exclamou o histrião “que lhe dessem cem mil e o jogassem no Tibre”.

Era de compleição quadrangular. Os membros compactos e reforçados e o semblante de quem está se esforçando. Daí a frase dum gracedor a quem ele pedia insistentemente uma pilhéria à sua própria custa: “Eu a farei quando tiveres cessado de aliviar teu ventre.” Gozou sempre de esplêndida saúde, embora para conservá-la não fosse além de friccionar ritmicamente a garganta e as outras partes do corpo com a palma da mão e, um dia por mês, conservar-se em dieta.

Eis aqui, pouco mais ou menos, a organização da sua existência. Eleito imperador, levantava-se cotidianamente muito cedo e, às vezes, antes do sol nascer. A seguir, lida a correspondência e os relatórios, de todos os oficiais do palácio, deixava entrar os amigos. Enquanto estes o saudavam, calçava-se ele mesmo e se vestia. Postos em ordem os negócios estatais que lhe eram apresentados, passeava de liteira. Feito isso, entregava-se ao repouso tendo ao lado uma das numerosas concubinas que, morta Cenide, escolhera para substituí-la. Ao terminar o descanso, passava para a sala de banhos e daí para o triclínio. Era este o momento – assevera-se – em que o humor lhe repontava mais tratável e mais indulgente. Era também o momento escolhido com interesse, pelas pessoas de casa, para a solicitação de mercês.

Cheio de afabilidade à mesa, como, de resto, a toda hora, tratava de muitos negócios entre chocarrices. Era tão escarnekedor, tão faceto, tão rude que não recuava diante de palavras obscenas. Citam-se dele, todavia, algumas expressões espirituosíssimas, como esta: Méstrio Floro, personagem consular, advertira-o de que era necessário pronunciar *plaustra* e não *plostra*. No dia seguinte, ao saudá-lo, Vespasiano chamou-lhe *Flaurus*. Vencido pelos assédios duma mulher que se fingia apaixonada por ele, mandou dar-lhe cem mil sestércios pela concubinagem. Ao perguntar-lhe o seu intendente como deveria lançar essa quantia nos livros de contas, respondeu: “Por Vespasiano sinceramente amado...”

Citava, muito a propósito, versos gregos, como este que aplicou a um homem de alta estatura e enorme membro viril:

“...avançando a largos passos e brandindo uma lança
que projeta longe a sua sombra” (492).

Como Cerilo, liberto riquíssimo, pretendesse sonegar direitos ao fisco, inculcando-se como homem livre e tendo até trocado o nome pelo de Laquete, Vespasiano ponderou: “Ó Laquete, Laquete, quando morres serás sempre Cerilo!” Entretanto, foi especialmente sobre os seus lucros vergonhosos que mais exercitou o seu humorismo, naturalmente para encobrir um caso odioso com uma galhofa e, assim, apresentá-lo como brincadeira. Pedindo-lhe um dos seus serviçais favoritos que concedesse o lugar de despenseiro a uma pessoa de quem se dizia irmão, Vespasiano adiou a resposta. Mais tarde, porém, mandando trazer o candidato à sua presença, exigiu-lhe a soma que prometera ao seu protetor e o instalou sem demora. Passado algum tempo, novo pedido da parte do mesmo favorito: “Procure”, replicou-lhe o imperador, “outro irmão. Aquele que supunhas teu, tornou-se meu.” Em viagem, suspeitou de que o arrieiro só se apareara para ferrar as mulas, a fim de que um litigante tivesse tempo de abordá-lo. Perguntou-lhe, então, “quanto recebera pelas ferraduras” e cobrou-lhe a metade. Censurou-o seu filho Tito por ter criado um imposto sobre a urina. Vespasiano, metendo-lhe no nariz a primeira moeda recebida do novo tributo, interrogou-o “se se sentia incomodado com o seu cheiro”. Tito contestou-lhe que não. “Sem embargo”, retrucou-lhe o imperador, “provém da urina.” Uma delegação fora anunciar-lhe que lhe havia sido conferida uma estátua colossal, de preço considerável. “Ponde-a aqui, imediatamente”, disse Vespasiano aos embaixadores, mostrando-lhes o côncavo da palma da mão, “ei-lo, o pedestal já está pronto.” Nem o perigo nem o temor da morte o impediram de gracejar. Como, entre outros prodígios, aparecesse aberto, subitamente, o mausoléu dos Césares e surgisse um cometa no céu, dizia que o primeiro destes augúrios se relacionava com Júnia Calvina (493), da família de Augusto e o segundo com o rei dos partos, dono duma espessa cabeleira. Pronunciou, também, aos primeiros sintomas da sua doença, estas palavras: “Ao que me parece, começo a ser deus.”

No seu nono consulado, presa, em Campânia, de ligeiros ataques de febre, retornou logo e se alojou em Cutílias (494) e nas suas terras de Reate, onde costumava, todos os anos, passar o verão. Aí, se bem o abuso da água fria lhe tivesse estragado completamente o estômago, agravando-se o mal, não faltou, segundo os seus hábitos, aos deveres de chefe

de Estado e concedia audiências no seu próprio leito. Sentindo-se, porém, repentinamente desfalecer após uma diarreia, afirmou “que um imperador devia morrer de pé”. E ao realizar um esforço para se reerguer faleceu (495) nos braços daqueles que o amparavam, aos nove dias antes das calendas de julho, com a idade de 69 anos, um mês e sete dias.

Todo o mundo concorda em que estava de tal maneira seguro do seu horóscopo e do de seus filhos que, em seguida às frequentes conspirações tramadas contra ele, ousava asseverar ao Senado “que, a não ser seus filhos, ninguém mais o sucederia”. Refere-se, também, que ele vira uma noite, em sonho, colocada ao centro do vestíbulo do seu palácio, uma balança em perfeito equilíbrio, tendo num dos pratos Cláudio e Nero, e no outro ele e seus filhos. Os acontecimentos não o enganaram. Reinaram uns tanto quanto os outros, durante o mesmo número de anos (496).

.....

Tito Vespasiano Augusto

TITO (que usava o mesmo sobrenome do pai) foi o amor e a delícia do gênero humano, tanto soube merecer a afeição universal quer pelo seu talento, quer pela sua estrela. Porque lhe era tanto mais difícil sê-lo como imperador do que como simples cidadão particular, não o foi todavia sem incorrer na reprovação e no ódio dos seus contemporâneos. Nasceu (497) aos três dias antes das calendas de janeiro – ano memorável da morte de Calígula – perto do Setizônio (498), numa casa sórdida e num quarto pequeníssimo e escuro que ainda hoje existem e podem ser vistos.

Educado na corte com Britânico, estudou igualmente as mesmas disciplinas com os mesmíssimos professores. Narra-se que, por esta época, um fisionomista, chamado de Narciso, liberto de Cláudio, para examinar Britânico, afirmara com absoluta segurança que este príncipe jamais reinaria, ao passo que Tito, então ao seu lado, chegaria a ser, com certeza, imperador. Eram ambos tão íntimos que, se conta, Tito comeu também do veneno servido a Britânico, junto de quem se assentara à mesa e, por isso, se viu, durante muito tempo, atacado de grave enfermidade. Repleto destas lembranças, o companheiro, mais tarde, elevou-lhe, no seu palácio, uma estátua de ouro e consagrou-lhe outra, equestre, em marfim,

acompanhando-a pessoalmente, e que, na atualidade, ainda é conduzida por ocasião das cerimônias do Circo.

Os atributos físicos e intelectuais nele esplenderam desde a infância e, à medida que crescia em idade, mais e mais se desenvolviam. Era uma bela figura que aliava a graça à majestade. Possuía uma força extraordinária, se bem pouco saliente, uma memória singular, uma predisposição para quase todas as artes da paz e da guerra. Habilíssimo no manejo das armas e no montar a cavalo, não o era menos no da língua latina e da grega, que falava com desembaraço e nela compunha versos com tanta espontaneidade que ia até ao improviso. Menos conhecida não lhe era a música, a ponto de cantar e tocar cítara com desenvoltura e método. Colhi, entre várias pessoas, que ele se habituara a anotar as palavras com extrema rapidez e que, às vezes, lutava por esporte e brincadeira com os seus secretários. Imitava também todos os talhes de letra que se lhe apresentassem e, em repetidas ocasiões, confessou “que poderia ter sido um excelente falsário”.

Serviu como tribuno militar na Germânia e na Bretanha, não só com talento, mas com modéstia e fama. Tanto assim que aparece em numerosíssimas estátuas, imagens e inscrições obtidas naquelas duas províncias. Terminadas as campanhas, dedicou-se ao Fórum, mais com brilho do que com assiduidade. Por essa mesma época desposou Aricídia Tértula, filha dum cavaleiro romano, outrora prefeito das coortes pretorianas. Falecida, substituiu-a por Márcia Furnila, de nobre nascimento, mas de quem, após lhe haver nascido uma filha, se divorciou. Ao deixar a questura, colocaram-no à frente duma legião. Aí, reduziu ao seu poder Tariqueia e Gamala, duas das mais poderosas cidades da Judeia. Numa batalha, morto o cavalo em que montava, saltou para cima de outro, cujo cavaleiro tombara lutando ao seu lado.

Assim que Galba assumiu as rédeas do Império, Tito foi enviado para felicitá-lo e, pelo caminho, atraiu as atenções de toda gente, como se essa viagem se relacionasse com a sua adoção. Desde, porém, que constatou (499) novas perturbações por toda parte, fez meia-volta e correu a consultar, sobre o sucesso da sua travessia, o oráculo da Vênus de Pafos, que lhe confirmou as esperanças quanto ao principado. Ao sentir-se, logo, senhor do seu desejo e prosseguindo na Judeia por vontade do pai, a fim de concluir a submissão desta província, matou, no último assalto contra

Jerusalém, 12 defensores da praça com 12 flechadas. Conquistou-a no dia do aniversário natalício da sua filha. A alegria e o entusiasmo dos soldados foram tais que o saudaram e o felicitaram sob o título de “imperador”. Pouco depois da sua partida dali pediram-lhe as tropas, ora com súplicas, ora com ameaças, “que ou ficasse, ou as levasse com ele”. Por isso, dele suspeitaram como tendo querido revoltar-se contra o próprio pai e usurpar-lhe, em proveito pessoal, a realeza do Oriente. Essas desconfianças mais se robusteceram ainda quando, ao chegar a Alexandria e sacrificar em Mênfis ao boi Ápis, colocou o diadema na cabeça. Na realidade, tratava-se do uso e do rito duma antiga religião, mas não faltou quem interpretasse o gesto de forma inteiramente diversa. Desse modo, apressou-se em ganhar a Itália e, após haver tocado em Régio e em Puzoles, num navio de carga, tomou a direção de Roma tão rapidamente quanto possível. E para provar a falsidade dos boatos espalhados a seu respeito exclamou ao pai, surpreso com a sua chegada: “Eis-me aqui, meu pai, eis-me aqui!”

Daí por diante, nunca mais cessou de se associar e até mesmo tutelar o Império. Triunfou com o pai e com ele exerceu a censura (500). Foi também seu colega no poder tribunício e em sete consulados mais (501). Encarregado da tarefa de tudo regularizar, ditava cartas em nome de Vespasiano, redigia éditos e lia-lhe também os discursos no Senado, do lugar dos questores. Tinha, da mesma forma, sob os seus cuidados, a prefeitura do pretório, até então administrada por um cavaleiro romano. Nestas funções demonstrou algum rigor e violência. Efetivamente, aliciou gente nos teatros e nos acampamentos para exigir, como se agisse em nome da maioria, o suplício de todos aqueles que lhe eram suspeitos. Fê-los perecer sem hesitação. Neste número incluía-se Aulo Cecina (502), personagem consular que, convidado para uma ceia, foi, ao sair do triclínio, traspassado com várias punhaladas. Na verdade, o perigo era iminente, pois Tito apreendera o manuscrito dum discurso que Cecina tencionava dirigir aos soldados. Se, com esta conduta, por um lado conseguiu garantir o futuro, entretanto, por outro, tendo em vista o presente, atraiu tanto ódio que raramente se terá assistido a um príncipe subir ao trono com reputação mais precária e tão larga impopularidade.

Além da sua truculência, suspeitava-se de que fosse também um devasso, porque prolongava suas orgias até à meia-noite, em companhia

de amigos os mais dissolutos. Da mesma forma, de libidinagem, porque se rodeara dum grupo de favoritos e eunucos e deixava fulgurar seu amor pela rainha Berenice, a quem – afirma-se – prometera casamento. Tinham-no igualmente na conta dum rapinante porque, como era sabido, nos negócios da jurisdição do pai, costumava traficar com a justiça. Em suma, acreditava-se e assegurava-se, abertamente, que seria um novo Nero. Este conceito, porém, redundou em vantagem para ele e provocou, a seu respeito, os maiores elogios, ao verificar-se que não possuía nenhum vício, mas, pelo contrário, as mais altas virtudes. Ofereceu banquetes mais agradáveis do que suntuosos. Escolheu amigos nos quais os príncipes que lhe sucederam se apoiaram e dos quais se serviam particularissimamente, como se César e a República não pudessem passar sem os seus serviços. Sem demora, expulsou Berenice de Roma, contra a sua e contra a vontade dela. Cessou não somente de dispensar vigorosa proteção aos seus favoritos mais queridos, mas ainda de vê-los nalguma reunião pública, se bem fossem eles hábeis dançarinos e mais tarde tivessem brilhado na cena. Jamais praticou iniquidades contra qualquer cidadão. Respeitou sempre o bem alheio mais do que ninguém, e recusou-se a aceitar até mesmo os presentes de praxe. Contudo, não cedeu, em magnificência, a nenhum dos seus predecessores. Depois de ter inaugurado o anfiteatro (503), e construído prontamente as termas ali perto, realizou jogos tão luxuosos como copiosos. Fez representar, também, uma batalha naval (504). Nesse mesmo local se efetuaram ainda combates de gladiadores e num só dia apareceram cinco mil feras de todas as espécies.

Caráter benevolentíssimo, derogou a tradição cesariana, baseada nos princípios de Tibério, segundo a qual se consideravam nulos todos os favores outorgados pelos seus predecessores, caso o novo imperador não desse a mesma preferência aos antigos beneficiários. Foi ele o primeiro a confirmar todos os atos pretéritos do governo, sem esperar que, nesse sentido, lhe fosse feito pedido algum. A propósito das outras mercês que lhe eram solicitadas, teve sempre por preceito não despachar ninguém sem esperança. Além disso, como as pessoas da sua casa lhe fizessem sentir “que prometia mais do que podia dar”, retrucou-lhes que “ninguém devia retirar-se descontente com as palavras do príncipe”. Lembrando-se, duma feita em que ceava, de que no decorrer daquele dia nada havia concedido

a quem quer que fosse, pronunciou esta frase memorável e justamente exaltada: “Meus amigos, perdi hoje o meu tempo!” Tratava, em todos os ensejos, a massa popular principalmente, com tanta indulgência que, tendo-se anunciado certa vez um espetáculo de gladiadores, declarou “que o daria de acordo com a vontade da assistência e não de acordo com a sua própria vontade”. E não fugiu à palavra dita, pois nada recusou do que lhe foi pedido e até mesmo adjurou a multidão a que lhe pedisse o que bem entendesse. Ademais, demonstrando predileção pelos trácios, discutiu repetidas vezes com o povo, falando e gesticulando, como se tomasse partido por este ou por aquele, mas tudo isso sem comprometer nem a sua majestade, nem a sua retidão. Para nada descurar em face da popularidade, deixava frequentemente entrar o público nas termas à hora em que se banhava. Registraram-se sob o seu reinado alguns acidentes dolorosos, tais como a erupção do monte Vesúvio, na Campânia (505), um incêndio em Roma de três dias (506) e três noites de duração e uma peste (507) como jamais se vira igual. Em meio a tantas e tão grandes infelicidades, manifestou não somente a solicitude dum príncipe, mas ainda a ternura dum pai, ora consolando o povo com éditos, ora socorrendo-o na medida das suas possibilidades. Sorteou, entre os consulares, os curadores incumbidos de reparar as ruínas da Campânia. Empregou na reconstrução das cidades os bens daqueles que haviam perecido na catástrofe do Vesúvio e que não possuíam herdeiros. Após o incêndio da cidade, declarou que arcaria com todos os prejuízos públicos e destinou todos os ornamentos do seu palácio à restauração dos monumentos e dos templos. E a fim de que se acelerasse a conclusão destes trabalhos nomeou, para superintendê-los, numerosíssimos cavaleiros romanos. Para curar e lenir o padecimento dos doentes, não olvidou nenhum auxílio humano ou divino, havendo recorrido a toda sorte de sacrifícios e de remédios. Entre os flagelos daqueles tempos contavam-se os delatores e os subornadores, resquícios do antigo desregramento. Depois de ter mandado chicoteá-los e fustigá-los inúmeras vezes no Fórum e expô-los no último lugar da arena e do anfiteatro, ordenou que fossem vendidos uns como escravos e deportados outros para as ilhas mais inóspitas. Com o fito de reprimir para sempre semelhantes excessos, baixou, entre outros dispositivos, um em que proibia a aplicação de várias leis para

o mesmo delito e mandava inquirir sobre as condições das pessoas falecidas além dum determinado número de anos.

Asseverou que não aceitaria o pontificado máximo (508) senão para conservar puras as suas mãos. E cumpriu a afirmativa. Daí por diante não mais foi autor nem cúmplice da morte de ninguém, não obstante lhe surgisse algumas vezes a oportunidade para vingar-se. Jurou que tombaria ele próprio antes de fazer tombar quem quer que fosse. Dois patrícios se viram acusados de almejar o governo do Império. Contentou-se com incitá-los a renunciar aos seus propósitos, dizendo-lhes “que o principado era dom do destino”. Prometeu-lhes ainda atendê-los, caso pretendessem alguma coisa alhures. E enviou imediatamente seus correios à mãe dum deles, distante dali, para acalmar-lhe a ansiedade e anunciar-lhe que seu filho estava salvo. Quanto ao mais, não somente convidou os dois réus para um jantar íntimo, mas no dia seguinte colocou-os intencionalmente ao seu lado num espetáculo de gladiadores. E, ao apresentarem-lhe as armas dos combatentes, estendeu-as, também a eles, para que as examinassem. Refere-se até mesmo que, após ter tido conhecimento do horóscopo de um e de outro, assegurou-lhes “que estavam ambos ameaçados dum perigo, porém dum perigo futuro, que não viria absolutamente da sua parte”. Os fatos o confirmaram. Relativamente ao seu irmão, que não descansava de lhe armar ciladas, não se resolveu nem a eliminá-lo, nem a prendê-lo, nem a tratá-lo de maneira menos honrosa. Continuou, como desde o primeiro dia do seu reinado, a considerá-lo seu colega e seu sucessor. Muitas vezes chamava-o de lado e o conjurava, com rogativas e lágrimas, “a aceitar a reciprocidade de sentimentos”.

Foi cercado destas circunstâncias que a morte o surpreendeu, mais para desgraça da humanidade do que mesmo para sua. Finalizando um espetáculo, onde derramara abundante pranto, em presença do povo, partiu para a Sabina um pouco triste porque a vítima se lhe escapara em meio a um sacrifício que oferecera e também porque, sereno o céu, ouvira trovejar. Atacado pela febre desde a primeira etapa, prosseguiu a viagem de liteira. Conforme se relata, afastando as cortinas da cadeirinha, olhou para o firmamento e se queixou amargamente “de que lhe fosse arrebatada a vida sem que o merecesse, pois não tinha por que se arrepender dos seus atos, exceto dum”. Que ato seria esse? Não o revelou então, e não é

fácil adivinhá-lo. Pensam alguns que aludia às relações que teria tido com a mulher do seu irmão. Domícia, porém, jurava por tudo quanto era de mais sagrado como não coabitara com ele. Ora, longe de negar o fato, se autêntico, ela se teria gloriado de cometê-lo como, de resto, se empenhava em fazê-lo, em se tratando de todos os seus opróbrios.

Morreu (509) na mesma casa de campo em que expirara seu pai, aos idos de setembro, dois anos, dois meses e 20 dias após haver recebido a sucessão paterna, com 41 anos de idade. Ao espalhar-se a notícia do seu desaparecimento, todos os cidadãos o choraram como se tivessem perdido um membro da família. O Senado, antes mesmo de convocado por um édito, acorreu à Cúria, cujas portas ainda se achavam cerradas. Fê-las abrir sem demora e cumulou o príncipe morto de tantos louvores e ações de graças como nunca lhe havia prodigalizado enquanto vivo e presente.

.....

Tito Flávio Domiciano

DOMICIANO NASCEU (510) aos nove dias antes das calendas de novembro – sendo seu pai cônsul designado e devendo, no mês seguinte, assumir as funções do cargo – no sexto bairro da cidade, no Malum Punicum, numa casa mais tarde convertida por ele mesmo em templo da família Flávia. Passou, conta-se, sua juventude e o começo da sua adolescência numa tal penúria e numa tal infâmia que não possuía, para o seu uso, um vaso de prata sequer. É fato incontroverso que Clódio Polião, antigo pretor, contra o qual há um poema de Nero intitulado *O Zarolho*, conservava e mostrava um bilhete do próprio punho de Domiciano prometendo-lhe “uma noite”. Afirma-se que ele foi desonrado também por Nerva, mais tarde seu sucessor. Na guerra de Vitélio, refugiou-se no Capitólio com o seu tio Sabino e uma parte das tropas presentes. Como seus adversários irrompessem aí e o templo ardesse em chamas, passou a noite escondido na casa do guarda. Na manhã seguinte, disfarçado sob o hábito de sacerdote de Ísis (511) e misturado com os ministros dessa vã superstição, retirou-se para além do Tibre, na casa da mãe dum de seus condiscípulos, seguido dum único companheiro. Tão bem se escondeu aí que não pôde ser descoberto por aqueles que o procuravam e lhe seguiam as pegadas. Não apareceu senão depois da vitória e, saudado como César, recebeu a

investidura de pretor urbano com o poder consular. Destes cargos só usufruía o título, pois a administração efetiva da justiça deixara a cargo de seu mais próximo colega. De resto, exerceu todas as prerrogativas do seu poder com tal desregramento que, desde esse instante, deu mostras do que viria a ser. Para não entrarmos em particularidades, diremos apenas que, depois de ter possuído numerosas mulheres casadas, desposou Domícia Longina, casada ela própria com Élio Lâmia (512), e, num só dia, distribuiu mais de 20 empregos na cidade e nas províncias. Por isso, dizia Vespasiano “que se admirava de que seu filho não lhe enviasse também um sucessor”.

Empreendeu, como outros, uma expedição às Gálias e à Germânia (513) – embora se tornasse desnecessária e disto fosse dissuadido pelos amigos do seu pai – com o único fim de nivelar-se ao irmão em obras e reputações. Seu pai já o censurara a respeito deste assunto e, para lhe fazer sentir a idade e a condição, conservou-o ao pé de si. Toda vez que aparecia em público era seguindo, em liteira, a cadeirinha paterna e a do irmão. No triunfo da Judeia, acompanhou-os montado num cavalo branco. Dos seis consulados que obteve, um apenas foi ordinário (514) e este ainda concedido por seu irmão, que lhe deu o sufrágio. Simulou maravilhosamente a moderação e, em particular, uma paixão pela poesia, tão descurada até aí quanto desprezada depois. Leu versos em público. Todavia, quando Vologeso, rei dos partos, pediu auxílio contra os alanos (515) e um dos filhos de Vespasiano para chefiar a campanha, agiu de todas as maneiras para, de preferência ao irmão, ser o enviado. Como não se realizasse a expedição, tentou convencer, com presentes e promessas, os demais reis do Oriente de que deviam fazer a mesma solicitação. Após a morte do pai, vacilou em conceder aos soldados uma dupla gratificação. E não hesitou em publicar que Vespasiano, ao morrer, o instituía herdeiro do Império, mas seu testamento havia sido falsificado. Não cessou, desde então, de estender armadilhas ao próprio irmão, secreta e abertamente. E quando o viu atacado de grave moléstia não esperou que desse o último suspiro para abandoná-lo como se já tivesse morrido. Não lhe tributou outra homenagem póstuma além da apoteose e, com frequência, lhe difamava a memória, refohadamente, nos discursos e nos éditos.

No começo do seu principado encerrava-se diariamente, durante uma hora, com o escopo único de caçar moscas e furá-las com um

estilete aguçadíssimo, o que deu aso a esta resposta zombeteira de Víbio Crispo ao lhe perguntarem se havia alguém com César: “Não, nem mesmo uma mosca”. Domícia, sua mulher, dera-lhe um filho no decorrer do seu segundo consulado. No ano seguinte ele a saudou com o título de “Augusta”. Em seguida a repudiou, em virtude do seu violento amor pelo histrião Páris. Pouco tempo mais tarde, como não pudesse efetuar esta separação, retomou-a novamente como se o povo lho tivesse suplicado. Quanto à sua conduta no governo, foi variável e misturada de vícios e virtudes, em igual proporção, até o momento em que as suas virtudes se transformaram em vícios também. Tanto quanto se pode conjecturar, independentemente do seu pendor natural, tornou-se rapace por necessidade e cruel por medo.

Celebrou continuamente espetáculos magníficos e suntuosos, não somente no anfiteatro, mas ainda no Circo, onde, fora as corridas ordinárias de bigas e quadrigas, fez representar um duplo combate de cavalaria e infantaria “e, no anfiteatro, uma batalha naval”. Caçadas e combates de gladiadores se realizavam numa mesma noite, à luz de archotes, também. Por outro lado, assistiu com tanta assiduidade aos jogos dados pelos questores (516), dos quais restabelecera o uso desde muito interrompido, que chegou a permitir ao povo lhe solicitasse duas parelhas de gladiadores, tiradas da sua escola, as quais ao finalizar os jogos apareceram em trajas à moda da corte. Durante todo o tempo do espetáculo dos gladiadores, conservava aos seus pés um anão vestido de escarlate, cuja cabeça era portentosamente pequena e com quem conversava seguidamente e, às vezes, a sério. Ouviu-se-lhe perguntar “se sabia por que lhe aprouvera, nas últimas promoções, entregar o governo do Egito a Mécio Rufo”. Fez representar batalhas navais em que figuravam frotas quase completas, num lago cavado e preparado perto do Tibre. Apesar da chuva torrencial, não abandonou, em absoluto, o espetáculo. Ofereceu também Jogos Seculares (517), calculando a data não da em que Cláudio os celebrara da última vez, mas da em que foram celebrados sob o império de Augusto. Nestes jogos, nos dias de corridas circenses, a fim de que se pudesse aumentar mais facilmente o número de partidas, reduziu as voltas de sete para cinco. Instituiu também em honra de Júpiter Capitolino um concurso quinquenal de música, de equitação e de ginástica, onde havia muito mais laureados do que hoje. Entre estes figurava um para a prosa grega e latina, mas não somente para

aqueles que cantavam acompanhando-se na cítara, mas ainda para aqueles que tocavam cítara sem cantar, ou acompanhavam o coro com alaúde. No estádio, as moças concorriam ao prêmio das corridas. Presidia ao concurso de sandálias, vestido duma toga de púrpura, à grega, ostentando à cabeça uma coroa de ouro com as efígies de Júpiter, de Juno e de Minerva, assistido dum flamínio de Júpiter e do colégio dos sacerdotes flávios, em trajes como os dele, exceto que aqueles tinham a imagem de César nas suas coroas. Celebrava também todos os anos, no monte Albano, as Quinquatrias de Minerva, para quem instituía um colégio cujo mestre era sorteado e encarregado pelo titular de organizar caçadas exímias e representações teatrais, independentemente do concurso de oradores e poetas. Presenteou, por três vezes, o povo com 300 sestércios por cabeça e com um lauto festim, em meio a um espetáculo. No dia da festa das Sete Colinas distribuiu aos senadores e aos cavaleiros corbelhas de pão e ao povo pequenos cestos cheios de iguarias, das quais foi o primeiro a comer. No dia seguinte, atirou-lhes toda classe de presentes, e, como a maioria destes caísse nos bancos destinados à massa popular, prometeu 50 prêmios para cada uma das tribunas da ordem equestre e senatorial.

Restaurou numerosos grandes edifícios consumidos pelo fogo, entre os quais o Capitólio, novamente presa das chamas. Em todos, porém, mandou gravar somente o seu nome, sem mencionar nenhum dos seus antigos fundadores. Erigiu, no Capitólio, um novo templo a Júpiter Custódio (518). Construiu o Fórum, que ainda hoje conserva o nome de Nerva (519), o templo da família Flávia, um estádio, um ódeon, uma nau-maquia, cujas pedras serviram, mais tarde, para a reconstrução do Circo Máximo, inteiramente incendiado em ambos os flancos.

Organizou expedições, uma espontaneamente, contra os catas (520). Por necessidade, uma contra os sarmatas (521), que haviam desbaratado uma legião com o seu lugar-tenente, e duas contra os dácios: a primeira, após a derrota do consular Ópio Sabino e a segunda, após a de Cornélio Fusco, prefeito das coortes pretorianas, ao qual fora confiado o comando supremo. Depois de diversos combates celebrou um duplo triunfo sobre os catas e os dácios (522). Em seguida à sua vitória sobre os sarmatas, contentou-se com oferecer uma coroa de loureiro a Júpiter Capitolino. Terminou com felicidade singular, e sem sair de Roma, a guerra

civil fomentada por Lúcio Antônio, comandante da Germânia Superior. No momento preciso da batalha, o degelo, transbordando repentinamente o Reno, impediu a junção das tropas dos bárbaros com as de Antônio. Domiciano foi informado desta vitória por presságios, antes de o ser pelos correios. No próprio dia do recontro uma águia de tamanho extraordinário abraçou-lhe a estátua com as asas, soltando gritos de alegria. Pouco depois, a notícia da morte de Antônio se espalhou de tal forma que a maior parte pretendeu ver-lhe a cabeça carregada pela ave.

Introduziu muitas inovações nos usos triviais. Suprimiu as esportulas públicas, restabeleceu o costume dos repastos regulares. Às quatro antigas facções do Circo ajuntou mais duas, vestidas de ouro e púrpura. Vedou o teatro aos histriões e não lhes permitiu o exercício da sua arte a não ser nas casas particulares. Proibiu a castração de homens. Baixou o preço dos eunucos ainda existentes no mercado dos escravos. Num determinado momento em que uma extrema abundância de vinho coincidia com uma carestia de trigo, presumiu que a paixão excessiva pelas vinhas fazia descurar o cultivo do trigo. Interdisse a plantação de novas cepas na Itália e ordenou se arrancasse o vinhedo nas províncias, não deixando mais do que a metade do plantio. Este édito, porém, não teve execução. Repartiu alguns dos cargos mais importantes entre os libertos e os cavaleiros romanos. Não consentiu se duplicassem os acampamentos das legiões, nem se depositassem mais de mil sestércios junto às insígnias (523), porque Lúcio Antônio, possuindo duas legiões no mesmo quartel de inverno, criara ânimo para a revolta, estribado na confiança que lhe infundiam as somas colocadas em reserva. Estabeleceu, também, para o soldado, uma quarta paga de três moedas de ouro.

Praticou a justiça com diligência e zelo. Dava, até, frequentemente, audiências extraordinárias no seu tribunal do Fórum. Cassou as sentenças ambiciosas dos centúviro. Recomendou repetidas vezes aos recuperadores que se não fiassem muito nas belas palavras. Assinalou com a nota de infâmia tanto os juízes venais como os seus arrestos. Propôs aos tribunos do povo a acusação dum edil avaro como concussionário e que se pedisse para ele juízes ao Senado. Soube tão bem conter os magistrados da cidade e os governadores das províncias que em tempo algum se mostravam nem mais moderados, nem mais justos, ao passo que, depois dele,

vamos vê-los acusados, por toda parte, de toda espécie de crimes. Encarregado de reformar os costumes, coibiu o abuso introduzido nos teatros de cada qual se assentar indistintamente, nos bancos dos cavaleiros. Suprimiu os escritos difamatórios espalhados entre o público contra os mais altos cidadãos e suas esposas, castigando os autores. Expulsou do Senado um antigo questor (524) por ser afeiçoado à pantomima e à dança. Privou as mulheres de maus costumes do uso da liteira e do direito de receber legados e heranças. Riscou do quadro dos juízes um cavaleiro romano que retomara a mulher depois de havê-la repudiado e por ter intentado contra ela um processo de adultério. Condenou também várias personagens das duas ordens às penas da lei Escantínia (525). Refreou de vários modos, mas severamente, os incestos das virgens vestais, pelos quais nem o pai nem o irmão se interessaram. Primeiramente, puniu-os com a decapitação. Mais tarde, com o antigo costume. Assim, permitiu às irmãs Ocelata e a Vamila que escolhessem o gênero de morte mais do seu agrado, desterrando-lhes os sedutores. Enquanto isso, Cornélia, a Virgem Máxima, outrora absolvida, mas tempo após acusada de novo, documentadamente, era enterrada viva. Seus estupradores foram vergastados até a morte na sala dos Comícios, à exceção dum antigo pretor (526) que, por não existir contra ele outra prova além da confissão arrancada pelos tormentos e pelas torturas, recebeu o benefício do exílio. Para não deixar impune nenhum atentado cometido contra a religião dos deuses, mandou demolir, pelos soldados, o monumento que um dos seus libertos erguera ao seu filho com as pedras destinadas ao templo de Júpiter Capitolino e atirou ao mar as cinzas e os restos que nele jaziam.

A princípio votava tal horror a toda casta de assassínios que, ao lembrar-se, na ausência do pai, destes versos de Virgílio:

Antes que uma ímpia raça se alimente de bois degolados... (527)

imaginou coibir, por édito, a imolação de bois. Da mesma forma, enquanto simples particular, e mesmo durante um bom espaço de tempo do seu reinado, apenas se suspeitou nele o sentimento de cupidez e de avariza. Pelo contrário, deu, até, várias vezes, provas ruidosas não somente de desinteresse, mas ainda de liberalidade. Mostrava-se profusamente munífico para com todos aqueles que o rodeavam, recomendando-lhes, antes de tudo e

com insistência, nada fizessem que pudesse denotar mesquinhez. Não aceitou as heranças que lhe deixaram aqueles que tinham filhos. Anulou um legado do testamento de Rusco Cipião, o qual obrigava o herdeiro “a pagar anualmente determinada soma a cada senador admitido na Cúria”. Livrou de toda e qualquer perseguição os réus cujos processos dependiam do Erário, desde mais de cinco anos. E não permitiu novas vexações senão dentro do prazo dum ano e, assim mesmo, sob a condição de que se o acusador não apresentasse testemunhos seria punido com o degredo. Perdoou os escravos dos questores que negociavam habitualmente contra a lei Clódia. Concedeu aos antigos possesores, como por direito de usucapião, as partes de terra que, após a partilha dos bens entre os veteranos, haviam ficado indivisas. Reprimiu as falsas acusações intentadas pelo fisco, infligindo penas ásperas aos acusadores. Citava-se dele esta sentença: “Um príncipe que não castiga os delatores encoraja-os.”

Não perseverou, porém, nem no caminho da clemência, nem no da temperança. Todavia, se inclinou um pouco mais depressa para a crueldade do que para a cupidez. Mandou matar um discípulo do pantomimo Páris – adolescente ainda e no momento em que se achava gravemente enfermo – porque parecia apresentar certa semelhança com o seu mestre, tanto pelo talento como pela figura. Tratou da mesma maneira a Hermógenes de Tarso por causa dalgumas alusões contidas na sua *História*, e os copistas que a haviam escrito foram crucificados. Como um pai de família dissesse “que um trácio era tão forte como um gladiador, mas não tão forte como o que dava os jogos”, foi arrancado do seu lugar, arrastado na arena e exposto aos cães com este dístico: “Parmilário iníquo na sua conversação.” Fez perecer muitos senadores, entre os quais um bom número de consulares. Entre outros: Cívico Cercal, no seu próprio consulado da Ásia; Salvidieno Órfito, Acílio Glabrião, no exílio, sob o pretexto de que preparavam uma revolução. Outros, sob os mais fúteis motivos: Élio Lâmia, por brincadeiras suspeitas, é verdade, mas antigas e sem consequência. Após lhe terem raptado a mulher, Domiciano disse a alguém que lhe louvava a voz: “Vivo como asceta.” Como Tito o aconselhasse a casar, redarguiu: “Também tu queres tomar uma mulher?” (528). Sálvio Coceiano foi morto por ter celebrado o dia do nascimento do imperador Óton, seu tio. Mécio Pompósiano, porque se espalhara entre o vulgo o boato de que o seu horóscopo

Ihe prenunciava o governo do Império, porque divulgara um mapa-múndi e os discursos dos reis e dos generais, extraídos de Tito Lívio, e, finalmente, porque dera aos seus escravos os nomes de Magão e Aníbal. Salústio Lúculo, legado na Bretanha, por ter deixado chamar “luculeanas” a certas lanças de modelo novo. Júnio Rústico, por haver publicado os elogios de Peto Traseia e de Helvídio Prisco, classificando-os de “varões santíssimos”, o que forneceu oportunidade ao imperador para banir da cidade e da Itália todos os filósofos. O mesmo destino aguardou a Helvídio, filho, por Ihe haver, à maneira de êxodo teatral (529), censurado o divórcio de Domícia, sob os nomes de Páris e Enone. A Flávio Sabino, um dos seus primos, porque o heraldo, no dia em que fora designado nos comícios consulares, o anunciara erradamente ao povo, não como cônsul, mas como imperador. Foi, porém, bem mais desumano após a sua vitória na guerra civil (530), aplicando nova natureza de tormentos à maior parte dos cúmplices do seu adversário que se achavam, desde longo tempo, escondidos. Torturou-os, fazendo-lhes queimar os órgãos genitais. A alguns, cortou-lhes as mãos. Sabem-no todos que somente dois, entre os mais conhecidos, obtiveram perdão: um tribuno laticlávio e um centurião, os quais, para se justificar mais facilmente, provaram a impudícia dos seus costumes, alegando que por esta razão não puderam exercer nenhuma influência nem sobre o chefe, nem sobre os soldados.

Sua ferocidade não era, em absoluto, somente considerável. Era requintada também e imprevista. Na véspera do dia em que mandara crucificar seu tesoureiro, chamou-o ao seu quarto, fê-lo comer algumas iguarias da sua mesa. No momento de condenar à morte a Aretino Clemente, personagem consular, um dos seus amigos e dos seus emissários, tratou-o com tanta ou mais consideração do que antes, até que por fim, passeando de liteira com ele, Ihe disse na presença do seu delator: “Queres que ouçamos amanhã este miserabilíssimo escravo?” E, abusando ainda mais da paciência dos homens, jamais pronunciou uma decisão fatal sem falar primeiro de clemência, de maneira que não havia sinal mais certo duma conclusão atroz do que a doçura do preâmbulo. Duma feita, em que fizera comparecer à Cúria alguns acusados do delito de lesa-majestade, começou por dizer “que queria experimentar naquele dia o amor que o Senado Ihe dedicava” e conseguiu, sem obstáculos, condená-los ao gênero de suplício

praticado pelos nossos maiores. Depois, espantado com a cruzeza da pena e procurando suavizar o que ela encerrava de odioso, interveio nestes termos, cuja exatidão vale a pena conhecer: “Permiti-me, padres conscritos, que eu peça à vossa piedade o que, bem o sei, penosamente me será concedido: permitirdes aos condenados a livre escolha do modo por que desejam morrer. Assim, vós poupareis um triste espetáculo e todo mundo terá compreendido que tomei parte na sessão do Senado.

Esgotado pelas despesas com as obras públicas e os espetáculos e pelo aumento do soldo militar, experimentou, para diminuir os gastos do exército, diminuir o número de soldados. Ao perceber, porém, que esta medida o expunha aos bárbaros, sem lhe oferecer maiores facilidades para as despesas orçamentárias, não teve o menor escrúpulo em exercer toda classe de rapinas. Por toda parte os bens, quer de vivos, quer de mortos, fossem quais fossem o acusador e as acusações, eram expropriados. Bastava para isso a alegação dum ato ou dum propósito qualquer contrário à majestade do príncipe. Confiscavam-se as heranças mais estranhas ao imperador, sob a simples assertiva duma única pessoa que tivesse ouvido do defunto “que César era seu herdeiro”. O imposto que pesava sobre os judeus foi cobrado com mais rigor do que os demais. A ele se achavam obrigados igualmente os que, na cidade, embora sem dela terem feito profissão, seguiam a lei judaica, ou os que, dissimulando sua origem, jamais haviam pago os tributos impostos a esta nação. Recordo-me de ter visto, na minha primeira juventude, um procurador examinar, diante duma assembleia numerosa, um velho de 90 anos para saber se era ou não circunciso. Desde a mocidade, Domiciano se mostrou incivil, presunçoso e sem regra, tanto nos discursos como na conduta. Como Cenide (531), a concubina de seu pai, de volta da Ístria, se adiantasse para beijá-lo, pois tal era o costume, César lhe estendeu apenas a mão. Indignado por ver que o genro do seu irmão (532) possuía, também, servos vestidos de branco, exclamou: “Não é bom o governo de muitos!”

Elevado ao poder, não hesitou em jactar-se, perante o Senado, de que “o império que dera ao seu pai e ao seu irmão lhe era devolvido”, nem em publicar, ao reaver a mulher após o divórcio, “que tornara a chamá-la ao seu coxim sagrado”. Ouviu com prazer gritarem no anfiteatro no dia do festim: “Felicidade ao nosso senhor e à nossa senhora!” Nos Jogos Capi-

tolinos (533) o povo lhe pediu, unanimemente, a reabilitação de Palfúrio Sura, expulso outrora do Senado por ele mesmo, e que acabava de receber a coroa dos oradores. Não se dignou responder e contentou-se com impor silêncio pela voz do arauto. Com análoga arrogância, ditou, em nome dos procuradores, uma carta circular que começava com este período: “Nosso senhor e deus ordena que assim se faça”. Daí o uso estabelecido, desde então, de que ninguém, escrevendo ou falando, lhe chamasse de outra maneira. Não permitiu que se lhe elevassem no Capitólio a não ser estátuas de ouro e prata e com determinado peso. Erigiu, através dos bairros da cidade, tantos e tão grandes janos e arcos-de-triunfo que, num destes, se escreveu em grego: “Basta!” Exerceu 17 consulados, fato sem exemplo antes dele. Destes, sete foram contínuos. Os demais desempenhou em parte e não conservou nenhum além das calendas de maio. A maior parte, até os idos de janeiro. Após dois triunfos, tomou o cognome de “Germânico” e deu os seus dois apelidos – “Germânico” e “Domiciano” – aos meses de setembro e outubro, porque, no primeiro, assumira as rédeas do Império e o segundo era o do seu nascimento (534).

Tornando-se, por este modo, terrível e odioso a todo mundo, pereceu, vítima da conspiração dos amigos, dos libertos mais íntimos e, ao mesmo tempo, da própria mulher. Tinha, desde longa data, pressentimentos referentemente ao ano, ao dia, à hora e também à espécie de morte que o esperava. Os caldeus lhe haviam predito tudo, desde a adolescência. Seu pai, da mesma forma, ao vê-lo um dia, na mesa, abster-se de cogumelo, escarneceu dele publicamente. Disse-lhe que ele desconhecia o destino que o aguardava pois devia temer mais depressa a lâmina. Assim, sempre nervoso e inquieto, se preocupava, por outro lado, com as menores suspeitas. E acreditava-se que outro não foi o motivo de ter relegado ao abandono o decreto sobre as vinhas senão um bilhete que lhe enviaram com estes versos:

*Quando me cortarem até às raízes, eu,
contudo, produzirei frutos bastantes
para as libações à imolação de César!”*

Medo idêntico lhe fez recusar – embora avidíssimo por semelhantes homenagens – a nova e extraordinária honra que lhe conferira o Senado, decretando que “todas as vezes que ele exercesse o consulado, ca-

valeiros romanos, sorteados, marchariam à sua frente, vestidos da trabea e armados de lanças militares, em meio a litores e guardas”. À medida que se aproximava o perigo que temia, mais perturbado ficava. Por isso, mandou guarnecer as paredes dos pórticos em que costumava passear de fengita (535), cuja superfície polida, refletindo os objetos, lhe permitia ver o que se passava atrás de si. Os prisioneiros, na sua maior parte, ouvia-os a sós, em segredo e segurando-lhes as cadeias nas mãos. Condenou o secretário Epafródito (536) à pena capital porque passava por haver ajudado Nero a matar-se.

Enfim, se bem houvesse reconhecido, de público, os filhos, ainda crianças, de Flávio Clemente, seu primo, homem desprezível pela sua nulidade, dos quais tirara os prenomes para chamar a um Vespasiano e a outro Domiciano, esperou apenas a sua saída do consulado para executá-los bruscamente, sob o pretexto da mais leve suspeita. Esta última deliberação apressou-lhe a desgraça. Durante oito meses consecutivos houve muitos temporais em toda a cidade. Caíram raios no Capitólio, no templo da família Flávia, no Palatino e até mesmo no seu quarto de dormir. A inscrição triunfal gravada no plinto da sua estátua, arrancada por violenta rajada, foi cair em cima do túmulo vizinho. A árvore que, após haver tombado, se reerguera (537) quando Vespasiano era simples particular, abateu-se de novo, de repente. O oráculo da Fortuna, no Preneste (538), ao qual costumava se recomendar, durante todo o tempo do seu reinado, no começo de cada ano, e que lhe dera sempre a mesma resposta favorável, proferiu, a última vez, uma contestação funesta e falou até mesmo de sangue. Por seu turno, sonhou que Minerva, a quem devotava um culto supersticioso, abandonava seu santuário, afirmando-lhe que não podia mais protegê-lo porque se vira desarmada por Júpiter. Nada o transtornou tanto como a réplica e a morte do astrólogo Ascletarião. Este havia sido denunciado e não negava a publicidade dada àquilo que a sua arte lhe permitia prever. Domiciano o interrogou, então, “que fim o esperava, a ele próprio?” Ascletarião respondeu “que seria, sem demora, despedaçado pelos cães”. O imperador mandou executá-lo imediatamente. E para deixar constatada a vaidade do caldeu, ordenou que o sepultassem com o maior cuidado. Enquanto, porém, se dava execução a esta ordem, sobreveio, de súbito, uma tempestade que deitou por terra todo o aparato dos funerais e cães

estraçalharam-lhe o cadáver semicremado. O mimo Latino (539), que ao transitar ocasionalmente por ali testemunhara o fato, relatou-o a Domiciano, à hora do jantar, com outras notícias do dia.

Na véspera da sua morte, serviram-lhe trufas. Deixou-as de lado para o dia seguinte, acrescentando: “Se, todavia, me permitirem comê-las.” E voltando-se para os seus vizinhos declarou que “no dia imediato a lua se cobriria de sangue no Aquário e se realizaria um acontecimento de que o mundo inteiro haveria de falar”. Cerca da meia-noite apanhou tamanho susto que saltou fora da cama. Pela manhã ouviu e condenou à morte um arúspice (540) que lhe haviam enviado da Germânia e que, consultado a respeito dum relâmpago, predissera-lhe uma revolução. Ao esfregar fortemente uma verruga irritada, na testa, fez sair sangue e bradou: “Praza aos céus que eu não seja abandonado por isto!” Depois, indagou a hora. Ao invés da quinta, responderam-lhe, propositadamente, que era a sexta. Então, como se o perigo tivesse já passado, mostrou-se alegre e retirou-se, quando Partênio, preposto ao serviço do seu quarto, o impediu, manifestando-lhe que um homem desejava comunicar-lhe coisa importante a que não podia quedar-se indiferente. Tendo feito todo mundo se retirar, mandou que ele entrasse para o seu quarto de dormir. Foi aí que o mataram.

Eis aqui o que se conhece, mais ou menos, da conspiração e do assassinio. Os conjurados não sabiam nem quando, nem como o atacariam: se na mesa, ou no banho. Estefano, procurador de Domitila (541), então acusado de desvios de dinheiro, lhes ofereceu, além de conselhos, a ajuda. Para afastar suspeitas, trouxe, durante vários dias, o braço esquerdo envolto em lã e enfaixado, como se tivesse sofrido um acidente. À hora marcada, escondeu nas ataduras um punhal. Anunciando que conhecia indícios duma conspiração, conseguiu introduzir-se e varou Domiciano na virilha. Ferido, o imperador se debatia, quando o corniculário Clodiano, Máximo, liberto de Partênio, Satúrio, decurião da guarda do quarto e alguns gladiadores caíram sobre ele e o traspassaram com mais sete punhaladas. O jovem escravo encarregado do culto dos deuses Lares do dormitório imperial narrava, demais, que Domiciano, recebido o primeiro golpe, pedira-lhe lhe desse o punhal que se achava escondido na cabeceira e chamasse seus domésticos. Não foi encontrada mais do que a bainha do punhal, e além disso estavam todas as portas fechadas. Durante esse tem-

po Domiciano, que se atracara e derrubara Estefano, lutou muito e muito, esforçando-se, embora com os dedos cortados, ora para lhe arrancar a arma, ora para lhe furar os olhos. Assassinaram-no (542) aos 14 dias antes das calendas de outubro, contando 45 anos de idade e 15 de reinado. Seu cadáver foi carregado num modesto esquife e por coveiros da mais baixa condição social. Fílis, sua ama de leite, prestou-lhe as honras fúnebres, na sua casa suburbana da Via Latina. A seguir, transportou-lhe, clandestinamente, os restos para o templo da família Flávia e as misturou às cinzas de Júlio, filho de Tito, que ela igualmente criara.

De alta estatura, rosto modesto, tez vermelha, olhos grandes, mas vista curta. Belo e bem proporcionado em conjunto, principalmente na juventude, exceto os pés, cujos dedos eram pequeníssimos. Mais tarde, a calvície (543), a obesidade, o adelgaçamento das pernas, afinadas em virtude de longa enfermidade, o enfeieram. Estava tão convencido de que a sua fisionomia circumspecta inspirava confiança que declarou um dia no Senado: “Até aqui, pelo menos, meu coração e meu rosto vos têm agrada-do.” Tinha tanto pesar de ser calvo que considerava como ofensa qualquer censura desse defeito noutra pessoa, quer por meio de gracejos, quer no calor duma discussão. Todavia, num livrinho, *Da cura dos cabelos*, endereçado a um amigo, asseverava, consolando-se com ele:

“Não vês tu como sou belo e grande?” (544)

“Entretanto, meus cabelos terão a mesma sorte e suporte com coragem, na força da idade, o envelhecimento da minha cabeleira. Saiba que nada há mais agradável nem mais efêmero do que a beleza.”

Incapaz de suportar a fadiga, quase não passeava a pé pela cidade. Em campanha e nas marchas, raramente montava a cavalo. Com mais frequência, andava de liteira. Não possuía nenhum pendor para as armas, mas gostava extremadamente de atirar flechas. Muita gente o viu, no seu recesso do monte Albano (545), abater feras de toda espécie, às centenas, e até mesmo fincar-lhes, propositadamente, duas setas na cabeça, à guisa de cornos. Às vezes, tomava como alvo a mão duma criança, colocada a grande distância, e arremessava as flechas com tanta habilidade que passavam todas por entre os dedos dela, sem lhe causar o menor dano.

Descurou, no início do seu reinado, do ensino das artes liberais, se bem tivesse o cuidado de dedicar largas somas ao reparo das bibliotecas incendiadas, mandando buscar exemplares em toda parte e enviando agentes a Alexandria, encarregados de os transcrever e os corrigir. Jamais, entretanto, se aplicou ao estudo da História, nem à poesia, nem ao escrever, mesmo quando disto houvesse necessidade. Nada lia, a não ser as memórias e os atos de Tibério César (546). Suas cartas, seus discursos, seus éditos eram sempre obra de outrem. Sem embargo, à sua linguagem não falecia elegância e citam-se dele até, por vezes, frases notáveis: “Eu queria ser tão belo quanto Mécio (547) julga sê-lo.” Da cabeça dum homem, cuja cabeleira fosse metade branca e metade arruivada, dizia “que era neve aspergida de mosto”. Classificava de miserável a condição dos príncipes “nos quais ninguém acreditava, no tocante à descoberta duma conspiração, senão depois de assassinados”.

Todas as vezes que podia descansar divertia-se com jogos de azar, assim como nos dias feriados, desde a manhã. Banhava-se ao clarear do dia e almoçava até à saciedade, de maneira que o seu jantar não ia além duma pera de Mácio (548) e uma pequena porção de vinho num frasco. Vez por vez, dava banquetes, servidos profusamente, mas quase sempre às pressas e nunca sentava à mesa depois do pôr-do-sol, nem tomava parte nas orgias noturnas. Até à hora de dormir não fazia outra coisa além dum passeio solitário, num local retirado.

Excessivamente libidinoso, considerava o seu concúbito assíduo com as mulheres como uma espécie de exercício, a que dava o nome de “ginástica de cama”. Contava-se que ele próprio depilava as suas amásias e nadava com as prostitutas mais vulgares. Ligado a Domícia por laços de casamento, recusou tenazmente a filha, ainda virgem, do seu irmão (549), que lhe ofereceram como esposa. A pouco e pouco, porém, ao casar-se ela com outro, a seduziu, em vida mesmo de Tito. Mais tarde, porém, falecidos pai e marido, ele a amou apaixonada e francamente. Foi o próprio causador da sua morte, obrigando-a a abortar.

O povo recebeu a notícia do assassinio de Domiciano com indiferença. Os soldados, porém, com indignação, e se esforçaram logo por dar-lhe o título de Divino. Talvez se tivessem prontificado a vingá-lo, mas não havia chefes. Pouco depois, persistiram em reclamar o suplício para os

autores do assassinio. O Senado, pelo contrário, ficou tão alegre que não pôde impedir que se lacerasse a reputação do morto com um gênero de aclamação tão ultrajante como cruel. Mandou até mesmo buscar escadas para despregar os escudos e as imagens do imperador, que se partiam ao cair no solo. Finalmente, decretou que as inscrições seriam apagadas por toda a parte e a sua memória abolida. Alguns meses antes do crime, uma gralha, no Capitólio, falou: “Tudo vai bem.” Não faltou, porém, quem interpretasse o prodígio assim:

“A gralha que pousou, não há muito, sobre o cimo da Tarpeia, não poderia ter dito: ‘Tudo vai bem’. Ela disse: ‘Tudo irá bem’.”

Recorda-se também que o próprio Domiciano sonhou que lhe aparecera um tumor de ouro atrás do pescoço e que via nisso um presságio certo de que após ele o Império seria mais feliz e mais florescente. Foi o que, com efeito, aconteceu, graças ao desinteresse e à moderação dos príncipes que o sucederam.

NOTAS

.....

Notas

1. Porto de Chipre.
2. Sem dúvida, perto das cidades da Ásia (cf. Veleio Patérculo, II, 42).
3. Os piratas foram crucificados. Cf. Veleio, II, 42 e Plutarco – *Júlio César* (edição da Atena Editora).
4. Foi eleito em primeiro lugar e com numerosos sufrágios.
5. É exato para Júlia, mais idosa, mas não para Cornélia, que morreu jovem. César, ao pronunciar o elogio fúnebre da sua mulher Cornélia, foi o primeiro em Roma a fazer o panegírico duma moça.
6. O atentado sacrílego de Clódio verificou-se durante as festas da Boa Deusa.
7. O pretor Véter, do qual, por sua vez, nomeou mais tarde o filho para seu questor.
8. Na Gália.
9. Muitos templos de Hércules possuíam uma estátua de Alexandre da Macedônia, cujas origens remontavam àquele semideus.
10. Cf. Salústio, *Catilina*, XVII e XVIII.
11. Salústio, idem.
12. Pisão morreu assassinado na Espanha por cavaleiros auxiliares do seu exército.
13. Isáurico e Catulo. Cf. Salústio, *Catilina*, XLIX e *Veleio*, II, 43.
14. A respeito do papel de César nesta conjuração, cf. Plutarco, *César*, VI-VIII e Salústio, *Catilina*, XLIX-LII.
15. Que fora presa dum incêndio.
16. O candidato de César era Pompeu.
17. Júnio Silano e Licínio Murena.
18. Cf. Plutarco, *Catão*, XXVI-XXIX.
19. Entre outras, a de Crasso, de 830 talentos. Cf. Plutarco, *César*.
20. Foi o primeiro triunvirato, 60 a. C.
21. Ela se estendia ao pé do monte Calígula, na Campânia meridional.
22. Eram célebres pela sua fertilidade. Cícero chamou-lhes “os celeiros das legiões”.
23. Em viagem, Catão foi posto em liberdade por um tribuno e, sem dúvida, a pedido do próprio César, que temia o descontentamento popular (cf. Plutarco, *César*).
24. Clódio o solicitava para chegar a ser tribuno do povo e, assim, vingar-se de Cícero.
25. Segundo Cícero, Vétio foi morto a pancadas, na prisão, por Vatínio.
26. Nas Usípetas e nas Tenchteras, cf. César, *De Bello Gallico*, livro IV.
27. Armada por Ambiorix.

304 Suetônio

28. Sua filha Júlia, casada com Pompeu, morreu ao dar à luz uma criança que não sobreviveu à sua mãe senão alguns dias.
29. Assassinado por Milão, durante uma rixa; cf. Veleio, II, 47.
30. César estabelecera em Como, na Transpadana, colônias, e a cidade tomara o nome de Nova Como.
31. Quinze talentos, conta-se.
32. L. Cornélio Léntulo e Cláudio Marcelo.
33. *Fenicianas*, versos 357-574.
34. Praça de guerra do país dos sanitas.
35. Pompeu declarou “que havia tumulto”.
36. Não havia navios.
37. Ptolomeu XII.
38. Cnéio e Sexto.
39. Vencido por Sabura, lugar-tenente de Juba.
40. Cedendo à fome.
41. Vencido por Libão, lugar-tenente de Pompeu.
42. Vencido por Farnace.
43. A sangrenta batalha de Munda.
44. Os troféus eram de madeira de cedro ou de limoeiro para o triunfo das Gálias. De casca de tartaruga para o de Alexandria. De acanto para o do Ponto. De aço polido para o da Espanha. De marfim para o da África.
45. Após haver expulso Pompeu da Itália.
46. Terreno situado além do Tibre.
47. César elevou o número dos senadores para novecentos.
48. De oito para dez.
49. Aumentando de quatro para seis.
50. De 30 para 40.
51. Cartago e sobretudo Corinto.
52. Célio e Dolabela o haviam feito esperar na ausência de César.
53. Lago do país dos marsos.
54. O istmo de Corinto.
55. Em Córdoba e no momento de se ferir a batalha de Tapso.
56. Rua do mercado e das prostitutas.
57. Cesário.
58. Orador, com mais encanto do que vigor, se nos ativermos ao testemunho de Cícero.
59. Ilerda.
60. Munda.
61. Por Ambiorix.

62. Cidadão romano; nome dos cidadãos que residiam em Roma, em oposição aos que estavam no exército.
63. Honra já concedida a Cícero, ao reprimir a revolta de Catilina.
64. Honra já tributada a Bruto, primeiro cônsul.
65. Como Júpiter, Marte e Quirino.
66. Ao lado dos Lupercais Quintilianas e Fabianas, consagradas ao culto do deus Pã. Houve, para o futuro, as Lupercais Julianas, consagradas ao culto de César.
67. À proposta de Antônio, o mês de Quintilis devia chamar-se Julius (julho).
68. O morto chamava-se Máximo e o “homem qualquer” foi Canínio Rebiló, cônsul por algumas horas, “cônsul vigilante”, como disse espirituosamente Cícero, “que jamais dormiu durante seu consulado”.
69. Este Pôncio Áquila, hostil a César, foi um dos seus assassinos e pereceu em Módena.
70. Em 15 de fevereiro, cf. nota 66.
71. Assim chamada porque a ornava a estátua de Pompeu, autor da construção do teatro e dos pórticos daquele bairro de Roma.
72. Cf. Virgílio, *Eneida*, X, 143.
73. Artemídoro de Cnido, professor de literatura grega em Roma.
74. Címber Túlio pedira-lhe a graça para o seu irmão exilado.
75. No Lácio, não longe de Túsculo.
76. Reconhecidos a César, que venecera Pompeu, o assaltante de Jerusalém.
77. Juramento público pelo qual todos os cidadãos se comprometiam a defender a vida de César.
78. Cf. Xenofonte, *Cirópédia*, VIII, 7.
79. Condenados à morte em virtude da “lei Pédia”. Pág.52
80. Cidade do país dos volscos, no Lácio.
81. Cf. César e as notas 47, 48, 49 e 50.
82. Povoação da Lucânia, construída no lugar da antiga Síbaris.
83. Povo vizinho dos trácios, não longe do Hemo.
84. Habitante da cidadezinha de Arícia, no Lácio, célebre pelo seu bosque consagrado a Diana.
85. Cf. César. Distribuiu-as por sorte a 20 mil cidadãos, mais ou menos.
86. Em 62 anos a. C.
87. Adriano, de quem Suetônio foi secretário.
88. A Gália Ulterior.
89. Planco e Asínio Polião.
90. Cidadezinha do país dos sabinos.
91. Cidade da Etrúria.
92. Perto do cabo de Misena.
93. Cidade do Lácio, ao pé do promontório do mesmo nome.

94. Nas mãos das vestais.
95. Promontório da Ircânia. A vitória de Otávio sobre Antônio verificou-se a 2 de setembro de 31 a. C.
96. Estes montes separam a Ilíria do Epiro.
97. Curandeiros da grande Síria ocidental, que destilavam, acredita-se, um veneno mortal e um antídoto para os venenos das serpentes.
98. Chamado por Plutarco Antilo, cf. Plutarco – *Antônio*, LXXXVII.
99. Antônio tivera de Cleópatra três filhos: uma filha, Cleópatra, e dois filhos, Filadelfo e Alexandre.
100. Cf. Tucídides, I, 29.
101. A conjuração do jovem Lépido, filho dum triúnviro, se verificou em 30, durante a guerra de Alexandria. Foi descoberta por Mecenas, e Lépido, condenado à morte.
102. Júlia havia sido proscrita na ilha Pandatária e Agripa na ilha Planásia, ambas situadas no mar da Etrúria.
103. Tinha então 28 anos.
104. Já vencidos por Etatílio Tauro, os cântabros o foram ainda por Augusto, depois por Carísio e Fúrnio, e alfim e definitivamente por Agripa (19 a. C.).
105. A Aquitânia foi submetida por M. Valério Messala, de quem Tíbulo fez o panegírico.
106. Os panônios (hoje húngaros), vencidos por Augusto, tiveram uma revolta reprimida por Germânico e foram submetidos, em definitivo, por Tibério.
107. A Dalmácia rebelde, vencida por Asínio Polião, foi submetida por Tibério.
108. Submetida por Druso e por Tibério (15 a. C.).
109. Submetidos por Tibério (15 a. C.).
110. Submetidos por Messala.
111. Estas incursões foram reprimidas por Lêntulo.
112. Construído pelo próprio Augusto.
113. Teridato Fraato.
114. Sob o rei Numa Pompílio e após a primeira Guerra Púnica.
115. Três vezes, segundo Dião, que acrescenta às mencionadas por Suetônio uma ovação que se seguiu ao tratado concluído com Fraato.
116. Que perdeu a águia da quinta legião durante uma batalha em que os sicambros, reforçados pelos usípetos e pelos téncteres, venceram o exército romano.
117. Marco Lólio enviara 20 centuriões para arrancar um tributo aos sicambros. Estes centuriões foram mortos. Além disso, comerciantes romanos foram trucidados.
118. Sobrinho por aliança de Augusto e enviado para o comando da Germânia, Varo se deixou envolver pelo querusco Armínio e pela coalisão dos bructeros, dos marsos e dos catas. Suicidou-se e seu exército capitulou na floresta de Teutberg (9-11 de setembro de 9).

119. Eurípides, *Fenicianas*, 612.
120. P. Antônio.
121. Contemporâneo de Suetônio.
122. Marco Agripa.
123. O velho Fórum Romano e o Fórum de César.
124. Horácio, nas suas *Odes* e no *Canto Secular*, cita os felizes efeitos da lei sobre os adultérios, sobre a pudicícia e sobre o casamento das diferentes ordens; cf. Horácio, *Odes*, IV, 5 e IV, 15; *Canto Secular*, 17.
125. Mês das vindimas.
126. Pena em que incorriam os que, sentando-se nos 14 degraus, não possuísem um pecúlio de 400 mil sestércios.
127. “Romanos, rerum dominos, gentemque togatam”. Virgílio, *Eneida*, I, 282.
128. Recinto do Campo de Marte, onde o povo romano se reunia para votar.
129. Veja-se a nota precedente.
130. Caio e Lúcio.
131. Pórticos cobertos.
132. Os de Pompeu, Balbo e Marcelo.
133. Tal foi o caso de Agripa, que era neto de Herodes.
134. Habitantes de Calagurres, na Espanha Tarrasconesa.
135. Caio Severo, que difamara, em libelos, numerosos cidadãos e mulheres de alta posição, foi quem forneceu oportunidade para que Augusto tomasse medidas de repressão contra os panfletistas.
136. Cf. Tito Lívio, VII, 6.
137. Maneira abreviada para designar o Apolo que tinha uma estátua na rua das Sandálias.
138. O Júpiter do Vicus Tragoedus, no bairro Esquilino.
139. Em 5 de fevereiro do ano 2 a. C. e à proposta de Messala.
140. Cidadezinha do país dos volscos, na costa do Lácio.
141. A ilha de Planásia.
142. Cf. *Ilíada*, III, 40.
143. O Calvo, de quem fala Cícero no *Brutos*.
144. Vinho generosíssimo. Cf. Virgílio, *Geórgicas*, II, 96.
145. A ilha Enária, assim chamada porque Eneias aí desembarcara. Fica na costa ocidental da Itália, perto da Campânia.
146. Assim não tinha força de lei.
147. As pombas eram consagradas a Vênus, de quem descendia a família Júlia.
148. Cidadezinha marítima do Lácio.
149. Os membros da ordem senatorial e da ordem equestre usavam anéis de ouro.
150. Pontífices, áugures, setênviros e quindécenviros. p. 105

151. Lugar reservado às virgens vestais e aos mais ilustres cidadãos.
152. Este Cláudio foi o fundador da marinha militar romana. Daí seu apelido de Caudex (planchas ligadas umas às outras e que formam uma jangada ou um navio).
153. Cf. Horácio, *Odes*, II, 4, 37.
154. L. Lívio Druso.
155. Os fascas.
156. Cf. Augusto; divorciado de Escribônia, viúva de duas personagens consulares, desgostoso da sua depravação, arrebatou Lúvia Drúsila, embora grávida, do seu marido Tibério Nero.
157. Cidadezinha marítima do Lácio.
158. Cf. Augusto; ao celebrar o triunfo curul do Ânzio, a que precedeu o de Dalmácia e sucedeu o de Alexandria.
159. Tinha 18 anos.
160. Ela se casara, em segundas núpcias, com Asínio Gaio, filho do célebre Polião.
161. Suetônio exagera: Tibério exerceu a pretoria oito anos após sua questura, e o consulado sete anos após a sua pretoria.
162. De seis anos.
163. Cidade da Narbonesa.
164. Bairro situado entre o Esquilino e o Célio.
165. Verso de Ênio.
166. Cf. *Ilíada*, X, 246-247.
167. Políbio.
168. Dois denários por dia.
169. O dia 16 das calendas de dezembro.
170. Quinto Hatério; cf. Tácito, *Anais*, I, 13.
171. A Sardenha, entre outras.
172. Cidade da Ligúria.
173. Isto é, da Itália do Norte.
174. Em Antioquia.
175. Graças a Sejano, que transformou seu corpo em muralha.
176. Para acalmar a revolta das legiões na Germânia.
177. Era proibido ter mais de 15 mil dracmas.
178. Com a intervenção de Sejano.
179. Pequena ilha vizinha da ilha Pandatária, para onde havia sido exilada Agripina.
180. Cremúcio Cordo. Cf. Tácito, *Anais*, IV, 34.
181. De Lívila com Sejano.
182. Ele lhe tinha prometido Júlia, sua neta, filha de Druso, em casamento.
183. A Mácron.

184. Cf. Augusto: Adotou um modo de escrever elegante e sóbrio, evitando as frases brilhantes mas vazias e, como ele próprio dizia, o mau cheiro das palavras inusitadas.
185. O primeiro era da Calcídica, na ilha Eubeia. Os dois outros, da ilha de Creta.
186. Cidadezinha marítima do Lácio.
187. De Temenos, povoação vizinha de Siracusa.
188. Pequena cidade, perto de Nápoles. p. 142
189. Tibério adotou Germânico em 4 de junho, alguns dias antes de ter sido, ele próprio, adotado por Augusto.
190. Aos 20 anos, pois.
191. No ano 12, sem ter sido antes nem edil, nem pretor.
192. Em 26 de maio do ano 17. Conduziram-se os despojos dos cativos, as imagens das cidades, das montanhas, das batalhas. Tusnelda, mulher de Armínio, Tumélico, seu jovem filho, Sigismundo, filho de Segesta, Seditaco, filho de Segimer, assim como Libes, sacerdote dos catas, figuravam entre os cativos. O querusco Segesta se encontrava entre os espectadores.
193. E a Comagena.
194. Em 10 de outubro do ano 19.
195. Cf. "Tibério": que utilizou, segundo se acredita, Cnéio Pisão, legado na Síria, para fazer perecer Germânico.
196. Baseado nas acusações de Serveu, Verânio e Vitélio, amigos de Germânico.
197. Veja-se a nota 189.
198. Saturnais.
199. Cf. "Tibério": depois de ter declarado Nero e Druso inimigos públicos, fê-los morrer de fome: Nero na ilha de Pôncia e Druso nos subterrâneos do Palatino.
200. Em 31 de agosto do ano 12.
201. Cf. Augusto: administrava a justiça, muitas vezes, sob os pórticos do templo de Hércules.
202. Em 22. Tinha 16 anos. Lívia morreu aos 86 anos de idade.
203. Tais como a oferenda da pretexto ao Capitólio, em meio a uma grande pompa; a apresentação do rapaz aos correligionários e amigos da família e a saudação cívica oficial.
204. O orador Passieno.
205. Em 33.
206. Que pereceu violentamente em 33.
207. Tibério havia perdido seus filhos Germânico e Druso e mandou matar Druso e Nero, irmãos de Calígula.
208. No ano 37.
209. Que sucedera a Sejano como prefeito do pretório.
210. Onde morrera Tibério.

310 Suetônio

211. Cf. “Tibério”: que deixou como seus herdeiros, por frações iguais, Caio, filho de Germânico, e Tibério, filho de Druso.
212. Em outubro de 37, oito meses após a morte de Tibério.
213. Ou antes, a dar-se crédito a Dião, impellido por Vitélio, governador da Síria.
214. Cf. Tibério: Veja-se a nota 199.
215. Desde 1º de julho de 37.
216. O primeiro, cujos livros de história haviam sido queimados como sediciosos, suicidara-se, levado pelo desespero. Cássio Severo, o orador, havia sido exilado por Augusto e morrera de miséria. Sobre Cremúcio Cordo, cf. “Tibério”.
217. A respeito das modificações concernentes ao número das decúrias, cf. “Augusto”.
218. Augusto criara, para as vendas, o imposto de dois centésimos. Tibério, após a redução da Capadócia a província romana, abaixara para meio centésimo (1/2 por cento).
219. Antíoco III.
220. As Palírias, ou festas de Palas, se celebravam a 21 de abril, dia do aniversário da fundação de Roma.
221. 1º de julho de 27, 1º de janeiro de 39, 40, 41.
222. E até mesmo seus três últimos.
223. Tibério, filho de Druso.
224. Agripa, rei da Judeia, e Antíoco III, rei da Comagena.
225. “Que não haja – exclamou – senão um único chefe, senão um único rei!” Cf. Homero, *Iliada*, II, 204.
226. “Ou tu me arrebatas ou eu te arrebató!” Cf. Homero, *Iliada*, XXIII, 724.
227. Cf. “Tibério” e a nota 154.
228. Chamou-o da África, onde era procônsul, fê-lo matar-se e repudiou-lhe a filha.
229. No ano de 38.
230. Este Emílio Lépidio, que desposara Drúsila, irmã de Calígula, e tivera como amantes duas outras irmãs do imperador, Agripina e Lívila, conspirou contra Calígula. Foi condenado à morte, assim como Agripina e Lívila.
231. Que haviam arrebatado aos seus maridos, o primeiro Hersília e o segundo Lívila.
232. Que era então (no ano 39) governador da Macedônia e da Acaia.
233. Trata-se dos cônsules de 39, Cnéio Domício Corbulão e Sanguíneo Máximo, empossados em 31 de agosto.
234. Trata-se duma personagem da ordem equestre, Atânio Secundo.
235. Públio Afrânio Potito.
236. Sem dúvida o cavaleiro romano Pastor, de quem Sêneca fala em *De Ira*, II, 33.
237. Um certo Escribônio Próculo.
238. Sem dúvida, Anticira da Fócida.

239. Cf. “Tibério”: os documentos referentes ao processo da sua mãe e dos seus irmãos.
240. O rei dos sacrifícios: *rex sacrorum*.
241. Cf. “Cláudio”: Lépido conspirou com Getúlico contra Calígula.
242. Cidadezinha da Úmbria, à margem da Clituno.
243. Cf. Virgílio, *Geórgicas*, II, 146-148.
244. Isto é, de exploradores (*exploratores*).
245. Cf. *Eneida*, I, 207: “Durarent, secundisque se rebus servarent”.
246. Nas proximidades do mar.
247. Cf. “Calígula”: Germânico conseguiu dominar a revolta das legiões com a sua simples presença.
248. De hipômame (humor destilado pelas partes naturais da égua no cio); cf. Juvenal, *Sátiras*, VII, 616.
249. Havia os “verdes”, os “azuis”, os “brancos” e os “vermelhos”.
250. A de Sexto Papínio (janeiro de 39) e a de Marco Emílio Lépido e de Cnéio Lêntulo Getúlico, comandante das tropas da Germânia (27 de outubro de 39).
251. A tragédia de “Cinira”.
252. 31 de agosto de 12 – 24 de janeiro de 41.
253. 17 de março de 37 – 24 de janeiro de 41.
254. À exceção, entretanto, de Caio César e Caio, netos de Augusto, mortos ambos naturalmente.
255. No ano 10 a. C.
256. No dia 13 de agosto do ano 10 a. C., no mesmo dia da inauguração do templo de Roma e de Augusto, cuja festa substituiu a do deus Lug.
257. No ano 6 d. C.
258. Celebrados no ano 12.
259. Silano desposara Emília Lépida, bisneta de Augusto. Era, pois, primo de Cláudio.
260. Monte do Lácio, onde ficava situado, a 800 metros de altura, um templo de Júpiter Lacial, término da procissão dos feriados latinos.
261. Dias do fim dos Saturnais, em que se enviavam estatuetas (*sigilla*) como presentes.
262. Aos sacerdotes de Augusto, criados no ano 14 e sorteados em número de 21, se associaram, pelo Senado, Tibério, Druso, Cláudio e Germânico.
263. A partir de 1º de julho de 37 e durante dois meses e 12 dias.
264. A começar pelas de Calígula.
265. 27 de outubro de 39.
266. Cf. “Calígula”: constatada a morte de Caio César, os cônsules convocaram o Senado, não para refluir-se na Cúria, mas no Capitólio, porque aquela se chamava “Júlia”.

267. No ano 48.
268. No ano 46.
269. À instigação de Ânio Viniciano, Escriboniano, lugar-tenente de Cláudio na Dalmácia, tentou sublevar as tropas. Elas, porém, não o acompanharam. Escriboniano fugiu para a ilha de Issa, onde suicidou-se. Viniciano também se matou.
270. Cf. nota 263.
271. Em 42 e 43.
272. Em 47 e 51.
273. Em 47.
274. Em 21 a. C.
275. Sob a República. Foi Cícero quem defendeu Rabírio Póstumo.
276. Hoje ilhas de Hieras.
277. Hoje Bolonha-sobre-o-Mar.
278. Em maio do ano 44, Cláudio fez representar no Campo de Marte a tomada e o saque duma cidade da Bretanha.
279. Edifício construído por Agripa e assim chamado porque aí se distribuíram, a princípio, os boletins de voto, depois o soldo e os presentes destinados ao povo.
280. Trata-se da carestia verificada no ano 52.
281. Começado por Calígula, foi acabado por Cláudio, em 52.
282. Entre outras vezes, em 45 e 52.
283. Sob Tibério.
284. O duplo templo de Vênus Vitoriosa e da Vitória.
285. Como Estefânio, cf. "Augusto".
286. A 25 de janeiro de cada ano.
287. Cf. Tácito, *Anais*, XII, 56.
288. Que vencera os bretões. Este foi o último cidadão que entrou em triunfo em Roma.
289. Ilhota do Tibre, em Roma mesmo, onde se erguia um templo a Esculápio.
290. Seleuco II.
291. Esses judeus, na realidade, eram os primeiros cristãos. Os romanos, porém, confundiam então a seita nascente com a dos judeus.
292. Cristo.
293. Seu pai, por conspiração. Sua mãe, por adultério.
294. Impelido por Narciso.
295. Sustentada por Calisto.
296. Apoiada por Palas.
297. A proposta foi feita por Vitélio.
298. À instigação de Palas.

299. Pompeu foi morto a punhaladas no seu leito e Silano, no dia do casamento de Cláudio com Agripina.
300. Que chegou a ser célebre pelo seu fausto.
301. De Drúsila, irmã do rei Ptolomeu. Duma segunda Drúsia, irmã do rei Agripa. Ignora-se o nome da terceira.
302. Chamado Vínio.
303. Isto é, um imbecil.
304. Sem dúvida, o filho do historiador.
305. Um diagrama virado, que distinguia o V consoante do V vogal. Um antissigma, correspondendo ao “psi” grego. Uma terceira letra correspondia ao Y.
306. Cf. Homero, *Odisseia*, XVI, 72.
307. Resposta do oráculo a Télefo, ferido por Aquiles e curado ainda por Aquiles, com a ferrugem da sua espada.
308. Na noite de 12 para 13 de outubro de 54.
309. O de Cnéio Enobarbo, após a sua vitória sobre os arvernos, em 121.
310. A do próprio Cnéio Enobarbo, em 114, e a do seu filho, em 91.
311. Por Lúcio Antístio, tribuno do povo.
312. Quando prisioneiro na ilha de Corfu.
313. Alcançou o consulado no ano 31 a. C.
314. Cf. “Augusto”.
315. Dos quais um, entre outros, com a famosa Albucila.
316. Pequena povoação da Etrúria.
317. Em 15 de dezembro de 37.
318. Em 24 de dezembro de 37.
319. Cf. “Calígula”.
320. Com autorização do Senado.
321. Em 25 de fevereiro do ano de 50.
322. Em outubro de 51. Ele não tinha ainda 14 anos.
323. Cargo criado por Júlio César e que era antigamente exercido por um pretor.
324. No ano 53.
325. Em 13 de outubro de 54.
326. Tais como Valério Messala, Hatério Antônio e Aurélio Cota.
327. Como Élia Catula, que, octogenária, se exibia nas danças.
328. Em 58.
329. Em 60.
330. Em 62.
331. Em 66.
332. Em 55, 57, 58 e 60.
333. Cf. nota 68.

314 Suetônio

334. Mas que não devia ultrapassar de dez mil sestércios.
335. Que examinavam os litígios de propriedade entre os particulares e o Estado.
336. Este provérbio foi citado por Aulo Gelo, XIII, 30.
337. Em 64.
338. Ou Jogos Quinquenais.
339. Chamado Lido.
340. Em 66.
341. Porto da ilha de Coeira.
342. Dorífero tomou a sério o casamento e se opôs, em seguida, ao casamento de Nero com Popeia. Nero, então, mandou envenená-lo.
343. Em matéria de despesas extravagantes, ultrapassou Calígula tudo quanto podiam imaginar os pródigos, cf. "Calígula".
344. Estes se vingaram e, quando da morte de Nero, massacraram Espículo no Fórum.
345. A lâ curta de Canúsia, na Apúlia, era afamadíssima.
346. Povo de Mauritània, célebre pelos seus cavaleiros.
347. Águas térmicas.
348. Chamado Cecílio Basso.
349. *Morari* significa 'residir' e *môrari*, 'estar louco'.
350. Que punia os assassínios e os envenenamentos.
351. Britânico morreu nos primeiros dias de fevereiro de 55.
352. O assassínio da sua tia Domícia verificou-se alguns dias após o de Agripina, no fim do mês de março de 59.
353. Filha de Tito Ólio, Popeia era neta, por parte de sua mãe, de Popeu Sabino, personagem consular.
354. Chamado Crispino.
355. Este Tauro, que conseguiu bons êxitos militares na África e teve as honras do triunfo, foi cônsul em 36 e em 30 a. C.
356. Em 65.
357. Em 58.
358. Matou-a ao fim do verão de 65. Sua morte motivou um luto público. Cf. Tácito, *Anais*, XVI, 6-7.
359. Nascida em 63, morreu aos quatro meses de idade.
360. E de Petina.
361. Cf. Tácito, *Anais*, XVI, 53.
362. Em 62.
363. Palas, Dorífero.
364. O de 61 ou de 65.
365. Uma delas em 66.
366. Ignora-se a data desta conjuração.

367. Tais como o centurião Sulpício Áfer.
368. Verso pertencente a alguma tragédia perdida de Eurípides.
369. Entre outros, o templo de Júpiter Stator, o templo de Vesta, o palácio de Numa Pompílio, o templo de Hércules, consagrado por Evandro, etc.
370. Sem dúvida um poema de que era o autor.
371. A de 66.
372. Verulamium e Camulodunum: o saque destas duas cidades se verificou em 62.
373. A derrota de Cesânio Peto na Armênia (63).
374. Eneias carregou seu pai Anquises nas costas. Nero carregou, isto é, matou a sua mãe Agripina.
375. Do meado de outubro de 55 a 9 de julho de 68.
376. No início de 68.
377. Ao fim de março.
378. Caio Sílio Itálico e Marco Galério Tracalo.
379. *Eneida*, XII, 466.
380. Cf. nota 343.
381. Três são conhecidos: Esporo, Faonte e Epafrodito.
382. Cf. *Iliada*, X, 535.
383. Cidadezinha etrusca.
384. Uma das ilhas Cícladas.
385. Liberto da sua tia Domícia.
386. Tinha, de idade, 31 anos, 5 meses e 24 dias.
387. Esta anedota é contada por Plínio: *Hist. Nat.*, XV, 30.
388. Um dos encarregados da reconstrução do Capitólio, cf. “César”.
389. Este Sérvio Galba foi cônsul.
390. O seu nome era Cnéio Domício.
391. Em 22 d. C. Tinha por colega Hatério Agripa.
392. Em 24 de dezembro do ano 3 a. C.
393. Ou Tibério, a dar-se crédito a Tácito, cf. *Anais*, VI, 20.
394. Em 14.
395. Que eram, às vezes, licenciosíssimos e duravam todo o mês de maio.
396. Em 31.
397. 1º de janeiro – 1º de julho de 33.
398. Em novembro de 39, Getúlico, comandante das legiões da Germânia, fora executado em 27 de outubro por haver urdido, com Lépido, uma intentona contra Calígula.
399. Getúlico era um chefe afável e clemente.
400. Em 43.
401. Em 45.

402. Em 51. Ele aí ficou até 58.
403. Que fora vencido, perto de Besançon, por Virgínio Rufo, governador da Germânia Superior e comandante das legiões germânicas que se encontravam na Gália (maio de 68).
404. Por volta de 15 de junho de 68.
405. Massacrado em Roma ao tentar sublevar os pretorianos (julho de 68, mais ou menos).
406. Executado na Germânia Inferior, à instigação de Cornélio Aquino e Fábio Valente.
407. Assassinado pelo procurador Trebônio Garuciano (outubro de 68).
408. Os corpos germânicos fizeram parte da guarda pessoal de Augusto e de Calígula.
409. A jurisdição, a título perpétuo, dos fideicomissos.
410. Eunuco pregustador de Cláudio.
411. Que morria lentamente duma doença do peito.
412. Filho de Marco Crasso e de Escribônia.
413. Em 10 de janeiro de 69.
414. Cf. *Iliada*, V, 254.
415. Cf. nota 404.
416. Em 15 de janeiro de 69.
417. Na Etrúria.
418. Lúcio Óton fora cônsul em 33.
419. Fúrio Camilo Escriboniano. Cf. nota 269.
420. Esta honra já havia sido conferida por Nero a Nerva e a Tigelino.
421. Em 29 de abril de 32.
422. Crispino Rúfio, cavaleiro romano.
423. Em 58.
424. Devia cinco milhões de dracmas.
425. Coluna de ouro levantada por Augusto em 21 a. C. à entrada do Fórum, face a face como o templo de Saturno, de onde partiam todas as “vias” romanas.
426. Tal como acontecera com Galba.
427. Isto é: “Para que serve aceitar uma dor inútil?” (provérbio grego).
428. Cf. Galba e Vitélio.
429. Os escudos ancilos (escudos sagrados) eram retirados do templo de Marte pelos sacerdotes sálios nas calendas de março e ali repostos no fim do mesmo mês.
430. Entre 6 e 14 de abril de 69.
431. Perto de Cremona.
432. Isto é, tribuno da plebe.
433. Sálvio Coceiano, executado por Domiciano.
434. Em 17 de abril de 69.

435. Escrito em 69.
436. Neto de Saturno e rei dos aborígenes, ao tempo legendário de Evandro.
437. Povoação da Campânia.
438. Em 32.
439. Cônsul em 34, foi governador da Síria em 35.
440. 1º de janeiro de 43 e 1º de janeiro de 47.
441. A única empreendida por Cláudio.
442. Antecipados por Augusto.
443. Em 48.
444. Em 24 de setembro de 15.
445. Cf. nota 338.
446. De Públio Petrônio Turpiliano, cônsul em 61.
447. Janeiro de 69.
448. Em 25 de maio de 69.
449. Por volta do meado de junho de 69.
450. 18 de julho.
451. Júnio Bleso.
452. Os catas habitavam a Germânia, cerca da Turíngia.
453. Sublevaram-se em favor de Vespasiano, em julho.
454. Em julho.
455. Valente e Cecina.
456. Em Cremona, por Antônio Primo (entre 27 e 31 de outubro).
457. Traído por Cecina, que mandou inscrever nas insígnias o nome de Vespasiano; por Lucílio Basso, que comandava a frota de Ravena; pelas 14 coortes pretorianas e pelas tropas que desertaram em Várnia, em 17 de dezembro.
458. Em 17 de dezembro.
459. Em 20 de setembro de 69.
460. Na Sabina.
461. Sob Nero.
462. Na Sabina.
463. Na Úmbria.
464. Em 18 de novembro de 9.
465. Na Sabina.
466. Na Etrúria.
467. Vespasiano foi edil em 38.
468. Em 39.
469. Mãe de Cláudio.
470. Em 43.

318 Suetônio

471. Em 51.
472. Em 63.
473. Sabino, que enriquecera.
474. Gésio Floro.
475. Céstio Galo.
476. Óton morreu em 17 de abril.
477. A Síria contava com nove legiões.
478. Fim de junho de 71.
479. Foi cônsul em 63, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77 e 79.
480. Em 70.
481. Esses marinheiros faziam às vezes de bombeiros.
482. Já reduzida, mas libertada por Nero.
483. Colocado no número dos deuses.
484. Este uso fora instituído por Cláudio.
485. Alusão aos hábitos de Licínio Muciano, que era “mulher” de muitos homens.
486. Isto é, antes da sua chegada ao Egito, quando Roma era governada por Licínio Muciano e por Domiciano.
487. Em 70.
488. O colossal anfiteatro.
489. Festa das Matronálias.
490. Isto é, mercador de peixe salgado.
491. Ptolomeu, XIII.
492. Cf. *Ilíada*, VII, 213. Em Homero, trata-se de Ajax.
493. Irmã de Júnio Silano, noivo de Otávia, irmã de Cláudio.
494. Na Sabina, ao lado de Reate.
495. Em 23 de junho de 79.
496. Cláudio e Nero reinaram 27 anos (41-68). Vespasiano, Tito e Domiciano, 27 anos também (69-96).
497. Em 30 de dezembro de 41.
498. Edifício de sete andares.
499. Ao chegar a Corinto.
500. Em 70.
501. Em 70, 72, 74, 75, 76, 77 e 79.
502. O lugar-tenente que, em 60, traía Vitélio em favor de Vespasiano.
503. O de Vespasiano.
504. As termas haviam sido iniciadas por Nero.
505. 23-24 de agosto de 79. Foi esta erupção que causou a morte de Plínio o Antigo, e que soterrou Herculano e Pompeia.

506. Em 80. Este incêndio, que durou três dias, devorou o novo Capitólio, o Panteão, as Termas de Agripa, a biblioteca de Augusto e os teatros de Pompeia e de Balbo.
507. Em 80.
508. Sucedeu nele a seu pai.
509. Em 13 de setembro de 81.
510. Em 23 de outubro de 51.
511. Uma vestimenta de linho.
512. Executado mais tarde por Domiciano.
513. Em 70.
514. Em 73.
515. Em 75.
516. Questores encarregados do calçamento das ruas e de dar um combate de gladiadores. Cf. "Cláudio".
517. Em 88, 41 anos após os de Cláudio.
518. "Custódio", porque salvara Domiciano, no Capitólio, quando do assalto dos soldados de Vitélio.
519. Pois foi Nerva que o terminou e o dedicou.
520. Em 84.
521. Em 86.
522. Em 91.
523. Os soldados retiravam, ao deixar o serviço, o dinheiro (soldo e gratificação) que haviam assim colocado em depósito.
524. Cecílio.
525. Que remontava ao ano 227 a. C.
526. Valério Luciano, cf. Plínio o Jovem, IV, 11.
527. Virgílio, *Geórgicas*, II, 537.
528. Como Domiciano, ao qual se dizia houvesse Tito seduzido a mulher.
529. Peça representada no fim dos espetáculos. Fecho das tragédias gregas.
530. Em 91. Cf. nota 518.
531. Liberta e secretária de Antônia.
532. Flávio Sabino.
533. Concurso quinquenal de música, de equitação e ginástica.
534. Nasceu em 24 de outubro e subiu ao trono em 13 de setembro.
535. Pedra da Capadócia, assim chamada (*fengite*: "luminosa") porque era brilhante e transparente.
536. Em 95.
537. Cf. "Vespasiano".
538. De cuja majestade Tibério se apavorara.

320 Suetônio

- 539. Cf. seu epitáfio, Marcial, IX, 29.
- 540. Largino Próculo.
- 541. Sobrinha de Domiciano.
- 542. Em 18 de setembro de 96.
- 543. Juvenal chama-lhe “este Nero calvo”.
- 544. Cf. Homero, *Ilíada*, XXI, 108.
- 545. Monte Albano, onde se celebravam as quinquátrias de Minerva.
- 546. Memórias sumárias que Tibério deixou de sua vida.
- 547. Mécio Pomposiano, de quem os amigos de Vespasiano o aconselhavam que desconfiasse. Cf. “Vespasiano”.
- 548. Amigo de Augusto, que deu seu nome a uma pera.
- 549. Júlia, que desposou Flávio Sabino.

As vidas dos doze Césares,
de Suetônio, foi composto em Garamond,
corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da
SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em agosto de 2012, de
acordo com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.

É por intermédio do depoimento do seu contemporâneo Plínio que sabemos da origem humilde de Suetônio (filho de um tribuno da 13ª Legião). Ambos tiveram a mesma visão do Estado romano: nenhuma opção por um regime totalitário. Entre a monarquia ou aristocracia, Suetônio era favorável à liberdade e à democracia.

Suetônio (69, Roma – 141, Roma) escreveu vários livros que se perderam, sendo *A vida dos doze césares* o único que sobreviveu ao tempo. A sorte e o talento o levaram a ser alçado à condição de *ad epistolis* de Adriano, o que lhe abriu as portas do palácio e permitiu que tivesse acesso a documentos, histórias e depoimentos dos contemporâneos. E seu trabalho, como missivista do César, proporcionou-lhe o trato com segredos do Império romano.

A vida dos doze césares é sua obra maior. Qualquer que seja a avaliação rigorosa que os historiadores modernos possam exigir de um livro escrito há dois mil anos, o certo é que ele é fonte viva de informações colhidas no pulsar de um dos momentos mais vibrantes da história de Roma.

Caído em desgraça por ter despertado a atenção da imperatriz Sabina, Suetônio devassa a vida dos doze césares com argúcia e detalhamento da vida íntima dos imperadores romanos mais conhecidos da sua História. O que para muitos historiadores que desejam que Suetônio siga procedimentos teóricos rígidos, a resposta é justamente essa “vida íntima” que dá ao texto a sua graça e pertinência, ao encantar os leitores ao longo dos séculos e fazer de *A vida dos doze césares* um livro lido e consultado até hoje.

